

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA NETO

**O CLUBE DE LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS:
PRÁTICAS E SOCIABILIDADES (2006-2022)**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA NETO

**O CLUBE DE LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO FLORIANÓPOLIS:
PRÁTICAS E SOCIABILIDADES (2006-2022)**

Tese apresentada para obtenção do título de doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Centro de Ciências Humanas e da Educação – Faed, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gisela Eggert-Steindel

FLORIANÓPOLIS

2022

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

da Silva Neto, José Augusto

O clube de leitura na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis : práticas e sociabilidades (2008-2022) / José Augusto da Silva Neto. -- 2022.
239 p.

Orientadora: Gisela Eggert-Steindel

Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2022.

1. Clube de Leitura. 2. Leitura. 3. Biblioteca Escolar. 4. Mediadores de Leitura. I. Eggert-Steindel, Gisela. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA NETO

O CLUBE DE LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS: PRÁTICAS E SOCIABILIDADES (2006-2022)

Tese apresentada para obtenção do título de doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Centro de Ciências Humanas e da Educação – Faed, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gisela Eggert-Steindel

BANCA EXAMINADORA

Gisela Eggert-Steindel, Dr.^a

Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc

Membros:

Giani Rabelo, Dr.^a

Universidade do Extremo Sul Catarnense – Unesc

Elison Antonio Paim, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Vera Lúcia Gaspar da Silva, Dr.^a

Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc

Fernanda de Sales, Dr.^a

Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc

Florianópolis, 8 de agosto de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, que nunca mediu esforços para que eu tivesse vontade de aprender, ler e estudar. Hoje sou o primeiro doutor da família Silva e Goes. Gratidão pela oportunidade. As políticas públicas de educação também me auxiliaram nesse sonho, meu e da minha família, sou grato.

Agradeço à minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), professora Maria Emília, ter despertado em mim a vontade de pesquisar clubes de leitura. Agradeço à professora Gisela Eggert-Steindel toda a orientação no Mestrado e Doutorado, a paciência, as conversas, os ensinamentos e as orientações. O papel de uma orientação humana nessa trajetória foi essencial para a minha formação.

Agradeço à gerência de Educação e Cultura do Serviço Social do Comércio de Santa Catarina (Sesc-SC) que faço parte como analista de cultura. Sem o amparo e o apoio de vocês nessa reta final seria muito mais difícil. Agradeço às agências de fomento à pesquisa, em especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que me proporcionou dois anos de bolsa de pesquisa na qual eu pude me dedicar integralmente à tese.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/Udesc) a oportunidade, os ensinamentos e as orientações. Um programa que mudou minha vida, intelectual e socialmente. Sou eternamente grato.

Por fim, sou grato à vida, a Deus e ao universo por ter sobrevivido a um Brasil, parafraseando Gabriel García Márquez, em “tempos de cólera”.

RESUMO

Esta tese tem como objeto de estudo o projeto Clube de Leitura na Rede Municipal de Ensino (RME) de Florianópolis, iniciado em 2009 e que se mantém ativo até os dias desta presente pesquisa (2022), objetivando compreender o seu percurso histórico e sociopolítico. A investigação e a escrita foram pautadas nos pressupostos da História Cultural, baseados em autores como Michel de Certeau e Roger Chartier, dialogando com os campos da Educação e da Biblioteconomia, no intento de compreender a implementação do Clube de Leitura, atentando para o contexto educacional local e nacional. Como fontes, o estudo lançou mão de documentos de políticas públicas de leitura, como o Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL (BRASIL, 2006), a Lei nº 12.244 (BRASIL, 2010), o Plano Municipal de Cultura de Florianópolis, entre outros. Também foram utilizadas informações disponíveis no seu *blog* oficial (CLUBE DA LEITURA..., 2009), que contém relatos dos encontros ocorridos até 2016, e dados do arquivo do Departamento de Bibliotecas Escolares (Debec), constituído por um acervo que alimenta a Rede de Bibliotecas Escolares da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), gerenciado por professores/mediadores de leitura da RME, como atas dos encontros do Clube de Leitura e dos encontros formativos realizados com professores e bibliotecários. A essas fontes documentais e legislações, foram somadas entrevistas realizadas com gestores, professores e autores, pautadas na metodologia da história oral. As políticas públicas de leitura foram entendidas nesta tese pelo conceito de **estratégia**, sendo o Clube de Leitura compreendido como **tática**, conceitos concebidos a partir de Certeau (2006). Conclui-se, a partir deste estudo, que o Clube de Leitura é constituído por um momento político nacional em que as políticas públicas de leitura nacional alcançaram e legitimaram ações em territórios locais. Aponta-se que esse projeto foi estruturado a partir de uma vontade e iniciativa pessoal de uma professora da RME de Florianópolis, inspirada no PNLL, e, até o presente momento, não está integrado ao organograma institucional da RME, mas organicamente é desenvolvido pelos mediadores de leitura e pelo processo de formação continuada institucionalizado na RME de Florianópolis. O Clube da Leitura se tornou uma realidade e sofreu diferentes mudanças gerenciais ao longo do tempo. É possível assumir que ele é um projeto ativo de incentivo à leitura e de formação dos mediadores de leitura no sentido que alcança a comunidade escolar envolvida. Desse modo, forma

mediadores de leitura e legitima uma cultura leitora na RME. Para além dos resultados, o estudo questiona a nomenclatura “Clube de Leitura: a gente catarinense em foco”, no sentido de problematizar quem é essa “gente catarinense”, uma vez que ele se propõe a representar uma cultura catarinense, revelando, no seu início, um entendimento estático do que é cultura, mas com o andamento dos encontros isso foi sendo modificado. Por fim, considera-se que ele é movido pelo desafio de seu tempo, sendo articuladas estratégias e táticas na clave dos processos de sociabilidades nas práticas formadoras e autoformadoras a sensibilidades leitoras na comunidade escolar da Rede onde ele acontece.

Palavras-chave: Clube de Leitura; Rede Municipal de Ensino de Florianópolis; Biblioteca Escolar; Departamento de Bibliotecas Escolares; Políticas Públicas de Leitura.

ABSTRACT

This thesis has as object of study the project Clube de Leitura na Rede Municipal de Ensino (RME) of Florianópolis, started in 2009 and which remains active until the days of this present research (2022), aiming to understand its historical and sociopolitical path. The investigation and writing were based on the assumptions of Cultural History, based on authors such as Michel de Certeau and Roger Chartier, dialoguing with the fields of Education and Librarianship, in an attempt to understand the implementation of the Reading Club, paying attention to the educational context. local and national. As sources, the study used public reading policy documents, such as the Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL (BRASIL, 2006), Law nº 12.244 (BRASIL, 2010), the Municipal Cultural Plan of Florianópolis, between others. Information available on its official blog (CLUBE DA LEITURA..., 2009) was also used, which contains reports of meetings that took place until 2016, and data from the archive of the Department of School Libraries (Debec), consisting of a collection that feeds the Network of School Libraries of the Municipality of Florianópolis (PMF), managed by reading teachers/mediators from RME, as minutes of the Reading Club meetings and of the training meetings held with teachers and librarians. To these documentary sources and legislation, interviews were carried out with managers, teachers and authors based on the methodology of oral history. Public reading policies were understood in this thesis by the concept of strategy, with the Reading Club understood as tactics, concepts conceived from Certeau (2006). It is concluded, from this study, that the Reading Club is constituted by a national political moment in which public policies of national reading reached and legitimized actions in local territories. It is pointed out that this project was structured from a will and personal initiative of a teacher from the RME in Florianópolis, inspired by the PNLL. The project, so far, is not integrated into the institutional organization chart of the RME, but is organically developed by the reading mediators and by the continuing education process institutionalized in the RME of Florianópolis. The Reading Club became a reality and underwent different managerial changes over time. It is possible to assume that it is an active project to encourage reading and to train reading mediators in the sense that it reaches the school community involved. In this way, it forms reading mediators and legitimizes a reading culture in RME. Beyond From the results, the study questions the nomenclature “Clube de Leitura: a gente

Santa Catarina in focus”, in the sense of problematizing who these “people from Santa Catarina” are, since it proposes to represent a Santa Catarina culture, revealing, at its beginning, a static understanding of what culture is, but as the meetings progressed, this changed. Finally, it is considered that it is moved by the challenge of its time, being articulated strategies and tactics in the key of sociability processes in training and self-training practices to reading sensibilities in the school community of the Network where it takes place.

Keywords: Reading Club; Municipal Education Network of Florianópolis; School library; School library department; public reading policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Plano Nacional do Livro e da Leitura.....	60
Figura 2 – Encontro com Peninha	82
Figura 3 – Quadrinho EJA (1).....	93
Figura 4 – Quadrinho EJA (2).....	93
Figura 5 – Cronograma 2009 e 2010	111
Figura 6 – Programação da 4ª edição do Programa Rede de Saberes	136
Figura 7 – Demonstração dos processos de sociabilidades	144
Figura 8 – Biblioteca Paulo Freire (1).....	169
Figura 9 – Biblioteca Paulo Freire (2).....	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – História da educação.....	36
Quadro 2 – Bibliotecário escolar e o clube da leitura	42
Quadro 3 – Clube da leitura	44
Quadro 4 – Conceito de leitura.....	49
Quadro 5 – Projetos de leitura, RME de Florianópolis	56
Quadro 6 – Encontros do Clube da Leitura (2009).....	89
Quadro 7 – Encontros do Clube da Leitura (2010).....	99
Quadro 8 – Sugestões de obras a partir de temas específicos	117
Quadro 9 – Histórias de Santa Catarina.....	125
Quadro 10 – Poética	132
Quadro 11 – Lista dos livros em licitação (2020).....	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEI – LIJ	Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantojuvenil
BDTD/IBICT	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia
Brapci	Biblioteconomia e Ciência da Informação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEC	Centro de Educação Continuada
CED	Centro de Educação
CienLab	Laboratório de Produção, Comunicação e Memória Científica
CMPCF	Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis
Debec	Departamento de Bibliotecas Escolares
DEF	Diretoria de Educação Fundamental
Direc	Diretoria de Educação Continuada
EAD	Educação a distância
EBM	Escola Básica Municipal
ED	Escola Desdobrada
EDM	Escola Desdobrada Municipal
EEB	Escola Estadual Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Eletrosul	Centrais Elétricas do Sul do Brasil
Faed	Centro de Ciências Humanas e da Educação
FCLL	Fórum Catarinense do Livro e da Leitura
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
Fundef	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
Furj	Fundação Educacional da Região de Joinville
HQ	História em Quadrinhos
Ifes	Instituições Federais de Ensino Superior
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Libec	Literatura Infantil e Educação para a Literacia
MEC	Ministério da Educação

MEN	Departamento de Metodologia de Ensino
MinC	Ministério da Cultura
Neab	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
Nica	Núcleo de Pesquisa Infância Comunicação e Arte
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PMCF	Plano Municipal de Cultura de Florianópolis
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGECT	Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica
PPGLIT	Programa de Pós-Graduação em Literatura
PPP	Projeto Político-Pedagógico
Prof. ^a	Professora
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RME	Rede Municipal de Ensino
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Sesc-SC	Serviço Social do Comércio de Santa Catarina
Sinjusc	Sindicato do Judiciário de Santa Catarina
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
Udesc	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnC	Universidade do Contestado
Unesco	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista

Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Uniplac	Universidade do Planalto Catarinense
Univille	Universidade da Região de Joinville
UPF	Universidade de Passo Fundo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 UM OBJETO DE ESTUDO E SEU OBSERVADOR: INTRODUÇÃO	15
1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	20
1.2 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	22
1.3 O LIVRO, A LEITURA E AS BIBLIOTECAS NO BRASIL: ESTUDOS	27
1.4 O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E O CLUBE DA LEITURA.....	37
1.5 O CLUBE DA LEITURA.....	42
1.6 UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE LEITURA NA LITERATURA	44
1.7 PROJETOS DE LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS	49
2 A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE LEITURA	58
2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO.....	60
2.2 O DECRETO-LEI Nº 3.735/1946	65
2.3 O PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA (PNLL)	66
2.4 A LEI Nº 12.244/2010: UNIVERSALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES	68
2.4.1 Ressonâncias entre leis, decretos, documentos e tempos	70
2.5 FORMAÇÃO DE LEITORES.....	77
3 PRÁTICAS DE LEITURA: ENTRE CULTURAS E REPRESENTAÇÕES	102
3.1 O INÍCIO DO CLUBE DE LEITURA	105
3.2 PRIMEIROS ENCONTROS	106
3.3 CULTURAS FLORIANOPOLITANAS NA PERSPECTIVA DO CLUBE DA LEITURA	111
3.4 HISTÓRIA DE/EM FLORIANÓPOLIS E SANTA CATARINA.....	117
3.5 POEMAS DE AUTORES CATARINENSES: ENTRE MÚSICAS E OUTRAS SOCIABILIDADES	126
3.6 EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL	132
3.7 ACERVO DO CLUBE DE LEITURA: INDICATIVOS DE TEMÁTICAS	137

4 MEDIADORES DE LEITURA: UMA CONSTRUÇÃO.....	140
4.1 UMA REDE DE LEITURA	146
4.2 PLANO MUNICIPAL DE CULTURA.....	154
4.3 DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES: UMA ORGANIZAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA LEITURA	157
4.4 BIBLIOTECA ESCOLAR PAULO FREIRE: ESPAÇO DE SOCIABILIDADES	168
4.5 PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES.....	179
4.6 O CLUBE DA LEITURA SOB O OLHAR DE UMA AUTORA.....	185
4.7 UM PROJETO DE INTEGRAÇÃO	197
4.8 MODOS DE FAZER.....	199
CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES A PARTIR DO ESTUDO.....	210
REFERÊNCIAS.....	218
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA O COMITÊ DE ÉTICA EM ANDAMENTO.....	237
APÊNDICE A – ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	238
APÊNDICE B – ESCOLAS QUE RECEBERAM O CLUBE DA LEITURA.....	241

1 UM OBJETO DE ESTUDO E SEU OBSERVADOR: INTRODUÇÃO

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
 A memória bravia lança o leme:
 Recordar é preciso.
 O movimento vaivém nas águas-lembranças
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto.
 Sou eternamente náufraga,
 mas os fundos oceanos não me amedrontam
 e nem me imobilizam.
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
 Sei que o mistério subsiste além das águas
 (EVARISTO, 2017, p. 17).¹

Nas camadas do pensamento de Evaristo (2017), inicio dizendo que é necessário se debruçar sobre um objeto para uma imersão na pesquisa, mergulhar nos dados e, mesmo quando naufragar nas profundezas que um curso de Doutorado exige, não devo me amedrontar, principalmente na tarefa de uma escrita em tempos de isolamento social, em plena pandemia. Nesse período, tive o compromisso de desenvolver o estudo desta tese, que tem como objeto investigativo os clubes de leitura e as bibliotecas escolares no período entre 2006 e 2020 na RME de Florianópolis. Esse é um palco de múltiplas questões, como ensino-aprendizagem, práticas de leitura, formação de leitores e culturas escolares.

A escolha do objeto de estudo e do aporte teórico-metodológico tem relação direta comigo, pois parto do entendimento que muitas delas já se desenhavam no meu percurso formativo e na minha constituição de pesquisador. Meu interesse por esse tema de estudo tem início ainda na Graduação, mais especificamente nos estudos que deram origem à monografia, intitulada *Clubes de leitura: ações para formação de leitores*, desenvolvida em 2012, na Udesc. Após esse trabalho, ingressei no Mestrado na mesma instituição e defendi a dissertação *Práticas de leitura: culturas escolares dos grupos Padre Anchieta e Olívio Amorim (1946-1956)*, trabalhada de 2013 a 2015, sob a ótica da História e Historiografia da Educação, tendo como aporte teórico-metodológico os estudos no campo da História Cultural

¹ Conceição Evaristo é natural de Belo Horizonte, mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mulher negra de origem periférica, ganhou o terceiro lugar no Prêmio Jabuti 2015, na categoria de contos, e o Prêmio Faz Diferença em 2016 d'O Globo, na categoria prosa. Tem diversas obras publicadas no Brasil e traduzidas para o francês, o alemão e o inglês.

(SILVA NETO, 2015). Esses estudos, em conjunto com a minha caminhada pessoal como leitor e bibliotecário, suscitaram algumas perguntas que discuto ao longo desta tese.

Antes de aprofundar a temática nesta introdução, vale contextualizar a trajetória desta pesquisa e a minha como pesquisador em formação, que compreende desde o estudante até o profissional bibliotecário-leitor, bem como os caminhos percorridos até enfrentar o desafio de cursar o Doutorado.

Pensar em minhas escolas e bibliotecas ao longo da vida é rememorar que, na maioria daquelas em que estudei, não havia espaços caracterizados como biblioteca escolar. Em meus tempos de Educação Infantil, do Ensino Primário e Fundamental, a escola pública municipal da Zona Oeste do Rio de Janeiro contava com uma ampla sala de leitura, onde se resguardavam arquivos de fitas videocassete, uma espécie de biblioteca improvisada. Ao frequentar o Ensino Fundamental em uma escola particular, topei com uma pequena sala de leitura, sem acervo, somente mesas e cadeiras. Cursei o Ensino Médio na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA), também no município do Rio de Janeiro. Nessa instituição, como nas anteriores, não havia biblioteca, tampouco uma sala de leitura. Preciso dizer, porém, que o professor de Literatura e Língua Portuguesa tomou a iniciativa de nos instigar à prática da leitura concomitantemente aos nossos estudos, tal como passo a narrar mais adiante.

Tive uma infância e adolescência com pouco contato com o livro e algumas dificuldades próprias da idade na escola. Com o olhar que tenho hoje, acredito que essas barreiras se deram devido a uma série de razões sociais, geográficas e políticas – as conhecidas desigualdades tão latentes vivenciadas nos grandes centros do Brasil, principalmente na década de 1990 e no início dos anos 2000. Por minha própria experiência, destaco aqui o processo de transformação pelas quais estavam passando as escolas no subúrbio do Rio de Janeiro em que completei meu ensino básico, depois transformadas em escolas preparatórias para concursos públicos. Passei por colégios nos quais o sistema inspirado na meritocracia era cada vez mais implementado. Fui reprovado três vezes e me via cada vez mais afastado dos livros, como se aquele universo não me aceitasse. Torcia para que o tempo passasse rápido, que acabasse logo o período escolar.

Diante do quadro de uma escolaridade não regular, meus pais, atentos à necessidade da formação escolar, optaram pela conclusão do meu ensino básico

matriculando-me no supletivo, criado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), hoje substituído pelo curso da EJA. Foi nesse cenário do ensino supletivo que, por influência dos professores, comecei a ter maior contato com os livros e a biblioteca escolar. Lembro, em especial, o professor de Português, um dos responsáveis por me fazer adentrar esse universo dos livros devido ao seu incansável trabalho de fomento e estímulo à leitura.

Foi no supletivo, o lugar mais improvável para o senso comum, que mais confortável ou mais acolhido me senti como estudante e que recebi incentivos à prática da leitura ao me ofertarem ler *Antologia poética* e *Para viver um grande amor*, ambos de Vinicius de Moraes, mais tarde meu poeta favorito e um dos meus mais admirados compositores da música brasileira, assim como a obra de Clarice Lispector, que naquele momento não consegui entender bem, mas que nos dias atuais faz mais sentido. Após essa injeção de ânimo, conhecimento e humanidade, concluí meu Ensino Médio e, por questões familiares, mudei para Florianópolis. Prestei vestibular para Letras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e para Biblioteconomia na Udesc. Passei na Udesc e é nessa instituição que tenho vivido momentos dos mais marcantes da jornada narrada neste trabalho.

O que me levou a tentar o vestibular na Udesc no curso de Biblioteconomia se deveu ao meu sonho de uma profissão que permitiria me debruçar com maior empenho sobre esses objetos que descobri lá nas aulas da disciplina de Português. De fato, minha trajetória acadêmica, enfim, começou a se concretizar em 2009, no curso de Biblioteconomia – habilitação em Gestão da Informação, na Faed dessa mesma universidade.

O primeiro ano de curso foi de descobertas e curiosidades. Simpatizei – ou com elas percebi uma afinidade – com as disciplinas introdutórias, particularmente a Antropologia, a Sociologia e a Ação Cultural, pois já começava a traçar um pouco do que seria minha trajetória durante a Graduação. Começava a definir as temáticas nas quais, por mais me interessarem, iria trabalhar, uma vez que identificavam meus questionamentos. No segundo ano de curso, tive a excelente oportunidade de ser bolsista da Prof.^a Dr.^a Fernanda de Sales, desempenhando o papel de monitor da disciplina de Introdução à Biblioteconomia, que ela ministrava. Foi uma ótima experiência, pois, a partir disso, pude conhecer um pouco da pesquisa e da realidade da sala de aula. Durante a monitoria, realizei os seguintes trabalhos: levantamentos bibliográficos para a disciplina; agendamento de visitas de estudo;

acompanhamento das aulas em sala com o professor-orientador; orientação aos alunos nas atividades extraclasse; elaboração de relatórios. Além dessa experiência, penso que a realização de uma monitoria durante a Graduação me permitiu vislumbrar outra possibilidade de atuação profissional.

Após algumas experiências, tive, na 6ª fase do curso, a oportunidade de estagiar no Debec da RME de Florianópolis. Fui contratado para atuar na equipe responsável pela informatização dos acervos da Rede de Bibliotecas Escolares em sua sede central, que adotou o sistema de gerenciamento bibliográfico Pergamum. A partir dessa experiência, tive contato direto com o rico acervo da rede de bibliotecas da RME, assim como com o corpo de professores, pois era lá que muitos completavam sua formação. Pude manter contato direto com o campo da Educação e isso despertou em mim uma série de curiosidades, uma das quais foi a de conhecer o projeto Clube da Leitura, pertencente à RME. Esse projeto, então, passou a constituir o objeto de pesquisa durante o meu TCC na Graduação, sob uma perspectiva biblioteconômica, tendo a orientação da Prof.^a Maria Emília Ganzarolli.

Tive também o primeiro contato com a História Cultural, com o projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a Gisela Eggert-Steindel, intitulado *Imagens da e sobre a Biblioteca Pública de Santa Catarina: uma leitura da memória volátil fixada pela fotografia (1980-2011)*. A pergunta de pesquisa era: quais são as possíveis representações da e sobre a Biblioteca Pública de Santa Catarina em uma instituição pública de leitura? Utilizando aspectos teóricos da História da Cultura e da Antropologia, analisamos um conjunto de aproximadamente 4.000 itens fotográficos da e sobre a Biblioteca Pública catarinense, assim como relatórios administrativos do período de 1980 a 2011. Esse estudo revelou a Biblioteca Pública como uma instituição de intensa ação cultural, preocupada com a formação continuada de seus funcionários e da comunidade local. É um edifício destinado ao conhecimento, em meio a estabelecimentos financeiros e comerciais do centro da cidade, cujos mobiliários e equipamentos marcam as diferentes fases tecnológicas pelas quais passou a sua história (EGGERT-STEINDEL *et al.*, 2015).

Em seguida, em 2013, dei continuidade ao tema de pesquisa no PPGE/Udesc, pois o TCC levantou uma série de dúvidas, oferecendo-me a oportunidade de conhecer o campo de pesquisa na perspectiva da História Cultural, na linha História e Historiografia da Educação. Durante o curso de Mestrado, minha

dissertação teve como foco o processo de regulamentação do ensino primário no estado e a implementação das associações auxiliares da escola nos grupos escolares de acordo com o Decreto-Lei nº 3.735 (SANTA CATARINA, 1946). Os resultados apontaram para uma cultura escolar de caráter nacionalista, hierárquico e vigilante, com a qual se pretendia renovar o currículo oficial, por meio da instalação do ensino primário e da tentativa de implementação da Escola Nova, o que resultou na mudança de uma cultura escolar constituída de práticas de leitura que envolviam as associações, agora objeto de apreciação do presente trabalho.

O estudo que desenvolvi na dissertação foi baseado na perspectiva histórica, a fim de refletir sobre os papéis dessas associações, em especial as de leitura: clube de leitura e biblioteca nos grupos escolares Padre Anchieta e Olívio Amorim (Florianópolis), comparando suas práticas na categoria das culturas escolares, sob a ótica de Frago (2002). Pude conferir, por meio dessa pesquisa, a ampliação das bibliotecas catarinenses, assim como dos clubes de leitura e das demais associações. Destacavam-se as atividades desenvolvidas pelo clube da leitura no espaço da biblioteca, em suas práticas, suas sociabilidades e nos vestígios dos mecanismos de vigilância. Com base nas questões levantadas durante aquele trabalho, nesta tese, investiguei os clubes de leitura em bibliotecas escolares da RME de Florianópolis – em especial, um clube que iniciou suas atividades em abril de 2009.

A partir da abordagem da História Cultural, constatee o caráter nacionalista e religioso presente nas duas instituições citadas – Padre Anchieta e Olívio Amorim –, além de diversas outras características de suas culturas. Essas questões foram percebidas como pertencentes às suas culturas escolares, a partir da análise de discursos presentes em atas, mais especificamente das associações, do clube da leitura e da biblioteca, já que o meu objetivo era compreendê-las por meio de práticas de leitura. Utilizei, também, decretos-lei que prescreviam como as atividades deveriam ser desempenhadas por essas associações. Por último, com o cruzamento de dados, consegui perceber, entre as distintas culturas escolares desses dois grupos que se guiavam pelos mesmos decretos, que eles visavam, implicitamente, a uma aproximação com os princípios da Escola Nova.

Antes de ingressar no curso de Doutorado, coordenei uma biblioteca escolar na rede privada de ensino, voltada ao Ensino Infantil, ao Ensino Fundamental e a uma turma que se preparava para o exame do Instituto Federal de Santa Catarina

(IFSC). Nessa biblioteca, pude experimentar projetos de práticas de leitura, assim como o processo de organização do espaço e o de catalogação dos livros. Nesse tempo, fiz a disciplina de Cultura Material, Patrimônio Educativo e Educação no nosso PPGE, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Gaspar da Silva, com o objetivo de me manter atualizado sobre o debate no campo da História da Educação e, conseqüentemente, preparar-me para o processo seletivo, objetivo que só alcancei após duas tentativas.

O êxito em conseguir uma vaga no Doutorado aconteceu em 2018, instigando-me, agora, a dar continuidade à investigação das culturas escolares, das trajetórias e das sociabilidades dos clubes de leitura inseridos na rede de bibliotecas escolares do município de Florianópolis, em eventuais continuidades e rupturas nos seus processos de práticas de leitura no período 2006-2020, com possíveis ressonâncias em estudos passados, levando em consideração os aspectos políticos, sociais e econômicos de cada época.

No decorrer dessa abertura, fiz afirmativas do tema, do objeto de pesquisa e do estudante de Doutorado, que estão intrinsecamente ligados, mas não poderia deixar de mencionar que fui bolsista da Capes, até ser selecionado e contratado como analista de cultura no Sesc-SC, onde desenvolvo o trabalho de gestão de bibliotecas no estado de Santa Catarina e a condução de projetos de literatura no âmbito das bibliotecas. Essas primeiras palavras me permitem apresentar a delimitação do objeto de estudo e o lugar de onde este pesquisador pertence.

1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Antonio Nóvoa, em sua obra *As organizações escolares em análise* (1998, p. 29), ressalta que “[...] grande parte do potencial cultural (e mesmo técnico e científico) das sociedades contemporâneas está concentrado na escola. Não podemos continuar a desprezá-lo [...]”. Nesse sentido, defendo, pautado nesse autor, que posso pensar nos clubes de leitura, desde sua regulamentação, em 1946, a partir do Decreto-Lei dos Grupos Escolares, até os dias atuais: assim, a biblioteca escolar e o clube de leitura potencializam uma cultura pedagógica, científica e literária com diversos setores da escola, fazendo parte da cultura escolar que auxilia no desenvolvimento e no aprendizado dos alunos, e são mais enfaticamente “potenciais culturais” da juventude nas escolas.

Diante do exposto, tenho como **objeto de estudo** os clubes de leitura e as bibliotecas escolares no período 2006-2020 na RME de Florianópolis, ambos sendo palco de múltiplas questões, como ensino-aprendizagem, práticas de leitura, formação de leitores e culturas escolares. Esse objeto permite problematizar a efetivação e as discontinuidades de políticas públicas educacionais, locais e nacionais. Corroboram, assim, a produção de conhecimento no campo da História da Educação catarinense, pois os desdobramentos da pesquisa intenta se aproximar tanto do contexto do projeto Clube de Leitura quanto dos sujeitos que o integram: os leitores-alunos e os mediadores de leitura (professores, gestores e bibliotecários).

Movido por esse objeto triangulado com minhas vivências e leituras, a **pergunta norteadora** do estudo é: qual é o percurso histórico e sociopolítico do clube de leitura da RME de Florianópolis? Tenho como auxílio os seguintes questionamentos: a) Como se constituiu a história do clube de leitura na RME? b) De que modo as atividades das práticas de leitura, incluindo os clubes de leitura, se configuram nesse contexto? c) Quem são e como atuam os mediadores de leitura da RME pelo Clube da Leitura? d) Poderíamos atribuir um papel do Clube na comunidade escolar quanto à formação leitora?

Nessa direção, é possível estabelecer como **objetivo geral** desta tese compreender o percurso histórico e sociopolítico do clube de leitura na RME, guiado pelos **objetivos específicos** assim definidos:

- conhecer a constituição histórica do clube de leitura na RME e sua relação com as políticas de leitura vigentes;
- identificar a configuração das práticas do clube de leitura;
- compreender a atuação dos mediadores de leitura a partir do clube de leitura da RME;
- perceber, de algum modo, o papel do clube na formação leitora da comunidade escolar da Rede *locus* do estudo em tela.

O corte temporal do estudo está delimitado entre os anos de 2006 e 2020: o de 2006, por ter sido o ano do lançamento do PNLL, e o de 2020, pelo recorte documental disponível sobre o clube na Rede. A existência do Clube da Leitura completa 13 anos, tendo em vista que foi criado em 2009. Cabe-me – e assim fiz neste estudo – traçar um percurso entre os diversos embates nas políticas públicas

de fomento à cultura no cenário sociopolítico que o Brasil vem atravessando nesse período e suas repercussões nas diversas camadas sociais.

Apresentados o objeto de estudo, o seu observador, os questionamentos e os objetivos, delinheiro a seguir os aspectos teórico-metodológicos e a revisão bibliográfica. Ao final, mostro como organicamente está estruturada a presente tese.

1.2 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Os autores propostos para esta tese dialogam com a linha de pesquisa na qual este trabalho se insere e dialoga: a História e Historiografia da Educação. Nesse sentido, movimento os conceitos-base para o entendimento da interpretação dos dados coletados nos capítulos que seguem o trabalho. Pretendo, com essa perspectiva, facilitar o entendimento da análise das fontes e das culturas em uma perspectiva histórica, registrando a cultura escolar e os seus respectivos atores.

Minha fundamentação teórica tem como base os estudos de Sandra Pesavento (2004) sobre a História Cultural, para quem a cultura representa uma forma de expressão e tradução da realidade, valendo-se, para isso, de símbolos, por si já conhecidos, dos atores sociais em questão.

Entendo, neste estudo, que a perspectiva historiográfica diz respeito ao método de investigação e escrita, pensando pelo olhar de Certeau (2006), no que representa a tarefa de fazer um trabalho científico. Segundo esse autor, um trabalho que adota um viés historiográfico deve se articular com aspectos de produção socioeconômica, política e cultural (CERTEAU, 2006).

Aplicar esse viés, esse desejo ou essa perspectiva no presente trabalho significa pensar os percursos de leitura nas escolas municipais em Florianópolis, seus momentos políticos, suas apropriações, suas estratégias, suas táticas em relação às suas diversas origens – governo federal, estadual e municipal – e sua representação na cultura do livro e da leitura em ambientes escolares.

As estratégias para Certeau (2002) são caracterizadas pelo lugar de poder ou mapeamento de alguma proposta, já as táticas são os lugares da ação ou o desvio das estratégias. Nesse aspecto, entendo aqui as políticas públicas de leitura como estratégias, e os projetos de leitura, reverberados nas escolas municipais, como as táticas para formação de leitores, dentro da categoria de cultura escolar.

Leio autores como Chervel (1990), Forquin (1993) e Julia (2001). Chervel (1990) aponta para o papel que essa categoria tem em produzir uma cultura específica e singular. Já Forquin (1993) observa a relação entre transmissão do conhecimento, hábito e crenças por meio do currículo. Optei, nesse conjunto de fundamentações teóricas, pela perspectiva de Frago (2002), por analisar a cultura escolar em seu sentido plural, levando em consideração a multiplicidade presente nas unidades escolares e nos projetos de leitura. Isso é exatamente o que, com esta tese, eu me propus a compreender e auxilia a observar a cultura nas escolas de forma plural, no sentido de que cada uma traz a sua própria cultura, a produz e a reproduz. Isso pensado para toda escola, mas há de se admitir como resultado ou realidade um conjunto de culturas escolares.

Seguindo essa perspectiva, dialogo, como mencionei, com o conceito proposto por Frago (2002), com os pressupostos teóricos pautados nos estudos de Escolano (2009, 2017), observando a escola e a sua cultura, tendo como base a materialidade escolar capaz de revelar os usos intencionais que os atores lhe proporcionam.

Escolano (2009) me leva à reflexão para pensar no viés historiográfico do passado da escola, com base nas experiências e nas ações que permeiam a cultura escolar. Posso pensar, nesse sentido, nas práticas de leitura, por meio da experiência dos mediadores de leitura como fonte para perceber a cultura escolar presente nas escolas, nas bibliotecas escolares e nos clubes de leitura. O livro e a leitura, objetos das bibliotecas escolares, são fontes na história da educação e são essenciais nas culturas escolares.

A cultura escolar é entendida partindo do princípio de que os clubes de leitura são partes integrantes de uma cultura e de que a escola é reprodutora e produtora de sua própria cultura. O entendimento dessa categoria serve para os clubes de leitura. O trabalho de Vidal (2004) fornece pistas para essa reflexão, no sentido de tentar entender como a autora tem movimentado tal categoria nos seus estudos sobre práticas de leitura e escrita ao utilizar como fontes as bibliotecas e os arquivos no Brasil e na França e ao discutir as constituições dessas práticas de leitura, das quais ela chama de **práticas escolares de leitura e escrita**.

Entendo os mediadores de leitura, neste estudo, a partir da compreensão de Reyes (2012), que os enxerga como **pontes** entre livros e pessoas, criando condições para esse encontro, sejam eles professores, bibliotecários ou

profissionais no âmbito da cultura e educação, sem uma rotina, mas entendendo a necessidade do seu leitor e facilitando o processo da prática de leitura.

Para abordar as práticas de leitura, dialogo com Chartier (2002, 2003), ao compreender que a apropriação é feita de maneira singular, levando em consideração os contextos diferenciados nos quais cada indivíduo está inserido. Ele também enfatiza que as práticas de leitura têm modalidades físicas, gestos individuais ou coletivos, dependendo das suas formas de sociabilidades, representações ou individualidades. Esse entendimento se cruza com o conceito de culturas escolares plurais de Frago (2002), produzidas e reproduzidas no ambiente escolar, de acordo com as suas práticas. Nesse caminho, é possível observar as práticas de leitura como expoentes dessas culturas escolares.

A categoria de práticas de leitura permite analisar por meio das fontes, que incluem relatórios, atas e entrevistas, dos tipos e do uso dos livros nas atividades desenvolvidas pelos clubes, a fim de perceber reverberações do livro, quer o impresso ou o eletrônico, nas práticas, a finalidade que se propunha tais ações e de que maneira aquelas atividades influenciavam a formação escolar e leitora dos participantes. A abordagem teórica foi feita a partir de Roger Chartier, e os estudos realizados por autores brasileiros no campo da História da Educação sobre o livro impresso e a multiplicidade de seus usos, assim como o contexto sócio-histórico que delimita a história do livro e da leitura.

O conceito de **sociabilidade**, nesta tese, é entendido a partir de Simmel (2006), que o compreende como uma forma lúcida de socialização, cujas relações são poupadas de atrito por meio de uma relação formal com ela. Nessa perspectiva, observo as sociabilidades no clube de leitura, pela relação entre os mediadores de leitura, assim como os mediadores e os participantes do projeto, objetos desse processo de sociabilidade.

Nesse caminho de investigar a história da leitura no Brasil sob uma perspectiva da História Cultural, as práticas de leitura me remetem aos estudos Darnton (2010), ao propor a história dos livros: sua finalidade é compreender como as ideias eram ou são transmitidas por vias impressas e como essa prática afetou o comportamento da humanidade, entendendo que os leitores, o livro, as bibliotecas e a leitura têm suas histórias singulares.

Sendo assim, esta tese se encaixa na perspectiva, entendendo o circuito completo do livro: transmite mensagens, transformando-as durante o percurso em

pensamento para o texto, letra impressa e novamente pensamento. A história do livro, nesse contexto, interessa-se por cada fase individual e coletiva do circuito, observando as variações no tempo, na história e em suas relações com os sistemas econômicos, sociais, políticos e culturais em que o impresso se insere (DARNTON, 2010).

Nessa concepção histórica que o trabalho se propõe, entendo que o contexto atravessou um período de consolidação de um ambiente democrático, flertando com uma dinâmica de certa instabilidade no país, o que gerou impacto tanto no setor livreiro quanto nas políticas públicas voltadas para o livro, para a leitura e para as bibliotecas, como é observado na obra *Livro, leitura e bibliotecas em tempos sombrios*, organizado pela Prof.^a Dr.^a Maria Mary Ferreira². A obra, no campo da Biblioteconomia, apresenta uma série de artigos dialogando com a História da Educação e aponta para um cenário de incertezas.

Pensando nesse cenário de incertezas, busco apoio no trabalho de Petit (2009) sobre a questão da leitura em tempos de adversidades, encaradas aqui desde o momento de incertezas políticas que o país atravessa até o da pandemia de covid-19, que atingiu diversos setores da economia, incluindo os campos da pesquisa, das bibliotecas e da leitura.

Para adentrar nesse recorte de compreender a temática da leitura, relacionando com políticas públicas e o impacto de uma conjuntura política, é necessário entender o conceito de **micro-história** pautado por Revel (1998): essa ideia foi defendida inicialmente por C. Ginzburg (2006), cujo arcabouço teórico apreende um modelo de observação em escala mínima, sendo um evento no qual seu recorte temático é de curta duração, possibilitando com que se tente viabilizar uma abordagem mais precisa do fenômeno estudado. Revel (1998) explica que a ambição, nessa perspectiva, não é mais a de oferecer uma imagem global, mas sim a de tentar compreender os aspectos relevantes que causam impacto na transformação histórica, de modo a observar as formas de diferenciação e de discontinuidades significativas das fontes e dos objetos.

Na tentativa de perceber essas formas de diferenciações na categoria de culturas nas práticas de leitura, o escrito de Le Goff (2016) auxiliou particularmente

² Professora associada do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. É graduada em Biblioteconomia pela UFMA (1981), mestre em Políticas Públicas pela UFMA (1999) e doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp, 2006).

na interpretação dos documentos. Segundo o autor, os documentos, independentemente do período, não são neutros e conseguem demonstrar o poder da sociedade sobre a memória e o futuro. Mesmo assim, têm sua própria objetividade, que parece se opor à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito (LE GOFF, 2016). O autor ajuda a refletir, também, na relação que podemos trabalhar ao conhecer a história, uma versão do passado. Neste trabalho, especificamente a História da Educação catarinense, com as problemáticas atuais, no sentido de distinção entre passado e presente, é um elemento essencial da concepção do tempo (LE GOFF, 2016).

Ao me aproximar das fontes, esforço-me para apresentar uma escrita que dialogue com o aporte teórico proposto e justificado. Lembro-me também da disciplina de Fundamentos epistemológicos da educação, ofertada pela Prof.^a Dr.^a Ademilde Silveira Sartori³ e pelo Prof. Dr. Celso João Carminatí⁴, quando refletimos sobre a importância de uma epistemologia dos grupos oprimidos a partir da perspectiva de Santos (2009). Parto, a partir disso, para a necessidade do aprofundamento das discussões no trabalho científico para entender os fenômenos constantes no fazer político-educacional e as barreiras epistemológicas que enfrento. Compreendendo o pensamento moderno como abissal (SANTOS, 2009), é necessário romper com essa linha para conseguir lidar com os presentes desafios. Afinal, tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical e, se não conhecer a própria história, dificilmente existirei e manterei o “lado de cá” da linha abissal.

A necessidade de se construir uma epistemologia do sul está em arquitetar uma ecologia de saberes (SANTOS, 2009), isto é, identificar as problemáticas principais que compõem atualmente o campo da Educação, em especial na América Latina, que está passando por momentos delicados socialmente, para que possam ser reconhecidas soluções para as complexidades vigentes.

Paim, Pinheiro e Paula (2019) discutem a decolonialidade como epistemologia que rompe com visões dualistas, binárias e antagônicas, por excelência. Eles vão além do colonialismo compreendido como modernidade, propondo uma práxis pedagógica e colocando em pauta a temática afro-brasileira e indígena na formação dos professores e nos currículos escolares, “[...] praticando a

³ Professora no PPGE/Udesc, na linha Educação, Comunicação e Tecnologia.

⁴ Professor no PPGE/Udesc, na linha História e Historiografia da Educação.

interculturalidade e o reconhecimento da importância da cultura afro-brasileira e indígena na formação histórica, cultural, social, linguística e econômica brasileira” (PAIM; PINHEIRO; PAULA, 2019, p. 450). Essa reflexão é necessária, principalmente, no Capítulo 2 desta tese, quando discuto as **culturas florianopolitanas** a partir do proposto pelo projeto Clube da Leitura, utilizando o conceito de **representação** (CHARTIER, 2002), pautado nas fontes examinadas.

1.3 O LIVRO, A LEITURA E AS BIBLIOTECAS NO BRASIL: ESTUDOS

Organizo as fontes coletadas e examinadas para alcançar os objetivos do trabalho em três categorias: **legislação e documentos institucionais** da Secretaria Municipal de Educação (SEM), entendidos como estratégia prescrita em políticas públicas de leitura; os **projetos de incentivo à leitura da Rede**, entendidos como tática para o fomento à leitura demarcado pelo Debec; e as **entrevistas semiestruturadas** com bibliotecários, professores e aqueles que atuam na gestão, a fim de compreender o movimento do Clube da Leitura que, por sua vez, é entendido como estratégia de incentivo à leitura na RME.

Tenho a história oral⁵ como sustentação para o procedimento para a coleta de informações nas entrevistas, focando as experiências dos personagens entrevistados como mediadores de leitura no Clube da Leitura. Esse recurso permite construir a trajetória singular de como cada indivíduo pode se apropriar de uma atividade de prática de leitura, dando a possibilidade, por meio das novas informações, de cruzar os dados coletados tanto no *blog* (CLUBE DA LEITURA..., 2009) quanto no arquivo do Debec.

Nessa direção, apresento obras que auxiliam, com ancoragem teórica, no entendimento da história oral como recurso metodológico presente nesta pesquisa. Algumas delas são: *História oral e comunidade: reparações e culturas negras* (MATTO, 2016), que reúne seis artigos com a discussão acerca das culturas negras, tendo como metodologia a história oral; *Indivíduo na história oral* (ALBERTI, 2002), que busca discutir as armadilhas que uma pesquisa com a história oral pode apresentar; e *Memória e sociedade: lembrança de velhos* (BOSI, 1994), que também colabora com o entendimento sobre a história oral com a obra e compreende como

⁵ Os estudos propostos pela Prof.^a Dr.^a Cristiani Bereta da Silva colaboram na compreensão da história oral em relação aos procedimentos teórico-metodológicos aplicados nesta pesquisa.

as memórias nos ajudam lembrar e reviver, com as ideias dos tempos atuais do presente, os momentos, as histórias e as narrativas de outras épocas.

Realizo, nesse sentido, a leitura de Mogarro (2005) e de Thompson (1992) para compreender e movimentar os depoimentos por meio de pressupostos teóricos mobilizadores e “[...] modelos etnometodológicos e os instrumentos da nova história cultural e intelectual [...]” (MOGARRO, 2005, p. 6). Esses recursos metodológicos colaboram com o entendimento da produção de discursos na construção histórica, tanto do Clube da Leitura quanto das práticas de leitura e a participação de mediadores de leitura nos encontros.

Devido à minha experiência de trabalho na PMF, conheci o *blog* (CLUBE DA LEITURA..., 2009), de onde extraí relatos a fim de analisar os dados para estudar nesta tese, assim como acessar outros *links* que encontrei durante o percurso de interpretação desses dados. A partir dessa leitura, observo que os relatos se encontram apenas até 2017. Surge-me, então, o interesse investigativo de conhecer o que tinha acontecido após essa data. Admito duas hipóteses: a primeira é que o Clube teria encerrado suas atividades de leitura; a segunda, que apenas havia sido suspenso o trabalho de alimentação do *blog*. Foi então que decidi ir até o Debec para saber como andava o projeto. Fui recebido pelas bibliotecárias que atuam no local, que me informaram que o Clube continua exercendo suas atividades e dispõe de um relatório anual do período 2009-2020, impresso, mantido sob a guarda do Debec, com acesso restrito aos funcionários e aos pesquisadores devidamente autorizados (Anexo A).

Por esse caminho, meu trabalho intenta trilhar o fazer historiográfico no sentido de compreender a pesquisa como um lugar social (CERTEAU, 2006) em que estou inserido, assim como os possíveis resultados alcançados por meio da tarefa de investigar, levando, conseqüentemente, à reflexão do que compete ao historiador da educação nos dias atuais. Que impacto, pergunto, terão nossas pesquisas, se vivemos tempos tão alarmantes e de desavenças ideológicas que colocam em xeque o trabalho de educadores e cientistas? Essa é uma das árduas tarefas resultantes do fazer científico historiográfico. A historiografia, de acordo com Certeau (2006), tanto pode ser considerada uma prática quanto uma escrita: a primeira exige metodologias para a obtenção e a interpretação dos dados; já a segunda, histórica, deve ser analisada como trabalho científico.

Para adentrar as fontes de pesquisa que guiam a escrita desta tese, realizei um estudo bibliográfico aprofundado para discutir os aspectos teórico-metodológicos a respeito do universo deste trabalho, que compreende livros, leituras, bibliotecas escolares e o Clube da Leitura, a fim de aprimorar o diálogo no campo da Educação e situar os futuros leitores deste trabalho.

Nesse sentido, pergunto: o que se tem discutido no espaço que compreende os clubes de leitura em bibliotecas escolares no município de Florianópolis?

As narrativas históricas sobre bibliotecas escolares no Brasil, mais especificamente na região Sul, exigem que se tenha um olhar atento acerca de leis, diretrizes, ofícios, políticas e tudo o que é trabalhado até os dias atuais: o movimento do espaço de leitura na escola com suas práticas pedagógicas e seus respectivos desdobramentos. Em Santa Catarina, nas décadas de 1940 e 1950, sei da presença de bibliotecas nas escolas e nos grupos escolares por intermédio do movimento escolanovista intitulado Associações Auxiliares da Escola, apoiado no Decreto-Lei nº 3.735/1946, apresentando uma série de diretrizes que cada associação deveria seguir.

A biblioteca escolar, o livro e a leitura, por fazerem parte das culturas escolares, perpassam por questões para além dos muros escolares. Assim, compreender o contexto político do período no qual estou inserido facilita o entendimento da escola também como um local político. Trazer à cena tais contextos foi uma das preocupações trazidas na dissertação de Silva (1993), auxiliando nesse processo. A autora pesquisa as representações que os professores faziam de sua própria atividade pedagógica, analisando a RME como universo de pesquisa. Para isso, faz uma contextualização política ao adentrar na instauração da RME ocorrida entre 1986 e 1989.

Nesse cenário, o referendo do voto popular indicava o desejo da população de Florianópolis para a alteração no exercício do poder político municipal. Com isso, a nova administração precisaria reunir esforços para atender à demanda popular, que reivindicava a criação de uma Secretaria Municipal de Educação (SME) em Florianópolis, o que se realizou “[...] no final da gestão de Aloísio Piazza pela Lei nº 2.350, publicada em 30 de dezembro de 1985, com efeito a partir de dois de janeiro de 1986” (SILVA, 1993, p. 13).

Após a criação da SME, em 1988 foi criada a Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (CASPRITANO, 2019), em uma gestão que se ocupava em

desenvolver ações emergenciais para o momento: o primeiro encontro da nova gestão, em 1986, no primeiro trimestre, ocupou-se de organizar um plano de trabalho no qual se pode perceber alguns vestígios de menção à biblioteca, como a “Proposta 2 – Recuperando a qualidade da escola pública”, no qual no **item 6**, apontava para o aumento de recursos para a biblioteca (SILVA, 1993).

Nesse processo de criação da SME, de uma RME e de uma resposta à demanda social para uma educação pública de qualidade, observo o processo da criação e da expansão da RME. Criar uma divisão para bibliotecas com uma coordenadoria de um sistema de bibliotecas escolares e comunitárias em rede é um importante passo para a discussão pautada na Biblioteconomia: o acesso do usuário aos livros ou o à leitura. Fonseca (2007) e McGarry (1999), por exemplo, auxiliam a compreender a preocupação do bibliotecário e da biblioteca para com o usuário – nesse caso em específico, uma rede de bibliotecas escolares – na atuação dessa vertente.

Após essa compreensão histórica de como foi constituída a SME, foi preciso também conhecer o funcionamento do ensino público na RME, transitando pelas políticas públicas para a educação, de modo a observar o papel das bibliotecas escolares ou a constituição destas nesse processo historiográfico. Nesse sentido, a tese de Cabral Filho (2004) auxilia a adentrar esse universo, que compreende o ensino público primário em Florianópolis, ou o surgimento da RME, que o autor destaca ser fruto de uma extensa caminhada a partir de políticas públicas universalizantes, perpassando pelos diversos níveis de governo – federal, estadual e municipal –, normatizando as escolas em seu entorno. A partir do recorte dessa RME, aprofundi-me no âmbito da rede de bibliotecas escolares presentes nesse município, com suporte nas práticas de leitura desenvolvidas nos clubes de leitura.

Nesse sentido, entendo a leitura, de acordo com Chartier (1982), como uma prática cultural. A partir disso, especulei, também, as **percepções** acerca dessas práticas, levando em consideração o que o autor propõe como percepções do social:

As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1982, p. 17).

Como passos iniciais de pesquisa, estabeleci um levantamento bibliográfico utilizando o banco de teses e dissertações da Capes, a base de dados da SciELO, a base de dados especializada em artigos na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Brapci) e, mais especificamente, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT) para tentar compreender e observar o que se tem discutido no campo científico sobre clubes de leitura, dialogando com trabalhos sobre conceitos de leitura apresentados durante a disciplina de Aprender a ler: processos e pesquisas, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Dalva Godoy, no PPGE/Udesc.

Utilizei como palavras-chave: clubes da leitura; biblioteca escolar; clube do livro; bibliotecário escolar; história do livro, entre os períodos de 2009 a 2020, nos idiomas português e inglês. Apresentei os resultados em quatro categorias – as que mais se destacam nos trabalhos analisados –, organizando-os da seguinte forma: bibliotecário escolar e clube da leitura; clube da leitura; conceito de leitura; projetos de leitura na RME e estudos culturais.

Realizei a busca de um levantamento bibliográfico que focasse no objeto – clube da leitura –, de modo que pudesse auxiliar na discussão do clube de leitura em paralelo às políticas públicas de leituras brasileiras. Nesse percurso, contei com o auxílio do pesquisador Antônio Carlos Picalho⁶, com quem entrei em contato e que me ajudou no levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Brapci, BDTD, SciELO e Radelyc, utilizando os termos de busca "biblioteca escolar" AND leit* AND educação; (leitura OR leitores) AND "biblioteca escolar" AND educação; ("biblioteca escolar") AND (leitura) OR (leitor) OR ("clube de leitura") OR ("clube da leitura"); ("club de lectura") nas respectivas bases.

Recuperei um total de 291 estudos, dos quais 201 eram nacionais, resultando em um *corpus* final de 40 trabalhos selecionados a partir da leitura prévia de seu conteúdo e da relação entre clube de leitura, história da educação, biblioteca escolar e mediadores de leitura; levei também em consideração os trabalhos que já tinham sido selecionados no momento de pré-qualificação que colaboraram com este texto introdutório. Os outros 40 trabalhos, recuperados após o momento da avaliação, ajudaram na escrita dos capítulos seguintes. Os resultados dos termos **educação** e

⁶ Bolsista de Iniciação Científica no Laboratório de Produção, Comunicação e Memória Científica (CienLab) da Faed/Udesc. É graduando em Biblioteconomia, com habilitação em Gestão da Informação, pela Udesc.

biblioteca escolar foram mais recorrentes do que o **clube de leitura**, mas isso não impediu que eu recuperasse trabalhos com propostas que dialogassem com esta tese.

Do ponto de vista da pesquisa historiográfica, há uma extensa produção em nível nacional que se debruça na linha História e Historiografia da Educação utilizando como aporte teórico os pressupostos da História Cultural. Nesse percurso, a construção de uma narrativa é uma tarefa instigante da qual se permite utilizar ferramentas advindas de diferentes áreas em um diálogo, como a presente pesquisa, visando à aproximação entre a Biblioteconomia e a Educação, tendo como objeto o livro, a leitura e as bibliotecas. Estudos com essa abordagem têm ganhado novos olhares, tornando-se narrativas que vão desde a produção dos textos até a circulação e o consumo dos materiais (CASTRO; BORGES; CASTELLANOS, 2020).

Essas abordagens só se tornaram possíveis “[...] devido às novas concepções propostas pela História Cultural enquanto eixo de análise histórica” (CASTRO; BORGES; CASTELLANOS, 2020, p. 19). No PPGE/Udesc, por exemplo, foram produzidos, ao longo de sua jornada, trabalhos que contribuíram para a área graças ao empenho de pesquisadores, que dedicaram parte de sua carreira na linha da História da Educação. Alguns que inspiram esta tese são: Santos e Cunha (2020), Unglaub, Eggert-Steindel e Souza (2018), que abordam, respectivamente, a temática das práticas de leitura e a categoria de cultura escolar; já Arend e Lazarotto (2020), Clemêncio e Silva (2016), Dallabrida (2011) e Ferrari e Carminati (2017) colaboraram com um maior entendimento sobre a História da Educação no estado de Santa Catarina.

O trabalho de Unglaub, Eggert-Steindel e Souza (2018) circula pela área da História e Historiografia da Educação catarinense, movimentando a categoria de cultura escolar e analisando os resultados do projeto de extensão *Ecos da memória*, desenvolvido por estudantes e professores da Udesc e a comunidade da EEB Jerônimo Coelho. O estudo tem como fontes álbuns fotográficos, quadros de formatura e de diretores, produzidos entre os anos de 1918 e 1999. O projeto aponta para a reverberação e as sociabilidades entre a universidade, a escola e a comunidade, assim como para a busca da construção da memória e da preservação do acervo escolar como parte de sua cultura (UNGLAUB; EGGERT-STEINDEL; SOUZA, 2018).

Na trajetória da educação catarinense, Ferrari e Carminati (2017) auxiliam a compreender a categoria de patrimônio escolar a partir de Escolano (2017), discutindo as representações sociais em uma análise historiográfica sobre o centenário do Grupo Escolar Conselheiro Mafra, de Joinville. O estudo aponta tal grupo como patrimônio escolar catarinense que, por meio da escola, imbricou seus costumes, suas visões de mundo e sua formação de indivíduos como parte de um novo modelo de nação. Os autores consideram que, mesmo havendo alterações na denominação da escola, a cultura do nome “grupo escolar” ainda é uma representação desses espaços.

Ainda nessa chave, o artigo de Dallabrida (2011) ajuda a entender um pouco o processo, desde a constituição do Ensino Primário, por meio do Decreto-Lei nº 3.735/1946, até o tempo presente, e como o impacto do cenário político pode influenciar o sistema de ensino. Esse decreto-lei, que é a terceira reforma do ensino catarinense, insere-se em um contexto de redemocratização do país, no mesmo ano em que foi promulgada a quinta Constituição, em um contexto pós-ditadura de Getúlio Vargas. Com a redemocratização, o governo do estado estava priorizando o Ensino Primário, principalmente por meio dos grupos escolares, tendo no ano anterior (1945) dado o início desse processo, que se desdobrou no sistema de ensino (DALLABRIDA, 2011).

No campo da memória, o estudo de Santos e Cunha (2020) apresenta os discursos civilizatórios presentes na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de Lourenço Filho, dialogando com o entendimento de processos civilizatórios proposto por Nobert Elias, refletindo sobre as intencionalidades presentes nas práticas de leitura escolares: “[...] são publicações impressas devotas, sobretudo à difusão de normas, condutas e valores para educação de crianças dirigidas às próprias [...]” (SANTOS; CUNHA, 2020, p. 18). O texto aponta que as práticas de leitura serviam para internalizar hábitos, costumes, valores e condutas produtores de regras sobre a saúde, orientando para uma perfeita conduta social, pessoal e moral (SANTOS; CUNHA, 2020).

Nessa compreensão, o trabalho de Clemêncio e Silva (2016) também fornece vestígios de como o cenário político do país influenciou a história da educação catarinense: o concurso público funcionou na segunda metade do século XX em Santa Catarina como um mecanismo de democratização para o ingresso de professoras afrodescendentes no magistério público. O estudo aponta para as “[...]”

limitações geralmente impostas por outros postos de trabalhos que não o público onde, muitas vezes, são utilizados mecanismos de seleção baseados na aparência física e na origem étnico/racial” (CLEMÊNCIO; SILVA, 2016, p. 460). Esse entendimento me fez compreender as desigualdades e os momentos de repressão impactados na educação catarinense na década de 1960 e que ainda são vividos no presente.

Arend e Lazarotto (2020), por sua vez, auxiliam na movimentação de jornais como fontes de pesquisa na História da Educação, produzidas nos PPGEs no Brasil, entre 2013 e 2018. O estudo aponta para jornais brasileiros que são disponibilizados em arquivos, bibliotecas e *sítes*, formando um conjunto de fontes que contribui para o entendimento e a ampliação do conhecimento histórico na linha História e Historiografia da Educação.

O trabalho de Silva (2015) a respeito dos grupos escolares no Brasil e da cultura material escolar em Santa Catarina, em particular, amplia o universo de discussão sobre a temática. O trabalho de Escolano (2017) também auxilia do ponto de vista da História Cultural e da cultura material escolar. A dissertação de Sousa (2015) facilita o entendimento sobre esse campo, além de fornecer um rico arcabouço teórico, acrescentando uma importante bibliografia a respeito da cultura material escolar e dos objetos da escola. Para essa problemática, é de fundamental importância a leitura do texto de Vera Lúcia Gaspar da Silva e Lúcia Amante (2015), ao trazer a discussão sobre a docência e o advento das novas tecnologias, a partir de uma reflexão da qual elas abordam, em uma perspectiva histórica, a introdução de diferentes objetos na cena educativa, trazendo à tona a problemática da inovação tecnológica e a escola, elucidando os desafios com que os educadores estão se deparando nos dias atuais.

Nesse percurso, para além dos trabalhos produzidos no PPGE/Udesc, observo o estudo proposto por Rabelo (2008): é abordada uma análise de memórias, objetos e arquitetura pela perspectiva na cultura escolar, dialogando com esta tese, utilizando os pressupostos de Frago (2000) sobre a cultura escolar e o entendimento de Escolano (1998) a respeito da arquitetura escolar. O estudo aponta, também, que parte dos objetos e da arquitetura vislumbra os primeiros caminhos da instituição de ensino, atentando para os suportes materiais que caracterizaram a escola Honório Dal Toe como um ambiente de disseminação do conhecimento.

São muitas as produções no campo História e Historiografia da Educação catarinense que dialogam com esta tese. Destaquei, nos parágrafos anteriores, alguns trabalhos que me inspiraram nesta escrita, contudo, ao longo do trabalho, continuo o diálogo com autores e pesquisadores catarinenses que têm produzido pesquisas nesse viés. A seguir, dialogo e destaco trabalhos no campo da História da Educação em nível nacional que abordam as temáticas do livro, leitura e bibliotecas. São muitas as produções e, seguindo a lógica, sublinho os trabalhos que me inspirei.

Na categoria de cultura escolar, a obra *Leitura, impressos e cultura escolar*, organizada pelo Prof. Dr. Cesar Augusto Castro, em 2010, apresenta uma série de artigos que traz o conceito de cultura escolar com a temática da história da leitura e os impressos que abordam desde a história da leitura no Maranhão até as questões de gênero e da mulher na cultura escolar.

Castellanos (2010), no campo da leitura e da formação docente, reflete e problematiza a contextualização política reverberada nas práticas de leitura, em um recorte educacional do Maranhão, no período da Primeira República. O autor aponta para o Brasil (Colônia e Império) com a educação “[...] como reprodutora do pensamento oligárquico” (CASTELLANOS, 2010, p. 127) e o contexto maranhense. Por sua vez, Viveiros (1954 *apud* CASTELLANOS, 2010) traz a escassez de circulação de livros e a forte censura exercida pelo governo local, cumprindo ordens da metrópole portuguesa. Contudo, a partir do olhar certeauriano, o autor alerta que “[...] a cada momento de mudança, existe um novo dispositivo estratégico que produz novas artes táticas de saber e fazer, as quais só precisam de tempo para serem reinventadas no dia a dia” (CASTELLANOS, 2010, p. 151).

Na mesma obra, Souza (2010) movimenta a categoria de cultura escolar abordando a história do ensino secundário no Brasil no século XX. A autora problematiza a produção de trabalhos em cultura escolar, mas afirma que ainda não estão esgotadas as possibilidades de exploração da categoria na História da Educação. Nessa chave, Souza (2010, p. 42) descreve as transformações do ensino secundário pautada em Frago (2002), entendendo a generalização da educação primária no século XIX como um dos “[...] processos culturais mais significativos da história do ocidente” e investiga a cultura escolar pela história do currículo, evidenciando que essas questões estiveram no centro de disputas políticas do país,

apontando para uma intensificação para uma escrita da História da Educação “[...] elucidativa e investigadora” (SOUZA, 2010, p. 56).

Como mencionei, são muitos trabalhos nessa categoria, principalmente no contexto da educação catarinense. Assim como os já citados acima, os trabalhos de Cunha (2011), Eggert-Steindel (2006), Mignot (2010), Otto (2012) e Silva e Teive (2009) me auxiliaram ao longo do texto escrito. Para tanto, a seguir, dialogo com os trabalhos abordando a temática do bibliotecário escolar e o clube da leitura, de modo a mapear trabalhos estudos/pesquisas que também inspiraram a escrita desta tese, com o objetivo de auxiliar na leitura dos dados no decorrer da pesquisa em conjunto com os aportes teórico-metodológicos da História Cultural.

Segue, assim como nos demais tópicos e seus respectivos temas, o Quadro 1 com o levantamento bibliográfico contendo os assuntos em **História da Educação**, em ordem cronológica, de modo a facilitar o entendimento, por parte do leitor, de como foram movimentados tais trabalhos.

Quadro 1 – História da Educação

Autor(a)	Área	Ano
Eggert-Steindel	Ciência da Informação	2006
Santos e Vechia	Educação	2008
Silva e Teive	Educação	2009
Castro	Educação	2010
Mignot	Educação	2010
Cunha	Educação	2011
Dallabrida	Educação	2011
Otto	Educação	2012
Rugoni	Educação	2015
Silva e Amante	Educação	2015
Clemêncio e Silva	Educação	2016
Ferrari e Carminati	Educação	2017
Unglaub, Eggert-Steindel e Souza	Ciência da Informação	2018
Arend e Lazarotto	História	2020
Santos e Cunha	Educação	2020

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dessa contextualização, abordo, no próximo item, o bibliotecário escolar e o Clube da Leitura.

1.4 O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E O CLUBE DA LEITURA

Neste tema, estão arroladas fontes bibliográficas, tais como teses, dissertações e artigos científicos que atentei para o papel desempenhado pelo bibliotecário no que diz respeito à atividade do Clube da Leitura. Os trabalhos têm como característica comum a menção ao profissional propriamente dito, inserido no ambiente da biblioteca escolar e, mesmo se tratando de um tema de pesquisa interdisciplinar, é interessante perceber o papel dessa pessoa em ambos os trabalhos.

Percebi a temática clube de leitura presente em trabalhos nos campos da Biblioteconomia, de Letras, da Educação e das Ciências da Natureza. A abordagem do papel do bibliotecário nessas áreas, além de destacar a figura do profissional habilitado para atuar nesse setor escolar, torna visível sua importância, tanto na atuação educativa quanto técnica. Contudo, ainda não são todas as bibliotecas escolares que contam com a sua presença.

Santos (2017), em sua dissertação, mostra a relação entre o clube de leitura que realizava suas atividades na biblioteca da Escola Básica Municipal Visconde de Taunay (Blumenau) e a promoção da leitura por meio de suas práticas. O contexto da escrita da dissertação é o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, o que torna a leitura um atrativo a mais, posto que a “válvula” que move a pesquisa é a formação do estudante-leitor de Ciências da Natureza. A autora, em seu trabalho, escreve:

Por meio de pesquisa bibliográfica acerca de objetivos para educação científica e da biblioteca escolar, sistematizamos referentes, considerando as dimensões: espaço, acervo e mediação. Com estes referentes podemos ter critérios para criar, compreender ou avaliar práticas educativas de promoção de leitura na Biblioteca escolar que incentivem a formação de leitores (SANTOS, 2017, p. 137).

Ainda segundo Santos (2017, p. 61), as bibliotecas escolares de Blumenau contam com professores que são responsáveis pela “[...] organização e empréstimo do acervo, cuidado do espaço e da promoção de práticas de leitura”. É necessário, então, admitir, pela análise dos clubes de leitura, que a região Sul do Brasil nem sempre conta com a presença do bibliotecário em suas escolas.

Independentemente de terem ou não com o profissional, seu trabalho se apoia em critérios, planejamento e estrutura, com que se pode formar e incentivar a formação de leitores em diversos níveis, cabendo ao bibliotecário organizar o acervo e planejar atividades de incentivo e fomento à leitura, constituindo esses pontos as principais atividades do profissional da biblioteca escolar.

Nesse mesmo tema, também incluí a pesquisa que desenvolvi na minha dissertação (SILVA NETO, 2015), em que abordo o clube de leitura e as bibliotecas escolares como grupos integrantes das associações auxiliares da escola. Com o apoio do Decreto-Lei nº 3.735/1946 (que regulamenta essas associações em Santa Catarina), percebi como era desempenhado o papel do bibliotecário nas ações dos clubes de leitura: o trabalho na biblioteca se dividia entre questões de cunho técnico e as que envolviam a parte mais humanizada – ou sociabilidades – da função bibliotecária professora, na época, no contexto escolar.

No estudo elaborado por Millack (2015), *Perfil leitor de educadores no contexto da formação permanente da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis*, a pesquisadora entrevistou dez professoras, três bibliotecárias, um bibliotecário, uma diretora e uma especialista, que participavam do projeto *Clube da leitura: a gente catarinense em foco*, entre 2009 e 2012. Os dados da pesquisa foram coletados em questionários, entrevistas e registros do projeto de formação permanente da SME. Não consegui perceber, de maneira explícita, o papel do bibliotecário nas ações dos clubes de leitura; contudo, o estudo de Millack (2015) foca a questão desse profissional no trabalho em parceria com o professor, assim como a importância de se atentar para que bibliotecários e bibliotecas estejam presentes nas unidades educativas realizando atividades de práticas de leitura.

Aos olhos de Chartier (1996), as práticas de leitura consistem em sociabilidades, apropriações e representações da leitura por meio do seu ato. A partir desses vieses, procurei analisar a relação do profissional bibliotecário, da biblioteca escolar e da mediação da leitura. Sales (2004) caracteriza o bibliotecário escolar como um agente escolar, um profissional da informação, um especialista que atua tecnicamente na produção e na disseminação das informações. Nesse sentido, Cunha (2003) entende que o papel, como mediador da informação, está em seu caráter social, o de fazer para o outro. Essa problemática tem norteado alguns trabalhos mapeados do papel social do bibliotecário como mediador de leitura,

levantando algumas questões: qual é o papel social do bibliotecário? Que tipo de educando quer se formar no contexto da biblioteca escolar?

Sales (2004), em seu estudo, mostra que são muitas as problemáticas que envolvem essas perguntas, atentando-se para a realidade política e social em que os educadores latino-americanos estão inseridos. A pesquisadora disserta que o bibliotecário, como agente escolar, é o profissional capaz de mediar as informações necessárias para a formação do sujeito, além de afirmar:

[...] para uma ação pedagógica concreta do bibliotecário escolar, cabe-lhe o estímulo ao uso da biblioteca pelos professores, participação em reuniões pedagógicas e de planejamento, participação efetiva na elaboração e manutenção do projeto político pedagógico, elaboração de atividades que estimulem a crítica a partir, por exemplo, da leitura, e, sobretudo, consciência de que sua atuação tem importante participação do processo de despertar do senso crítico dos alunos (SALES, 2004, p. 68).

Percebo, pelo que foi exposto, a importância de se ter uma biblioteca escolar com um profissional bibliotecário, fazendo parte, de maneira concreta, das culturas escolares presentes. Isso corresponde ao pensamento de Frago (2002), ao dizer que as culturas escolares são estruturadas em formas de discursos e ações, e a experiência pedagógica do corpo docente, em conjunto com a formação do professor, auxilia o dia a dia escolar. A partir dessa afirmativa, surge o questionamento: é possível pensar em uma definição, uma ideia ou um conceito de cultura biblioteca escolar? Talvez não seja possível responder isso no presente trabalho, mas levanto alguns indícios e apontamentos.

Bedin (2017) aponta, em seu estudo, a atuação do bibliotecário na formação de estudantes pesquisadores no Ensino Médio em escolas particulares em Florianópolis. A autora constata algumas ações isoladas por parte desses profissionais na questão da pesquisa e da formação dos alunos, assim como em materiais informativos, com destaque para os trabalhos em parceria entre professor e bibliotecário. Destaco a importância de sua mediação como formador de educandos, no sentido de nortear a sociedade em relação ao uso da informação que se utiliza no dia a dia, desde a Educação Básica, como matéria-prima para qualquer atividade humana para resolver os problemas sociais e para gerar novos conhecimentos. Nesse sentido, a autora ressalta que a biblioteca, como organismo pedagógico de culturas escolares presentes nas escolas, tem a função de disponibilizar um acervo de qualidade à comunidade escolar, oferecendo um espaço

para que os educandos tenham acesso à informação por meio de seus diversos suportes.

Percebo que o papel de recuperar, organizar e disseminar a informação faz parte de uma cultura e constitui um fazer educativo do bibliotecário escolar, com o objetivo de intensificar a formação do educando, assim como servir de apoio pedagógico à organização da escola. Tal como Chartier (1996) entende que, como o objeto do livro pode ser compreendido de diversas formas singulares, cabe à biblioteca escolar, por meio de suas atividades educativas, direcionar e auxiliar os educandos a adquirir as informações relevantes para seu fazer educativo e transformá-las em conhecimento.

Pelos estudos analisados (BEDIN, 2017; SALES, 2004), não consegui enxergar o **clube de leitura** – objetivo deste estudo – como atividade educativa auxiliadora na formação do educando. As abordagens foram diferentes, contudo foi possível perceber a biblioteca escolar como parte integrante de uma arquitetura escolar moderna, assim como o papel do bibliotecário atuante na formação dos educandos, que incluem: leitores, pesquisadores, autônomos e cidadãos críticos.

Essa criticidade é aguçada pelo trabalho em parceria entre professores e bibliotecário, que tem crescido cada vez mais, refletindo-se nos trabalhos produzidos na Academia. Os trabalhos que abordam os clubes de leitura retratam a todo instante essa realidade, assim como outras produções que somente abordam a questão da biblioteca escolar. De todo modo, pude perceber que isso parte de um grande esforço dos currículos das faculdades, tanto de Biblioteconomia quanto das Licenciaturas, assim como no trabalho desempenhado por esses profissionais em suas unidades escolares.

O trabalho de Sales (2004) investiga o despertar do senso crítico dos alunos na RME de Florianópolis, por meio da participação do profissional bibliotecário escolar. Tendo como referencial teórico o manual da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) para a biblioteca escolar (UNESCO, 1994, 2004), a pesquisa compreendeu a autonomia, levando em consideração o criticismo dos sujeitos por meio do acesso à informação, que é um direito social, permitindo, a partir disso, reconhecer a atuação profissional dos bibliotecários escolares e o que se considera acerca de sua participação no desenvolvimento crítico desses indivíduos.

Como resultado, Sales (2004) salienta a formação que os bibliotecários têm para incentivar o pensamento crítico dos sujeitos em formação. No entanto, as condições e as relações de trabalho desses profissionais no ambiente escolar dificultam o seu trabalho e a concretização dessa ação. Segundo a autora:

[...] a partir da literatura examinada, que no contexto educacional brasileiro a biblioteca escolar é um setor que ainda não conquistou o espaço de participação mais destacado no contexto pedagógico. Ela ainda não é entendida como um espaço capaz de oferecer ao estudante e ao professor instrumentos e subsídios informacionais indispensáveis; não é entendida como fundamental na formação integral dos sujeitos. Assim ocorre na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. As bibliotecas que servem as escolas da Rede são frágeis, justamente por ainda não terem a atenção necessária (SALES, 2004, p. 88).

Com esse estudo, posso pensar que as escolas superiores de Biblioteconomia se preocupam com a formação de seus profissionais e suas perspectivas críticas e a do trabalho, em conjunto com os setores pedagógicos do ambiente escolar – nesse caso, em específico, com a figura do professor, pois se centraliza nesse aspecto de um trabalho importante, do ponto de vista do aprendizado e do caráter social da leitura.

Kautzmann (2016) descreve, em seu texto, as transformações econômicas em um importante período histórico do Brasil, quando contou com a ampliação dos investimentos em educação, resultando na expansão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia por todo o país. Além de oferecer um maior número de vagas a estudantes desde o nível médio até o superior, essa iniciativa ofereceu a ampliação do mercado de trabalho na educação, oferecendo oportunidades tanto para professores quanto para bibliotecários e demais profissionais atuantes no campo educativo.

A autora concentrou seu estudo nas regiões Nordeste e Sul do país. Atentando neste presente trabalho para a região Sul, percebo que a pesquisa mostra como resultado que não existe ainda um projeto, uma ação ou um trabalho concreto no qual bibliotecários atuem em conjunto com professores; evidencio, contudo, que os bibliotecários dessas instituições se ocupam com as ações voltadas à formação dos usuários, à cooperação com o processo de ensino-aprendizagem e aos gerenciamentos de unidades de informação.

Quadro 2 – Bibliotecário escolar e o Clube da Leitura

Autor(a)	Área	Ano
Cunha	Ciência da Informação	2003
Sales	Educação	2004
Millack	Educação	2015
Silva Neto	Educação	2015
Kautzmann	Ciência da Informação	2016
Bedin	Ciência da Informação	2017
Santos	Ciências Naturais e Matemática	2017

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O quadro sintetiza a revisão sobre esse tema e me permite avançar para discutir as pesquisas, cujo foco é meu objeto de pesquisa: o clube da leitura.

1.5 O CLUBE DA LEITURA

Por meio das buscas nas bases de dados, percebo que o clube da leitura é um objeto de pesquisa que circula por diversas áreas do conhecimento, como citei anteriormente. No entanto, são recentes os trabalhos que estudam esse objeto, mais especificamente nas áreas da Educação e da Biblioteconomia, sob uma vertente historiográfica. Os trabalhos de Machado (2002) e Millack (2015), na área da Educação, apontam para o surgimento de um clube de leitura e de um espaço de sociabilidades, nos quais as práticas de leitura circulam no ambiente da biblioteca escolar, em um trabalho em parceria entre professores e bibliotecários.

Na base de dados da BDTD, utilizando como termo de busca avançada **clube da leitura**, obtive como retorno oito resultados: sete dissertações e uma tese. Entre eles, apenas dois trabalhos abordam o clube da leitura na perspectiva da Educação: o trabalho de Millack (2015) e a pesquisa de Gomes (2008). Nesta, a autora aborda os cadernos escolares, frutos de atividades dos clubes de leitura do grupo escolar Melo Viana, no período de 1930 a 1950, em Minas Gerais. O estudo em questão, apesar de não abordar os grupos escolares em Florianópolis, auxilia a pensar de que maneira o clube da leitura auxilia na produção de uma infância escolarizada, assim como a autora movimentava suas diversas fontes recorrendo a álbuns de pesquisa, confrontando-os com o conteúdo prescrito por dispositivos legais, como o regulamento e o programa de Ensino Primário de Minas Gerais de 1927 (GOMES, 2008). Segundo a pesquisadora, os álbuns de pesquisa dos cadernos escolares

foram utilizados como instrumentos de consolidação do projeto pedagógico de base escolanovista, por meio da escrita exemplar.

Na base de dados da Brapci, utilizando o mesmo mecanismo de pesquisa, encontrei seis artigos com o objeto **clube da leitura**, todos voltados para a área de Biblioteconomia. Ainda que não compreendam o universo da leitura abrangendo Florianópolis, todos compartilham da mesma temporalidade abordada neste trabalho e abordam diversos temas, entre eles: o clube da leitura na biblioteca escolar; a competência leitora por meio da leitura; a literatura e o feminismo como tema central; o clube do livro realizado fora das bibliotecas; as sociabilidades, a crítica literária; a mediação da leitura. Esses trabalhos travam diálogos interessantes com relação à área da leitura, tendo como objeto o clube da leitura, considerado como uma ferramenta de fomento às práticas e à promoção da leitura: no artigo de Souza (2018), o autor discute as principais características dos clubes de leitura e problematiza suas práticas envolvendo frequentadores, livros e outras características. Já na pesquisa de Bortolin e Santos (2014), as autoras trazem um instigante conceito de clube da leitura: um mecanismo capaz de aproximar atores da leitura, tornando a biblioteca um organismo vivo dentro do ambiente escolar.

É necessário, então, discutir o entendimento de leitura, levando em consideração que esse é o objeto que circula nas demais categorias e nos capítulos que compõem este trabalho. Quanto ao aporte teórico, tenho-o buscado na História Cultural, dialogando com a Psicologia Cognitiva e a Biblioteconomia, matérias para as quais a leitura é uma temática interdisciplinar, estudada em diversos campos do conhecimento, mas que realiza nesses dois campos, em particular, uma aproximação de ideias que colaboram com a presente pesquisa, facilitando a compreensão do universo que a leitura desempenha nas práticas estudadas.

A partir desse quadro, fiz uma análise mais aprofundada acerca das categorias de análise definidas, assim como investiguei as problemáticas aqui expostas e problematizei, a partir da revisão de literatura, o universo que circunda os clubes de leitura em bibliotecas escolares, as culturas escolares, as práticas de leitura e outras problemáticas que surgiram no decorrer desta tese.

Em paralelo a essa revisão bibliográfica, realizando uma leitura de sociedade a partir de Elias (1993), pergunto até que ponto o clube da leitura, em bibliotecas escolares, figura como uma formação humanista para as próximas gerações – levando em consideração a biblioteca escolar como lugar social, civilizatório,

participativo do ambiente escolar e suas culturas escolares, tendo como suporte os apontamentos indicados por Eco (1997), no que diz respeito à análise das fontes, ao plano de trabalho, às fichas de estudo, à redação do trabalho e a todo o arcabouço que constitui o fazer de uma tese de Doutorado (Quadro 3).

Quadro 3 – Clube da leitura

Autor(a)	Área	Ano
Machado	Educação e cultura	2002
Gomes	Educação	2008
Souza	Literatura	2008
Bortolin e Santos	Literatura	2014
Millack	Educação	2015

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Ao concluir esse levantamento para a redação do estudo bibliográfico sobre o tema clube de leitura, não posso deixar de comentar que até o momento não foram identificados estudos no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. A seguir, apresento uma contextualização dos estudos acerca do conceito de leitura.

1.6 UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE LEITURA NA LITERATURA

A leitura, nesse contexto, é o objeto que perpassa as práticas analisadas neste trabalho, sendo, portanto, necessário que eu discuta seu conceito com o objetivo de compreender o debate proposto. Seu conceito é amplo e resulta em um caráter multidisciplinar, transcorrendo por diversos campos de conhecimento, tendo em cada qual seus aspectos principais no que tange à pesquisa científica, aos arcabouços teóricos e aos fenômenos a serem investigados.

Narrativas históricas sobre a leitura, mais especificamente sobre a História Cultural, exigem um olhar atento acerca das categorias movimentadas nesse campo, assim como são movimentados o conceito de leitura no ramo da Psicologia Cognitiva e os fenômenos analisados a partir desse olhar.

Os mecanismos e as práticas de leitura empregados no ambiente escolar fazem parte dos aspectos sociais e culturais que envolvem todos os agentes envolvidos e/ou a comunidade escolar. A biblioteca escolar, como espaço de sociabilidade, deve ser gerenciada por profissionais aptos para que a circulação do acervo e as práticas de leitura sejam realizadas da melhor maneira possível, com o

objetivo de estimular a circulação do acervo, apoiada em um processo de socialização que envolve os participantes em atividades de fomento à leitura.

No contexto escolar, o diálogo entre professor e bibliotecário proporciona aos estudantes um conteúdo educacional integrado para o aprendizado e o incentivo à leitura. Os dois profissionais poderão utilizar diversas ferramentas, como as da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), de acordo com o recurso oferecido, na formação de novos leitores. Projetos e ações de incentivo à leitura também podem ser oferecidos no espaço da biblioteca escolar, tais como contação de história, dramatização de histórias, poema musicado, sarau e oficina.

Chartier (2001), na perspectiva da História Cultural, entende que a leitura realizada em diferentes plataformas, seja na forma impressa e/ou digital, é um objeto presente na sociedade e assume diferentes sentidos por parte do leitor, dependendo do contexto/ambiente em que essa prática se insere. Dito de outro modo, a leitura, para esse autor, é um produto sociocultural.

No âmbito dos estudos da Psicologia Cognitiva, Morais (2014) explica a leitura pela decodificação. Segundo o autor, seu uso, suas práticas e as diversas atividades que se podem realizar por intermédio dessa atividade somente serão possíveis se ela for decodificada. O ato de decodificar explica o processo do leitor hábil, pois isso torna uma tarefa cuja função é a mais necessária para que ele possa usufruir dos desdobramentos da leitura e se ativar como sujeito social. Por esse olhar, na escola, o aluno, leitor fluente, apresentará êxito e até mesmo alcançará autonomia pelo acesso à informação e à leitura a partir de tal processo. Os estudantes precisam aprender, relativamente ao conteúdo, as técnicas utilizadas pelos professores: buscar informações que, às vezes, estão ao seu alcance, sendo necessário que saibam como acessar os conteúdos disponibilizados pela biblioteca e, além disso, que possam usufruir de toda a sua infraestrutura. Se não forem bem preparados para gerir o excesso de dados que têm à sua disposição, o que, à primeira vista, seria uma vantagem, isso pode se tornar um obstáculo inconveniente à aprendizagem (FIGUEIRA MATEUS, 2009).

No espaço da biblioteca, para que se promova o incentivo à leitura, é preciso saber usar técnicas dinâmicas e mecanismos que instiguem a curiosidade do estudante, estimulando a leitura e fazendo com que, futuramente, talvez, ele seja um leitor. Essas práticas, geralmente, estão ligadas ao bibliotecário responsável pela biblioteca escolar, que tem a função de auxiliar os alunos nas pesquisas, organizar o

acervo de modo adequado à escola e buscar a inclusão deles no ambiente da biblioteca.

O bibliotecário pressupõe que a compreensão e a decodificação sejam processos imprescindíveis no fomento à leitura e facilitam suas práticas e atividades. Assim, é importante, para a Psicologia Cognitiva, ressaltar que as sociabilidades de cada sujeito influenciam o fazer social e cultural da leitura, isto é, as consequências que a leitura trará para cada pessoa. Promover o conceito de leitura pela compreensão e decodificação dentro das culturas escolares talvez facilite o trabalho de promoção da leitura por parte da cultura das bibliotecas escolares. Entender como funcionam esses fenômenos de maneira interdisciplinar e suas consequências pode auxiliar no dia a dia das práticas escolares de leitura.

O bibliotecário deve fazer essa ponte, constituindo uma ferramenta de inclusão entre o cidadão e a sociedade. Já no caso da biblioteca escolar, essa ponte é com o estudante que, por intermédio da leitura, adquire cultura e educação. Atualmente, os bibliotecários e os teóricos do campo estão demonstrando interesse não só com o acesso à informação dentro da unidade, mas também no que se tornará esse estudante depois do acesso à biblioteca. Contudo, percebo que, quanto mais acesso à leitura o aluno tiver, mais fundamentadas, provavelmente, serão suas opiniões, organizando seus pensamentos de forma privilegiada na sociedade.

Nesse sentido, Morais (2014) indaga: seria a leitura uma adivinhação? Ele mesmo responde:

Nós, leitores hábeis, somos capazes de identificar qualquer palavra, no contexto ou fora dele, e até mesmo palavras desconhecidas. O material escrito que se dá à criança para que aprenda a ler não é um rabisco infame; ele é claro e nítido. Se lhe ensinarmos o código alfabético, ela não tem de adivinhar as palavras; pode identificá-las como nós (MORAIS, 2014, p. 166).

Posso observar, com essa breve reflexão no campo da Psicologia Cognitiva, sua aproximação com a Biblioteconomia, pois para ambas ler é decodificar e compreender. O processo de compreensão e aquisição da leitura depende do contexto ou dos aspectos culturais nos quais o indivíduo está inserido, remetendo a Freire (1982), que considera a leitura o resultado da compreensão da prática ou do trabalho humano, implicando a percepção crítica do que seja cultura. Entender os processos e os caminhos que atravessam os campos da leitura não é uma tarefa simples. Isso explica a quantidade de áreas de conhecimento que se debruçam a

investigar esse objeto.

A leitura é objeto de investigação em diferentes campos do conhecimento que se têm dedicado a investigar os fenômenos decorrentes em seus inúmeros aspectos. Em seus indeterminados suportes, ela tem o poder de transformar, contar e informar. Com o presente trabalho, também insisti na importância que ela tem no fazer científico e em seu impacto na sociedade, tanto nos aspectos sociais quanto nos políticos ou econômicos.

A busca pela informação por parte das pessoas nos dias atuais faz parte de uma cultura leitora. Como fazer, então, para que essas informações passem a ser compreendidas e transformadas em conhecimento? Como se pode transformar essa quantidade significativa de informação em conhecimento? De que maneira fazer com que a sociedade tenha acesso a esse conhecimento? Qual é o papel do bibliotecário perante essa situação? São questões que devem ser refletidas por seus profissionais, levando-se em consideração as áreas especializadas que se têm debruçado sobre a temática da leitura destacadas neste trabalho.

O papel do bibliotecário, nesse contexto, além de promover o acesso à informação com as práticas de leitura, é desenvolver o processo de aquisição de leitura por parte dos sujeitos, a fim de auxiliá-los a compreender e a decodificar o texto escrito ao qual estão tendo acesso, por exemplo, quando entram na biblioteca. Além disso, esse profissional pode contar com o trabalho em parceria com os professores para facilitar o processo de fomento à leitura. Escrevem Corrêa e Souza (2004, p. 5) sobre a parceria entre bibliotecário e professor:

Uma parceria, entretanto, não se constrói da noite para o dia. Historicamente, não se reconhece, no Brasil, uma unidade entre educadores e bibliotecários, e talvez esta seja uma das principais causas do abandono a que estão confinadas as bibliotecas escolares. Por outro lado, a construção desta parceria parece ser possível através de um trabalho a longo prazo, com início na base formativa destes profissionais, isto é, dentro das universidades.

Portanto, o bibliotecário e o professor podem, de maneira integrada, atuar efetivamente nos espaços de leitura, trabalhar em ações para formar alunos-leitores, disponibilizar a informação de modo adequado, cumprindo o papel educacional, traçar estratégias pedagógicas, preparar os educadores com instrumentos de avaliação e de intervenção adequadas em relação aos processos de dificuldade ou inadequação na aquisição da leitura (VIANA; BORGES, 2016).

Chartier (2004) mostra que o leitor consegue, a partir dos textos, conciliar a informação que já fazia parte do seu conhecimento com o que adquire pela leitura. Essa prática pode fazer com que a mente trabalhe de acordo com os conhecimentos adquiridos, elaborando e estimulando novas informações, que também podem se tornar conhecimento para quem lê. A partir desse entendimento, retomo a abordagem de Sucena (2010), que compreende a leitura pelo dado empírico, pela “adivinhação”, a partir do contexto semântico no qual as frases se inserem. Esse processo é o de aquisição do conhecimento, obtido após os processos de aquisição de leitura – que, segundo Morais (2014), são os mecanismos necessários à decodificação.

A biblioteca da escola, como um todo, assume tanto um espaço de apoio pedagógico quanto de práticas culturais para que professores e estudantes possam utilizá-la como instrumento auxiliar em suas pesquisas e na preparação das aulas. Esse é um local de formação de leitores e de disseminação da informação, sendo parte da cultura instaurada dentro da escola, que também se faz presente nos processos de aquisição da leitura e auxilia a transformar o sujeito social em alguém capaz de compreender, decodificar e transformar essa etapa em uma cultura de leitura.

Bourdieu e Chartier (1996) contribuem melhor com esse entendimento quando partilham da ideia de que as relações sociais que produzem a cultura são responsáveis pela criação das relações na sociedade; com isso, mantém-se a diferença entre determinados grupos e suas culturas, a partir do momento em que determinada cultura, por ser dominante, permeia as relações sociais. Nessa perspectiva, os autores afirmam que a escola deixa de ser um instrumento que resolve os problemas da sociedade e passa a ser um meio de (re)produção de uma cultura instalada em seus diversos segmentos. A partir disso, a ativação do sujeito social leitor, com o incentivo da aquisição da leitura, passa a se tornar uma prática cultural, reproduzindo-a não somente na escola, mas também em outros espaços de sociabilidade.

Nesse sentido, esse processo de se fazer um sujeito leitor, além de integrar diversos segmentos de campos de pesquisa na perspectiva da ciência, está atrelado às culturas escolares que, por sua vez, se encarregam, em suas práticas, de formar sujeitos leitores. Esse processo requer um incentivo ao longo de todo o percurso escolar (VIANA; BORGES, 2016). A cultura escolar, atrelada às práticas e aos

campos investigativos da leitura, é parte integrante da construção desse ser social, para quem a leitura faz parte de sua cultura e a fluência em leitura se torna uma importante ferramenta para o exercício de sua cidadania (Quadro 4).

Quadro 4 – Conceito de leitura

Autor(a)	Área	Ano
Freire	Educação	1982
Chartier	História	2001, 2004
Sucena	Psicologia Cognitiva	2010
Morais	Psicologia Cognitiva	2014
Viana e Borges	Psicologia Cognitiva	2016

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Percebo a influência que o campo da Psicologia Cognitiva desempenha no debate sobre o conceito de leitura e procuro dialogar com as outras áreas do conhecimento presentes neste trabalho, como a Educação e a História.

1.7 PROJETOS DE LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS

O bibliotecário tem como função fomentar o incentivo à leitura com práticas educativas que estimulem o imaginário do sujeito leitor, pois, a partir do momento em que é possível decodificar e compreender o texto escrito, ou seja, ler, o sujeito social é ativado, e os exercícios são executados com mais facilidade. Na biblioteca escolar, espaço instaurado em uma perspectiva de cultura escolar capaz de fomentar a leitura, o imaginário e as práticas pedagógicas, o bibliotecário, em parceria com a comunidade escolar, pode atuar de maneira concreta no fomento à leitura, como pude perceber nos projetos que envolvem seu trabalho na RME.

Procurei pelo arcabouço teórico na perspectiva dos estudos culturais para dialogar com o tema no presente item, valendo-me de textos discutidos na disciplina de História da educação brasileira e catarinense: aportes teórico-metodológicos, ministrada pela Prof.^a Maria Teresa Santos Cunha, no PPGE/Udesc. Também neste tópico, investiguei trabalhos com foco no Clube da Leitura em diálogo com o campo da Biblioteconomia.

Ao iniciar este trabalho, tinha conhecimento apenas de um projeto de incentivo à leitura na RME: o Clube da Leitura, por se tratar de um estudo que

dialoga principalmente com os campos da Educação e da Biblioteconomia. Contudo, após a realização de leituras de trabalhos sobre a temática, tomei conhecimento de diversos outros, principalmente com o estudo da pesquisa de Capistrano (2019), que me fez ver a trajetória na perspectiva histórica do Debec. Os projetos de leitura são: *Biblioteca para ler, ver e ouvir*; *Ciranda literária*; *Clube da leitura: a gente catarinense em foco*; *Floripa letrada: a palavra em movimento*; *Viajando com e nas palavras: a formação de leitores na Educação Básica*; *Ampliação das bibliotecas escolares e comunitárias de Florianópolis*. Na pesquisa da referida autora, foram levantados dados sobre: o histórico de implantação da Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias; a melhoria das bibliotecas escolares e comunitárias do município de Florianópolis (1985); o remanejamento de funcionário da divisão de ensino para a divisão de bibliotecas escolares e comunitárias.

A autora não evidencia explicitamente como ocorreram as entrevistas, mas diz ter se preocupado, por meio delas, “[...] em saber a importância da existência do Debec” (CAPISTRANO, 2019, p. 81). Para tanto, procedeu a um cruzamento dos dados coletados nos arquivos e nas entrevistas, com o objetivo de fundamentar sua empiria e compreender a trajetória do Debec.

Em sua dissertação (2019), a autora utiliza um aporte teórico-metodológico interdisciplinar, inspirada na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, para compreender o papel da informação e do profissional bibliotecário como protagonista no desenvolvimento do Debec e em suas ações no campo da biblioteca escolar, estudando autores, como Durban Roca (2012), Fragoso (2002), Le Coadic (1996), Pessoa (1996), Pinheiro (2005), Pinto (2017) e Saracevik (2018).

Assim, faz a interlocução com a História Cultural para iluminar as questões referentes ao conceito de memória e à história do Debec, seus percursos e suas práticas, ancorando-se em Halbwachs (2006), Hobsbawn (2002), Le Goff (2002), Nora (1984) e Pesavento (2003). A partir dessa abordagem, adota a história oral como metodologia para a coleta de dados nas entrevistas com pessoas que fizeram parte da história do Debec, como ex-gestores e bibliotecários, acrescentando, aos autores acima referidos, outros, como: Le Vem (1997) e Manzini (1991). É nessa chave que a dissertação se debruça. É por essa temática e pela aproximação dos campos por ela explorados que aproximaram sua dissertação da tese que aqui desenvolvi.

Para abordar os clubes de leitura em bibliotecas escolares nas escolas municipais de Florianópolis, é necessário entender o funcionamento do Debec, pois é por intermédio dele que ocorrem as ações de práticas de leitura. Capistrano (2019) elucida a memória e a história desse departamento sob a perspectiva da História Cultural, dialogando com os autores já citados, contribuindo, assim, com os conceitos que estou trabalhando na tese, em especial o da memória, na perspectiva de Le Goff (2016). O autor a considera como uma especialidade: conservar algumas informações por meio de um conjunto de funções psíquicas, informando ser possível, por ela, atualizar impressões ou informações passadas ou suas representações.

A pesquisa se situa no campo de Estudos Culturais, com novas preocupações e sensibilidades que emergiram com o *boom* da história social e cultural na década de 1990, quando a cultura popular passou a mostrar novas possibilidades aos pesquisadores para compreenderem a cultura de modo mais complexo (GUILLEN, 2018).

O Debec conta, ao longo de sua atividade, com a presença das bibliotecas escolares como organismos vivos no contexto da escola, cada uma com a sua cultura e singularidade (VIDAL, 2005). Segundo Capistrano (2019), as organizações dessas bibliotecas escolares de Florianópolis se permeiam por esse departamento, desde a sua institucionalização até os dias atuais, dando suporte e auxílio às suas gestões, sendo, por sua vez, considerado pelos profissionais bibliotecários um espaço que serve como local de mudança de paradigmas por meio da leitura e da construção de conhecimento de alunos, professores e comunidade em geral.

Segundo consta em seu *site* oficial⁷, seus serviços são: consulta local, orientação à pesquisa, pesquisa bibliográfica, empréstimo domiciliar e orientação à normalização de trabalhos acadêmicos. Porém, pensando no que o Debec representa para as bibliotecas escolares, inserindo-se na cultura escolar de cada unidade escolar, seu trabalho vai além do prescrito: Capistrano (2019) considera, por exemplo, que ele também incentiva a criação de projetos nas unidades escolares da RME, com o objetivo de atingir a excelência em seus serviços.

O Debec surgiu como o meio de implementar uma rede de bibliotecas escolares, proposição que consta de um ofício encaminhado à Secretaria do Ensino

⁷ Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=debec>.

de 1º e 2º grau do MEC, no dia 2 de março de 1984, pelo então secretário municipal da Educação e Desenvolvimento Social e chefe de gabinete Onofre Santo Agostini. A partir de janeiro de 1988, foi criada a divisão de bibliotecas escolares e comunitárias, denominando-se Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (CBEC), em 4 de julho de 2002. Atualmente, ele tem como função:

[...] planejar, organizar e assessorar ações relativas à Rede de Bibliotecas, oferecer formação continuada aos profissionais bibliotecários e auxiliares de biblioteca, fomentar ações literárias, planejar e realizar ações da Semana Municipal do Livro Infantil, mediar as ações do Programa Nacional do Livro Didático, bem como articular a aquisição de acervo, mobiliário e equipamentos para as bibliotecas escolares e salas de leitura das unidades educativas da rede municipal de ensino (CAPISTRANO, 2019, p. 13).

Para Souza (2007), é preciso ter em conta que muitos artefatos são produzidos para uso escolar e apropriados para fora da escola, da mesma forma que muitos objetos de uso na sociedade circulam no universo escolar com outros significados. O que o define como escolar é seu uso em determinadas situações ou condições históricas. Nesse sentido, ele se insere como organismo que refletirá, por meio de formações continuadas, a atuação dos profissionais bibliotecários e auxiliares de biblioteca para o dia a dia da atuação em biblioteca escolar, fomentando projetos de incentivo à leitura e atuando com os artefatos que fazem parte da cultura escolar, como os livros didáticos, os de leitura, o mobiliário, o computador, os mapas e os demais objetos que circulam o fazer do bibliotecário e da prática pedagógica.

A ideia do projeto é se desdobrar pelas unidades da RME, de modo a incentivar a leitura e formar o maior número possível de leitores na comunidade escolar. Ao Clube da Leitura, por sua vez, de acordo com o projeto do Debec, caberia organizar ações para incentivar as unidades educativas à leitura de autores catarinenses, a frequentar as bibliotecas escolares, assim como envolver professores, bibliotecários e demais mediadores da leitura, a fim de formar clubes da leitura nas diversas comunidades escolares, com suas respectivas práticas. O projeto, por sua vez, está ligado à escola, que é, por consequência, o eixo gerador das ações de leitura, capaz de movimentar o conceito de culturas escolares.

Em princípio, sabe-se que o Clube da Leitura aproveita ou deve aproveitar os novos recursos tecnológicos oferecidos pelas escolas, em conjunto com as práticas de leitura, a fim de facilitar o fomento à leitura e inserir os educandos nesse

chamado **mundo da leitura**. O intuito, aqui, é conferir como é feito. Nesta tese, o termo **novas tecnologias** é proposto por Souza (2007), fazendo referência às tecnologias educacionais, enumerando, entre elas, o vídeo, o computador, a internet, os *games* e a multimídia. Percebo a inserção dessa cultura presente no projeto a partir do momento em que o Clube da Leitura alimenta um *blog*⁸, em conjunto com o Debec, para atualizar os participantes sobre como realizar as atividades de incentivo à leitura, além de disponibilizar fotos e relatos dos encontros.

A utilização de novas tecnologias inseridas nas práticas de leitura, além de facilitar o fomento à leitura, tornando as ações mais inovadoras e interativas, abre a discussão para o diálogo em diversos campos do conhecimento, possibilita enxergar o lugar da tecnologia na história da cultura material, colocando em discussão problemas complexos nas significações dos objetos no sentido educativo (SOUZA, 2019).

Os autores e funcionários que participam dos encontros do Clube da Leitura recebem um certificado expedido pela SME. Segundo Capistrano (2019), além das ações de incentivo à leitura nas bibliotecas escolares, o projeto oferece encontros para a formação de professores no Centro de Educação Continuada (CEC).⁹ Nas reuniões, autores de literatura infantojuvenil são convidados para apresentar algumas de suas obras e discutir sobre como trabalhar com o livro no Clube da Leitura com os alunos da RME.

Os livros utilizados durante os encontros têm variado conforme o planejamento: quando há encontro com autores, geralmente são trabalhados livros escritos por eles próprios; quando há outra atividade de contação de história ou dramatização, isso fica a cargo da equipe pedagógica, formada por professores e pelo bibliotecário. O espaço da biblioteca escolar tem um papel fundamental no projeto: a circulação de pessoas e livros, formando espaços de sociabilidades no Clube da Leitura e local de salvaguarda de livros de literatura e escolares – diferenciando, nesse caso, o livro de literatura do livro escolar, pelo entendimento de Magalhães (2016), que mostra o livro como objeto que fomenta uma singularidade: equilibrar a formação científica e a experiência do autor, refletindo a primeira e repercutindo a segunda. O autor fomenta, também, a aproximação do livro escolar

⁸ Até o presente momento da pesquisa, constatei que o *blog* foi alimentado até 2017. Após essa data, não existem mais registros. Com a pesquisa da tese, desvendi o porquê de essa prática não estar mais presente no projeto.

⁹ Localizado na Rua Ferreira Lima, 82, Centro, Florianópolis.

com a história do livro e a memória da educação. Posso observar como foi o processo de conservação do livro, seja pelos leitores, pela biblioteca e pelas memórias, exercendo o papel de informar, ensinar e fazer recordar, aspectos esses que colaboram para o entendimento do papel do livro escolar e da literatura no ambiente escolar.

Como esses livros colaboram para o fomento à leitura? Como são utilizados no Clube da Leitura? Essas perguntas também guiam a reflexão desta tese.

O estudo de Capistrano (2019) apresenta um percurso histórico de instalação do Debec na RME de Florianópolis, levando aspectos relacionados às práticas de leitura e às questões administrativas que traduzem a consolidação desse departamento, que tem como função gerenciar a Rede de Bibliotecas Escolares nas escolas municipais de Florianópolis.

A autora fez uma visita à memória e à história do departamento, apesar de não aprofundar muito as questões do conteúdo e como funcionam os projetos de leitura, demonstrando a forma organizacional do Debec, quanto e como isso influenciou em seus trabalhos. É importante ressaltar que, como se trata de uma dissertação para obter o título de Mestrado Profissional em Gestão da Informação na Udesc, além do trabalho escrito, foi necessária a criação de um produto. Desse pré-requisito, que faz parte do trabalho final, Capistrano (2019) criou um *website*¹⁰, onde há diversas informações sobre o Debec. Segundo a pesquisadora, esse *site* tem coautoria da orientadora, a Prof.^a Dr.^a Tânia Regina da Rocha Unglaub, e seu objetivo é ser um mural virtual que apresenta os registros do resultado da pesquisa, ou seja, a história do Debec (CAPISTRANO, 2009).

A partir desse quadro, dialogando com o trabalho de Capistrano (2009), realizei uma análise mais profunda acerca das categorias de análise definidas, assim como investiguei as problemáticas expostas neste trabalho: problematizar, a partir da revisão de literatura, o universo que circunda os clubes de leitura em bibliotecas escolares, as culturas escolares, as práticas de leitura e outras problemáticas que surgiram no decorrer desta tese. A autora auxilia a aprofundar o debate em torno do objeto da leitura, de seus projetos e do quadro da RME, antes de eu ater às políticas públicas que circundam o universo da leitura. Esse não é um

¹⁰ Disponível em: <https://debecpmfsc.webnode.com>.

debate simples, mas aceito o desafio, com a ideia de que essa discussão se desenrolou durante todo o processo da escrita da tese.

O incentivo à leitura em nível municipal se desdobra a partir das ações do Debec; contudo, depois de realizadas as leituras na literatura da área (FERREIRA, 2017) e nos dados coletados até o momento, percebo a importância do investimento em nível federal com a promoção da leitura para que essas ações repercutam nos municípios.

Ferreira (2017) convida a pensar a leitura no Brasil e no momento político-social de incertezas que o país vivencia, as quais povoam o dia a dia, fazendo parte diretamente do convívio em sociedade. Suas reflexões e as de outros sete autores abordam o universo que compreende o livro, a leitura e as bibliotecas; além disso, são questões que correspondem à angústia que é dialogar sobre cultura e educação em tempos sombrios. Em um diálogo entre a Biblioteconomia e outras áreas das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, posso afirmar que é um trabalho interdisciplinar, envolvendo diversos aspectos do campo científico. Publicado pela editora da UFMA, o livro tem como objetivo suscitar o debate acadêmico acerca do *impeachment* votado no Congresso em 2015 e quais foram os impactos que essa ação acarretou às políticas públicas de fomento ao livro, à leitura, às bibliotecas e à cultura no geral. O quadro que se desenhou na perspectiva da cultura pós-*impeachment* foi de um mal-estar no Ministério da Educação (MEC), com saídas de ministros e dúvidas em relação às políticas públicas que vinham sendo implantadas e mantidas no governo de Dilma Roussef.

É nesse ambiente que são escritos os artigos do livro, levando o leitor (em especial, os profissionais que tenham a leitura como objeto de trabalho, como bibliotecários, professores, estudantes, livreiros e sociedade em geral) a refletir sobre esse contexto. Textos que possam contribuir relativamente a reações e pressões quanto ao quadro de desmonte das políticas conquistadas nos dois governos que compreendem os anos de 2003-2015 (FERREIRA, 2017). O livro convida a esse debate entre diversos campos do conhecimento em torno da conversa sobre leitura, livros e bibliotecas. A conjuntura, no período em que foi escrita a obra, é um convite a mais para o debate, instigando-me a continuar o diálogo e a luta por dias melhores, pois, se em 2017 já havia esse desmonte nas políticas públicas de incentivo à cultura e à educação, o quadro até o momento está

se desenhando ainda mais grave, de mais desmonte e requer maior organização da parte dos profissionais empenhados com a área (Quadro 5).

Quadro 5 – Projetos de leitura na RME de Florianópolis

Autor(a)	Área	Ano
Vidal	Educação	2005
Souza	História	2007
Magalhães	Educação	2016
Ferreira	Ciência da Informação	2017
Guiller	História	2018
Capistrano	Ciência da Informação	2019
Souza	Ciência da Informação	2019

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A partir dessa revisão bibliográfica, visualizo trabalhos que abordam a história do livro, da leitura e da biblioteca, assim como a discussão a respeito do conceito de leitura, temáticas abordadas por diversas áreas do conhecimento que tanto contribuem para a reflexão proposta nesta tese. No entanto, procuro uma abordagem que contemple de maneira mais concreta um diálogo entre os campos da Educação e da Biblioteconomia, na linha História da Educação e com aporte teórico-metodológico na História Cultural. Busquei contribuir para ambos os campos a partir da investigação das práticas de leitura, visualizando o impacto de políticas públicas de leitura na RME e o papel dos mediadores de leitura nessa conjuntura, investigando a partir da perspectiva da micro-história pautada por Revel (1989).

Um dos autores mais referenciados no livro organizado por Ferreira (2017), Paulo Freire (2019), mostra o caminho para uma educação como prática libertadora. A obra tem esta intenção: de alertar para o debate e, por meio da práxis, unir, em tempos sombrios, pelo livro, pela leitura e pelas bibliotecas. Inspirado nos trabalhos até aqui citados, naveguei por essas folhas a fim de também poder contribuir com os campos da Educação, da leitura e da Biblioteconomia.

Para alcançar a resposta à pergunta de pesquisa e aos objetivos nela propostos, estruturei a tese em mais três capítulos, seguidos desta Introdução.

No segundo capítulo, apresento o Clube da Leitura em uma perspectiva histórica, desde a sua criação, os dois primeiros anos de estruturação do projeto e suas reverberações oriundas de políticas públicas de leitura, conhecendo a correlação histórica que as políticas públicas possuem na constituição do projeto.

No terceiro capítulo, discuto de que maneira as atividades de prática de leitura, incluindo os clubes de leitura, se configuram no contexto florianopolitano em interface com as culturas que os textos trabalhados no projeto representam para uma formação de leitores em Florianópolis, identificando as configurações das práticas de leitura no projeto, abordando as temáticas que mais se destacaram durante a pesquisa, utilizando como fontes pesquisadas tanto no arquivo do Debec quanto no *blog* e no *site* do Clube da Leitura referenciado neste trabalho.

No quarto capítulo, revelo, a partir das fontes documentais e orais, um perfil dos mediadores de leitura que atuam no projeto, dividindo-os em três categorias: gestores, professores e bibliotecários, personagens que revelaram como o mediador de leitura se constrói no projeto, interagindo a prática com a formação e observando, por meio do olhar dos mediadores de leitura e como são realizadas as práticas de leitura, as temáticas mais abordadas e as que não são trabalhadas no projeto.

Inerente à escrita desta tese, apresento as considerações do estudo, com reflexões e possibilidades advindas do processo de pesquisa e escrita deste texto. Por fim, arrolei os elementos pós-textuais com o conjunto das referências bibliográficas, um anexo e dois apêndices.

2 A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE LEITURA

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra-mundo” (FREIRE, 1981, p. 1).

Ao escrever este capítulo, procurei refletir sobre a importância do ato de ler e como a cultura de leitura, imbricada nas culturas escolares, apoia-se em projetos de incentivo ao mundo da leitura nos quais conta com o trabalho em parceria entre diversos atores de cada comunidade escolar. Cada comunidade de leitores e cultura escolar apropria-se de sua própria “leitura-mundo”, assumindo a epígrafe de Paulo Freire e suas particularidades, levando-se em consideração o conjunto de relações sociais existentes em cada unidade escolar.

Com isso, discuti o âmbito da história do Clube da Leitura na RME de Florianópolis, a partir do conteúdo contextualizador da pesquisa apresentada na seção da Introdução. Neste capítulo, para tanto, analisei também as políticas públicas de leitura em nível nacional e suas possíveis reverberações no município de Florianópolis. Para isso, tomo como exemplos duas leis que constituem o alicerce para compreender também uma parte história do livro e da leitura no Brasil: o PNLL (BRASIL, 2006) e a Lei nº 12.244/2010, que trata da universalização das bibliotecas escolares no país, observando, em paralelo, possíveis rupturas e ressonâncias no prescrito para leitura como cultura escolar no Decreto-Lei nº 3.735/1946, desdobrando a pesquisa iniciada na minha dissertação.

A ideia é observar um objeto, o clube de leitura, uma prática de leitura que, como a literatura apresentada na Introdução deste estudo aponta, é uma prática já existente em outros tempos na História da Educação catarinense. Partindo desse princípio, aponte algumas relações observadas durante a minha pesquisa de Mestrado, que estudou um clube de leitura da década de 1940 no qual existia toda uma prescrição a ser seguida, e um clube de leitura dos anos 2000, que é quase um movimento orgânico por parte dos mediadores de leitura.

O *corpus* documental, apresentado aqui em diálogo com o projeto Clube da Leitura, auxiliou-me a pensar em uma ideia de percursos de ações para a leitura que, por meio de políticas públicas de leitura e um conjunto de culturas escolares em

suas diversas especificidades, traga como resultado final um projeto de incentivo à leitura.

As políticas públicas, segundo Agum, Riscado e Menezes (2015), resultam de diversas colaborações disciplinares por se tratar de um campo pertencente a diversas áreas. Não tive, porém, a intenção de discutir as correntes teóricas acerca das definições sobre políticas públicas; assim, adotei, neste trabalho, o conceito proposto por Heidemann e Salm (2009), entendendo que as instituições que, de alguma maneira, servem à comunidade, de alguma forma promovem iniciativas de políticas públicas. Aprofundei essa discussão na subseção deste capítulo.

De antemão, esclareço que políticas públicas de leitura são compreendidas, neste trabalho, segundo propõe Certeau (1995), pelo conceito de estratégias, definidas como um lugar no qual se calculam as relações de força, do poder e do querer que propõem diretrizes para o fazer diário. Nesse caso, as políticas públicas de leitura assumem o conceito de estratégia em Certeau por indicarem métodos por meio de decretos, leis e projetos de incentivo à leitura. As estratégias, em nível federal, apresentam-se em forma de diretrizes para o fomento à leitura, cabendo ao Estado e ao município se apropriar dessas prescrições ou aplicá-las, levando em consideração o contexto em que estão inseridas.

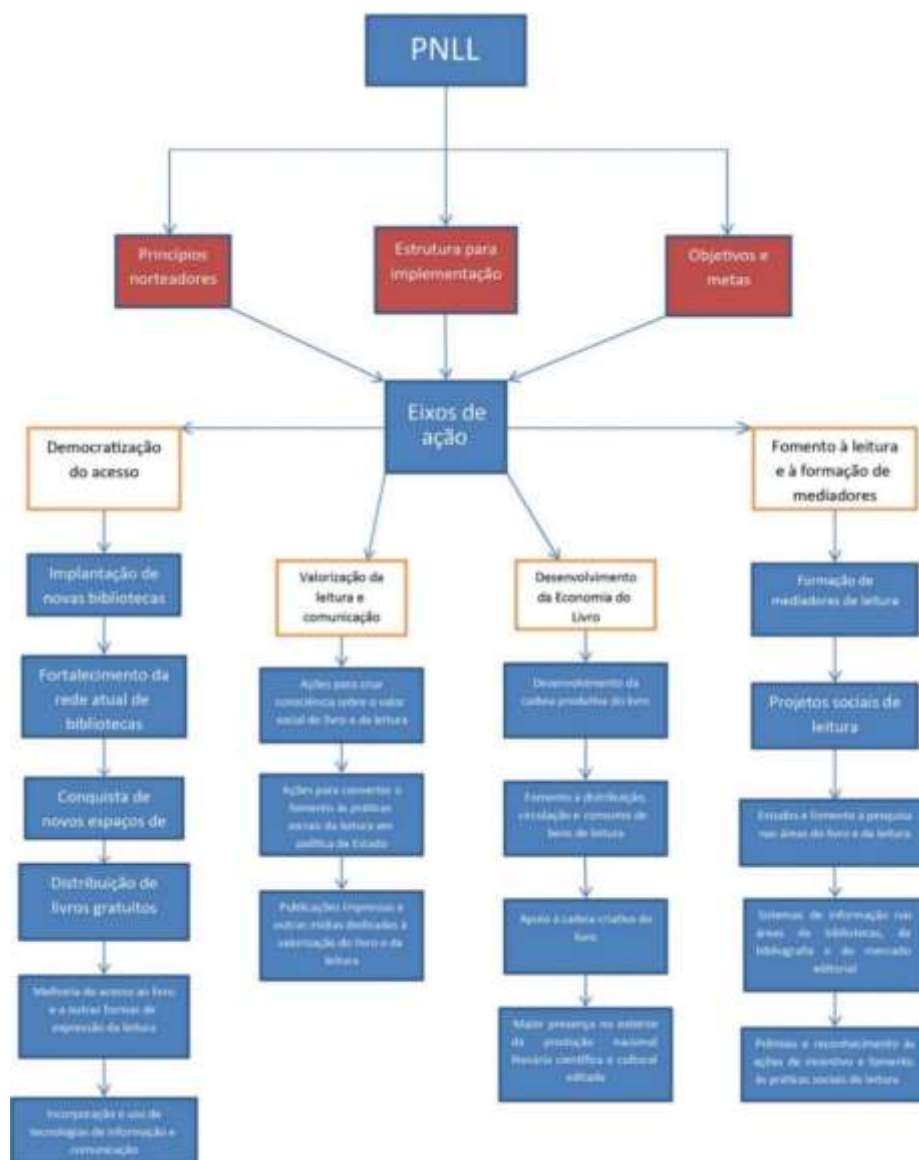
Nesse sentido, analisei o período que abrange essas duas políticas: as que se situam de 2006 a 2010, época então do governo de Luiz Inácio Lula da Silva como presidente da República, por Luiz Henrique da Silveira como governador do estado de Santa Catarina e Dário Berger como prefeito do município de Florianópolis. Neste capítulo, abarquei um projeto de leitura no âmbito municipal, mas, como essas atividades provêm da esfera federal, é necessário fazer a contextualização política, social e cultural do período, já que perceber as repercussões de iniciativas federais na esfera municipal é um dos meus objetivos neste trabalho.

O objeto de pesquisa, assinalado, é o *Clube da Leitura: a gente catarinense em foco*, iniciativa da PMF, oriundo de uma vontade política e respaldada pelo PNLL; nesse sentido, analisei essa política de 2006 e a Lei nº 12.244/2010, assim como o impacto na conjuntura política da época.

2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS DE LEITURA NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO

A Figura 1 a seguir se propõe como uma estratégia ou um mapa mental de leitura que intenta auxiliar na compreensão das políticas públicas de leitura.

Figura 1 – Plano Nacional do Livro e da Leitura



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

O livro, a leitura e a biblioteca são objetos de estudos e debates principalmente dentro do campo das humanidades. Neste estudo, a temática se situa no campo da Educação, na vertente da História e Historiografia da Educação, aqui inscrita nos estudos da História Cultural. A partir desse arcabouço teórico, percebi alguns vestígios de ressonâncias, rupturas e possíveis continuidades desses

objetos pautados na legislação local de 1946 e uma nacional de 2010, e um documento nacional do ano 2006, o PNLL. Abordei o Decreto-Lei nº 3.735/1946 no intuito de dar continuidade às reflexões atribuídas à dissertação, assim como observar ressonâncias no prescrito para a biblioteca e os clubes de leitura no PNLL e na Lei nº 12.244.

Adotei, nesta tese, como anunciei anteriormente, o conceito de políticas públicas proposto por Heidemann e Salm (2009), quando afirmam que elas são ações de instituições que, de alguma maneira, servem à comunidade, promovendo essas iniciativas. O conceito, segundo Agum, Riscado e Menezes (2015), resulta de diversas colaborações disciplinares por se tratar de um campo pertencente a diversas áreas. Não tenho a intenção de discutir correntes teóricas acerca de diferentes conceitos de políticas públicas, mas tomei uma noção que mobilizei ao longo deste texto e assumi dois pressupostos: primeiro, o *corpus* documental em tela são políticas públicas emitidas pelos governos no seu tempo e lugar. Nesse raciocínio, o segundo pressuposto leva às palavras de Faria Filho (1998 *apud* BAMBERG, 2016), que a legislação é inspiradora de novas práticas a partir da apropriação realizada pelos sujeitos de uma comunidade e/ou sociedade e, portanto, estou atento ao raciocínio de Garcia (1995 *apud* FARIA FILHO, 1998), em que toda legislação é uma fonte de expressão ideológica do seu tempo e lugar.

Em um salto temporal, no qual se apresenta esta tese, o PNLL (BRASIL, 2006) e a Lei nº 12.244 (BRASIL, 2010) se inserem em um país com um contexto democrático ou em um clima de consolidação da democracia. Nesse circuito, quero levantar o debate sobre o incentivo à leitura por meio de políticas públicas nesse tempo histórico.

O cenário político social brasileiro, no início dos anos 2000, apontava para um horizonte de expectativas otimistas no que dizia respeito às políticas sociais voltadas à cultura, à educação, ao livro, à leitura e à ascensão social das camadas mais pobres do país para a classe média. Diversos avanços no campo educacional ocorreram durante esse período, como o investimento no Ensino Superior com o custeio e o investimento nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), na Educação Básica, levando em conta a importância do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), que foi investido mais de dez vezes o valor destinado ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino

Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), no período de 1995 a 2002, pelo governo antecessor (PINTO, 2009).

A literatura científica aponta para algumas questões um pouco controversas no que diz respeito à mercantilização e à privatização do ensino nesse período chamando a atenção, mais uma vez, para o legado deixado no governo anterior. Por essa razão, tenho procurado, neste trabalho, explicar a expansão do incentivo às políticas educacionais e seus reflexos no incentivo à leitura. Segundo explica Aguiar (2016, p. 9):

A análise das políticas adotadas pelo governo Lula indica que este privilegiou algumas questões da agenda da educação superior, como a ampliação e democratização de acesso, inclusive procurando o viés da equidade, ao contemplar populações historicamente não atendidas, quer por razões econômicas, quer, aliadas a estas, raciais. Outra questão que mereceu destaque entre as políticas implementadas é a representada pelo par qualidade/massificação, uma vez que houve um razoável aperfeiçoamento dos instrumentos de avaliação, como garantidores da qualidade do sistema, ao lado de um grande incremento da educação a distância, com enfoque francamente massificador.

Uma política de ampliação e de democratização do Ensino Superior é uma ferramenta implementadora e necessária para a construção de um país com a cultura leitora. Isso foi feito atendendo às camadas mais pobres, com políticas públicas de acesso a espaços nos quais essa população não circulava, aumentando a possibilidade de competição no mercado de trabalho com as classes mais elitizadas. A cultura de investimento significativo em educação e cultura resultou no incentivo à leitura, por meio da criação de dois projetos importantes na história do livro no Brasil: o PNLL (BRASIL, 2006), que aponta diretrizes para fomento e democratização da leitura, e a Lei nº 12.244 (BRASIL, 2010), que trata da universalização da biblioteca escolar em todas as instituições de ensino, públicas e privadas, garantindo, com isso, a participação de profissionais especializados na gestão da biblioteca escolar nessas instituições.

No campo da leitura, após a criação do PNLL, com respaldo do Ministério da Cultura (MinC) e do MEC, ampliaram-se os espaços de leitura no âmbito das bibliotecas públicas, como os do Livro Aberto, da Arca das Letras, dos Pontos de Leitura, com desdobramentos estaduais e municipais (BRASIL, 2006). Segundo Martins (2016), tais espaços, que aplicavam os projetos de um órgão federal, tentavam afetar diretamente a cultura ao leitor. Para se efetivar políticas públicas

nesse segmento, era necessário desenvolver atividades complexas e dinâmicas para superar as diversas expectativas geradas pelos consumidores e produtores da área, fazendo com que cada projeto resultasse como produto dessa complexa interação (ALENCAR, 2016).

O PNLL se pauta como um projeto de relevância nacional no âmbito de políticas nacionais que deve reverberar em amplos programas de governo articulados com estados, municípios, empresas e instituições do terceiro setor, divididos por quatro eixos principais que organizam o plano: democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de mediadores; valorização do livro e comunicação; e desenvolvimento da economia do livro (BRASIL, 2006), após um longo debate entre diversos setores da sociedade interessados na ampliação do incentivo à leitura, entre eles a importância do Programa de Formação do Aluno e do Professor Leitor e do Viva-Leitura – Ano Ibero-Americano da Leitura (2005), desenvolvido pelo MinC.

O planejamento para as políticas de incentivo ao livro e à leitura, nesse contexto de governo federal, transitava entre a educação e a cultura, áreas nas quais os dois ministérios tiveram o papel primordial de incentivar a leitura em um país que, naquela conjuntura (2002), atravessava as mais diversas crises. O Brasil tentava, além de tudo, superar um grande desafio: o de acabar com a fome e a miséria. Para que fosse possível pensar em uma nação com uma cultura leitora, fez-se necessária uma agenda na política nacional com a dinamização e a criação de políticas públicas para o fomento, levando em consideração, além da luta contra a fome, o contexto de um país orientado pelas políticas econômicas neoliberais que ocuparam espaço na maioria dos países latino-americanos. O acesso à leitura, nesse enquadramento, não era prioridade (MARTINS, 2016).

Neste trabalho, interessa compreender como o cenário das políticas de leitura em nível federal foi, de algum modo, apropriado em uma suposta cultura leitora em nível municipal, alinhada com projetos de incentivo à leitura nas escolas municipais de Florianópolis por intermédio do Debec e dos seus desdobramentos. Uma possível apropriação dessa cultura por parte do município podia ou devia criar estratégias de leitura e um fomento com maior amplitude em uma cultura escolar.

Adotei uma perspectiva elucidada por Sala (2018), na qual a autora analisa o impacto de políticas públicas de leitura em nível federal e nas bibliotecas escolares municipais, compreendendo o Plano Nacional de Educação (PNE) e sua

recomendação para a implementação das ações direcionadas pelo PNLL (BRASIL, 2006). A autora mostra que, entre os anos 1980 e 1990, os municípios brasileiros passaram a ter um importante protagonismo nas políticas educacionais. Nesse sentido, levando em consideração a abrangência do PNLL, pude observar que este tem a intencionalidade de “[...] se criar uma política de Estado e não apenas um programa de governo, constituindo-se como a proposta de maior abrangência realizada no país na área do livro, da leitura e da biblioteca [...]” (SALA, 2018, p. 109).

A tese de Cordova (2016) me inspirou na movimentação desse aporte teórico-metodológico, apresentando a ideia de ressonância na pesquisa histórica e o entendimento entre presente e passado, traçando um diálogo entre as ideias de Greenblatt (1990) e Koselleck (2006). Tal trabalho foi apresentado ao PPGE na linha História e Historiografia da Educação da Udesc, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha, e teve como objeto a Escola Normal em Lages-SC, movimentando as ideias entre presente e passado para problematizar os conflitos de interesse no campo escolar a partir de diversas fontes, como jornais e ofícios, assim como fontes virtuais, a exemplo de *blogs* e *sites*. O estudo aponta para a luta de grupos pelo poder de decidir sobre os bens culturais escolares a serem preservados. A pesquisa não propôs como recorte temporal “[...] a construção de uma história reversa, mas uma aproximação com as novas necessidades de mediação com o passado” (CORDOVA, 2016, p. 50).

Nesse sentido, entendo que a noção de ressonância está ligada a um objeto específico para atingir um universo de forma mais ampla, ultrapassando as barreiras culturais (GREENBLATT, 1991). Assim, parti da perspectiva que esse entendimento dialoga com a compreensão proposta por Koselleck (2006), na qual o autor discute que o historiador, ao mergulhar no passado, se confronta primeiramente com vestígios, mas, ao transformar esses vestígios em fontes, ele se movimenta em dois planos, obtendo a possibilidade de o pesquisador se deslocar em diferentes momentos do passado, com a perspectiva no tempo presente. Mais especificamente neste estudo, compreendo a oportunidade de pesquisar como vestígios de políticas públicas de leitura no passado (1946) ressoa ou não nas políticas do livro, da leitura e da biblioteca no tempo presente (2006, 2010).

2.2 O DECRETO-LEI Nº 3.735/1946

O decreto em tela tem sua origem no Decreto nº 2.991/1944, dirigida a inspetores escolares, auxiliares de inspeção, diretores e professores dos estabelecimentos de ensino de Santa Catarina, com um único assunto: as associações auxiliares, isto é, a Liga Pró-Língua Nacional, a biblioteca, o jornal escolar, o clube agrícola, o Círculo de Pais e Professores, o museu escolar e a Liga de Bondade. A biblioteca apresenta características de uma associação que deveria caminhar em conjunto com outras associações de leitura, como o clube de leitura e a Liga Pró-Língua Nacional no processo de incentivo à leitura¹¹ (SILVA NETO, 2015).

O clube de leitura, segundo a definição do Decreto-Lei nº 3.735/1946, é apresentado como um “[...] espaço que desenvolva na leitura o gosto pela boa leitura” (SANTA CATARINA, 1946, p. 100) e uma importante fonte para o desenvolvimento social e cultural, atuando com a biblioteca. Esta, por sua vez, se constituiria então a parte material, “[...] e o clube da leitura, a parte espiritual da associação” (SANTA CATARINA, 1946, p. 101). As bibliotecas compunham o espaço físico dos grupos escolares, e seu acervo era adquirido de dois modos: doações e verbas públicas. Além disso, constava no decreto que o acervo deveria ser conservado e ampliado sempre que possível (SILVA NETO, 2015). De acordo com as diretrizes para a biblioteca no Decreto nº 2.991, se lê:

4º - As bibliotecas serão constituídas e aumentadas com as contribuições angariadas e com os donativos em espécie e dinheiro feitos por qualquer pessoa ou entidade. [...]

S 1º - Por meio de recortes devidamente colecionados em volumes, as bibliotecas deverão ser enriquecidas sempre. Para a execução desses volumes, haverá uma estreita colaboração entre professor e alunos, desenvolvendo, assim, o gosto pela leitura de jornais e revistas e o aproveitamento da parte sadia das publicações (SANTA CATARINA, 1944, p. 5).

Segundo o Decreto nº 2.991/1944, o gosto pela leitura (livros, jornais e revistas) e as suas práticas deveriam fazer parte de um trabalho integrado entre as bibliotecas e os clubes de leitura envolvendo professores e alunos.

¹¹ Biblioteca, clube de leitura e Liga Pró-Língua Nacional são associações auxiliares da escola com foco na leitura, contudo, nesta tese, abordei apenas os dois primeiros, por ambos serem os objetos discutidos na dissertação e por não necessitar aprofundar a pesquisa com mais fontes e bibliografias a respeito da Liga Pró-Língua Nacional.

O Decreto-Lei nº 3.735/1946 evidencia que a formação de “grandes homens” às atividades bem-sucedidas, em um futuro adulto, seriam frutos de uma ação leitora a partir das práticas, acompanhados de suas diretrizes o aperfeiçoamento cultural, a harmonia no ambiente escolar e o oferecimento de um ambiente propício para as práticas de leitura (SILVA NETO, 2015).

Segundo Machado (2002), o Decreto-Lei nº 3.735/1946 possibilitou o crescimento dos clubes de leitura e, por consequência, o estímulo à leitura com objetivos e diretrizes específicos. Esse espaço na escola valorizava a leitura silenciosa como a sua prática oral, além de socializações de suas práticas, o que, por sua vez, se concretizava na construção de culturas escolares nos grupos. O prescrito para o clube de leitura e a biblioteca, no Decreto-Lei nº 3.735/1946, no que diz respeito ao incentivo à leitura, condiz com a representação de uma tentativa na implementação de uma cultura leitora na sociedade necessariamente iniciada na infância. Os dados apontam que essa cultura tinha como valores nacionalistas baseados nos preceitos da Escola Nova nos quais protagonizavam as disputas pedagógicas no período investigado.

Pautado nessa interpretação do decreto, entrelaço uma leitura crítica ao analisar o PNLL, publicada pelo MEC em 2006, com o objetivo de observar como é tratado o incentivo ao livro e à leitura, os mediadores de leitura e no que se aproxima e/ou se diferencia do Decreto-Lei nº 3.735/1946 nas diretrizes para bibliotecas e ações semelhantes ao clube de leitura para a prática de leitura.

2.3 O PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA (PNLL)

O PNLL foi inspirado por princípios de acesso democrático à leitura e acreditando na sua importância futura para o país provoca uma reflexão, no entendimento de que a leitura é ferramenta necessária para a emancipação de uma nação, cumprindo também o que já previa a LDB (BRASIL, 1996): a capacidade de aprender é fomentada por meios básicos no pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

A lei federal como suporte de reverberação em culturas estaduais e municipais caracteriza esse projeto de Estado, tanto no fomento à leitura e ao livro com investimento quanto nos profissionais mediadores, que terão a responsabilidade de movimentar costumes culturais na sociedade, tendo como

suporte locais propícios para as atividades – focando, neste trabalho, para as bibliotecas escolares, lugares que irão movimentar o conceito de culturas escolares (FRAGO, 2002), por meio de suas práticas leitoras –. A leitura como prática social dentro do ambiente escolar pode movimentar uma cultura, criando momentos de sociabilidades e sensações que estimulem o conhecimento, as sensibilidades e a imaginação de toda uma comunidade escolar por meio de ações que podem interagir com as próprias por mediadores bem qualificados, como propõe o PNLL em suas diretrizes (BRASIL, 2006).

As duas chaves principais que abrangem a justificativa da criação do PNLL são: combate ao analfabetismo e desenvolvimento intelectual de leitores. Eles caminham para o que posso chamar de “incentivo à leitura emancipatória”, no sentido de formar leitores na sociedade por meio de projetos e políticas públicas em seus mais diversos lugares e setores com profissionais habilitados a fim de, como reflexo, trazer o desenvolvimento econômico e social para um país que caminhava para o desenvolvimento (BRASIL, 2006).

Nesse sentido, observei a leitura como prática integrativa de sociabilidades, atentando que a leitura, como lembra Chartier (1999), é o engajamento de corpo, a inscrição em um espaço, a relação consigo e com os outros. Portanto, os pontos que citei anteriormemnte fazem parte dessa interação que propõe o PNLL, fazendo com que a leitura, a partir de suas potencialidades, seja prática interativa entre indivíduos diversos que compõem uma sociedade, cuja meta é se tornar leitora (BRASIL, 2006). A leitura como prática social e integrada a um projeto de nação dissolve em camadas coletivas, criando uma cultura leitora, uma cultura do livro.

Os eixos de ação contidos no PNLL convergem com a ideia da ampliação das bibliotecas em diversos âmbitos como espaço de leitura e fomento, idealizando o conceito de biblioteca como detentora do saber ou aquela que, segundo Chartier (1999), reúne todos os livros jamais escritos, o desejo de construir espaços capazes de acolher a memória do mundo.

Saliento, nesse sentido, que o PNLL apresenta uma estrutura de implementação baseada por leis e regulamentos por meio de instâncias diretivas e de financiamentos – levando em conta que estes, por sua vez, devem ser, segundo o PNLL, autossustentáveis por orçamentos de seus promotores, sejam eles públicos ou privados (BRASIL, 2006). De um modo didático, posso assumir que o PNLL é de grande extensão e tentei aqui levantar os pontos principais para o debate a respeito

da temática da tese. Com inspirações teóricas em Chartier (2006) e Frago (2002), elenquei os elementos da cultura leitora que podem ser reverberados em projetos que serão analisados no decorrer da pesquisa, levando em consideração que os projetos de leitura dentro de culturas escolares passam por aspectos econômicos, sociais, políticos e geográficos. A partir disso, discuto o Projeto de Lei nº 12.244/2010 e seus aspectos voltados para o fomento à leitura.

Na tentativa de ter uma compreensão mais clara do funcionamento do PNLL, construí um fluxograma (Figura 1, que comentei no início do tópico 2.1) com as etapas e os principais eixos de ação para o fomento à leitura nos estados e nos municípios brasileiros para compreender o alcance do plano do clube da leitura. A partir desse contexto, abordo, a seguir, a Lei de Universalização das Bibliotecas Escolares.

2.4 A LEI Nº 12.244/2010: UNIVERSALIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

A biblioteca escolar ocupa um lugar indispensável no ambiente escolar e faz parte, concretamente, da categoria de culturas escolares. Além de seu espaço físico, a figura do profissional habilitado para a função é a de mediador e disseminador da informação com o objetivo de transformá-la em conhecimento. Com o volume massivo de informação e a necessidade de organizá-la, a figura do profissional bibliotecário no mercado de trabalho ficou cada vez mais evidente, expandindo-se para diversos setores. Um dos mais movimentados é, evidentemente, o setor da biblioteca escolar, pois tem como função uma diversidade de trabalhos a fazer, desde a organização e a catalogação dos livros até o processo de fomento à leitura e de contação de histórias.

Nesse contexto, com a força de entidades, sindicatos, associações e movimentos estudantis, surge a Lei nº 12.244, sancionada em 24 de maio de 2010, fruto de um amplo debate promovido por diversos setores sociais e políticos, incluindo diversos partidos políticos e representantes de diferentes projetos.

A lei prevê que instituições de ensino, públicas e privadas, de todos os sistemas de ensino do país, contarão com bibliotecas nos termos da lei, considerando o contexto de biblioteca escolar como uma coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinado à consulta, à pesquisa, ao estudo ou à leitura:

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do país deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de bibliotecário, disciplinada pelas Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2010, online).

Mais de uma década se passou e a realidade das instituições brasileiras não é a prescrita acima. A biblioteca escolar, como lugar de disputa, situa-se no campo da Educação como um organismo vivo dentro da pluralidade de culturas escolares e, dentro dessa conjuntura, é ainda necessário um esforço de conselhos, associações, sindicatos e intelectuais para que o prescrito seja posto em prática. Ao longo desses mais de dez anos, alguns pesquisadores oportunizaram discussões em torno da lei, com o objetivo de refletir a prática e estimular o diálogo nos campos da Biblioteconomia e da Educação.

Um dos trabalhos pioneiros a se debruçar sobre esta lei é a dissertação de Carvalho (2013), no campo das Letras, com foco nas histórias e representações vivenciadas por educadores no contexto de bibliotecas escolares. Com uma abordagem conceitual pautada na História Cultura e na Linguística, a autora prevê, com base na Lei nº 12.244/2010 e no Manifesto IFLA/Unesco para bibliotecas escolares (UNESCO, 1994, 2004), a análise de fontes escritas e das memórias de leitura por parte de educadores. Ela conclui sobre o espaço das bibliotecas e dos projetos de leitura, ao traçar um paralelo entre o silêncio muitas vezes presente nessas relações e a possibilidade de a biblioteca ser um lugar de socialização para a leitura na escola.

São muitas as possibilidades em aberto para a pesquisa sobre o percurso da Lei nº 12.244/2010, o que não é o meu objetivo neste trabalho, apesar de ter que discorrer sobre, para situar o leitor na tal conjuntura. Nesse sentido, cabe, no tópico a seguir, discutir as possíveis proximidades e rupturas acerca do *corpus* documental sobre as políticas públicas de incentivo à leitura apresentadas até aqui: o Decreto-Lei nº 3.735 (BRASIL, 1946), o PNLL (BRASIL, 2006) e a Lei nº 12.244 (BRASIL,

2010), levando em consideração todas as especificidades e as diferenças um decreto, um plano e uma lei.

2.4.1 Ressonâncias entre leis, decretos, documentos e tempos

Investigar a história do livro, da leitura e da biblioteca no Brasil, na perspectiva da História Cultural, remete-me ao que aponta Darnton (2010), que propõe pensar o livro como um “circuito das comunicações”, levando em consideração os aspectos históricos, sociais e econômicos de cada lugar. Segundo esse pesquisador, o livro compreende um circuito que parte do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e alcança o leitor, encerrando o circuito influenciando tanto o autor “antes quanto depois do ato de composição”, pois os próprios autores são leitores.

Nessa direção, cabe, neste estudo, tentar organizar um diálogo no que se refere o Decreto-Lei nº 3.375/1946, uma política pública que, em suas diretrizes, aponta caminhos para o incentivo à leitura e quais são suas possíveis ressonâncias nas políticas públicas de leitura contemporâneas. É possível encontrar semelhanças nos prescritos para a biblioteca escolar? A partir da perspectiva de Koselleck (2006), pensando na possibilidade de reconstruir fatos, a partir dos vestígios nas políticas públicas de leitura, tento responder a essas questões.

A referida legislação aponta para a relevância de uma biblioteca escolar na formação na formação escolar:

Desde os primórdios da reorganização do ensino em nosso estado, as bibliotecas ocuparam sempre um lugar de destaque nas organizações escolares. Desenvolvendo-se, em torno da campanha do bom livro, um trabalho de cooperação, não foi difícil a organização de bibliotecas nos estabelecimentos de ensino (SANTA CATARINA, 1946, p. 69).

Já o PNLL reforça esse entendimento a partir dos primeiros eixos de ação: implantação de novas bibliotecas e fortalecimento da rede atual das bibliotecas. Ambos reforçam a implantação de novas bibliotecas municipais, escolares e comunitárias, funcionando com direcionamento às práticas culturais, assim como o fortalecimento e a consolidação de um sistema nacional de bibliotecas públicas por meio de um sistema integrado, colaborando para que bibliotecas se tornem centros geradores de cultura (BRASIL, 2006).

A discussão da biblioteca como espaço cultural, vislumbrada nos itens no *corpus* documental acima, também encontra respaldo na literatura e no campo da História Cultural, quando Vidal (2004) convida a essa reflexão a partir de seus estudos, pensando a escola como um espaço multicultural e de inclusão. Sendo assim, segundo essa autora, a biblioteca escolar é o lugar apropriado para o exercício desse princípio, isto é, ela seria um espaço multicultural e multidisciplinar por excelência.

Amorim (2009) defende, na sua dissertação, que o PNLL é um direito cultural a partir de uma política pública de incentivo à leitura, versando sobre o conceito de cidadania/democracia cultural e sua relação com o marco regulatório mundial de garantia de direitos culturais como um direito à cidadania em sociedades democráticas – tendo como exemplo, de forma detalhada, a apresentação do PNLL: o trabalho procura retratar a leitura no Brasil e a maneira como o PNLL contribuiu com as demandas culturais brasileiras – inserindo o cidadão no “mundo simbólico” da leitura e investigando se suas diretrizes levarão ao atendimento de suas propostas culturais.

O Decreto-Lei nº 3.735/1946 aponta que, para além de a biblioteca ser apresentada como um espaço cultural, o seu acervo deve ser composto por livros cuja leitura se torne ao alcance da inteligência infantil e que seu conteúdo contribua para o desenvolvimento cívico, moral e intelectual. Percebo o apelo nacionalista na época não apenas no prescrito para a biblioteca escolar, mas também para as demais associações auxiliares da escola, premissas que faziam parte da tentativa de implementação de um modelo pedagógico escolanovista no estado catarinense (SANTA CATARINA, 1946). No século XXI, o PNLL, em seus eixos de ação, aponta para a democratização do acesso e explicita que os acervos devem ser compostos com base nas recomendações da Unesco, incluindo livros em Braille, digitais e audiolivros. Além disso, as bibliotecas devem se atentar para a circulação e a atualização desse acervo (BRASIL, 2006).

Acompanhei, nesse sentido, as transformações ocorridas ao longo do tempo e as suas ressonâncias, observando o movimento no qual a história “[...] só poderá reconhecer o que está em continua mudança e o que é novo se souber qual é a fonte onde as estruturas duradouras se ocultam” (KOSELLECK, 2006, p. 327). Busquei, nesse viés, vestígios dessas continuidades no incentivo à leitura na Lei nº

12.244, que também trata dos acervos em bibliotecas escolares, mas sem especificar o conteúdo.

A discussão sobre o conteúdo e/ou a ampliação de acervos em bibliotecas escolares se entrelaça, como pode observar com o ambiente proposto para a prática de leitura e a construção de novas bibliotecas escolares. Nesse sentido, Vidal (2004) aborda que, para além da expansão desses acervos nas bibliotecas escolares, é necessário criar uma atmosfera bibliotecal acolhedora e confortável, além de tentar colocar a biblioteca escolar nas grades de horário das atividades escolares, associando-a ao trabalho pedagógico. Compreendo que esse movimento se caracteriza na tentativa de reforçar o papel das bibliotecas escolares como parte orgânica das culturas escolares produzidas no ambiente escolar.

Além da composição do acervo e da sua expansão, percebi o movimento da tentativa e da ampliação das bibliotecas escolares, no caso da Lei nº 12.244 (BRASIL, 2010) e do PNLL (BRASIL, 2006), a expansão nacional, já o Decreto-Lei nº 3.735 (BRASIL, 1946) se ocupa da expansão estadual das bibliotecas. Segundo tal decreto-lei, o trabalho em cooperação em torno do objeto livro torna mais fácil a organização de bibliotecas nos estabelecimentos de ensino, de modo que as suas atividades tenham reflexos nos espíritos dos educandos. Nesse sentido, as bibliotecas deveriam ser organizadas em todas as escolas, com o maior número de livro possível.

Koselleck (2006, p. 140) explica que esse movimento da história diz respeito “às formas de representação às dimensões temporais”, no qual os planos temporais se condicionam, contudo não se fundem na sua totalidade, o que me permite observar a trajetória das políticas públicas de leitura no Brasil, suas ressonâncias e suas narrativas, obtendo a Lei nº 12.244, aprovada em 2010 e em tramitação até os dias atuais (2022).

A Lei nº 12.244/2010 tem como mote a ampliação das bibliotecas escolares no Brasil e o objetivo de uma possível universalização. Trata-se de uma lei suficientemente robusta que acompanha os avanços graduais de construções de políticas públicas que maturam o seu teor teórico-prático, abrangendo possibilidades de uma mais palpável aplicabilidade em torno do objeto de lei (SILVA, 2019). Nesse caso, dialogando também com o PNLL (BRASIL, 2006), quando propõe a ampliação e a implementação de bibliotecas escolares e dotação de acervos – Programa

Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) –, que propõe a instalação de bibliotecas em todas as instituições de ensino do país e um profissional habilitado para atuar nelas.

Parto do pressuposto da ressonância das diretrizes propostas pelo PNLL para a construção de uma cultura leitora em nível nacional, ressoando nos estados e nos municípios pela implementação e ampliação de bibliotecas escolares seguindo o padrão proposto pela Unesco, por meio do fortalecimento de profissionais habilitados e a criação de pontos de leitura. Esse pode ser o sonho do início de uma biblioteca sem muros ou sem fronteiras proposto por Chartier (1999). Essa possibilidade pode ser observada em paralelo à proposta do PNLL, tomada por iniciativa do MinC, que também começou um investimento no campo das bibliotecas comunitárias a partir da proposição do programa Mais Cultura. Fernandez, Machado e Rosa (2018) explicam que o programa previa linhas de ações, e que as bibliotecas comunitárias faziam parte da segunda linha – cidade cultural –, fomentando a sua integração aos sistemas municipais e estaduais de bibliotecas públicas, assim como o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e o estabelecimento de um forte diálogo entre as bibliotecas públicas, municipais e estaduais e as comunitárias.

Sobre semelhanças e diferenças, percebi que a Lei nº 12.244 tem por si só o objetivo explícito da universalização (ou a tentativa de implementação) das bibliotecas escolares. São muitos caminhos a serem percorridos ainda, levando em consideração as disputas políticas e ideológicas enraizadas no campo da história do livro e da biblioteca. Nesse caminho, o Decreto-Lei nº 3.735/1946 e o PNLL apresentam mais semelhanças entre si, até porque ambos contêm diretrizes com as quais devem ser trabalhadas para que seu fim seja alcançado.

Destaco, com isso, a importância do investimento em bibliotecas escolares, além do que já discuti nesta tese a respeito do Decreto-Lei nº 3.735/1946 e como é percebida a relevância desses espaços na formação intelectual dos educandos. O PNLL revela que as duas chaves principais que justificam a sua criação são o combate ao analfabetismo e o desenvolvimento intelectual de leitores; ambas caminham para o que posso chamar de incentivo à leitura emancipatória, no sentido de formar leitores por meio de projetos e políticas públicas em seus mais diversos lugares e setores com profissionais habilitados, a fim de, como reflexo, resultar no desenvolvimento econômico e social em um país voltado para essa direção (BRASIL, 2006).

Para toda a conjuntura negativa existente em uma sociedade, é necessário criar mecanismos de superação desse cenário. Nesse quesito, a questão do livro e da leitura participa como política de Estado emancipatória, considerando que a leitura é uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos (CHARTIER, 1999) e desenvolvimento de sensibilidades e sociabilidades. Nesse sentido, o PNLL dialoga com preceitos conceituais no que diz respeito ao livro e à leitura, com base em princípios norteadores que servem de inspiração ao projeto ser colocado em prática pelos diversos setores que contribuem para tal plano (BRASIL, 2006).

Outro princípio norteador relevante aqui é a **biblioteca como dínamo cultura**, reconhecida como ambiente propagador de informação e cultura, educação continuada, local de entretenimento e estímulo de bens artísticos e culturais, de promoção da interação e do diálogo entre os livros e as novas gerações. A **literatura** é o princípio norteador do PNLL na formação do leitor, a partir de três funções essenciais enumeradas por Antonio Candido, que se resumem na necessidade, em nossas vidas, de ficção, de natureza formativa e de oportunidade para o leitor de conseguir um vasto conhecimento de mundo (BRASIL, 2006). Esse princípio norteador também está presente no Decreto-Lei nº 3.735/1946 e na conjuntura de culturas escolares por meio da presença massiva de bibliotecas escolares, que tem como missão a Lei nº 12.244 (BRASIL, 2010).

Sendo assim, considero, nessa abordagem histórica, o circuito completo do livro e da leitura no campo da História da Educação, o objeto livro como o impresso que transmite mensagens, transformando-as durante o percurso em pensamento para o texto, letra impressa e novamente pensamento. A história do livro e das bibliotecas, nesse diálogo, interessa-se por cada fase individual e coletiva do circuito, observando as variações no tempo, na história e suas relações com os sistemas econômicos, sociais, políticos e culturais no qual o livro se insere (DARNTON, 2010).

O *corpus* documental neste capítulo dialogou com as políticas públicas voltadas ao livro, à leitura e as bibliotecas. O Decreto-Lei nº 3.735/1946 traz diretrizes específicas para o fomento à leitura, assim como a ampliação e o investimento em bibliotecas escolares na época em Santa Catarina, e a Lei nº 12.244 prevê, pela primeira vez, a ampliação em nível nacional da instituição biblioteca escolar. Na mesma chave, compreendo que as diretrizes do PNLL apontam para a criação de novos espaços de fomento à leitura e de que a biblioteca

escolar é um organismo vivo dentro das culturas escolares, nas quais esses espaços podem ser transformadores no que diz respeito às práticas de leitura. As pesquisas com essa abordagem têm ganhado novos olhares, tornando-se narrativas, que vão desde a produção dos textos até a circulação e o consumo dos materiais (CASTRO; BORGES; CASTELLANOS, 2020).

O Decreto-Lei nº 3.735/1946 prevê diretrizes para a implementação do ensino primário em Santa Catarina. Interroguei nesta tese o sentido de compreender o prescrito para o livro, a leitura e a biblioteca, e constatei que ele prenuncia instruções para tais atividades por meio das associações auxiliares de leitura, promovendo o incentivo à cultura leitora e movimentando o conceito de culturas escolares no contexto de redemocratização do país.

A partir desse entendimento, compreendi o PNLL vislumbrando o entendimento sobre as bibliotecas escolares e o incentivo à leitura como uma política pública de leitura emancipatória de Estado, cujo objetivo é promover a leitura por meio do investimento em bibliotecas e projetos culturais em nível nacional, reverberando suas diretrizes em estados e municípios ao redor do Brasil.

Nesse sentido, analisei a tramitação da Lei nº 12.244/2010 e sua contextualização histórica entendendo que, para a concretização de uma política pública de leitura, é necessário ir além do prescrito. Observando a tramitação, são nítidos o seu sentido de fomento à construção de bibliotecas escolares e o sonho da universalização desses espaços como lugares educativos e culturais. Contudo, pude perceber que é necessário um esforço em conjunto da sociedade, levando em consideração associações, sindicatos, grêmios estudantis e outras entidades para fazer valer o esforço do que está prescrito em lei, para que esta se torne realidade e uma efetiva política pública de leitura.

O Decreto-Lei nº 3.735/1946 se aproxima do PNLL no sentido de encaminhar projetos e ideias para o incentivo à leitura e para a ampliação de espaços que promovam a prática da leitura, diferenciando-se no quesito de que o Decreto-Lei nº 3.735/1946 singulariza com as bibliotecas escolares. Já o PNLL, além de debater as bibliotecas escolares, aponta para espaços alternativos para o incentivo à leitura como “[...] salas de leitura, bibliotecas circulantes e pontos de leitura (ônibus, vans, peruas, trens, barcos etc.)” (BRASIL, 2006, p. 27).

Compreendo que a Lei nº 12.244 abrange o livro e a leitura, e essa legislação é a primeira política pública de leitura que prescreve a biblioteca como objeto central

e principal de discussão. Aponto que a Lei nº 12.244 pode ser uma consequência ou uma reverberação do PNLL e do Decreto-Lei nº 3.735/1946, que não apontavam a biblioteca como objeto central, mas sim os livros e a leitura.

Com isso, posso pensar que se criou a necessidade de uma política pública que configurasse a biblioteca como objeto principal de discussão para poder dar conta do volume massivo de livros e promoção de leitura que o PNLL, por exemplo, direciona. Com essa proposição de incentivo à leitura e ao consumo de livros, onde ficariam organizadas essas obras nos espaços educacionais? Quais profissionais habilitados poderiam dar conta dessa demanda? A Lei nº 12.244 aponta para a biblioteca escolar e o profissional bibliotecário para suprimirem estas necessidades (BRASIL, 2010). Para além da organização dos livros e da promoção da leitura, há também a valorização do campo da Biblioteconomia, podendo-se vislumbrar na Lei nº 12.244.

São perceptíveis, nesse contexto, as ressonâncias do Decreto-Lei nº 3.735/1946 e do PNLL, por configurarem em políticas públicas para o livro e a leitura, respectivamente. Contudo, é somente em 2010 que surge uma lei que prescreve a biblioteca como espaço de leitura em todas as instituições de ensino, considerando a biblioteca escolar como um local caracterizado por coleções de livros e/ou materiais de outros suportes, assim como pelo pensamento de desenvolver o esforço progressivo para a universalização das bibliotecas escolares, pressupondo-se a ideia do incentivo à leitura e a promoção para implementação de novos espaços de leitura. Portanto, posso refletir que a Lei nº 12.244 não configura uma ressonância de políticas públicas de leitura, mas sim uma consequência da expansão destas.

A reflexão proposta aqui é que, para além das disputas ideológicas e políticas, os objetos livro e biblioteca fazem parte do conjunto de atividades que abrangem o campo da educação e da cultura. Os esforços para a criação de planos e leis nos dias atuais são necessários para que pelo menos se possa discutir a viabilidade e o trabalho que precisa ser feito para pôr em prática o prescrito. Em tempos de desmontes de políticas públicas e o seu não investimento, é necessário que os campos da Educação e da Cultura pautem as discussões em torno desses objetos de modo com que possamos disputar e dialogar com a sociedade sobre a importância que uma biblioteca escolar tem na sua comunidade, assim como a leitura e o objeto livro devem ser pensados como instrumento básico, e não como

privilégio. Minha percepção é de que as políticas públicas analisadas revelam o caráter cultural e educacional que o espaço da biblioteca tem na sociedade, assim como na importância de adquirir um acervo amplo e de qualidade para as bibliotecas escolares, com o objetivo estimular e formar leitores. Nesse sentido, proponho, nesta tese, o debate e a reflexão histórica a partir desse cenário, para pensar o impacto dessas ações nos dias atuais e a importância de uma política pública de fomento à leitura para um país como o Brasil.

As fontes me fazem pensar na força e na necessidade expressa de políticas públicas para o incentivo de acesso do livro, à leitura e à instituição bibliotecas como política de Estado, e não apenas política de governo. Este tópico teve como objetivo discutir a conjuntura em que projeto Clube da Leitura está inserido, contextualizando os leitores a respeito de políticas públicas do livro, da leitura e das bibliotecas, observando prescrições passadas e ressonâncias no tempo presente. O Clube da Leitura em tela é fruto de um conjunto de forças em níveis nacional e municipal para promover uma ação de incentivo à leitura e formar comunidades de leitura.

2.5 FORMAÇÃO DE LEITORES

Os clubes de leitura, fenômeno antigo e presente no mundo anglo-saxônico no século XIX, tiveram, durante muito tempo, uma imagem ultrapassada, interessando pouco aos pesquisadores, contudo, a partir da década de 1990, eles se multiplicaram em vários países ao redor do mundo, tornando-se populares na Inglaterra e nos Estados Unidos, colaborando com a movimentação do comércio do livro (PETIT, 2009) e obtendo uma forte colaboração com o uso das TICs, que favorecem a divulgação das atividades e práticas de leitura. Otto Dann (*apud* DARTON, 2010) explica que os clubes de leitura, no contexto alemão, forneceram bases sociais para uma pluralidade distinta da cultura burguesa no século XVIII, que cresceram, segundo o autor, em uma velocidade espantosa, principalmente nas cidades do norte do país.

De acordo com Bortolin e Santos (2014), pesquisas no Brasil e no mundo ao redor dos clubes de leitura estão mais intimamente ligadas à comercialização dos livros e no aquecimento da indústria cultural do que na história dos projetos, do

incentivo à leitura, na formação de leitores ou dos mediadores de leitura¹². Milton (2002) aponta que, no Brasil, o Clube do Livro, representado como empresa, teve início marcado de suas atividades em 1943, com o objetivo de disseminar os livros nas casas das famílias brasileiras “[...] e, dessa forma, os pais leriam para seus filhos dando início a uma população que tinham em seus lares os primeiros contatos com o livro e conseqüentemente com a leitura” (BORTOLIN; SANTOS, 2014, p. 156).

Em Santa Catarina, em específico no município de Florianópolis, percebo a presença dos clubes de leitura em grupos escolares a partir de 1944, de acordo com o Decreto nº 2.991. Seguindo a mesma lógica do conceito de clube de leitura, que discuti na Introdução deste trabalho, surge o projeto na RME com perceptíveis características de socialização de leituras, práticas de leitura, diálogo com mediadores de leitura, promoção de autores locais e colaboração para uma cultura escolar leitora.

O projeto foi iniciado sob coordenação da até então professora de Língua Portuguesa e pedagoga Heliete Shutz Millack¹³. Até meados de agosto de 2009, o projeto ocupou-se de realizar as três primeiras etapas do cronograma metodológico em relação ao levantamento das obras, à divulgação do projeto e ao envio dos materiais para as unidades educativas (RELATÓRIO, 2009). O segundo encontro foi realizado em setembro de 2009. Para a ocasião, foi acordada a leitura da *Coleção de bruxinhas*, da autora Eloí Elisabet Bocheco¹⁴, cuja discussão foi prevista para o dia 21 de outubro daquele ano, dando margem de mais ou menos um mês para a leitura. Também foi organizada uma entrevista e homenagem futura para o escritor Nilson Mello¹⁵. Ficou estabelecido, também, que, por falta de tempo, em 2009 não

¹² Os estudos levam em consideração também as outras denominações, como: clube do livro, roda de leitura, grupos de leitura etc.

¹³ Mestre em Educação, na linha Ensino e Formação de Educadores, pelo PPGE/UFSC (2015). Tem experiência na área das Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, no Ensino Médio e Fundamental. Atuou como assessora pedagógica e formadora na SME de Florianópolis, nos períodos de 2008 a 2012 e 2015 a 2016. Participou do grupo Literalise: grupo de pesquisa sobre literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária. Nos dias atuais, encontra-se aposentada pela RME (CURRÍCULO LATTES, 2018; RELATÓRIO, 2009).

¹⁴ Natural de Zortéa, é graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), foi cronista premiada pela Academia Catarinense de Letras, em 2007. Autora de obras como: *O pacote que tava no pote*, *Ó de casa* e *Roda moinho* (LITERATURA INFANTIL..., 2012a).

¹⁵ Autor, funcionário público, jornalista, radialista e um dos fundadores da Academia São José de Letras e da São João Evangelista, de Biguaçu. Autor de obras como: *Aventuras de Boca Doce*, *Companheiros e missões de um pássaro* (LITERATURA INFANTIL..., 2012b).

se fariam mais trabalhos de produção escrita com os alunos (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

Nesse segundo encontro, a professora e a bibliotecária promoveram a socialização de um trabalho de leitura em conjunto na EBM Padre João Alfredo Rohr (CLUBE DA LEITURA..., 2009). Além dos processos de práticas de leitura e sociabilidades presentes nesse segundo encontro, notícias de investimentos para o funcionamento do clube foram colocadas em pauta:

- recebemos mais de 180 livros de autores catarinenses em doação;
- no encontro de ontem, cerca de 130 livros foram colocados à disposição para empréstimo das integrantes do "clube";
- o projeto foi divulgado no IV Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina, da Unisul, onde estiveram presentes vários escritores e escritoras catarinenses, entre eles(as) Alcides Buss, Urda Klueger, Maria de Lourdes Krieger, Cléo Busato e Luana Von Linsingem, os(as) quais demonstraram ter disposição para se encontrarem com participantes do "clube";
- foi entregue um carimbo com o selo do "clube" para cada unidade educativa que participa do projeto (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2009).

Esses primeiros encontros de formação ocorreram no Debec e serviriam para concretizar e fundamentar a existência do clube, assim como iniciar a ideia da cultura leitora na RME, cultura que demonstra ser imprescindível o papel dos professores e bibliotecários trabalhando em conjunto. Um ponto marcante nesse começo, também, foi o envolvimento de autores catarinenses no projeto e quanto isso ajudaria a alavancar o trabalho de incentivo à leitura por meio de socializações, debates e trocas de experiências entre profissionais que estão iniciando o trabalho de incentivo à leitura e aqueles que já têm certa caminhada no universo leitor, formando uma **comunidade de leitores** (CHARTIER, 1999).

Pautando-se em Certeau, Chartier (1999, p. 13) observa as práticas de leitura, identificando “[...] disposições específicas que distinguem comunidades de leitores e as tradições de leitura”. Nesse sentido, visualizei exemplos no Clube da Leitura como uma comunidade de leitores, apresentando uma série de contrastes, desde competências em leitura até interesses e expectativas, pois o projeto abrange diferentes escolas com diversas culturas (FRAGO, 2002).

Nesse sentido, observo o terceiro encontro de formação, quando o Clube recebeu a visita da autora Yedda de Castro Brascher Goulart¹⁶, que ministrou uma palestra ao grupo de professoras e bibliotecárias presente:

A fala teve um viés motivacional, no sentido de se trabalhar com a leitura, assim como chamar a atenção para a importância de se valorizar uma cultura regional, no caso, a literatura catarinense. A autora exemplificou outros estados brasileiros que têm trabalhado intensamente a questão da cultura local na literatura, como Rio Grande do Sul, Pernambuco e São Paulo. Yeda também atentou para as questões econômicas, para a importância do investimento por parte dos poderes públicos na promoção da leitura de obras de autores catarinenses (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

A questão da importância do fomento à cultura local me remete ao debate travado por Chartier (1995) sobre cultura popular, no sentido de compreender que uma cultura regional vai depender das apropriações que se fizerem dessa cultura. A relevância de uma cultura popular ou local se dará na disputa entre mecanismos sociais nos quais estamos inseridos, ou seja, em uma economia capitalista e globalizada. O autor recorre aos conceitos de estratégias e táticas propostas por Certeau para exemplificar que a chamada cultura popular pode ser considerada como tática para a produção de uma literatura do seu “próprio lugar”, desviando da estratégia a existência preestabelecida de um lugar de poder, substituindo-a pela tática de considerar o clube como lugar de produção da literatura regional.

No quarto e último encontro, antes de levar as atividades com os autores para as escolas, as programações com os mediadores de leitura foram confirmadas e agendadas. A ideia era levar os escritores para fazerem uma atividade pós-leitura com os alunos. A atividade consistia em uma leitura da obra pelos participantes do Clube para depois fazer um encontro com o autor e, a partir deste, realizar uma atividade cultural, como uma poesia, um teatro ou um texto livre. Nesse encontro, ficaram agendadas as visitas dos seguintes autores: Maria de Lourdes Krieger Locks, Peninha, Alcides Buss, Eloí Elisabete Pacheco e Yedda de Castro Goulart (CLUBE DA LEITURA..., 2009). Essas reuniões ocorreram entre outubro e novembro, e os encontros foram agendados para o mês de dezembro.

¹⁶ Licenciada em Letras pela Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), representou, durante oito anos, a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantojuvenil (AEI – LIJ) em Santa Catarina. Autora de obras como: *Aventuras na Ilha da Magia*, *Aventuras da Serra* e *A Felicidade se conquista com a gentileza* (LITERATURA INFANTIL..., 2012c).

Os dados mostram que o projeto se iniciou em 2009 com as atividades de leitura nas unidades educativas e que, ao longo desse tempo, as formações ocorreram no Debec, assim como o agendamento com os autores das obras. O registro online começou a ser realizado também a partir desses encontros, em formato de relatórios, com o objetivo de registrar e guardar a memória do projeto, esta com a função de preservar informações que podem facilitar o acesso para fins de pesquisa, atualização de impressões e informações passadas ou que a tenham como informações passadas (LE GOFF, 2016).

A partir do momento em que os encontros com os autores começaram a ocorrer nas unidades educativas, passou-se a registrar também essas atividades no *blog* oficial. A primeira visita, seguindo a agenda, foi a da autora Maria de Lourdes Krieger Locks¹⁷ na EBM Osmar Cunha, localizada no Norte da Ilha, no bairro Canasvieiras. A atividade consistiu em uma conversa com alunos do 3º ano, que já haviam feito uma leitura de duas de suas obras: *Ana levada da breca* e *Irmão sanduíche*. A socialização em torno da visita teve um tom pessoal, um diálogo intimista e uma troca de referências literárias, durante a qual a autora teve a oportunidade de debater sobre literatura, vida, casamento, maternidade e o Brasil, demonstrando como a leitura oportuniza espaços de diálogos diversos e estímulos a sensibilidades por parte de crianças e adultos (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

O segundo encontro foi com Gelsi José Coelho, mais conhecido como Peninha, historiador e divulgador da obra de Franklin Cascaes, também na EBM Osmar Cunha (Figura 2). Na atividade mediada pela bibliotecária Lidyani, Peninha falou sobre a imigração açoriana, a chegada dos portugueses ao continente americano e sobre uma das culturas de Florianópolis: entre Cascaes e Benzedeiros (CLUBE DA LEITURA..., 2009). Foi um esforço em realizar uma tarefa interdisciplinar que envolveu conhecimentos advindos de historiadores no sentido de elucidar, em uma perspectiva histórica, a história da cultura florianopolitana para os alunos.

¹⁷ Natural de Brusque, teve seu primeiro livro publicado em 1969. É formada em Letras, mestre pela UFSC e autora de obras como: *Brincando de olhar estrelas*, *Segredos do coração* e *Um monstro mora em mim* (LITERATURA INFANTIL..., 2012d).

Figura 2 – Encontro com Peninha



Fonte: CLUBE DA LEITURA... (2009, online).

O terceiro encontro contou com a visita do escritor Alcides Buss¹⁸, dessa vez para uma atividade diferente: uma entrevista na EBM Padre João Alfredo Rohr, localizada no bairro Córrego Grande. Mediado pela professora e pela bibliotecária, o encontro consistiu na apresentação ao escritor de trabalhos realizados pelas turmas 41 e 42 sobre duas de suas obras: *Poemas do ABC* e *Pomar de palavras*. Com essas leituras, foram realizadas dinâmicas do móbile literário, o varal literário e o acróstico com o nome do autor. Além disso, houve declamação de um poema por

¹⁸ Natural de Salete, foi diretor cultural na prefeitura de Joinville e editor da revista literária *Cordão*. Foi professor de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Fundação Educacional da Região de Joinville (Furj), atual Universidade da Região de Joinville (Univille) e de Teoria literária na UFSC. É autor de obras como: *O professor é um poeta*, *Transação*, *Contemplação do amor* e *Segunda pessoa* (LITERATURA INFANTIL..., 2012e).

parte da turma 42 e uma entrevista “livre” com Alcides sobre a vida, o time de futebol e a literatura (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

Álvarez-Álvarez e Vejo-Sainz (2017), em um estudo sobre clubes de leitura em bibliotecas escolares da Espanha, apontam que as atividades, como as elencadas acima, permitem que os leitores possam socializar a compreensão da leitura, podendo constatar suas próprias apropriações do texto fundamentando e aprofundando ainda mais a prática de leitura, promovendo e incentivando possíveis debates. As autoras concluem a importância de um clube de leitura na escola em quatro aspectos: compreensão leitora; educação emocional; fluência literária; e leitura como prática cotidiana (ÁLVAREZ-ÁLVAREZ; VEJO-SAINZ, 2017).

A presença de obras consegue contemplar esses quatro aspectos previstos pelas autoras, que podem ser identificados nas atividades do Clube da Leitura. Um exemplo é a presença de Alcides Buss, que traz uma longa trajetória dentro da cultura catarinense no fomento à literatura, com a qual ele se tem debruçado sobre diversos segmentos, tanto da literatura infantil e juvenil quanto em poemas direcionados ao público adulto. Destaca-se, entre suas obras, o livro *Janela para o mar* (2012), no qual o autor dedica sua poética à beleza do mar. Entre os muitos poemas constantes no livro, ressalto o intitulado *Interdições*:

O dia é todo
De amor
Se diante do mar
Descubro que sou
O lugar de mim mesmo

O dia é todo
De abismos
Se acaso descubro que amar é estar
Onde estar não se pode

O dia é todo
Em círculo: avança
Sem começo nem fim
No imenso mar
De minhas entranhas
(BUSS, 2012, p. 22).

Percebo as referências utilizadas pelo autor e o estímulo à imaginação, característicos de suas obras, destinadas a qualquer faixa etária. Em 2012, ano da publicação do seu livro, o poeta foi reconhecido com o prêmio de Personalidade Literária do Ano pela Academia Catarinense de Letras e Artes. Desde então, tem se

dedicado à poesia para o público livre, com as obras *Viver (não) é tudo* (2015) e *Em nome da poesia* (2018).

O quarto encontro contou com a presença da jornalista e escritora Giovana Terezinha da Silva Rutkoski¹⁹, na EBM Antonio Paschoal Apóstolo, no bairro Rio Vermelho. A autora respondeu às perguntas de alunos e revelou que uma das suas grandes inspirações foi a escritora Maria de Lourdes Krieger: aos 10 anos de idade, depois de assistir a uma palestra da autora na escola em que estudava, Giovana escreveu seu primeiro livro. Foram socializados também textos produzidos pelos alunos, com ilustrações, revelando seus sonhos de vida, trabalho mediado pelos participantes do Clube. Também colaborou para o encontro um grupo de contadores de história da UFSC. Nesse encontro, uma ex-aluna da escola leu um poema de sua autoria, intitulado *Ilha querida* (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

Noto como a cultura leitora afeta gerações, seja qual for a importância do fomento quando se pretende iniciar esse trabalho. A categoria culturas escolares (FRAGO, 2002) explica esse movimento, pois, a partir do momento em que se desenvolve um trabalho de incentivo à leitura com uma turma ou um aluno, pode-se captar a dimensão que tem uma iniciativa de fomento à leitura, levando-se em consideração não somente o trabalho feito no ambiente escolar, mas também o capital cultural (BOURDIEU, 2004) que carrega esse aluno ou as políticas públicas vigentes presentes naquele contexto.

O quinto encontro foi uma homenagem à escritora Eloí Elisabet Bocheco, na EBM Professor Anísio Teixeira, no bairro Costeira do Pirajubaé, coordenado pela bibliotecária e pela professora. O encontro foi realizado no auditório pelo fato de a organização e a divulgação da atividade terem movimentado grande parte da escola. Segundo o relato, o encontro foi de socializações:

A escritora retribuiu respondendo com sua característica delicadeza a todas as questões que alunos e alunas fizeram a ela, sobre a vida pessoal e a trajetória da produção literária de Eloí. Ela também leu seus poemas favoritos de suas obras "Uni ...duni ...Téia" e "Pomar de brinquedo", com a participação da plateia, é claro. O encontro contou também com a colaboração do contador de histórias José Manoel, que provocou reflexões, risos e a participação das crianças. Foi muito gratificante perceber que toda a equipe de profissionais da escola esteve envolvida nesse evento. A diretora Cláudia esteve presente durante todo o encontro, ajudando na organização, orientando as crianças e muito mais. A orientadora, as colegas

¹⁹ Natural de Florianópolis, jornalista e dedicada ao teatro. É autora das obras: *O sonho de Juvenal e A revolta da natureza* (LITERATURA INFANTIL..., 2013a).

da sala informatizada, os professores de projetos, as cozinheiras, o pessoal da limpeza, alguns professores e professoras da escola envolveram-se de forma cooperativa para que o evento tivesse o sucesso que teve. Prepararam, organizaram e serviram uma mostra da culinária de diversas nacionalidades e regiões, com a orientação dos professores de projetos. Havia a mesa da comida baiana, outra da comida síria, japonesa... Parabéns a todas as pessoas envolvidas, em especial às organizadoras Hilda e Rosicler pelo brilhante exemplo de cooperação e pela significativa experiência oferecidos aos jovens leitores e leitoras das turmas 31, 41 e 42 (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

Nesse caso, explícito como o livro pode ser objeto de socializações em diversos aspectos. Há uma prática de leitura a partir da declamação de um poema, com a participação de todos, com contação de histórias e uma troca cultural a partir da culinária, dando visibilidade à comida baiana, síria e japonesa. Ressalto o trabalho interdisciplinar pelas mediadoras da leitura na unidade educadora. Essas perspectivas de tipos de leitura colaboram para a formação das **comunidades de leitores** por terem diferentes abordagens, dependendo do contexto e dos diversos tipos de leitura (CHARTIER, 1999). Nesse sentido, destaco a declamação do poema em conjunto.

A poesia, como prática de leitura no clube, esteve presente em vários encontros, tendo em vista o papel vital que desempenha na construção de uma cultura leitora. Espeiorin e Ramos (2018) explicam que ela tem a possibilidade de cativar o leitor, incitando-o a interagir com outras manifestações poéticas por meio de suas características, como rima, musicalidade, ilogismo, imagens e enigmas, mobilizando a atenção e a sensibilidade de quem está lendo ou ouvindo.

O sexto encontro contou, mais uma vez, com a presença do poeta Alcides Buss:

[...] desta vez com alunos de 1º ano da Escola Básica Municipal Osmar Cunha, através da articulação da bibliotecária Lydiani e das professoras Mirian e Luciane. As crianças tiveram acesso aos poemas *A poesia do ABC*, pela bibliotecária Lidyani, que fez um trabalho envolvente com elas a partir dessa obra. Além da leitura do poema, os alunos também se envolveram com a vida do escritor. Em seguida, houve a socialização de desenhos feitos pelas crianças a partir da leitura dos poemas e da conversa sobre a vida do autor. Os alunos sabiam, por exemplo, de uma curiosidade do autor, de que ele tivera o desejo de jogar futebol, mas havia desistido depois de ter levado uma bolada (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

Alcides Buss falou sobre a obra e explicou que resolveu escrevê-la a partir de uma dúvida levantada por seus filhos, o que acabou o levando a pensar na questão

da alfabetização, razão por que escreveu um poema para cada letra do alfabeto. Por fim, estimulou os alunos a pensarem nas formas como nos referimos às letras do alfabeto. Logo após as crianças cantaram o “abecedário” para o escritor (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

O sétimo encontro do ano de 2009 contou com a presença da autora Yedda de Castro Goulart, novamente na EBM Osmar Cunha, com as crianças do 3º ano, que tiveram acesso à obra *Aventuras na Ilha da Magia* da escritora. A atividade caminhou no sentido de intercalar a temática do livro com a do filme. A obra audiovisual baseada no livro foi vencedora do Prêmio Cinemateca Catarinense 2001, sendo o primeiro curta da Belli Studio, feito em 2D tradicional. Com 18 minutos de duração, a ficção tem como universo a geografia da ilha de Florianópolis (AVENTURAS..., 2011).

A prática da leitura estimulou os leitores a criarem desenhos sobre a narrativa. Personagens como a Princesinha Carolina e Príncipe Peixinho Lúcio foram os contemplados nas atividades. Os desenhos foram expostos na biblioteca escolar da unidade, para que a autora e a comunidade escolar os pudessem admirar. A autora chamou a atenção para o papel que a ilustração tem nos dias atuais, em relação à literatura, e como esta passou a ser uma profissão mais valorizada no Brasil (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

Nesse caminho, noto que a intencionalidade do Clube de Leitura é como Bertolin e Santos (2014) propõem: além do incentivo à leitura, o projeto proporciona compartilhar experiências de diversas narrativas, buscando valorizar a leitura de jovens leitores, que já são fluentes, com a intenção de seduzir leitores que ainda não têm uma cultura leitora. Além disso, valorizar e dar visibilidade à biblioteca escolar, desafiando os novos leitores a conhecerem seu acervo literário, encontrando novas propostas de leituras, tentando apresentar o universo do livro e da leitura ou um conceito de uma cultura de biblioteca para os jovens e futuros leitores (BERTOLIN; SANTOS, 2014).

Na presença da autora, assim como percebi em outros relatos, a recepção por parte das crianças foi positiva e, com a socialização, surgiram algumas perguntas que envolviam a história do príncipe Peixinho, personagem que muito se envolveu com a turma:

A primeira pergunta representou um misto de curiosidade infantil com a apropriação feita com a obra, e suas ilustrações, que cativaram os

pequenos leitores. “Por que as personagens foram feitas sem rosto?”. A autora explicou que a ilustradora Vera Lúcia Melim Borges²⁰, ao realizar o processo de ilustração do livro, pensou em deixar a imaginação de cada leitor se manifestar, para que cada um pudesse imaginar o seu próprio rosto no personagem com que mais se identificasse, explicando também que o nome Lúcio, dado ao peixinho, significa luz (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

Outras questões que circularam pela conversa foram de comparação entre o livro e o filme. Entre elas, o interesse em saber por que alguns personagens só apareciam em uma plataforma. A autora explicou que esses assuntos foram debatidos com a direção do filme. Como estavam limitados por questões financeiras, só puderam ser feitos 15.000 desenhos, o suficiente para que o filme fosse produzido, o que, ainda assim, levou um ano. Por fim, Yedda distribuiu alguns presentes à turma, entre eles revistas com atividades e história em quadrinhos (HQs). Um exemplar foi doado à biblioteca e outros dois às professoras (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

Ficou nítida, nessa conversa, a menção à biblioteca escolar, presente na atividade do clube, tanto como espaço de organização e guarda da informação quanto de ação cultural, de organismo vivo dentro do ambiente escolar, capaz de promover exposições, debates e o que mais pudesse ser dialogado entre informação e sociabilidades.

Na mesma clave de Bertolin e Santos (2014), Souza (2018) aponta que os clubes de leitura podem ser atrativos para os jovens leitores tanto para a fluência em literatura quanto na leitura preparatória para o conteúdo escolar. No entanto, o autor afirma que há uma maior possibilidade de participação dos jovens se as atividades contarem com obras que dialoguem com suas expectativas e, se possível, as atividades fossem coordenadas pelos próprios jovens leitores, pois um dos desafios que os clubes de leitura em escolas podem enfrentar é a atividade se tornar tediosa. Nesse caso, é melhor que a prática de leitura seja um fenômeno de descoberta do que uma atividade mecânica (SOUZA, 2018).

Percebe-se que o Clube da Leitura *A gente catarinense em foco* tenta fazer esse esforço de tornar as práticas de leitura como atividades de sociabilidades e

²⁰ Nasceu em Lages. Licenciada em Educação Artística – Artes Visuais pela Uniplac, pós-graduada em Metodologia de Ensino das Artes Visuais e em Educação a Distância, atuou profissionalmente como professora universitária, por anos, na Uniplac e na Universidade do Contestado (UnC) e, atualmente, somente na UnC, onde é também coordenadora do curso de Artes Visuais (LITERATURA INFANTIL..., 2013b).

descoberta do universo literário. No dia 10 de dezembro de 2009, por exemplo, ocorreu o oitavo encontro com autores do ano. A atividade transcorreu na EDM Lupércio Belarmio, localizada no sul da ilha, no bairro Ribeirão da Ilha. A socialização contou com a presença da escritora Maria de Lourdes Krieger, que foi recebida com uma encenação de uma de suas obras, *Irmão sanduíche*, e com um café:

Às turmas do 1º ao 4º ano foram apresentados, durante o semestre, quatro livros da escritora, pela mediação da auxiliar de biblioteca Eraci. Durante o diálogo, as turmas comentaram com a autora quais eram os livros de sua preferência. Os livros citados foram: *O destino de redondinho*, *Ana levada da breca* e *Vovó quer namorar*. Este último foi o livro escolhido por Eraci para uma encenação; a profissional lembrou as obras da escritora com a turma e a apresentaram com flores e cartas (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

O envolvimento das profissionais, mediadoras da leitura no clube, é visível. Nesse caso em específico, do relato da auxiliar de biblioteca Eraci, o que chama a atenção é o envolvimento com a prática de leitura com a organização do encontro. Por mais que a realidade em que se encontra a RME seja de não contar com profissionais habilitados atuando nos espaços devidos, é perceptível o esforço por parte dos profissionais, que muitas vezes são readaptados de suas funções para as das bibliotecas escolares, designados a fazer trabalhos de promoção da leitura (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

O Clube da Leitura promoveu, no dia 11 de dezembro, o último encontro do ano com os autores. A atividade de encerramento do projeto, em 2009, contou com uma homenagem ao autor Nilson Mello, presente na ocasião. Segundo relato da atividade, o escritor enfrentou muitas dificuldades ao longo da sua vida para estudar, mas dedicou grande parte do seu tempo a oferecer oportunidades de leitura às crianças, especialmente às que mais necessitavam, chegando a editar seus próprios livros e a doar mais 8.000 exemplares. Em 2009, aos 82 anos, Nilson já não ia mais pessoalmente às escolas com seus livros, mas eles eram apresentados em mediações de leitura (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

Para esse último momento, a escritora e contista Inês Carmelita Lohn elaborou um texto, no qual contava a história de vida e obra do autor, homenageando-o com a leitura. O texto foi intitulado de *O menino arteiro, o homem artista* e terminava da seguinte maneira:

Leva a vida leve como um pássaro. Voa em busca de suas conquistas literárias. Se não encontra um lugar para se abrigar, recomeça seu voo em um novo rumo, porque acredita que, lá na frente, um dia, terá um lugar onde poderá pousar para saborear o gosto das suas letras em forma de histórias (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

No *blog*, ainda, é possível acessar um vídeo feito pelo clube em homenagem a Nilson, que faleceu em 2016, deixando um legado de produção artística, tanto na literatura quanto no teatro (CLUBE DA LEITURA..., 2009).

Os dados mostram que 2009 foi um ano de início de projeto, de trabalho intenso, tendo conseguido promover oito encontros com autores catarinenses do Norte ao Sul da Ilha. Os autores envolvidos foram: Maria de Lourdes Krieger, Alcides Buss, Giovana Terezinha, Eloí Elisabete Pacheco, Yedda de Castro Goulart e Nilson Mello, homenageados no fim do ano. Ficou claro quanto o trabalho colaborou no incentivo à leitura, à socialização, à escrita, à divulgação da literatura regional, à divulgação de autores regionais e com o trabalho interdisciplinar de mediação da leitura nas unidades educativas.

A metodologia do projeto contou com a formação inicial dos seus participantes com os professores mediadores de leitura, em parceria com os bibliotecários das unidades integrantes nesse primeiro ano, servindo como uma primeira experiência na RME e unificando os autores catarinenses e a comunidade escolar. O acervo foi composto em contato com os escritores, professores e bibliotecários, assim como as atividades relacionadas à obra com a turma envolveram esses atores. Segue o Quadro 6 para melhor observar os encontros com autores no ano:

Quadro 6 – Encontros do Clube da Leitura (2009)

Autor(a)	Escola	Encontro
Maria de Lourdes Krieger	Osmar Cunha	1º e 8º
Peninha	Osmar Cunha	2º
Alcides Buss	Padre João Alfredo Rohr	3º e 6º
Giovana Terezinha	Antônio Paschoal Apóstolo	4º
Eloí Elisabete Bocheco	Professor Anísio Teixeira	5º
Yedda Goulart	Osmar Cunha	7º
Nilson Mello	Não identificada	9º

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

É possível observar, tendo o PNLL quanto legislação estratégica para o incentivo à leitura no país, por meio dos relatos analisados, indícios de apropriações com as atividades do Clube da Leitura (BRASIL, 2006). Como já analisei neste capítulo, o objetivo central do PNLL é democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade. Percebo que, no estado, os anos de 2006 a 2009 ainda não apresentaram esforços no sentido de se apropriar do PNLL para o incentivo à leitura. Já no nível municipal, em 2009, foi criado o Clube da Leitura na RME com o objetivo de estimular e incentivar a leitura em Florianópolis.

Antes do primeiro encontro de formação em 2010, o clube participou da Semana Municipal do Livro Infantil de Florianópolis, que ocorreu entre os dias 12 e 18 de abril, promovendo uma série de atividades de fomento ao universo da leitura. Esse evento incentiva a leitura e é voltado para a formação de jovens leitores, envolvendo educadores, escritores e famílias (RELATÓRIO, 2010). Na oportunidade, foi feito o lançamento do livro *Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina*, da escritora Telma Piacentini²¹, além de uma mesa-redonda com escritores catarinenses.

O ano de 2010 foi essencial para a efetivação do projeto na RME. Os primeiros meses começaram com um calendário apertado e o planejamento imposto à educação, sendo que o primeiro encontro do Clube, naquele ano, ocorreu apenas no dia 23 de abril, mas com algumas novidades: o número do acervo aumentou, assim como o número de adesões ao projeto, envolvendo até então 30 professores e bibliotecários de oito unidades educativas, além dos núcleos de EJA. O ingresso de novas escritoras, como Marta Martins e Elaine Debus, assim como o dos escritores Adão Karaí Antunes e Maurício Graipel, geraram expectativas positivas para as atividades que se sucederiam no decorrer do ano. Nesse primeiro encontro de formação, o grupo teve uma conversa com a escritora Marta Martins, que discutiu sobre o novo acervo que estava sendo adquirido pela SME e a motivação que isso acarretaria aos profissionais mediadores da leitura (CLUBE DA LEITURA..., 2010).

²¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Catarina (1969), mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 1985), doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP, 1995), com estágio especializado na Università Degli Studi di Ferrara, Itália (1991). Atualmente, é professora aposentada da UFSC, participa da coordenação e do repositório do Museu do Brinquedo, no Projeto Pergamum, da Biblioteca Universitária da UFSC. Criou o Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina, o Núcleo de Pesquisa Infância Comunicação e Arte (Nica/UFSC-CNPq) e a SME de Florianópolis (CURRÍCULO LATTES, 2020).

Souza (2018) mostra que há diversos elementos que devem ser levados em consideração para que o Clube se efetive e tenha amadurecimento necessário para levar adiante suas atividades. Segundo o autor, o gosto pela leitura não é por si só suficiente para que os participantes estejam presentes: é necessário, no caso do *A gente catarinense em foco*, um engajamento e um trabalho em conjunto por parte dos mediadores (professores, bibliotecários e autores) apostando na vantagem do formato da leitura compartilhada para os aspectos dos estudos escolares, da fluência em leitura ou até dos “[...] aspectos mais subjetivos, como antidoto à solidão ou exercício para diminuir a timidez de falar em público” (SOUZA, 2018, p. 681-682).

A segunda reunião de formação, realizada no dia 2 de junho, teve como interlocutora a professora Elaine Debus²² que, além de autora, é pesquisadora no campo da Literatura. Sua fala se deu em torno de uma de suas temáticas de pesquisa, que é uma abordagem panorâmica sobre a história da literatura infantojuvenil catarinense. Debus expôs uma dinâmica com poemas de Marta Martins, Eloí Elisabete Bocheco e Alcides Buss. Ao final, a escritora Marta Martins ministrou a oficina *Contar histórias é um exercício de amor* (CLUBE DA LEITURA..., 2010):

Houve também uma dinâmica através de um tipo de ciranda literária, na qual professores e bibliotecárias presentes fizeram escolhas de obras a serem trabalhadas com crianças, adolescentes, jovens e adultos da RME, assim como escolheram os/as autores/as catarinenses que farão visitas a suas unidades educativas, dando seguimento às práticas de fomento à leitura iniciadas no ano anterior. Uma decisão tomada em função do atraso burocrático na licitação dos livros, os encontros só poderiam ser feitos no segundo semestre daquele ano. Apenas dois deles poderiam ser realizados no primeiro semestre, pois se tratava de livros que haviam sido recebidos em doação da casa da memória (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2020, online).

A autora Marta Martins realizou a sua primeira visita à escola (no sétimo encontro do ano) pelo clube no dia 14 de outubro, na EDM Osvaldo Galupo, no bairro Agrônômica. Ela teve a oportunidade de ser recebida pela bibliotecária Sandra

²² Natural de Sombrio, reside há 20 anos em Florianópolis. É mestre em Literatura Brasileira pela UFSC, com a dissertação *Entre vozes e leituras a recepção da literatura infantil e juvenil* (1996) e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com a tese *Monteiro Lobato e a formação de leitores* (2001). É professora no Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação (MEN/CED/UFSC), atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação. Membro do Grupo de Estudos de Literatura Infantil e Educação para a Literacia (Libec), da Universidade do Minho, Braga/Portugal, é autora de obras como: *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido* e *Festaria de brincança: a literatura literária na educação infantil* (LITERATURA INFANTIL..., 2012f).

e pela professora Cláudia, em um encontro com a turma do 3º ano. A atividade foi em torno da obra *O medo e seus segredos*, sendo que o debate foi sobre a questão do medo na vida dos envolvidos na atividade.

O livro discute a questão do medo, dos sentimentos, dos segredos, de modo a conversar com o leitor sobre entender e controlar suas emoções. Brincando com as palavras, o livro incentiva e apresenta uma possibilidade de se controlar o medo, deparando-se com animais e objetos que, no imaginário, representam o medo, mas que, se tiver a possibilidade de enxergá-los de outra forma, poderia ter maior controle sobre os sentimentos (GADJER, 2012). Nessa chave, percorreu o diálogo durante o encontro, oferecendo oportunidade para que as socializações debatessem o assunto **medo**, relevante nos tempos atuais (CLUBE DA LEITURA..., 2010). Petit (2009) estabelece que esses tipos de sociabilidades favorecem as transições entre o corpo e o psiquismo. Ao abordar temas como o **medo**, o Clube da Leitura, como comunidade de leitores, trabalha com as subjetividades e o desejo de ler sobre ele.

O ano de 2010 trouxe novas experiências para o projeto nesse sentido, assim como novos autores, oportunizando, conseqüentemente, a abordagem de novas temáticas e novos participantes, como a EJA (CLUBE DA LEITURA..., 2010):

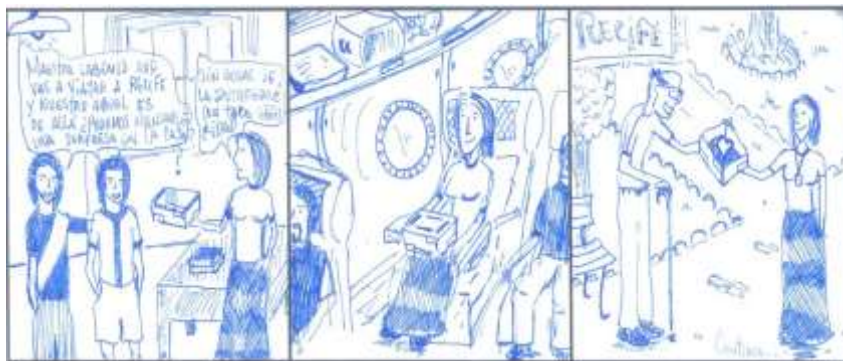
*Julianna Dalla*²³ vai à EJA! O título do relatório do encontro do dia 6 de julho de 2010 chama a atenção pela relevância da prática, que é promover a leitura em espaços como estes, de Educação de Jovens e Adultos. Relatos desta natureza não foram percebidos em 2009, mas, com o avanço do acervo e dos participantes, o projeto pôde ser levado a outros públicos (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online).

A visita da escritora Donícia Maria da Costa à EBM no bairro Saco Grande ocorreu das 19h às 21h para os jovens e adultos e consistiu em uma oficina sobre produção de roteiros de HQs. O encontro ocorreu com aproximadamente 40 pessoas, além de professores-orientadores, envolvendo todos os presentes no processo de socialização caracterizando partilhas culturais a partir de um objeto social (CHARTIER, 1999), em uma perspectiva sócio-histórica, que leva em consideração as práticas com um recorte social e dialógica (FREIRE, 2019) com a

²³ Natural de Curitiba, foi criada na cidade de Florianópolis. É graduada em Comunicação Social (Université Paris 1), certificada em Design Instrucional online (Senac) e estudante de Pedagogia (UCB). Desde a juventude, desenvolve obras de ficção (principalmente educativas), utilizando uma variedade de suportes, incluindo *games*, livros e quadrinhos. Além de escritora, Juliana é tradutora, educadora e autora de obras como: *Banasis*, *O descobrimento do Brasil* e *Nossa América do Sul* (LITERATURA INFANTIL..., 2012g).

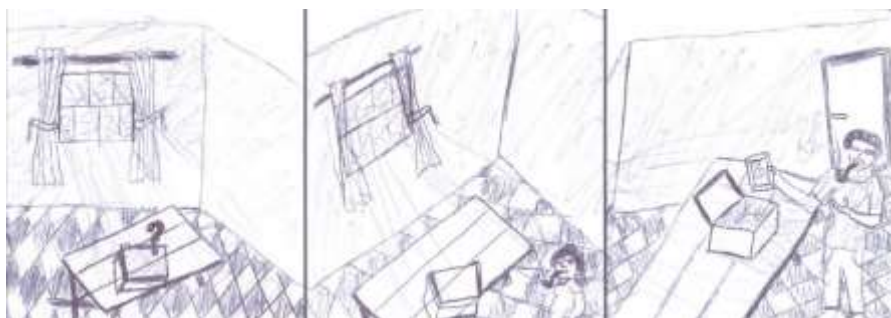
EJA, possibilitando, nesse contexto, as práticas de leitura para além da leitura em conjunto: a elaboração por parte dos leitores, um produto final de duas histórias (Figuras 3 e 4):

Figura 3 – Quadrinho EJA (1)



Fonte: CLUBE DA LEITURA... (2010, online).

Figura 4 – Quadrinho EJA (2)



Fonte: CLUBE DA LEITURA... (2010, online).

As Figuras 3 e 4, que ilustram as HQs produzidas no encontro, tiveram também a contribuição da professora de Artes da unidade, que colaborou com o seu trabalho e evidenciou o processo de aprendizagem ocorrido na oficina. A Figura 3 teve a participação do professor de Espanhol, criando um diálogo entre os personagens, fazendo com que a atividade fosse mais interativa e interdisciplinar, além de envolver os presentes na dinâmica, o que acabou, por consequência, se apropriando também de suas habilidades.

Nessa proposição pensada de formação de uma comunidade de leitores, observo a presença dos autores nesse processo e o trajeto que faz o objeto livro até o momento das práticas de leitura, remetendo-me a Chartier (1999): os autores de

livros não escrevem livros, e sim textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, com o avanço das tecnologias da informação, informatizados. A formação de leitores e de uma comunidade de leitores se dá nesse primeiro processo de escrita do texto para depois se tornar objeto escrito e chegar às mãos dos leitores – no caso desse clube de leitura, os autores estão presentes em todas as etapas do processo, desde o texto escrito até a chegada às mãos dos leitores.

Tomo como exemplo a visita da escritora, que presenteou a unidade educativa e o clube com três exemplares da nova edição de *Banasis*, uma obra em que ela apresenta uma narrativa de um menino que acorda um dia com água salgada no rosto, em um local totalmente desconhecido, e, a partir desse lugar, começa uma aventura com a sua irmã. Os dois estavam perdidos depois do embarque, quando estavam juntos com seus pais e o barco naufragou no meio do oceano (ROJAS, 2012).

Outra obra doada por Juliana foi a HQ com seu roteiro, intitulado *A revolução cubana*. Segundo Rojas (2012), a história apresenta, de forma detalhada, as diferenças culturais que circulavam entre os norte-americanos e os cubanos que habitavam a ilha em 1952 e, depois, os enfrentamentos entre o governo de Fulgêncio Batista e a revolta do povo cubano, liderada por Fidel Castro. Após Fidel deixar a prisão e conhecer, no México, Ernesto Guevara, os dois voltam a Cuba para reorganizar uma revolução. Depois de muitas manifestações, a ditadura de Batista é derrubada e ele foge do país. O livro apresenta ilustrações coloridas que dialogam com o roteiro e procuram envolver o leitor.

O encontro foi um marco no trabalho do Clube, pois inicia uma atividade que envolve o grupo de jovens e adultos da RME. Com o envolvimento de novos autores e participantes nas atividades, as práticas de leituras podem se expandir para um público maior, relacionando novas temáticas e dinâmicas (CLUBE DA LEITURA..., 2010). Essa socialização na EJA remete às palavras de Freire (1989) sobre a EJA com o auxílio de bibliotecas populares, no sentido do incentivo à leitura. Segundo o autor, é necessária uma compreensão de quem medeia a leitura: quem o faz deve entender a prática da leitura como leitura do mundo, do contexto, de um todo. Ter uma biblioteca como centro cultural é um fator fundamental para o desenvolvimento do leitor em processo de educação.

O segundo encontro com autores em 2010 ocorreu no segundo semestre, no dia 3 de agosto. Nessa data, a escritora Marta Martins²⁴ visitou a EBM Professor Anísio Teixeira, com a presença da bibliotecária Maria Hilda e da professora Jheniffer, que realizaram uma prática de leitura com as crianças da unidade, com a obra *Brincar de verdade*.

Brincar de verdade é um livro composto de 11 poemas, que envolvem as temáticas de 11 brincadeiras infantis, respectivamente: roda-pião, jogar bola, soltar pipa, pular corda, brincar de roda, esconde-esconde, passa-anel, berlinda, labirinto, balanço e adivinhação. São jogos que estimulam o imaginário infantojuvenil e que, se forem jogados coletivamente, colaboram no processo de socialização dos envolvidos, além de colaborar com a saúde física e mental da criança (ROJAS, 2012, online).

O encontro com a autora foi dinâmico e teve, mais uma vez, a poesia como ferramenta de socialização em práticas leitoras. Além de poeta, Marta é contadora de histórias, cantora, astróloga e terapeuta, recitou os poemas de sua obra e cantou com as crianças e os adolescentes presentes na atividade.

Nas palavras da bibliotecária Hilda, "o encontro com a Marta foi surpreendente: a autora é muito dinâmica e tem muito jeito com crianças e adolescentes, pois estavam presentes alunos das 5ª séries e do 3º ano. Neste dia, os alunos fizeram perguntas para a autora (sobre suas obras), cantaram, brincaram (a autora trouxe sua mochila com alguns brinquedos) e depois de uma tarde muito agradável tivemos um café com cachorro-quente e muitas guloseimas... tudo organizado pelos alunos, funcionários e professores envolvidos" (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online).

A autora também participou de outro encontro no dia 5 de outubro (sétimo encontro do ano), dessa vez na EBM Batista Pereira, oportunidade na qual a escritora socializou sua obra *Brincar de verdade* com as turmas do 2º e 3º ano. A socialização teve como consequência a montagem de um cenário com massinha de modelar, com a turma do 2º ano, a partir da história de *Maricota e Cocota* e, com o 3º ano, na construção de brinquedos com criação e recriação a partir da obra lida. Poemas também fizeram parte da atividade e foram entregues à escritora após a leitura como forma de gratidão (CLUBE DA LEITURA..., 2010).

²⁴ Natural de São Paulo, vive há mais de 30 anos em Florianópolis. Na década de 1980, instalou nessa capital a Livraria Cuca Fresca, terceira no país especializada em literatura infantojuvenil, que ficou em atividade por quase 30 anos. Atualmente, dedica-se, de forma exclusiva, à edição de livros, com editora homônima. É autora de obras como: *Maricota e Cocota*, *De mãos dadas* e *Semana suada* (LITERATURA INFANTIL..., 2012h).

Outros tipos de socializações, como montagem de cenários para teatro e construção de brinquedos a partir das práticas de leitura, são observados como contribuições para o entendimento de que a história da leitura, nesse caso do clube de leitura, “[...] não deve, pois, limitar-se à genealogia única da nossa maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos” (CHARTIER, 1999, p. 17). Ou seja, na construção dessas comunidades de leitores, percebo a variedade das apropriações da leitura e o resultado que essas práticas configuram no imaginário dos mediadores da leitura e dos jovens leitores.

Ainda nessa construção, integrantes do clube e convidados puderam participar em 2010 de um curso intitulado *Contadores de histórias – nível básico*, promovido pelo Sesc, em parceria com a SME, com o objetivo de disseminar o hábito da leitura, desenvolver a criatividade, a atenção, a concentração e a inovação, por meio de práticas de leitura de histórias:

As aulas ocorreram durante o período de um mês, divididas em cinco módulos de 12 horas e dez encontros, dando a oportunidade aos participantes de vivenciarem, da melhor forma possível, o fazer da atividade da *contação de histórias*. No fim de semana de encerramento do curso, os participantes puderam colocar em prática seu aprendizado com as turmas de vestibulandos da EJA e do Ensino Médio do Sesc, na sexta-feira. No sábado, puderam oportunizar essa experiência ao público do abrigo de menor Lar São Vicente de Paulo²⁵, da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos²⁶ e do Asilo São Francisco de Assis²⁷ (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online, grifos originais).

O terceiro encontro com escritores ocorreu no dia 23 de setembro e teve como convidada a escritora Yedda Goulart, que já realizara atividades com o clube desde 2009. A atividade teve a participação das turmas 32 e 33, assim como da bibliotecária da unidade e de algumas professoras, como a Maricéia, da EJA, que aproveitou a oportunidade para contar a história *Maria sem sombra*. As crianças puderam dialogar com a autora e tirar dúvidas a respeito de seu clássico *Aventuras na Ilha da Magia*. A atividade foi em torno da obra e da vida da autora e contou com um café literário, organizado por professoras da unidade para finalizar a atividade do dia (CLUBE DA LEITURA..., 2010):

²⁵ Localizado na Rua Emílio Blum, 124, no Centro de Florianópolis.

²⁶ Localizada no bairro Armação.

²⁷ Localizado no bairro Santo Amaro da Imperatriz.

A escritora Yedda Goulart participou de mais dois encontros durante o ano de 2010: um, no dia 30 de setembro (5º encontro do ano), na Escola Básica Municipal Albertina Madalena, no bairro Vargem Grande, na qual a autora participou de atividades sobre a obra *Ilha da Magia*, socializando e dialogando com as turmas 51 e 52, atividade mediada pela professora da turma e a bibliotecária da unidade. A outra atividade foi no dia 28 de outubro (11º encontro do ano), em que a escritora foi entrevistada pelas crianças do 5º e 3º ano da Escola Básica Municipal Intendente Aricomedes da Silva. O encontro foi coordenado pela professora Ana Kelly, em parceria com o Núcleo de Tecnologia Municipal²⁸, marcado pela obra e pelo filme. Os participantes do encontro puderam vivenciar uma tarde com a autora, em um diálogo aberto sobre sua vida e produção literária.

Outra autora que deu continuidade às suas participações no clube foi Eloí Elisabete Bocheco. Ela esteve presente nas EBM Batista Pereira (quarto encontro do ano) e Osvaldo Machado (sexto encontro do ano). Todas as atividades contaram com uma leitura prévia de sua obra, o que foi feito pelas professoras e bibliotecárias da escola, com o objetivo de interagir com a escritora e socializar no dia do encontro. A atividade relacionava a obra com a vida da autora e oportunizava às participantes perguntas pessoais sobre sua vida e questões pertinentes à literatura, pois uma dúvida se relacionava à outra e a percepção de que vida e obra dialogam, coisas que não há como dissociar (CLUBE DA LEITURA..., 2010).

Souza (2018) alerta que o modelo de clube de leitura mediado por professores, apesar de trazer segurança no sentido de indicação e pré-seleção de livros, corre o risco de se transformar em uma aula, não proporcionando o prazer literário ou aquilo que a leitura relativamente descompromissada provoca. Contudo, não existe uma ideia única de leitura e até de um conceito de leitura, como discuti na Introdução deste trabalho, com essa ideia. Observo que a construção dessas comunidades de leitores no clube de leitura busca mediadores para além da figura dos professores, como bibliotecários e autores, configurando outras práticas e formas de sociabilidades particulares em uma perspectiva interdisciplinar na visão de um professor, bibliotecário ou escritor. Nesse sentido, em 2010, vejo a presença crescente de mais escritores no Clube:

Dos escritores que tiveram a sua primeira participação no clube um foi o autor Maurício Graipel²⁹, com uma palestra na Escola Básica Municipal

²⁸ Ver o *blog* “Agora o português é com a gente!”, disponível em: <http://agentevareia.blogspot.com/2010>.

²⁹ Graduado em Ciências Biológicas pela UFSC (1993), dedica-se a pesquisas na área de Mastozoologia. A partir de uma ida ao campo, percebeu como a curiosidade das crianças poderia ajudar na conservação da biodiversidade. Pensou em tentar fazer as pessoas olharem com mais

Osmar Cunha (9º encontro do ano). Biólogo de formação, organizou uma aula sobre os animais de Florianópolis, atentando principalmente para os animais em extinção. Telma Piacentini também fez sua primeira visita à Escola Básica Municipal Anísio Teixeira (10º encontro do ano), que movimentou toda a comunidade escolar, ministrando uma aula sobre a importância da leitura e do desenvolvimento da imaginação por meio dos livros (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online).

Alcides Buss também participou das atividades em 2010. No 12º encontro do ano, o autor visitou a EBM Osmar Cunha para a leitura de poemas de sua obra *Poesia do ABC*, que também foi trabalhada em 2009. Segundo os dados, a atividade contou com uma fala do autor sobre a importância da leitura, a criação dos seus títulos de livros e a diferença entre poeta e escritor: “escritor [...] pode ser uma pessoa que escreve textos de vários gêneros, tais como notícias e artigos acadêmicos. Já um poeta é aquele que lê a poesia do mundo e a representa em forma de versos, poemas” (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online).

Por fim, a EBM Osmar Cunha (13º encontro do ano) recebeu, pela primeira vez, a visita do escritor Adão Karaí³⁰, no dia 5 de novembro, reunindo grande parte da comunidade escolar para debater questões expositivas referentes à sua obra *Palavras de Xeramõi*. O relato mostra um rico debate acerca de diferenças culturais que rondam o nosso dia a dia:

A maioria das perguntas remeteram às diferenças culturais, como em: "Vocês elegem o pajé ou têm algum ritual para eleger o chefe ou guerreiro?", "Por que as meninas só podem namorar depois de menstruar pela 2ª ou 3ª vez, e os meninos depois de aprender a andar na floresta, fazer armadilhas e caçar?", "Vocês ainda enterram seus mortos no meio da oca?". Adão, que leciona na Escola Indígena Itaty, no bairro Morro dos Cavalos, em Palhoça, não deixou nenhuma questão sem resposta. Ele explicou, por exemplo, que um índio se torna pajé por opção e vai sendo preparado desde quando a faz. O professor também falou que as meninas recebem uma alimentação especial quando estão menstruadas e que exalam um cheiro diferente durante tal período. A lenda diz que elas podem

carinho para animais pouco conhecidos. É autor das obras *Saru e Histórias da natureza* (LITERATURA INFANTIL..., 2012i).

³⁰ Adão Karaí nasceu em 1957, na aldeia de Barra Grande, no município de Colombo, Paraná. Seu nome indígena é Karaí Tataendy e pertence à etnia xiripá guarani. Foi adotado pelos mbyá-guarani e é filho de Estevão Antunes, mestiço de índio e não índio, e de Maria Joana Martins, indígena da tribo xiripá guarani. Em 1997, a liderança da escola de Limeira o convidou para ser professor bilíngue. A partir daí, começou a frequentar cursos de capacitação de professores indígenas para um currículo diferenciado para a educação escolar indígena. Essa formação durou sete anos. Em 2000, mudou-se para aldeia de Maciambu, Enseada de Brito, município de Palhoça, litoral de Santa Catarina. Foi professor na escola Ka'akupé, da aldeia Maciambu, até 2005. Um ano mais tarde, passou a lecionar na Escola Indígena Itaty, cujo nome é o mesmo da aldeia Itaty (pedreira, em guarani), no bairro Morro dos Cavalos, no mesmo município (LITERATURA INFANTIL..., 2012j).

se transformar em outro animal, caso namorem antes do tempo. Já o menino precisa primeiro aprender a sobreviver sozinho, antes de namorar, para que tenha condições de cuidar de uma família (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online).

Esse relato mostra a prática de leitura exercida pelos leitores, movimentando um debate, no Clube, acerca de suas apropriações da obra de Karaí, levando, devido à temática, a uma abordagem a respeito da diversidade contida na obra. O encontro, como sempre, é uma oportunidade que acarreta momentos de sociabilidades e novas sensibilidades, objetivos intrínsecos às obras literárias.

As atividades de 2010 se encerraram em 23 de novembro na EDM Praia do Forte (14º encontro do ano), protagonizadas pela escritora Marta Martins, a partir de seus textos poéticos envolvendo um trabalho interdisciplinar pelas pedagogas e pela professora de Educação Física da unidade. Esse trabalho tinha como objetivo estimular a coordenação motora, a criatividade e as sociabilidades por parte de todos os envolvidos (CLUBE DA LEITURA..., 2010).

A metodologia adotada em 2010 foi semelhante ao do ano anterior com a aquisição do acervo em contato com escritores catarinenses e as atividades de leitura nas unidades educativas, contando com a participação de professores e bibliotecários, com a diferença de que novos autores passaram a compor o Clube da Leitura, entre eles: Juliana Dalla, Marta Martins, Eliane Debus, Maurício Graipel, Telma Piacentini e Adão Karaí Antunes. Igualmente, novas escolas passaram a participar das atividades: ED Praia do Forte; EBM Intendente Aricomedes da Silva; ED Osvaldo Galupo; EBM Batista Pereira; EBM Osvaldo Machado; EBM Albertina Madalena; EBM Donícia Maria da Costa; e EBM Professor Anísio Teixeira. Para melhor compreender a sequência de encontros no ano de 2010, segue o Quadro 7:

Quadro 7 – Encontros do Clube da Leitura (2010)

Autor(a)	Escola	Encontro
Juliana Dalla	Donícia Maria da Costa	1º
Marta Martins	Praia do Forte, Osmar Cunha e Batista Pereira	2º, 7º e 14º
Yedda Goulart	Intendente Aricomedes da Silva, Albertina Madalena e Donícia Maria da Costa	3º, 5º e 11º
Eloí Bocheco	Osvaldo Machado e Batista Pereira	4º e 6º
Elaine Debus	Osvaldo Galupo	8º

Maurício Graipel	Osmar Cunha	9º
Telma Piacentini	Professor Anísio Teixeira	10º
Alcides Buss	Osmar Cunha	12º
Adão Karaí	Osmar Cunha	13º

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Assim, 2010 foi um período de novos desafios para o Clube, com a entrada de novos escritores e a participação de mais escolas, o que permitiu realizar um trabalho diferente do que foi no primeiro ano. Apesar do calendário apertado, das questões burocráticas, políticas e de a maioria das atividades terem sido transferidas para o segundo semestre, o projeto conseguiu desdobrar outro trabalho de incentivo à leitura. Neste capítulo, para antes de adentrar às práticas de leitura e seus mediadores, objetivei contextualizar historicamente o Clube da Leitura e compreender o cenário em que essa iniciativa de ações de leitura está instaurada.

Por meio das fontes, foi possível perceber que o Clube da Leitura vislumbra formar leitores e que a leitura de mundo no projeto perpassa por questões regionais e problemáticas que vão além do alcance municipal, apesar de sua autonomia, como alerta Sala (2018). A partir desse quadro, busquei destacar as práticas de leitura presentes no projeto, por meio da composição do seu acervo e a categoria de cultura movimentada com as suas práticas.

Neste capítulo, pude contextualizar ao leitor uma breve reflexão de ressonâncias de políticas públicas de leitura no Brasil e o contexto em que o Clube de Leitura está inserido, em uma esteira de propagação do PNLL. Os dados me oportunizaram a reflexão acerca de como se constituiu o Clube de Leitura nesses dois primeiros anos de instalação, assim como o papel dos mediadores de leitura nessa trajetória. Observei, no início das práticas, uma construção de comunidades de leitores a partir de uma reflexão proposta por Chartier (1999), assim como a começar a analisar brevemente algumas práticas de leitura, podendo notar certas intencionalidades propostas pelo projeto e pelas obras escolhidas.

Nesse contexto, no próximo capítulo, apoiado em Santos e Cunha (2020), efetuei uma análise das práticas de leitura iniciadas aqui, com foco nas culturas escolares que movimentam o projeto e os discursos que se permeiam por essas práticas. Atento para as culturas escolares plurais, pautado pela LDB, que justificam o projeto, observando como o Clube da Leitura percebe as diferenças e as diversidades culturais em Florianópolis pelas práticas de leitura. Para isso, trago o

aporte teórico de Chartier (2002) e de autores e autoras nacionais que discutem a categoria de cultura, atentando-me ao entendimento de leitura de mundo, que Freire (1981) orienta a partir do lugar e de cada cultura na qual as práticas de leitura ocorrem.

3 PRÁTICAS DE LEITURA: ENTRE CULTURAS E REPRESENTAÇÕES

Poeta, não tenho lira
De marfim, de prata, ou d'ouro;
Mas tenho grato tesouro,
Gravado no coração;
Um tesouro inesgotável
Por nada, – vês – trocária,
São flores de poesia,
São trenos de uma afeição
(REIS, 2018, p. 267)³¹.

Estudar e investigar práticas de leitura são tarefas desafiadoras. Ao adentrar arquivos, pastas e livros, nem sempre nos deparamos com tesouros capazes de revelar nossas dúvidas ou solucionar nossas problemáticas, contudo é possível encontrar o sensível e compreender as sensibilidades em uma perspectiva científica que, além de ser desafiadora, é encorajadora por conhecermos novos universos nesse amplo campo da História da Leitura.

Nesse pensar e fazer investigativo, especificamente em 2020 e 2021, durante o processo de isolamento social devido à pandemia de covid-19, deparei-me com uma iniciativa da PMF que facilitou o processo de entendimento de como são ocorridas as práticas de leitura e a composição do acervo do projeto Clube da Leitura. Por intermédio da SME de Florianópolis, foi criado o Portal Educacional (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2022), com o intuito de

[...] estabelecer um diálogo direto com toda a comunidade educativa. Estar mais próximo de nossas crianças, adolescentes, jovens, idosos, famílias e profissionais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis é uma forma de atravessarmos juntos esse período (PMF, 2022, online).

Nesse portal e com a visita agendada no arquivo do Debec, pude localizar vestígios que me possibilitaram conhecer e melhor compreender as práticas de leitura no contexto pandêmico, assim como a composição do acervo do Debec e as obras disponibilizadas para o projeto.

A partir da perspectiva de Petit (2009), em que o mundo é um espaço de crise, refleti sobre o papel da pesquisa e da leitura nesse cenário, que é marcado

³¹ Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de março de 1822, em São Luís, e faleceu em 11 de novembro de 1917, em Guimarães. Foi professora de primeiras letras na comarca de São José de Guimarães e procurou a liberdade nas palavras ao produzir obra de forte combate ao período escravista brasileiro.

por uma transformação ampla, capaz de mudar os modos de sociabilidades, podendo operar o caráter social e psíquico do dia a dia.

Nesse viés, algumas reflexões surgem pela abordagem de Petit (2009), como: qual é o impacto das acelerações das transformações consequentes dos momentos de incerteza para o campo da leitura? Em um diálogo com Certeau, Petit (2009) adianta que os processos de leitura se dão por apropriações singulares, o que viabilizei nesse contexto de pesquisa que tem me exigido o senso de descoberta colocado pela autora, vinculando nossas pesquisas com minhas próprias questões singulares. Isso permite escrever nossa própria história a partir do que é vivenciado no momento de crise, ou seja, é quase inevitável o impacto que a pandemia e as incertezas políticas causam em nossas vidas, no nosso modo de escrever e no andamento das pesquisas, principalmente pensando nos estudos em História e Historiografia da Educação, dos quais somos dependentes de fontes e algumas dessas, no atual momento, estão impossibilitadas de ser acessadas.

Ao me deparar com a categoria de cultura dentro do projeto Clube da Leitura, nas suas diretrizes previstas nos relatórios de formação (2009 e 2010), noto o conceito de **cultura** no singular e homogeneizada entre aquela entendida como cultura florianopolitana e cultura catarinense. Contudo, ao observar as atividades de práticas de leitura ou até mesmo a composição do acervo, fica estampado que o conceito reverbera no plural, isto é, observo nítida diferença entre as culturas, apesar de nem todas serem abordadas – nem é a intenção desta tese que eu mapeie os tipos de culturas no estado de Santa Catarina. Porém, nas ações de leitura, observo as diversidades culturais remetendo a Frago (2000, p. 20), ao expor que no cotidiano escolar:

[...] esses modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição.

Escolano (2011) reflete sobre a ideia de que a escola trabalha e apresenta conteúdos, memórias biográficas e elementos constitutivos de identidades biográficas de pessoas. Nesse contexto, observo o Clube da Leitura como construtor de tipos de identidades regionais, alavancando escritores, rememorando folclores,

movimentando um mercado editorial, colaborando com a construção de culturas escolares na RME apoiado em práticas de leitura e de culturas de bibliotecas a partir do momento em que estas são espaços de formação e ação cultural no projeto.

A movimentação dessas identidades, percebidas com discurso, não é novidade no campo da História da Leitura: apoiando-me no estudo de Santos e Cunha (2020), percebo que há permanências e descontinuidades de discursos civilizatórios desde a metade do século XX, notado pelas autoras, que procuraram gerar aspectos para a saúde física e moral da *Série de leitura graduada Pedrinho*, de Lourenço Filho. Nesse sentido, caminhando para o objeto Clube da Leitura, vejo, a partir das práticas de leitura, discursos civilizatórios voltados para um entendimento de culturas regionais, históricas de e em Florianópolis, autores catarinenses e paisagens florianopolitanas.

Assinalados tempo e lugar, Elias (1993), ao refletir sobre processo civilizatório da sociedade, mostra que o processo de civilização não é um estar ou um estado, mas sim um processo seguido, com o objetivo de se viver de um modo civilizado. O conceito de **civilização** diz respeito a um ideário de padrão moral, costumes, “tato social e consideração pelos próximos” por um padrão de classe média e o seu ideário do que é uma sociedade civilizada. Nesse sentido, o processo de civilização diz respeito à eliminação de tudo o que é bárbaro, irracional e que impede o desenvolvimento econômico de uma sociedade. No contexto escolar, no campo das práticas de leitura, compreendo que o processo civilizatório se dá para as crianças por meio da leitura, objetivando torná-las adultas civilizadas (SANTOS; CUNHA, 2020).

Para nosso contexto, esse processo civilizatório se dá pela constituição da representação de uma cultura ou culturas florianopolitanas, assim como as outras categorias movimentadas no clube de leitura, as quais têm intencionalidades que são reveladas por meio da leitura do seu conteúdo e dos relatos encontrados nas fontes.

Nesse viés de abordagem historiográfica, lanço mão do conceito de **representação**. Certeau (2002) sublinha que a representação de modo algum indica o que ela é, contudo busco me aprofundar nesse conceito, nos pressupostos de Chartier (1990), ao mostrar que ela é um dispositivo de disseminação cultural do mundo social como categorias de percepção do que é real. As representações, por sua vez, podem ser apresentadas de formas variadas, levando-se em consideração

o contexto político, econômico e social dos grupos que a constroem com práticas que contribuem com o reconhecimento de uma identidade social, símbolos e formas (CHARTIER, 1990). Pautado nesse preâmbulo sem necessariamente o esgotar, pretendo entrever culturas do lugar florianopolitano como assinalo no subtítulo que se segue.

3.1 O INÍCIO DO CLUBE DE LEITURA

Este tópico tem uma perspectiva contextualizadora e histórica, da conjuntura política da RME de Florianópolis nos primeiros dois anos de implementação do Clube da Leitura. A literatura mostra que os anos de 2009 e 2010 são rememorados por uma época de debates intensos referentes ao direito dos trabalhos em paralelo a políticas fomentadas pela PMF que não estão de acordo com a categoria dos servidores públicos municipais.

A gestão de Dário Berger na educação na PMF (2005-2013) representa um paralelo entre consolidações de políticas públicas e projetos e a desvalorização do fazer docente. Santos (2013) mostra, em sua pesquisa de Mestrado, a total intensificação do trabalho docente no período pela determinação de “economizar professores”, fazendo com que docentes da RME cumprissem as mesmas tarefas em maior quantidade, somando-as a questões relacionadas à gestão da escola e aos conflitos sociais presentes nela. A autora também aponta para uma gestão marcada pela não contratação de professores efetivos, pela não melhoria das estruturas físicas das escolas e pelo aumento dos alunos em sala de aula, sucateando, assim, o fazer docente.

O trabalho de Leandro (2014) analisa o campo educacional em um recorte temporal que dialoga com a gestão Dário Berger, Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva. A autora afirma que, embora pertencentes a diferentes projetos de sociedade e partidos políticos, há uma sintonia entre eles quando se aborda a questão da educação integral no Brasil. Tendo Florianópolis como local de pesquisa, Leandro conclui que o projeto contribui com a desqualificação do professor, por incentivar um trabalho voluntário, e aumenta a privatização do ensino público, transferindo recursos públicos à esfera privada por meio de parcerias.

A educação municipal em Florianópolis, durante esse período, foi marcada por questões de privatização e pelas condições de trabalho docente na rede. O

sistema apostilado foi um desses marcos, que se pode relacionar com o controle do fazer docente com a própria desqualificação do trabalho, método que depreciou o uso do livro didático. Mesmo as escolas que adotaram o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) acabaram por entrecruzar as atividades com o sistema apostilado, fazendo com que o interesse privado adentrasse, por estratégia política, na RME (FRUTUOSO, 2014). As políticas de incentivo à leitura passavam por questões de interesses políticos dentro dessa conjuntura, no momento em que um paradigma cultural da esfera federal tentava criar uma atmosfera com políticas públicas e projetos de fomento à leitura que, às vezes, acabavam por esbarrar em conflitos políticos e burocráticos no plano municipal.

A partir da implementação do PNLL, entendo o reflexo nos estados e municípios no que diz respeito às iniciativas de fomento à leitura. Em Santa Catarina, é nítido, nessa conjuntura, o esforço municipal em iniciar os projetos em prol dos livros e das bibliotecas, tendo como exemplo o trabalho que já citei – *Clube da Leitura: agente catarinense em foco* –, por intermédio do Debec, uma iniciativa da RME da PMF, entendendo esse trabalho, pelos olhos de Certeau (1995), como uma “tática”, por ser uma iniciativa que apresenta uma saída para a problemática da cultura leitora no município e por ser um projeto que depende do trabalho interdisciplinar dos profissionais da PMF, pela necessidade de suprir, muitas vezes, a ausência e o investimento do estado, como mostro no subcapítulo seguinte.

As fontes coletadas aqui foram observadas no *blog* oficial do Clube da Leitura e em visitas agendadas ao arquivo do Debec³², que dispõe da documentação registrada em relatórios sobre as atividades do projeto de 2009 a 2019.

3.2 PRIMEIROS ENCONTROS

Formar leitores e mediadores de leitura, a partir da criação de clubes, ou melhor, pontos de compartilhamento de experiências de leitura, como forma de incentivar o desenvolvimento do gosto pelo ato de ler, ampliar a história de leitura e promover o acesso ao “mundo” da leitura e à produção literária infantojuvenil de Santa Catarina (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

³² O processo de entrada no arquivo foi realizado com agendamento prévio, respeitando todo o protocolo de segurança e higiene exigido pelos órgãos de saúde pública, entre os meses de outubro e dezembro de 2020.

Analisar o projeto Clube da Leitura, em uma perspectiva histórica, é tarefa relevante na tentativa de se perceber as apropriações das ações do PNNL, com vistas à formação de leitores e mediadores, ao compartilhamento da vivência literária em momentos de sociabilidades, por sua importância no Debec e pela movimentação de uma cultura leitora reverberada em Florianópolis. Esse estudo é determinado pelas práticas de leitura em si no período pesquisado, considerando o objeto livro e o lugar (CERTEAU, 2006). Neste tópico, descrevo como ocorreram os encontros dos anos iniciais do Clube da Leitura, tarefa facilitada por relatos e imagens que ilustram as práticas de leitura. Há, entre elas, fotos dos encontros e capas das obras utilizadas.

Como demonstrei na revisão da literatura na Introdução, são ainda tímidas as pesquisas que abordam o tema do clube da leitura, menos ainda as que atentam para o estudo do local, como o desse projeto, que têm como foco Florianópolis. Procurei analisar aspectos históricos da criação do clube, assim como as políticas voltadas a práticas de leitura contidas em relatos no *blog* do Clube da Leitura, da SME de Florianópolis, por meio do Debec, interpretando as apropriações e reverberações do projeto em relação ao PNNL. O projeto é elaborado e organizado no Debec, que tem sede no CEC, um setor dentro na SME que concentra formação continuada para os servidores da PMF. Alguns dos serviços oferecidos são:

- inscrições, frequência e certificados de cursos;
- agenda da formação permanente;
- cursos e eventos;
- formação de diretores e coordenadores do EJA;
- educação a distância (EAD);
- estágio, pesquisa e extensão (Apex);
- programa institucional de bolsa de iniciação à docência (Pibid);
- banco de dados do professor formador e catálogo de dissertações e teses;
- licença para aperfeiçoamento profissional;
- plataforma Freire;
- serviço voluntário.

A palavra “clube”, segundo o dicionário Aurélio, tem como definição um agrupamento de pessoas que se reúne habitualmente em um local próprio para recreação, jogos, atividades culturais e práticas de esporte (FERREIRA, 1993). O clube de leitura tem, por sua vez, o objetivo de agrupar alunos, professores e bibliotecários em prol do fomento à leitura, partindo de um conhecimento prévio de seus integrantes como forma de inseri-los no universo da leitura (CLUBE DA LEITURA..., 2009). Não consegui acesso aos relatórios que dissertam sobre a criação do Clube, assim como as suas atribuições e os seus mentores.

A área de atuação do Clube pretende abranger todas as unidades educativas pertencentes à SME, tendo como público-alvo professores dos Projetos Educativos (Anos Iniciais), de 4^{as} e 5^{as} séries do Ensino Fundamental da RME que “[...] almejem fazer um trabalho diferenciado com seus (suas) alunos(as) no horário de suas aulas e/ou no contraturno e se interessem pelo projeto” (RELATÓRIO, 2009).

A partir desse quadro, organizei as ações do clube por escola participante e a equipe pedagógica interdisciplinar. Nos próximos subitens, analiso o percurso inicial das práticas de leitura do Clube sob o olhar da História Cultural, utilizando como metodologia a análise de fontes apresentadas nos relatórios anuais contidos no Debec (2009-2020), assim como os relatos armazenados no *blog* oficial do Clube (2009-2017). A reflexão do cruzamento de dados neste subcapítulo tem como objetivo compreender o início do projeto.

O universo da leitura, nesse sentido, parte da realidade e da vivência profissional em que o Clube está inserido, uma prática geograficamente florianopolitana que configura as culturas escolares reverberadas nos projetos de leitura. Esse mundo da leitura, segundo os pressupostos de Freire (1989), auxiliará no momento em que os mediadores de leitura compreendem o papel do incentivo à prática leitora a partir da leitura de mundo em que cada indivíduo está inserido. A leitura passa a fazer mais sentido quando se faz presente na realidade e no fazer diário pela apropriação a partir do que é concreto e familiar em uma rotina de um ser leitor. O Clube foi criado com esse objetivo.

Os registros mostram que, em abril de 2009, se iniciou o debate no Debec como um marco inicial do que o Clube viria a ser:

O projeto “Clube da Leitura: a gente catarinense em foco” está sendo desenvolvido no Departamento de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis/SC desde abril deste ano. Como o próprio nome

sugere, o projeto destina-se à criação de clubes, ou melhor, pontos de trocas de experiências de leituras, em especial, as de autores(as) catarinenses, nas escolas pertencentes à Secretaria Municipal de Ensino de Florianópolis.

Além de ampliar o incentivo ao hábito da leitura entre todos(as) os(as) participantes do “clube”, é também uma oportunidade de formação para professores(as) dos anos iniciais (1º ao 3º anos, 4ª série e EJA), bibliotecários(as) e auxiliares de biblioteca.

Para esse fim, foram previstos encontros de formação, nos quais haverá troca de experiências, fornecimento de material, oficinas e encontros com alguns autores(as) catarinenses (CLUBE DA LEITURA..., 2009, online).

O projeto se coloca como uma proposta de ação leitora, buscando oferecer uma alternativa a mais para o ensino-aprendizagem da leitura dentro do contexto escolar, pautando-se na Constituição Federal (BRASIL, 1988), na perspectiva de “[...] liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (RELATÓRIO, 2009, p. 10), fundamentando-se na LDB, no que trata a leitura no Ensino Fundamental para a “[...] formação básica do cidadão” (BRASIL, 1996, online):

Art. 32 - O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços.

A leitura, nesse sentido, atua como objeto transformador, não somente como instrumento de progresso cultural para os alunos, mas também para os profissionais que vão lidar com a mediação da leitura a partir dos encontros de formação, das oficinas e do reconhecimento do material. A cultura catarinense, por meio da literatura, tem como transbordar nas culturas escolares a partir do projeto e com o encontro com autores catarinenses pretendidos pelo Clube. Essa iniciativa auxilia a movimentar o conceito de cultura literária do estado, assim como promove o trabalho de autores locais, fazendo suas obras circularem pelas unidades escolares, promovendo debates e atividades culturais.

O funcionamento dessas práticas deve partir dos mediadores (professores e bibliotecários), formando grupos de alunos interessados em leitura ou necessitados

de uma obra infantojuvenil catarinense. Após a leitura, é recomendada a discussão em um local organizado, dentro do ambiente da biblioteca escolar (CLUBE DA LEITURA..., 2009). As fontes não detalham o estado das bibliotecas escolares; contudo, estudos recentes, realizados pelo CRB-14, demonstram que ainda faltam bibliotecas escolares e bibliotecários em algumas unidades educativas da PMF, assim como em outras redes de Santa Catarina (PAULA; OHIRA, 2016).

A metodologia de trabalho do projeto, na formação dos mediadores de leitura envolvendo professores, bibliotecários e autores, é dividida em cinco etapas: a primeira é levantar as obras catarinenses no acervo da RME, elaborar e enviar o questionário investigativo destinado a professores e bibliotecários de unidades educativas para levantamento bibliográfico e registrar os dados estatísticos de obras encontradas e organização do acervo; a segunda é divulgar as atividades com a colaboração da UFSC e preparar o material destinado a professores e bibliotecários; a terceira é enviar o material citado contendo uma síntese da literatura catarinense e roteiros de trabalho a serem trabalhados no projeto e assessorar os participantes (RELATÓRIO, 2009).

Essas primeiras três etapas são dedicadas ao acervo e à maneira que eles vão se movimentar dentro da RME, assim como a divulgação das atividades e o envolvimento entre professores e bibliotecários no projeto. As últimas duas etapas se baseiam na atividade de formação em si: segundo o Relatório (2009), na quarta, são realizadas cartas-convites aos autores e uma entrevista coletiva; na quinta e última, há a divulgação da entrevista por meio de material impresso e/ou eletrônico.

Nessa trajetória metodológica para a realização das atividades de leitura, percebo o trabalho dos mediadores para o levantamento das obras catarinenses. Petit (2009) mostra que essa prática indica uma leitura e uma escolha de textos levando-se em consideração os gostos que, no caso do Clube da Leitura, como estou observando, são focados nos textos de autores catarinenses que tenham como preferência histórias de e sobre Santa Catarina e Florianópolis (RELATÓRIO, 2009).

Com isso, o Clube da Leitura busca como resultados o desenvolvimento de hábitos ou culturas escolares, como: frequentar a biblioteca; a leitura como prazer e como fonte de informação e conhecimento; e a reflexão a partir das leituras, tendo como preferência a leitura de literaturas oriundas de autores catarinenses, com o objetivo de “[...] resgatar o modo de vida, os valores e a história de Santa Catarina,

pelo viés da leitura” (RELATÓRIO, 2009, p. 11). Nesse sentido, questiono: quais seriam esses modos de vida? Quais são os valores e a história de Santa Catarina a partir da percepção do Clube da Leitura? Por meio da categoria de cultura escolar, busco observar essas problemáticas.

O intuito do incentivo à leitura, segundo o projeto, também diz respeito em oferecer aos educandos reflexões sobre o mundo pela leitura, assim como acesso à informação. Segundo o Relatório do Clube de Leitura de 2009 (p. 11):

Cabe à escola, então, oferecer às crianças e aos adolescentes o convívio constante e progressivo com as obras e gêneros textuais que ampliem o universo de referência do(a) aluno(a) proporcionando-lhes familiaridade com expressões culturais e científicas. É uma questão de dar acesso à produção literária disponível, tanto no sentido de fruição e do conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário criar situações propícias para que as crianças e adolescentes possam desenvolver suas habilidades de ler, escrever e refletir sobre o mundo que vivem.

O conceito de práticas de leitura e de cultura leitora passou a ser movimentado desde o primeiro momento de funcionamento do Clube, a partir dos mediadores de leitura, levando-se em consideração que quem medeia a leitura deve estar inserido em uma cultura leitora em suas práticas diárias. A partir desse quadro, tento perceber como foram as atividades iniciais, destacando o papel dos livros e autores a partir dos relatos obtidos no *blog* oficial e em relatórios das práticas acessíveis no Debec.

Planejei o cronograma a seguir para desenvolver tais etapas em 2009 e 2010:

Figura 5 – Cronograma de 2009 e 2010

8 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO											
2009/2010	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
1ª ETAPA	X	X									
2ª ETAPA		X	X								
3ª ETAPA			X	X	X	X	X				
4ª ETAPA								X	X	X	
5ª ETAPA										X	X

Fonte: Relatório do Clube de Leitura, 2009.

3.3 CULTURAS FLORIANOPOLITANAS NA PERSPECTIVA DO CLUBE DA LEITURA

Ao eleger observar as representações culturais florianopolitanas propostas na perspectiva do Clube da Leitura, deparemo-me com os discursos para as expressões “pão-por-Deus” e o “boi-de-mamão”, das quais, segundo o projeto, fazem parte de uma cultura local que perpassa o currículo da Educação Básica. Esses discursos são focos de trabalhos educativos e culturais pautados a partir das obras, como: “É tempo de pão-por-Deus”, de Eliane Debus, “Boi malhado, boi dobrado”, de Sigval Schaitel, Luciano Bicalho e Tina Mertz, e “A festa do boi de mamão”, de Marta Martins e Cristiani Inácio (PORTAL, 2020).

O livro de Debus (2013) utiliza como recurso material as cartas em formato de coração de papel que trazem mensagens sensíveis de amor e afeto na forma de poemas, manifestação cultural oriunda de colonizadores açorianos, popular na Ilha de Santa Catarina; já os livros sobre o boi-de-mamão apresentam a história do vaqueiro Mateus e a sua busca por um médico ou uma curandeira para ressuscitar o seu boi morto, que no fim do enredo retorna à vida, ilustrado por cantorias e celebrações (PORTAL, 2020). Esses exemplos são representações, na categoria de culturas escolares, que organizam o mundo social em que Florianópolis está inserida – nesse caso, em grupos e classes sociais definidas dentro do proposta curricular municipal, entendendo que essas representações não se colocam como discursos neutros, mas sim são escolhas estratégicas a partir do seu lugar social (CHARTIER, 1990).

Outras ações, na perspectiva das representações culturais, movimentam-se além do pão-por-Deus e o boi-de-mamão, apontando para o debate sobre a cultura açoriana e o bordado em Florianópolis (CLUBE DA LEITURA..., 2011). Contudo, apesar da diversidade no acervo disponível para o projeto, o que posso mais notar nos relatórios e relatos é que o discurso acerca da cultura florianopolitana estava voltado para a temática do boi-de-mamão, sendo trabalhada em sete práticas de leitura durante os anos de 2011 a 2016 (CLUBE DA LEITURA..., 2016), revelando uma visão de que a prática cultural tem uma robusta representatividade quando se refere à cultura de Florianópolis no Clube da Leitura.

Também percebi indícios poéticos abordando o boi-de-mamão nas fontes, e uma das obras utilizadas para a prática foi *De A a Z – uma história poética da*

brincadeira do boi-de-mamão na Ilha de Santa Catarina, do escritor Marcoliva³³. A prática de leitura contou com um encontro entre autor e alunos da EBM Virgílio Reis Varzea, quando o autor aliou a sua obra com recursos musicais, provavelmente contando com ludicidade para esse momento de sociabilidade (CLUBE DA LEITURA..., 2012, online): “[...] o autor, acompanhado com o seu violão, cantou com os alunos música folclóricas. Ao fim do encontro, os alunos o presentearam com quadrinhas produzidas por eles e com enorme carinho de agradecimento”.

Marcoliva também esteve na EBM Luiz Candido da Luz e na ED Osvaldo Galupo com essa sua mesma obra, sendo que, em uma dessas ocasiões, lançou mão da linguagem do teatro de sombra a partir de sua obra com intuito de variar e ampliar o potencial desse momento de sociabilidade, como é possível conhecer no excerto:

No dia 25 de setembro, os alunos da turma 13 receberam o escritor Marcoliva com apresentação de teatro de sombras, desenvolvido através da leitura do livro *De A a Z: uma história poética da brincadeira do boi-de-mamão na Ilha de Santa Catarina* do “Clube da Leitura: a gente catarinense em foco”. Os alunos e a professora Vera recontaram a história, elaborando um livro que se tornou digital com a colaboração da professora Helena. Marcoliva encantou as crianças com suas histórias e musicalidade (CLUBE DA LEITURA..., 2015, online).

Momentos de sociabilidades foram notados nesse encontro entre autor e alunos, estratégia que no decorrer do projeto passou a fazer parte do conteúdo programático do Clube da Leitura, visando promover projetos de leitura a partir de autores e ilustradores catarinenses, assim como proporcionar momentos de relatos de vivência de autores, bibliotecários e professores (RELATÓRIO, 2019).

As sociabilidades estavam presentes também nos encontros de formação entre os mediadores de leitura, ressaltando-se que os momentos de sociabilidades e formações ocorreram ao longo do projeto, e não somente nos dois anos iniciais de sua implementação. Em 2013, debatendo cultura:

Clube da Leitura receberá escritoras catarinenses

O encontro será realizado com Eliane Santana Dias Debus e Telma Anita Piacentini

³³ Músico e compositor, Marcoliva atua na arte musical com obras como: *Dicionário da música popular brasileira*, de Ricardo Cravo Albin. Com Marli Silveira, publicou o livro *Dupla poesia*, em 2010. Em 2011, lançou o livro *o ABC do boi-de-mamão*, em parceria com Denilson Antônio, o Pasquim (LITERATURA INFANTIL..., 2013c).

Na quinta-feira (09), as escritoras Eliane Santana Dias Debus e Telma Anita Piacentini participarão do “Clube da Leitura: a gente catarinense em foco”. O projeto é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação através do Departamento de Bibliotecas. O evento acontecerá no Centro de Educação Continuada, localizado na rua Ferreira Lima, 82, Centro, das 13 às 17 horas.

A ação é uma das atividades que visam a preparar os profissionais da Educação no campo literário através da leitura de obras, o conhecimento da biografia, o debate com os autores e a produção de textos verbais e não verbais.

Os encontros têm por foco convidar autores catarinenses para compartilhar experiências e saberes com professores e bibliotecários da rede municipal de ensino de Florianópolis, que estão implantando o projeto nas unidades estudantis.

Eliane falará sobre suas obras, entre elas: *Monteiro Lobato e o leitor* (2004), *Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil* (2006). Telma abordará a cultura e a literatura no município. As escritoras tratarão, também, técnicas de produção textual e bibliográfica no estado (CLUBE DA LEITURA..., 2013).

Os discursos narrativos destacando o boi-de-mamão e sua representação para uma das culturas florianopolitanas circulam nos momentos das sociabilidades construídas entre os mediadores de leitura com a intenção de apresentar e dar formas às práticas de leituras condizentes com o objetivo proposto do projeto. Nesse sentido, Chartier (2000, p. 24) afirma que o livro em si não constrói o sentido para os leitores, atentando para “as antecipações do leitor face ao texto”. O papel dos mediadores, nesse viés, é criar o sentido na prática de leitura, de modo que o texto impresso ou oral faça sentido nos momentos de sociabilidades nas quais o que é demonstrado nessa categoria: criar um discurso cultural florianopolitano na figura do boi-de-mamão.

Nesse sentido, a tese de Damazio (2017)³⁴ aponta para fragmentos na construção de uma história local como saber escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental interagindo cultura histórica, historiografia e escolar como categorias de análise compreendendo o que se tem ensinado na disciplina de História na RME de Garopaba. A pesquisa em tela destaca as narrativas orais e fontes escritas, como formas ou estratégias para o fortalecimento de uma identidade açoriana em Garopaba, em um cenário de disputas políticas, ambientais e culturais no momento de expansão econômica no litoral. A cidade organizou a festa de tradição açoriana anual (2000), elencando o Cortejo do Divino, o Terno de Reis, o Boi-de-Mamão e a Procissão de Corpus Christi como manifestações tipicamente locais. A autora aponta esse feito como um processo excludente de outras culturas, no qual

³⁴ Pesquisa apresentada ao PPGE/Udesc, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Cristiani Bereta da Silva.

[...] a invenção da tradição açoriana em Garopaba obliterou o papel dos negros e indígenas no desenvolvimento local, ao ponto de negar a existência, já reconhecida pela Incra, dos quilombos Aldeia e Morro do Fortunato (DAMAZIO, 2017, p. 234).

Desse estudo, posso entender que impregnar culturas de dado um lugar e sua construção cultural passa também pela cultura escolar. Nesse caso, a cultura do boi-de-mamão quer em Garopaba, quer em Florianópolis adentra na escola como representação da tradição açoriana.

Tomando como lentes o conceito de estratégia de Certeau (2006), há um dado prescrito para o discurso cultural florianopolitano no Clube da Leitura sendo de forte influência açoriana, sobretudo nas figuras do pão-por-Deus e no boi-de-mamão (PORTAL, 2020), destacando as práticas deste a partir das mediações de leitura nas escolas durante os encontros do Clube. Contudo, vestígios de táticas utilizadas nesses momentos de socialização vão além desse discurso, como leitura de culturas indígenas e afro-brasileiras.

Um exemplo de prática de leitura voltada para as culturas indígenas foi a realizada com o autor Adaí Karaí Antunes, quando foi destacada a questão da alfabetização em língua portuguesa com os guaranis, assim como os aspectos culturais que circularam entre curiosidades dos educandos para o autor. Karaí aponta que “[...] reconhecer que as diferenças representam tão somente diferenças. Elas não tornam as culturas melhores nem piores, nem mais nem menos importantes umas das outras” (CLUBE DA LEITURA..., 2010, online). O livro trabalhado no encontro foi o *Palavras de Xeremôí*.

Nesse caminho, percebo vestígios de práticas de leitura envolvendo culturas afro-brasileiras pela obra *O mundo de Oya*, de Giselle Marques³⁵, na EBM Beatriz de Souza Brito, durante a Semana Municipal do Livro. A obra aborda a invisibilidade de crianças negras que sofrem com o racismo nos espaços educacionais, tentando impactar a falta de representatividade no universo infantil na literatura que conta,

³⁵ “Pesquisadora associada do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab/Udesc), é conselheira editorial da revista feminista *Valente* do Sindicato do Judiciário de Santa Catarina (Sinjusc), acadêmica da Academia de Letras e Artes de Siderópolis, membro do fórum setorial de cultura negra de Florianópolis, bailarina do grupo artístico de Florianópolis Pegada Nagô, coordenadora do Fórum da Mulher Negra Sideropolitana, coordenadora da Rede Nacional de Afroempreendedorismo em SC, membro do Instituto Afro-latino-americano de pesquisas e estudos econômicos e sociais e fundadora da Rede Nacional de Empreendedorismo Mulheres Mundo Negro” (AGÊNCIA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA, 2019, online).

principalmente, com protagonistas brancas (MARQUES, 2017). A autora, que também é arte-educadora, procura estimular a implementação da Lei nº 11.645/2008³⁶.

Neste tópico, as culturas florianopolitanas foram representadas no Clube da Leitura a partir de discursos voltados para a cultura açoriana, principalmente nas figuras do pão-por-Deus e do boi-de-mamão, sendo que este, apesar de não existir na historiografia registros que comprovem sua origem, há forte ideário catarinense que o reflete aos imigrantes da Ilha dos Açores, que colonizaram Santa Catarina no século XVIII (PORTAL, 2020). No entanto, há algumas táticas oriundas dos mediadores de leitura que trabalharam com obras de culturas indígenas e afro-brasileiras nas práticas de leitura com os alunos da RME, tentando desconstruir, nessas atividades, uma perspectiva cultural diferente da hegemônica, isto é, demonstrar que Florianópolis é um lugar de diversas culturas.

Não que o Clube da Leitura não aborde outras perspectivas de culturas, pois sei que as fontes podem, às vezes, não iluminar totalmente essa investigação, contudo chama a minha atenção o fato de que os relatos não apontam para essas práticas em um período amplo, compreendendo de 2009 a 2019, levando, inclusive, em consideração que o acervo do Debec, disponível para o Clube da Leitura, apresenta um razoável acervo abordando as questões étnico-raciais.

Clemêncio (2017) indica o lugar periférico no qual a categoria raça estava inserida nos anos 1990 por parte dos pesquisadores no campo da Educação, contudo Lima (2016), em sua pesquisa de dissertação³⁷, mostra que também foi naquela década que uma das principais pautas do movimento negro para a educação foi o de examinar o conteúdo dos livros didáticos, onde o negro era tratado de forma pejorativa, evoluindo o debate para a criação de uma lei reconhecendo a importância de movimentos antirracistas nas escolas: segundo Lima (2016) sancionou-se a Lei Federal nº 10.639 (BRASIL, 2003), que alterou a Lei nº 9.394, passando a prevalecer os seguintes artigos:

³⁶ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

³⁷ Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades da Informação, orientada pela Prof.^a Dr.^a Márcia Silveira Kroeff.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1ª – O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

§ 2ª – Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileira.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra” (BRASIL, 2003, online).

A partir desse quadro, não adotei uma perspectiva de que o projeto Clube da Leitura não trabalha questões étnicas raciais dentro da categoria de culturas florianopolitanas, contudo, a partir da noção de representação de Chartier (2002) e após a análise do acervo do projeto, surgiu uma dúvida: por que obras com essa temática não foram mais trabalhadas no projeto, levando-se em consideração a demanda da Lei nº 10.639 e o trabalho interdisciplinar pretendido pelo projeto e as respectivas bibliotecas escolares da Rede?

Procurei vestígios dessa problemática no próximo capítulo, pautado na análise dos discursos orais promovidos pelos mediadores de leitura. Para além dessa categoria presente, investiguei também a categoria história de/em Florianópolis e Santa Catarina. A seguir e em cada temática deixei um quadro para explicitar as obras sugeridas a partir do Debec em cada categoria e, a partir disso, abordadas as histórias de e em Santa Catarina.

Quadro 8 – Sugestões de obras a partir de temas específicos

Título	Autor(a)
É tempo de pão-por-Deus	Eliane Debus
Boi malhado, boi dobrado	Sivgal Schaitel, Luciana Bicalho e Tina Merz
A festa do boi de mamão	Marta Martins e Cristiani Inácio

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

3.4 HISTÓRIA DE/EM FLORIANÓPOLIS E SANTA CATARINA

No Relatório (2009), está indicada a seguinte orientação no modo convite pelo Debec aos mediadores de leitura nas escolas que desejam explorar o acervo da biblioteca nas práticas de leitura do Clube da Leitura, fundamentando-se na LDB:

Você pode enriquecer suas aulas. Você pode enriquecer suas aulas sobre a história de Florianópolis ou de Santa Catarina, agregando em seu projeto livros de literatura em diferentes gêneros textuais disponíveis no acervo do Clube da leitura (PORTAL, 2020, online).

Os discursos culturais permeados no Clube da Leitura, a partir da categoria história de/em Florianópolis e Santa Catarina, iluminados pela LDB, buscaram investir em um olhar a partir da perspectiva cultural e as diversidades apresentadas, tanto no acervo quanto nas práticas de leitura, tendo como fontes a própria LDB, o portal, o *blog* e o arquivo do Debec, ambos já enunciados no percurso do trabalho. Há diversas menções a respeito da cultura e das regionalidades na LDB:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (BRASIL, 2003, online).

As manifestações culturais, nesse sentido, estão colocadas no campo da Educação onde, em suas várias culturas escolares, vão movimentar a categoria por meio das práticas pedagógicas. No que diz respeito às regionalidades, a LDB também aponta que:

Art. 25. Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento.

Parágrafo único. Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo.

Art. 26. Os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2003, online).

Nesse sentido, os mediadores de leitura são convidados a trabalhar essa categoria com três obras como referência: *Santa Catarina em quadrinho*, de Walmir Muraro³⁸, *Náufragos e conquistadores* e *Nossa Senhora do Desterro*, de Eleutério

³⁸ Ilustrador de histórias catarinenses utilizando a técnica de arte sequencial, professor de Física e mestre em Físico-Química (PORTAL, 2020).

Nicolau da Conceição³⁹. Essas obras também dialogam com a primeira categoria deste capítulo, pois, além da perspectiva histórica, os livros procuram apresentar aspectos culturais que formaram o imaginário e o discurso moderno florianopolitano (PMF, 2020).

Assim como na categoria de culturas florianopolitanas, neste tópico trabalho a história de Florianópolis e de Santa Catarina e os rastros que as fontes apresentadas não esgotam as possibilidades de práticas de leitura possíveis no projeto, contudo, baseando-se no que encontrei para a escrita deste trabalho, são perspectivas a serem pensadas, buscando construir uma História da Leitura do Clube de Leitura, por meio de suas práticas, obtendo “[...] acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais, de reconhecimento de sociabilidades geracionais ligadas aos livros e às suas práticas de leitura” (CUNHA, 2018, p. 119).

O Clube da Leitura utiliza diversos gêneros literários para as práticas de leitura, mostrando a diversidade e como o objeto livro se movimenta. O uso de HQs é visto ao longo dos relatos encontrados, alguns já apresentados neste trabalho e, neste capítulo, a obra *Santa Catarina em quadrinho*, em suas ilustrações, promove o estímulo à leitura. Apesar da disponibilidade do acervo e do convite ao empréstimo do livro pelo Debec, não achei nas fontes vestígios da obra em questão trabalhada no projeto, além do livro *Nossa Senhora do Desterro*.

Sobre o título *Náufragos e conquistadores*, que aborda cinco histórias sobre a Ilha de Santa Catarina, identifiquei vestígio de uma prática de leitura na EBM Retiro da Lagoa, em 2018 (PORTAL, 2020), onde foi possível perceber uma leitura oralizada com alguns educandos, mas que não posso perceber a faixa etária nem a turma. Contudo, observei, desde os primeiros relatos e relatórios analisados, que a prática da leitura oral no projeto é constante. Petit (2009), em seu estudo antropológico, traz o gosto pela leitura, em grande parte as intersubjetividades oriundas do uso da voz, explicando que, antes do contato com o livro impresso, o sujeito, em certos contextos culturais, tem o encontro com o livro pela voz materna, paterna ou de outro adulto responsável pelo cuidado com a criança que tem como hábito ler histórias.

³⁹ Professor-adjunto da UFSC. Tem experiência na área de História e é doutor em História Social pela USP (PORTAL, 2020).

A obra *Náufragos e conquistadores* fornece pistas para pensar como é trabalhada a categoria de histórias de/em Florianópolis e Santa Catarina no Clube da Leitura. O livro

[...] apresenta cinco histórias ocorridas entre 1516 e 1541 na Ilha de Santa Catarina e arredores ou diretamente relacionados com a região. Inicia com o naufrágio de Aleixo Garcia e seus companheiros, seu convívio com os índios carijó e a aventura junto aos incas. Conta a seguir a visita do galeão San Gabriel, de Don Rodrigo Alcuña, da expedição de Sebastião Caboto, que deu nome à Ilha, e a importância da ilha na colonização do Prata, concluindo com a chegada da expedição de Don Álvaro Nuñez Cabeça de Vaca (PORTAL PMF, 2020, online).

Esse discurso representa a forma como algumas obras infantojuvenis tratam a questão da colonização no Brasil, uma história contada pelos colonizadores, uma versão europeia, e não pelo olhar dos povos oprimidos e nativos do país. Sem entrar no mérito se é uma obra boa ou ruim, destaco que faz parte de um conjunto de acervo de livros escolares, dos quais são “[...] formadores de imaginários, fontes de estudo da escola e da cultura escolar” (CUNHA, 2018, p. 119).

Além dessas três obras selecionadas pelo Debec para ganhar destaque no Portal da Educação, outras foram utilizadas durante as práticas de leitura com o intuito de movimentar a presente categoria, como *Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina*, da escritora Telma Piacentini, apresentada na ED Costa da Lagoa pela própria autora em um momento de socialização entre educandos e mediadores onde:

[...] as crianças queriam fazer perguntas à autora da obra, professora Telma Piacentini. Algumas tinham curiosidade a respeito da forma como foram feitas as imagens do livro; queriam saber se ela gosta de fotografar as esculturas; também queriam saber do que ela brincava quando era criança (CLUBE DA LEITURA..., 2011).

O livro *Aventuras na Ilha da Magia* também se destaca nessa categoria. Além de ser utilizada nas práticas de leitura nas unidades escolares, a obra é trabalhada na formação dos mediadores em reuniões com a escritora Yedda Goulart. São exploradas as subjetividades e as sensibilidades infantis, e a autora busca destacar o folclore, as lendas e o interesse turístico por Florianópolis, além dos temas relacionados à espiritualidade e à fé (CLUBE DA LEITURA..., 2014).

Os momentos de sociabilidade em torno da leitura envolvendo os mediadores remete ao que aponta Vidal (2004): a formação entre professores, bibliotecários e alunos ainda é pouco estudada, alertando para a problemática da biblioteca escolar quanto é tratada como depósito de livros, não fazendo parte de um planejamento pedagógico ou exercício didático. O que chama a atenção é que, no caso do Debec, essa questão não se aplica, pois é uma biblioteca central responsável por uma rede de bibliotecas escolares, da qual promove ações de incentivo à leitura e faz parte das culturas escolares de cada unidade educativa.

Para além dessas obras, o projeto destaca mais quatro outros títulos que discutem especificamente “histórias vividas nos bairros de Florianópolis”. O primeiro é *A ponte que sumiu*, de Carlos Stegemann⁴⁰, chamando a atenção pelo seu caráter crítico debatendo as problemáticas envolvidas em torno da Ponte Hercílio Luz, a sua representação no imaginário do povo florianopolitano e o impacto na discussão sobre o patrimônio histórico da cidade:

No início da história, num salto ao futuro, para o ano de 2026, surge a personagem principal Maria Vitória, professora de História de uma sexta série, quando, fitando seu olhar saudosos ao mostrar a ponte suspensa e imponente a seus alunos, o narrador retrocede no tempo até 2006 e a apresenta agora ainda adolescente, impetuosa, com seu grupo escolar, na escolha de uma pesquisa justo sobre a ponte, que acabaria sendo premiada, representaria a escola num concurso do Instituto Histórico e Geográfico e repercutiria aqui e em Brasília, angariando fundos para a sua restauração (PORTAL, 2020, online).

O livro propõe essa discussão sobre um objeto conhecido no cotidiano de quem vive em Florianópolis, expandindo essa discussão para o universo infantil de um assunto popular desde sua interdição, em 1982, mostrando, como disserta Certeau (2006, p. 53), “[...] do fundo dos oceanos até as ruas das megalópoles, as táticas apresentam continuidades e permanências”, ou seja, a obra apresenta como tática essa discussão no universo infantil envolvendo um patrimônio histórico da cidade (PORTAL, 2020).

⁴⁰ Jornalista formado pela UFSC, é diretor da PalavraCom Editora. Trabalhou no *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *Correio do Povo* (Rio Grande do Sul), *O Estado* (Santa Catarina), nas revistas *Globo Rural*, *Pequenas Empresas*, *Grandes Negócios*, *Globo Ciência* e outros veículos de comunicação (LITERATURA INFANTIL..., 2012k).

A segunda obra indicada pelo Debec é *O botão grená*, das autoras Luana von Linsingen⁴¹ e Rosana Rios⁴². A história aborda questões cotidianas da vida em Florianópolis, tendo como protagonista a personagem Maya, que vem de São Paulo para viver na capital catarinense. Por meio de um botão encontrado na areia da praia, o enredo

[...] se passa na Praia de Sambaqui e no Camping do Rio Vermelho, porém, durante a história, são destacadas algumas das praias que compõem o litoral de Florianópolis, assim como um passeio pelo centro da cidade, o Museu, as Bruxas de Franklin Cascaes, a Biblioteca Universitária, a cultura e culinária açoriana, as lendas e histórias de nossa ilha (PORTAL, 2020, online).

Há vestígios de práticas de leitura com a obra em quatro unidades educativas: a primeira na Osmar Cunha, onde a autora foi entrevistada por educandos do 7º e 8º ano após a leitura de sua obra, tendo como mediadoras desse encontro a professora de Língua Portuguesa e a bibliotecária da unidade. Algumas perguntas para ilustrar o formato da entrevista foram:

Em que praia foi achado o botão?
Qual foi o objeto que a Maya encontrou na praia no final do livro?
Você pensa em fazer outro livro para dar continuação a essa história?
[...]
Qual foi seu primeiro livro?
A casa da história existe?
Você tem algum livro escrito, mas não editado? Quais são as histórias desses outros livros? Por que você ainda não os publicou? (CLUBE DA LEITURA..., 2011, online).

Os outros relatos de leitura da obra foram também de uma atividade do Clube da Leitura nas EBM Brigadeiro Eduardo Gomes, Osmar Cunha e Batista Pereira. Os encontros apresentaram características semelhantes com a parceria entre as mediadoras de leitura: a leitura da obra *O botão grená* por parte dos educandos e a socialização com a autora em formato de entrevista (CLUBE DA LEITURA..., 2016).

Essa obra dialoga com a terceira indicação do Debec, o livro *Piloto de bernunça*, de Sérgio da Costa Ramos⁴³, na abordagem de questões folclóricas de

⁴¹ Bióloga pela UFSC. Tornou-se mestre em Educação Científica e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT), realizado também na UFSC. É professora efetiva na RME de Florianópolis (LITERATURA INFANTIL..., 2012).

⁴² Escritora, ilustradora, arte-educadora e roteirista.

⁴³ Escritor e jornalista. Membro da Academia Catarinense de Letras.

Florianópolis, com a diferença de que essa obra de crônicas busca, pelo texto narrativo, ilustrar o cotidiano da cidade nos anos 1950 e 1960 (PORTAL, 2020).

Essas representações de uma história florianopolitana fazem parte do que Damázio (2017) descreve como ações políticas e acontecimentos que deram vida ao açorianismo, tendo o ensino escolar, nesse caso em específico as práticas de leitura, como ferramentas pertencentes às culturas escolares no processo de construção. Essas questões, segundo a autora, me possibilita um horizonte amplo de pesquisa, que é a construção desses saberes e apagamentos de outros, tarefa, portanto, desafiadora: “[...] os saberes históricos que permeiam a educação escolar resultam de interações dialógicas entre cultura histórica, historiografia e cultura escolar” (DAMÁZIO, 2017, p. 98).

A última obra indicada pelo Debec para a temática, além de abordar o imaginário florianopolitano em torno da história e vivência na Lagoa da Conceição, tem como proposta principal discutir aspectos voltados para a higiene. *O Caco não lava o pé*, de Marcio Cabral⁴⁴, faz uma alusão à cantiga famosa de “O sapo não lava o pé” para “O Caco não lava o pé”, que é o personagem principal do livro e, como bem ilustra o título, não toma banho e se sente mal devido à sua falta de higiene (PORTAL, 2020).

Santos e Cunha (2020) abordam a questão dos hábitos de higiene nos livros didáticos a partir de uma leitura de Norbert Elias: há uma espécie de civilidade para o corpo, onde são percebidos resquícios de disciplina e hierarquias. Nesse caso, o Debec indica a obra para os anos iniciais, principalmente na fase de alfabetização, com foco em estimular os “[...] hábitos saudáveis e de higiene em geral” (PORTAL, 2020, online).

Com as fontes, compreendo as culturas escolares pautadas em uma história de Florianópolis e de Santa Catarina em um discurso que não apresenta diversidade como aponta as diretrizes da LDB. Vale aqui retomar alguns pontos da lei, principalmente nas categorias observadas, por representam uma discussão na perspectiva cultural e histórica. Como já observei neste tópico, a LDB aponta diretrizes que as escolas devem seguir para abranger as diversidades locais e regionais, assim como aponta para a “[...] consideração com a diversidade étnico-

⁴⁴ Encenador, ator, cenógrafo, figurinista e pesquisador na área de teatro com experiência em multimídia e dramaturgia.

racial” (BRASIL, 2003, online). No que diz respeito à diversidade étnico-racial, tenho como diretriz a Lei nº 10.639.

Eggert-Steindel e Carvalho (2017) consideram que a Lei nº 10.639 configura um marco legal significativo no campo de estudo Educação e Relações Étnico-Raciais, assim como na categoria de culturas escolares, impactando o fazer diário pedagógico da prática bibliotecária e docente, reorganizando uma aproximação e as sensibilidades entre os sujeitos, no caso das práticas de leitura, tendo a possibilidade de compreensão, podendo o educando negro enxergar própria história com olhos valorosos, conectando-se e firmando seu pertencimento “[...] a esse espaço tão caro à população afro-brasileira” (EGGERT-STEINDEL; CARVALHO, 2018, p. 672).

Para além do prescrito, retomo o conceito de estratégia e tática proposto por Certeau (2006) para refletir de que é preciso aprofundar a discussão acerca das práticas pedagógicas, no caso em específico deste trabalho, a reflexão sobre as práticas de leitura no Clube da Leitura, a fim de que a lei sirva com embasamento para uma prática que represente as diversidades étnicas, culturais e regionais propostas pela LDB e pela Lei nº 10.639.

O lugar de poder em que o campo da Literatura no Brasil e em Florianópolis está colocado oferece espaços para pensar na capacidade transformadora de incertezas da história (CERTEAU, 2006). Nesse sentido, é necessário refletir e reconhecer as estratégias que sustentam tal espaço de poder, de modo a pensar na tática calculada, aproveitando momentos para prever saídas. Isso porque a tática, segundo Certeau (2006, p. 101), é determinada pela “[...] ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder”. Sendo assim, proponho essa reflexão como pesquisador e mediador de leitura, pensando nas práticas de leitura como espaços capazes para desenvolvermos táticas possíveis de disputar os lugares de poder.

Nesse processo, há a ausência de algumas temáticas previstas LDB e pela Lei nº 10.639, principalmente porque o Debec apresenta um acervo disponível que supre as necessidades das unidades escolares. No entanto, mergulhando nos vestígios do arquivo, pude garimpar questionários (elaborados pelo Debec e enviado às unidades escolares convidando para participarem do Clube da Leitura) de bibliotecas escolares enviados ao departamento relatando o acervo de obras catarinenses em suas respectivas unidades informacionais. Constatei, nesse caso, a

ausência de acervos que abordam temáticas diversas como proposto pelas leis citadas. Tomo como exemplo o questionário enviado pela EBM Osvaldo Machado ao Debec: a escola relatava ter 20 obras de autores catarinenses, cujas temáticas estariam divididas de acordo com o ilustrado no Portal Educacional (2020) (QUESTIONÁRIO, 2011).

Portanto, reflito que o trabalho de leitura nas unidades depende das temáticas disponíveis na biblioteca escolar, uma vez que há o paradigma no proposto ao projeto Clube da Leitura referente a trabalhar somente com autores catarinenses; já o conteúdo das obras escolhidas para o projeto aborda temáticas específicas como as culturas regionais citadas. A LDB prevê uma pluralidade cultural nos quais

[...] conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008, online).

Compreendo, nos itens acima, duas temáticas que se complementam do ponto de vista do discurso e de representação com base no imaginário resultante das práticas de leitura. Esse imaginário faz parte de uma construção social na qual diversos atores políticos da sociedade fazem parte, incluindo, nesse caso, a leitura. Nesse sentido, a (re)construção de uma identidade invisibilizada, segundo Cardoso (2015), exige o esforço de mediação da informação e do conhecimento que perpassa a biblioteca escolar, sendo apenas um dos variados instrumentos capazes de viabilizar a discussão sobre culturas. O Clube da Leitura se propõe ao debate e ao incentivo à leitura com abordagens por meio do gênero da poesia.

Quadro 9 – Histórias de Santa Catarina

Títulos	Autor(a)
Náufragos e conquistadores Nossa Senhora do Desterro	Eleutério Nicolau da Conceição
A ponte sumiu	Carlos Stegemann
Piloto de bernunça	Sérgio da Costa Ramos
O Caco não lava o pé	Márcio Cabral
O botão grená	Luana von Linsengen e Rosa Rios
Santa Catarina em quadrinho	Walmir Muraro
Aventuras na Ilha da Magia	Yedda Goulart

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

3.5 POEMAS DE AUTORES CATARINENSES: ENTRE MÚSICAS E OUTRAS SOCIABILIDADES

Há uma poética presente na literatura infantojuvenil que é inegável: até mesmo quando a obra não se predispõe ao gênero é possível perceber que, pelo uso das fantasias e sensibilidades narrativas, a poesia está presente, rimada ou não. É o caso de algumas obras que já citei, como *Aventuras na Ilha da Magia* ou *É tempo de pão-por-Deus*, poéticas e sensibilidades presentes.

Cunha (2020, p. 2), ao estudar dedicatórias nos livros do professor catarinense Victor Márcio Konder, propõe uma discussão sobre **sensibilidades**, no sentido de que é aquilo que produz em seus interlocutores – nesse caso em específico, nos leitores, criando “[...] fronteiras simbólicas de integração pessoal e afetiva”. Nesse sentido, no cenário de uma literatura infantojuvenil, observo as sensibilidades na leitura que causa afetividade, seja com os leitores, seja com os mediadores, à medida que se decorrem as práticas de leitura no Clube da Leitura.

Analisando os relatos, tanto no *blog* quanto nos arquivos, observo as práticas de leitura relacionadas ao poema e os nomes de um autor e uma autora chamam a minha atenção: Alcides Buss e Eloí Elisabete Bocheco. Percebo, com isso, que esses dois autores participaram ativamente dos dois primeiros anos de implementação do Clube da Leitura na RME. A obra deles é destacada também no Portal Educacional como possibilidade de trabalhos nas práticas de leitura com os livros *A poesia do ABC* e *Saber não saber*, de Alcides Buss; e *Olha a cocada*, *O pacote que tava no pote*, *Pomar de brinquedos*, *Contra o feitiço, feitiço e meio* e *A chave que o vagalume aluminou*, de Eloí Elisabete Bocheco (PORTAL, 2020).

Essa categoria está intitulada pelo Debec como **poemas de autores catarinenses** pelo foco na escrita local. Depois dos dois primeiros anos de implementação do Clube da Leitura, há também a justificativa para tal:

Optamos pela literatura infantil e juvenil de Santa Catarina, porque ela oferece um leque de possibilidades para a prática pedagógica e, conseqüentemente para muitas crianças jovens, adolescentes e adultos conhecerem melhor e valorizarem mais o lugar onde vivem (RELATÓRIO, 2011).

Nessa teia, para além do movimento de romantização na valorização do lugar onde se mora, os problemas sociais são deixados de lado, não que isso signifique um defeito do projeto ou um erro da prática de leitura, somente não é o foco. São criadas, nesse contexto, sensibilidades a partir do espaço coletivo de leitura proporcionado pelo Clube da Leitura, no qual Petit (2009, p. 165) descreve como “[...] experiências literárias contribuem para uma formação da sensibilidade e uma educação sentimental”, à medida que esses momentos criam laços de amizades e sociabilidades pela leitura.

Augsburger e Preve (2020, p. 1013), ao relacionarem a infância e a educação para pensarem a amizade, a pedagogia e o neoliberalismo, apontam para um paradigma entre as práticas pedagógicas e suas transformações e o impacto na amizade infantil: “[...] as práticas em que se cruzam amizade e pedagogia também parecem ressoar de outras formas de amizade”. Nesse contexto, parti da perspectiva de que as práticas de leitura ocorridas no Clube da Leitura partem de um lugar de sociabilidades e socializações nas quais os leitores criam laços em torno do objeto livro ou da própria leitura oral. Seriam essas as outras formas de amizade como apontam os autores: as amizades de leitores iniciantes.

Para além de uma amizade infantil e suas sociabilidades, percebo, pelas fontes vestígios de práticas de leituras poéticas na EJA, como encontrado no relato que Alcides Buss realizou uma prática na EBM Henrique Veras, onde houve conversas sobre processos de escrita, editoração de livros, declamação de poemas de Cecília Meireles e João Cabral de Melo Neto, e a memorização de um poema do autor por parte da turma, envolvendo um exercício de memória e leitura oral:

Ao amor

Não quero fazer um poema
de pessimismo,
Quero fazer um poema
de amor.

Mas o que vou dizer
do amor
se do amor já disseram tudo?

O que eu vou dizer?

Ué! vou dizer
simplesmente
que o amor é tudo
(CLUBE DA LEITURA, 2012, online).

Ainda em 2012, há registros de visita do autor Alcides Buss ao EJA Núcleo Norte II dos Ingleses para atividades de práticas de leitura em grupo e socializações a partir de poesias do autor (CLUBE DA LEITURA..., 2012). As práticas de leitura na EJA me ajudam a pensar na problemática acerca da alfabetização de adultos e o acesso às bibliotecas, em uma perspectiva freiriana de bibliotecas populares, no sentido do acesso público e democrático auxiliando no problema da leitura e da escrita: “Não da leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicasse uma outra leitura, prévia e concomitante àquela, a leitura da realidade mesma” (FREIRE, 1989, p. 15).

Foram poucas as fontes encontradas com a inserção do Clube da Leitura na EJA, até porque o que se percebe, por meio dos vestígios nos relatos e acervos voltados para a literatura infantojuvenil, que o projeto é mais voltado para as práticas de leitura no universo do ensino infantil. No entanto, destaquei acima algumas ações relevantes na EJA que contaram com a participação de Alcides Buss. Ainda na temática de poemas catarinenses, encontrei uma intensa participação de Alcides Buss e de Eloí Elisabete Bocheco, tanto nas práticas de leitura nas escolas quanto na formação com os mediadores de leitura e os dois primeiros anos de implementação do projeto.

É necessário pensar com urgência o acesso à leitura por parte dos alunos da EJA, em um contexto escolar em que somente eles não possuem à disposição de uma biblioteca aberta em horário acessível durante o período noturno, no qual esse público frequenta o espaço escolar.

Encontrei registros da participação de Eloí Elisabete Bocheco em duas unidades educativas pelo Clube da Leitura: na EBM Luiz Candido da Luz e na ED Marcolino José de Lima. Na primeira, foi trabalhada a obra *O pacote que tava dentro do pote*, e na segunda o livro *Contra o feitiço, feitiço e meio* (CLUBE DA LEITURA..., 2016). As obras poéticas da autora procuram estimular o imaginário infantojuvenil, por meio de poemas que recorrem ao uso da fantasia. Nas duas obras, em específico, aparece o papel da figura da “bruxa” na literatura.

Observando essa temática, noto que as práticas de leitura têm um aspecto mais de subjetividade e desenvolvimento do imaginário por meio dos recursos poéticos, se partir do indicativo pelo Debec do uso das obras dos dois poetas citados acima, diferenciando-se das primeiras temáticas, que tinham como foco padronizar

uma cultura florianopolitana com influências açorianas. Contudo, as práticas envolvem também outros atores poéticos além dos indicados e, nesse contexto, está presente o diálogo com as temáticas já analisadas: por exemplo, a obra *Boi de mamão: de A a Z (uma história poética da brincadeira do boi-de-mamão na Ilha de Santa Catarina)*, que se encaixa em ambas as temáticas analisadas até agora.

Nesse contexto, os relatos das práticas poéticas utilizam ferramentas das artes cênicas e da música nos momentos de socialização, dialogando e auxiliando com o que prevê a LDB que referente ao ensino de Artes no ensino básico:

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes desta lei, incluída a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de cinco anos (BRASIL, 2016, online).

A obra *Brincar com a verdade*, de Marta Martins, que já apresentei nesta tese, também foi trabalhada nessa perspectiva de junção entre aspectos poéticos e musicais para sociabilidades infantis como mostra o relato de atividade do Clube da Leitura na EBM Osmar Cunha:

Marta confessou às crianças que, para escrever um livro, primeiro põe-se a ideia no papel, mas até ficar pronto leva um tempo, porque depois é preciso combinar as palavras, pesquisar, organizar e mandar para um revisor. Ela também revelou que a ideia desse livro já estava na sua cabeça. Em um dia, entrou em sua casa, sentou e começou a escrever sem parar. Depois leu e releu várias vezes o rascunho e foi fazendo as alterações necessárias. A sugestão de cantar os poemas foi de uma professora.

A professora comentou que “foi muito tranquilo ler esse livro com eles. Nós fizemos as brincadeiras dos poemas, o livro didático também traz este tema; então a obra complementou o trabalho”.

A professora lembrou que as crianças “ficaram muito felizes de fazer a pipa. Muitos ficaram eufóricos, aí eu os deixei levá-la para casa”.

Finalizando a conversa, Marta propôs que fizessem uma roda, para cantar o poema “Roda pião” e brincarem (CLUBE DA LEITURA..., 2011, online).

A partir de Certeau (2006), pude observar a música e a prática oral como usos cotidianos no contexto do Clube da Leitura como um tipo de tática, entendendo como esta pode se diferenciar. Com a biblioteca escolar sendo o espaço por onde essas práticas de leitura vão se articular, entendo, a partir de Petit (2009, p. 59), como sendo um “[...] ambiente natural para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor”.

A partir desses arcabouços teóricos e com as fontes de que as bibliotecas escolares nos clubes de leitura funcionam como um organismo no entendimento de culturas escolares (FRAGO, 2002) que, além de comporem a arquitetura escolar, fazem parte do projeto pedagógico, das práticas de leitura e no processo de ensino-aprendizagem por meio da leitura, das oralidades e das socializações.

Observo, além desses aspectos, resquícios de permanências em práticas de leitura, como constatado no estudo de Santos e Cunha (2020): as autoras destacaram os aspectos voltados para a higiene em casa, o asseio, a limpeza no corpo e nas roupas na *Série de Leitura Pedrinho* nas décadas de 1950 a 1970. Sobre a mesma série de leitura, Cunha e Fernandes (2008, p. 126, grifos meus) abordam que esses livros de leitura em Santa Catarina tentavam “[...] normatizar comportamentos, internalizar regras e preceitos para a formação do **bom cidadão** bem como para contribuir para a formação do caráter cívico em um período em que a vida nas cidades se firmava [...]”.

Nesse sentido, a visita de Marta Martins na EBM Beatriz de Souza Brito, a partir da leitura do livro *Maricota e Cocota*, teve como objetivo dialogar com os educandos hábitos de higiene bucal e poemas sobre essas práticas e as personagens do livro em conjunto com a visita da profissional dentista do posto de saúde do bairro Pantanal:

A partir da obra, várias atividades foram realizadas, entre elas: teatro de fantoches e contação de história, oficina de escovação de dentes, confecção da Bocona e dentes para escovação, aventais de dentista e escovas de dentes em *biscuit*, sacola literária na casa dos alunos, marcador de livros com depoimento dos pais, mais escovação utilizando o revelador de placas, painel dos amidos e inimigos dos dentes, produção escrita de poemas sobre higiene bucal, entrevista com a dentista (CLUBE DA LEITURA..., 2016, online).

Seguindo essa perspectiva de análise na temática de poemas catarinenses, no decorrer das atividades do Clube da Leitura, o número de poetas convidados a participar das atividades aumentou e houve maior alternância na visita às escolas, causando impacto nas práticas de leitura e nas formas de socializações a que cada mediador de leitura traz como estratégia para o incentivo à leitura, como é o caso da visita do poeta Dennis Radünz⁴⁵, na EBM Intendente Aricomedes da Silva:

⁴⁵ Natural de Blumenau, vive na Ilha de Santa Catarina desde 2001. Graduado em Letras – Língua e Literaturas de Expressão Portuguesa pela UFSC, é mestre em Literatura, com a dissertação *Roça*

Dennis ministrou uma oficina de escrita criativa que despertou o interesse dos alunos.

Cerca de 150 alunos leram juntos com as professoras Lúcia Izabel Telexa, Jheniffer Crummenauer e a bibliotecária Elizangela Pereira o livro de crônicas do referido autor (CLUBE DA LEITURA..., 2015, online).

Nessa temática, observo o movimento dos mediadores de leitura e a chegada de novos poetas para compor o projeto. Alcides Buss e Eloí Elisabete Bocheco são dois poetas indicados pelo Debec para que as unidades educativas trabalhem com suas obras, no entanto há também uma intensa participação da autora Marta Martins e do poeta Dennis Radünz que, além da apresentação de sua obra, foi responsável por um trabalho em equipe com a realização de uma oficina de escrita.

Por mais que os poemas trabalhem com as subjetividades de seus leitores, há uma intencionalidade por parte do Clube da Leitura: talvez por ter como objetivo trabalhar com autores catarinenses, os poemas, assim como nas temáticas anteriores, abordam os mesmos aspectos culturais, ideários e de civilidade catarinense açoriana, abrindo pouco espaço para a diversidade, mesmo se tratando de um gênero literário que tem a facilidade de explorar assuntos variados. Essa afirmativa não tem o objetivo de apagar o trabalho dos mediadores, mas somente dar continuidade ao debate relacionado à diversidade exigida pela LDB nos assuntos escolares, levando em consideração o intuito do projeto e trabalho exaustivo dos mediadores de leitura, entre autores, professores e bibliotecários.

Marquezi (2018, p. 115), ao dar título ao seu artigo *Ou isto ou aquilo – a (há) poesia além da pedagogia*, que compõe o livro *Poesia (cabe) na escola*, defende a ideia do entrelaçamento entre pedagogia e poesia baseando-se na trajetória de Cecília Meireles, que teve sua vida como poeta e educadora “[...] evidenciando que não há como se desvincular esses dois aspectos de sua vida [...]”, no sentido de que a autora como poeta era educadora e como educadora era poeta.

Entendo, nesse sentido, os poetas destacados aqui nessa temática, contudo não somente poetas, mas, no decorrer desta tese, inferi que os mediadores de leitura (professores, bibliotecários e autores) estão entrelaçados no trabalho em conjunto com o objetivo em comum: o incentivo à leitura, que também tem como

recursos obras que estimulam o imaginário do leitor acerca das paisagens e natureza de Florianópolis e Santa Catarina (PORTAL, 2020).

Quadro 10 – Poética

Título	Autor(a)
A poesia do ABC Saber não saber	Alcides Buss
Olha a cocada O pacote que tava no pote Pomar de brinquedos Contra feitiço, feitiço e meio A chave que o vaga-lume aluminou	Eloí Elisabete Bocheco
Brincar com a verdade Maricota e Cocota	Marta Martins
Cidades marinhas: solidões moradas	Dennis Radünz

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

3.6 EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Em tempos de adversidade, são muitos os desafios colocados na sociedade. A educação, a pesquisa e as práticas de leitura, por sua vez, estão envolvidas nos processos de sociabilidades e diretamente afetadas com a vivência do dia a dia. Estudar o Clube da Leitura, nesses tempos, exige que se tenha um olhar atento aos diálogos contemporâneos que estão borbulhando, assim como nas possíveis categorias capazes de movimentar um assunto novo e, ao mesmo tempo, delicado. A partir de 2020, a população mundial vem enfrentando os impactos da pandemia de covid-19 (MARTINS; SILVA NETO; SILVA, 2021). Um novo coronavírus, cientificamente identificado como Sars-COV-2 (LUIGI; SENHORAS, 2020), tomou vasta abrangência de contágio no mundo, impactando a realidade humana e demandando formas alternativas de atuar no cotidiano. Para Certeau (2002, p. 31), “[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”.

O Clube de Leitura e toda a comunidade escolar sofreram os impactos da pandemia e se depararam com um cenário conturbado, pois como socializar, estimular a leitura, realizar encontro com autores em tempos de isolamento social? Uma das ações realizadas foi a criação do *site* oficial, onde consegui pesquisar muitos vestígios do funcionamento do projeto. Nesse processo, a cultura do Clube da Leitura se vê em mudança, assim como suas representações, que passaram a

ser em formato digital, contudo sem ter certeza se todos os educandos que eram contemplados pelas atividades do projeto presencial conseguiram ter acesso de forma virtual.

O Debec registrou em relatório como foram as atividades desse primeiro ano pandêmico atípico e, segundo consta em seus arquivos, a primeira ação consistiu na

[...] criação da página do Clube da Leitura, no Portal Educacional: a equipe Debec elaborou conteúdo sobre o acervo disponível no Clube da Leitura, com a intenção de dar visibilidade às obras e apresentar possibilidades pedagógicas a partir delas. As obras foram agrupadas por temas e/ou aproximação de gênero literário. Além de mostrar a capa do livro e informar sobre a quantidade de exemplares disponíveis, foram vinculados alguns *links* com informações relacionadas aos temas. Dentre os temas já publicados, podemos citar: 1- A cultura florianopolitana; 2- História de Florianópolis e SC; 3- Histórias em Florianópolis; 4- Poemas de autores catarinenses; 5- Paisagem e natureza de Florianópolis e SC. O trabalho ainda está em andamento (RELATÓRIO, 2020).

Em tempos de adversidade, a internet, como ferramenta de suporte pedagógico, colabora com a “[...] comunicação à distância, livre e imediata, propiciada pelas redes eletrônicas, dá um novo alento a um sonho de uma universalidade” (CHARTIER, 2002, p. 133). Nesse sentido, os leitores educandos tendem a não ter mais a mesma percepção (CHARTIER, 2002) ou apropriação do livro no Clube da Leitura, pois se trata de representações e experiências diferentes do que é vivenciado em uma prática de leitura em uma biblioteca escolar.

A segunda ação, voltada para o desenvolvimento de coleções, consistiu em:

Ampliação do acervo de obras de autores catarinenses para compor o Clube da Leitura. A SME adquiriu novos livros para ampliar o acervo do Clube. 960 (novecentos e sessenta) exemplares referentes a nove títulos já foram entregues, sendo parte desses exemplares destinados ao acervo do clube na biblioteca central da SME e a outra parte distribuída para as unidades educativas. Além desses, há mais 20 títulos em processo de licitação para compra, que totalizarão 3.200 exemplares (RELATÓRIO, 2020).

No Quadro 11 a seguir, elenquei a lista de livros em licitação para o ano de 2020.

Quadro 11 – Lista dos livros em licitação (2020)

Quantidade de exemplares	Título	Autor(a)
500	História de Santa Catarina	Valmir Francisco Muraro

	para ler e contar	
200	Florianópolis para conhecer e brincar	Bebel Orofino
500	Florianópolis: a capital em uma ilha	Cristina Santos
200	História de Florianópolis para ler e contar	Mário Pereira
50	Naufragados	Patrícia Carpes
50	O fantástico na Ilha de Santa Catarina	Franklin Cascaes
50	Nos passos de Cascaes: bruxas, lobisomens e outros seres encantados	Juliana Dalla
200	A Mata Atlântica na Ilha de Santa Catarina	Cristina Santos
500	Mata Atlântica: o bioma onde eu moro	Cristina Santos
200	Abecedário da natureza brasileira	Cristina Santos
80	A fuga das minhocas	Raquel Ribeiro
80	Eu produzo menos lixo	Cristina Santos
50	Brincar de verdade	Marta Martins
50	Gaitinha tocou, bicharada dançou	Eloí Elisabete Bocheco
110	Maíra	Raquel Ribeiro
50	O que dizem os animais	Cristina Santos
190	O voo da pandorga mágica	Eliane Veras da Veiga
50	Pomar de brinquedo	Eloí Elisabete Bocheco
160	Antonieta	Eliane Dabus
30	Ildefonso Juvenal da Silva: um memorialista negro no sul	Fábio Garcia

Fonte: Relatório (2020).

Nesse primeiro ano de pandemia, o Debec solicitou a compra de livros já utilizados pelo Clube da Leitura, alguns considerados “clássicos”, devido ao número de menções que notei no seu uso nas atividades. Destaco também a aquisição dos dois últimos livros – *Antonieta*, de Elaine Debus, e *Ildefonso Juvenal da Silva: um memorialista negro no sul*, de Fábio Garcia, que demonstram uma inovação temática a ser trabalhada no Clube da Leitura, com uma abordagem na temática afro-brasileira.

O livro *Antonieta* retrata, na perspectiva da literatura infantojuvenil, a figura de Antonieta de Barros (1901-1952), uma importante personalidade na história de Santa Catarina, mulher negra, que atuou como professora e escritora na política e na literatura por meio de crônicas, discursos e projetos, influenciando o pensamento

político-educacional de Florianópolis no século XX. Ela foi homenageada como personalidade ilustre da cidade pelo governador do estado Esperidião Amim, assim como é nome de ruas do bairro Ingleses e no Estreito e, no ano de 2009, “[...] a biblioteca da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina foi batizada com o nome de Antonieta de Barros” (FONTÃO, 2010, p. 401). A historiografia sobre Antonieta de Barros ainda é tímida devido ao tamanho de sua obra, contudo iniciativas como essa obra colaboram para a visibilidade da professora e escritora. Segundo Clemêncio (2017), Antonieta tem sido inspiração dentro e fora do campo da Educação para as mulheres negras e não negras, tendo repercussão também a sua trajetória política, como sendo a primeira deputada negra do Brasil.

O livro *Ildfonso Juvenal da Silva: um memorialista negro no sul do Brasil* retrata artigos escritos por Ildfonso Juvenal entre os anos de 1911 e 1964, abordando a história desse homem negro, que nasceu em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, e se destacou no cenário educacional e literário da cidade: com 20 anos de idade, escreveu o seu livro *Contos singelos* e publicou obras sobre outros campos do saber, pois, além de escritor, foi militar e farmacêutico (UFSC, 2020). O livro concorreu à final do prêmio Jabuti de Literatura 2020, ao lado de nomes como Chico Buarque, Djamila Ribeiro, Itamar Vieira Junior, entre outros (UFSC, 2020). Ele traz uma temática e uma linguagem destinadas ao público adulto, podendo ser trabalhado em práticas de leitura com o público da EJA.

Apesar do isolamento social, o Clube da Leitura tentou seguir com as atividades de práticas de leitura a distância e manteve a sua política de aquisição e atualização do acervo, dando margem até para livros com diferentes abordagens. Além dessas atividades, planejou 2021 da seguinte forma:

1. Continuar a publicação de conteúdo no Portal educacional.
2. Distribuir as novas obras adquiridas pela SME e fazer divulgação para bibliotecários e professores.
3. Oferecer curso de 4 horas para professores de Língua Portuguesa, Anos Iniciais e professores auxiliares de ensino, em parceria com os assessores de cada área, com o objetivo de divulgar o acervo e planejar possíveis projetos ou atividades didáticas a partir de leitura e literatura. A depender do interesse dos assessores.
4. Reafirmar e ampliar a parceria com autores catarinenses, para retomada de visitas às unidades educativas, quando as aulas estiverem acontecendo presencialmente. A SME precisa organizar uma forma de pagamento aos autores, haja vista que não são consultores e nem todos têm nível superior (RELATÓRIO, 2020).

Entrevistando a bibliotecária Fernanda Luckman, da unidade escolar Beatriz de Souza Brito, da qual dou destaque no próximo capítulo, informei-me de mais uma ação para os tempos de pandemia, dessa vez em 2021: uma *live* promovida pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com a RME, com o objetivo de realizar um debate sobre o Clube de Leitura em tempos de pandemia, tendo a presença das bibliotecárias Fernanda Luckman e Adriana Kuhn, esta atuante na EBM Adotiva Liberato Valentim. Esse debate fez parte da programação da 4ª edição do evento *Rede de saberes*, que também contou com a seguinte programação:

Figura 6 – Programação da 4ª edição do Programa Rede de Saberes



DIA	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
16/3 TER	Daniela Guse "Rede de bibliotecas da Secretaria de educação: história e movimentos"
18/3 QUI	Adriana Kuhn e Fernanda Cláudia Lückmann da Silva "Clube da leitura: a gente catarinense em foco - vivências e possibilidades no ensino remoto"
25/3 TER	Adriana Kuhn e Guilherme Martins "Mediação de leitura em tempos de distanciamento: a conexão que veio das histórias"
30/3 QUI	Munira Thiesen Bergmann "Canal Virtual de Histórias: relato de experiência"
06/4 TER	Guilherme Martins e Margarete Maria Marques Hidalgo "Literatura no cinema: relato de experiência"
08/4 QUI	Karla Schmiegelow e Raquel Pacheco "Criando atividades interativas e atrativas: a biblioteca escolar se reinventando na pandemia"

Público: Todos que tiverem interesse nas temáticas.
 Horário: 19h às 21h
 Inscrições: adm2.pmfsc.gov.br/site/vigepa/

Local: Google Meet
 Informações: (48) 3212-0910 / (48) 3212-0929

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS
 UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

Fonte: PMF (2021).

Para além das questões técnicas necessárias ao andamento do Clube da Leitura em tempos de pandemia, parece que talvez sirva como um respiro (MARTINS; SILVA NETO; SILVA, 2022), tanto para os mediadores de leitura quanto para os leitores – pois continuam de forma virtual discussões de metodologia de trabalho e socializando por meio do objeto livro –, porque a leitura pode contribuir para confortar e para oferecer bem-estar nesses tempos (PETIT, 2009). Contextos de crises podem servir para dar outro significado para a prática de leitura, são tempos para “[...] redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si

mesmos, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica” (PETIT, 2009, p. 22).

Na realidade pandêmica e de crise em que estamos vivendo, vida e trabalho caminham lado a lado, sendo tarefa desafiadora nos desvencilharmos da crise refletida, buscando, a cada dia, táticas para superar os obstáculos propostos. O livro e a leitura circulam pelo fazer profissional no dia a dia do bibliotecário e pelas atividades de incentivo a práticas de leitura, os clubes de leitura. Meu olhar particular, como bibliotecário pesquisador no campo da Educação, em tempos de pandemia, é tentar resistir a essa adversidade e contar com o poder dos livros como objeto de resistência nesse movimento, assim como a ciência tão questionada nos últimos tempos. Nesse sentido, segui com a tarefa de escrever as pesquisas historiográficas como um lugar social (CERTEAU, 2006), articulando-se com essa realidade que me cerca. Como Certeau (2006) também aponta, as operações historiográficas têm suas particularidades sociais, assim como posso perceber essas atividades de práticas de leitura em tempos de isolamento social.

“Qual é o poder da leitura nesses tempos difíceis?”, nos questiona Petit (2009, p. 34), em um contexto de crise em um dos países mais importantes da América Latina: a Colômbia dos anos 1990 se viu arrasada pela guerra civil causada por grupos narcotraficantes e as forças do Estado, quando teve sua estrutura política, econômica e social abalada, reverberando seus efeitos até os dias atuais. Contudo, observo que a biblioteca e a leitura foram ferramentas utilizadas como políticas públicas, em conjunto com outras ações sociais, para apaziguar os efeitos da guerra, demonstrando que têm um poder transformador e, em tais contextos, a leitura atua em crianças, adultos e adolescentes “[...] na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica” (PETIT, 2009, p. 22).

Antes de adentrar no próximo capítulo deste trabalho, destaco brevemente indícios temáticos e culturais presentes no Clube da Leitura, quando percebi, no decorrer dos anos, uma permanência de obras lidas ao longo dos anos, até mesmo nas unidades escolares. Não foquei neste capítulo medir o número de vezes em que as obras foram utilizadas, mas sim perceber quais indícios foram.

3.7 ACERVO DO CLUBE DE LEITURA: INDICATIVOS DE TEMÁTICAS

As temáticas trabalhadas nos clubes de leitura pelo acervo do Debec e das respectivas bibliotecas escolares indicam uma preferência de temática para ser trabalhada durante as práticas de leitura. As obras que abordam algumas culturas locais reforçam o imaginário sobre figuras folclóricas, como o boi-de-mamão. Assim, desde 2009, no início do projeto, surgiram oportunidades para que novos autores participassem cada vez mais do Clube, assim como novas unidades educativas, dando oportunidade para que novas discussões e temáticas fossem abordadas.

Neste capítulo, busquei abordar as temáticas que mais se destacaram durante a pesquisa, tanto no arquivo do Debec quanto no *blog* e no *site* do Clube da Leitura que referencio neste trabalho. Ainda, no *site* oficial, é citada uma temática intitulada *Paisagens e natureza de Florianópolis SC*, no entanto não encontrei indícios nas fontes dessa temática específica sendo trabalhada, somente alguns resquícios já citados nas temáticas 2.1, 2.2 e 2.3. A partir de agora, busco observar, pelo olhar dos mediadores de leitura, como são realizadas as práticas de leitura, quais são as temáticas mais abordadas e as que não são trabalhadas no projeto.

O olhar dos mediadores de leitura servirá como norteador para observar, além das fontes impressas e digitais, o que dizem as fontes orais sobre o projeto e seus desdobramentos, dando visibilidade também ao trabalho que esses profissionais fazem no incentivo à leitura. Sobre o trabalho dos mediadores, Daniela Guse (2020), coordenadora do Debec (2018-2022), afirma que:

O clube da leitura atinge abrangência de acordo com o perfil do bibliotecário. Se o bibliotecário é profissional atuante que tem o perfil de estabelecer parcerias, principalmente com os professores, ele consegue divulgar mais e promover mais projetos dentro do Clube. Como exemplo temos escolas em que uma bibliotecária consegue fazer 3 ou 4 vezes visitas com autores em um ano só, já em outras escolas existem professores que ainda nem ouviram falar do projeto, pois o bibliotecário não tem o perfil de estabelecer parcerias.

O capítulo seguinte busca indícios desse possível trabalho em parceria e interdisciplinar realizado pelos mediadores de leitura, buscando apresentar um pouco da trajetória de cada mediador e, em seguida, uma análise do conteúdo de cada entrevista realizada entre os anos de 2020 e 2021. Interessou-me entender como cada mediador vivencia o Clube da Leitura e o enxerga em sua atuação profissional, seja nos campos da Biblioteconomia, docência ou de autoria de livros. Destaco também o papel que cada unidade escolar desempenha nesse caminho,

além da comunidade escolar inserida e cada cultura escolar apresentada por meio das práticas de leitura representadas.

4 MEDIADORES DE LEITURA: UMA CONSTRUÇÃO

Garantir a alfabetização é a ligação vital entre os ambientes do sistema público de ensino e da universidade. A escola pública é a formação exigida para todos, que tem a tarefa de ensinar os estudantes a ler e escrever e, esperançosamente, a se engajar em alguma forma de pensamento crítico (BELL HOOKS, 2019, p. 199-200)⁴⁶.

Início este capítulo com uma tarefa de mergulhar em outro momento da pesquisa, que foi a recolha de percepções, por meio de entrevistas, em tempos adversos de pandemia de covid-19. Portanto, o estudo se desdobra entre o desafio metodológico e a poesia encontrada nos livros utilizados nas práticas de leitura no qual acalenta a tensão da investigação com fragmentos poéticos; tudo isso em tempos sombrios, tanto na esfera político-social quanto sanitária, porém vislumbrei aproveitar da melhor maneira possível os vestígios de práticas de leitura e trajetórias dos mediadores de leitura participantes do Clube da Leitura.

Quando há o debate sobre mediação da leitura no contexto latino-americano, lembro que ainda há uma parcela de nossa sociedade analfabeta, sem acesso ao universo da escola, livros e bibliotecas. Inspirada no pensamento de Freire (2013), bell hooks (2019) defende a ideia de uma educação pública e democrática e que nós, educadores, devemos pensar em possibilidades pedagógicas inclusivas para evitar o abandono escolar, principalmente por aqueles que sintam na escola um ambiente elitista no qual não se encaixa como sujeito social.

Nesse caminho, posso observar, a partir das fontes orais, o papel da biblioteca escolar e dos mediadores de leitura nesses espaços como personagens que trabalham no engajamento de uma prática de leitura democrática, possibilitando uma leitura mais acessível e familiar, na tentativa de que a leitura faça parte da cultura escolar e da família, no dia a dia fora dos muros da escola. Por meio dessa prática, penso em uma ferramenta pedagógica que auxilie na diminuição do analfabetismo.

⁴⁶ Gloria Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell hooks, é professora e ativista social pelos direitos do povo afro-americano. Atualmente é professora na City College de Nova York e tem como uma de suas inspirações teóricas as ideias de Paulo Freire. Seu pseudônimo é inspirado em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks, e as letras minúsculas, segundo a autora, têm o objetivo de focar no conteúdo da sua escrita, e não em sua pessoa, assim como possibilita a liberdade de uma identidade que possa estar sempre em movimento.

Diversos são os campos do conhecimento que abordam a temática da mediação da leitura como fio condutor para pesquisas. A prática de leitura, compreendida como ação dentro do processo de sua mediação, é destacada nos trabalhos de Paulo Freire (1989) no campo da Educação, Chartier (2001) no campo da História, por Petit (2009) nos campos da Antropologia e da Biblioteconomia. Por ser um tema interdisciplinar, ganha destaque no campo das Letras e pode ser estudado em diversos outros que compreendem os estudos sociais e as humanidades.

Os campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, nos estudos de Almeida Júnior e Bortolin (2014), principalmente pela experiência de pesquisa que os autores trazem na discussão entre práticas e mediação de leitura dentro do espaço físico da biblioteca, dialogam-se diretamente com o objeto desta pesquisa.

Conforme Bortolin e Almeida Júnior (2014), o papel do mediador da leitura, seja ele em bibliotecas ou em outros espaços de cultura, transita por diversas funções dentro de um processo de prática de leitura, que vai desde a figura do contador de história até o bibliotecário que cumpre os procedimentos técnicos para empréstimo e devolução do acervo. Sua função é que a audição do texto literário cause encantamento ao leitor, assim como ter a consciência da importância da biblioteca em sociedade, o mediador possa estabelecer uma relação dialogada, sendo este o bibliotecário, que pode apresentar o aspecto sociocultural da profissão, abrindo as possibilidades para formação e manutenção dos leitores no Brasil. A esse respeito, Petit (2009) destaca a formação e os anos de experiência dos mediadores da leitura que proporcionam a mediação da leitura capaz de conquistar leitores, movimentando, conseqüentemente, os projetos de leitura.

A mediação de leitura é uma temática que tem ganhado cada vez mais visibilidade nas discussões ainda tímidas no campo da Biblioteconomia. Ainda que exista uma vasta produção sobre bibliotecas escolares, o incentivo à leitura ainda não tem relevância de destaque se comparado com temas como “inovação”, “empreendedorismo” ou “tecnologias da informação”, e isso se reflete na formação dos bibliotecários que atuam em unidades escolares. Com a Lei nº 12.244, essa discussão se faz necessária e a busca por uma bibliografia que debata a temática

revela essa necessidade: pensar as questões locais e as urgências que demandam da profissão bibliotecário no território nacional.⁴⁷

Silva (2020), no seu estudo sobre colonialidade do saber na Biblioteconomia, reflete a origem da profissão bibliotecária brasileira e seus primeiros cursos oferecidos em 1911, no Rio de Janeiro, por meio da Biblioteca Nacional, e, em 1929, em São Paulo, oferecido pela Mackenzie College, atual Instituto Mackenzie, no qual o primeiro era de uma perspectiva humanística e o segundo tecnicista, focado nos processos de organização de serviços de informação. A partir desses, outros cursos foram criados, ganhando uma influência cada vez mais anglo-americana após os anos 1960, afastando-se da crítica social a partir de um liberalismo humanista e a “[...] um tecnicismo acrítico” (SILVA; SALDANHA; PIZARRO, 2017, p. 6).

A partir dos estudos realizados por Francisco das Chagas de Souza, César Augusto Castro, Carlos Alberto Ávila Araújo e José Augusto Chaves Guimarães, percebo, na história do ensino de Biblioteconomia, a ênfase na perspectiva eurocentrada e norte-americanizada, na qual Silva (2020, p. 120) convida para a crítica, ao pensar que o “[...] Brasil como um país latino americano de dimensões continentais com especificidades que precisariam ser consideradas ao se desenvolver pesquisas, formar profissionais e exercer a profissão”. Nesse caminho, considera-se a universalização das bibliotecas escolares no Brasil como uma das especificidades do campo, que por consequência expande o debate da prática de leitura e mediação de leitura em unidades escolares.

Nesse sentido, este estudo procura também, de alguma maneira, contribuir com o debate sobre a mediação de leitura nos campos da Educação e da Biblioteconomia e, assim como o Clube de Leitura, no qual foi percebido, na análise dos dados, é uma atividade interdisciplinar, e a discussão sobre a mediação de leitura também segue o mesmo viés. A historiadora Anne-Marie Chartier, o educador Paulo Freire e a antropóloga Michele Petit são alguns dos autores que contribuem com o entendimento deste capítulo.

Para Chartier (2010, p. 12), é necessário que os mediadores de leitura tenham conhecimentos teóricos dos campos da Linguística, Psicologia, Sociologia e

⁴⁷ A partir da análise das grades curriculares das principais universidades públicas brasileiras que oferecem o curso da Biblioteconomia, é possível perceber que há poucas disciplinas com a temática de mediação de leitura. Optei por não aprofundar esse assunto da tese para não fugir da temática, mas, caso o leitor tenha interesse, esse é um estudo que pode ser desenvolvido com base nos *sites* oficiais de universidades, como USP, Unirio, Udesc, UFSC e outras públicas.

Didática, ou seja, a mediação da leitura é tarefa interdisciplinar, possibilitando que esses profissionais possam “[...] tirar proveito dos materiais escritos por outros professores e das pesquisas na área para formar de fato, verdadeiros usuários da leitura e da escrita”. A autora ainda pontua que as práticas de sociabilidades da leitura atraem novos leitores, principalmente as crianças, construindo-se ou conduzindo-se a um desejo de leitura.

Um exemplo de trabalho que pode ser desenvolvido de forma interdisciplinar entre mediadores de leitura é exemplificado por Freire (1989, p. 20) como uma atividade em uma área camponesa, realizando o levantamento da história da área, podendo compor um acervo organizado por bibliotecários, documentalistas, educadores e historiadores “[...] através de entrevistas gravadas, em que as pessoas mais velhas e os mais velhos habitantes da área como testemunhos presentes, fossem fixando os momentos fundamentais da sua história comum”.

Chartier (2010) também mostra exemplos de atividade interdisciplinar para a formação de leitores na infância. Petit (2009), em uma pesquisa antropológica, investiga mediadores de leitura em contextos de crise, causado, em sua maioria das vezes, pela violência urbana, em especial na América Latina. Com um olhar de paixão sobre o trabalho com livros, a autora destaca não somente o trabalho interdisciplinar que deve ser feito, mas também a experiência com a leitura que cada mediador deve ter o trato com livro e conhecimento literário, pois, em contextos de crises, o caminho da literatura, por vezes, é terapêutico, além de “[...] facilitar a apropriação da cultura escrita por caminhos diferentes dos habitualmente seguidos em sala de aula [...]” (PETIT, 2009, p. 186).

Para pontuar um conceito de mediadores de leitura e ter como base para interpretar os relatos coletados, utilizei como fundamentação teórica o entendimento de Reyes (2012), que entende os mediadores de leitura como sujeitos capazes de articular meios para que o livro e os leitores se encontrem. Nas palavras da autora, “Mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem” (REYES, 2012, p. 2).

Esse entendimento de “ponte” sustenta uma ideia de que o livro como objeto não chega sozinho aos olhos do leitor, tampouco seu conteúdo não é apropriado de maneira automática, como códigos decifrados, tornando-se conhecimento instantaneamente. Baseado em Reyes (2012), não estão somente no ambiente

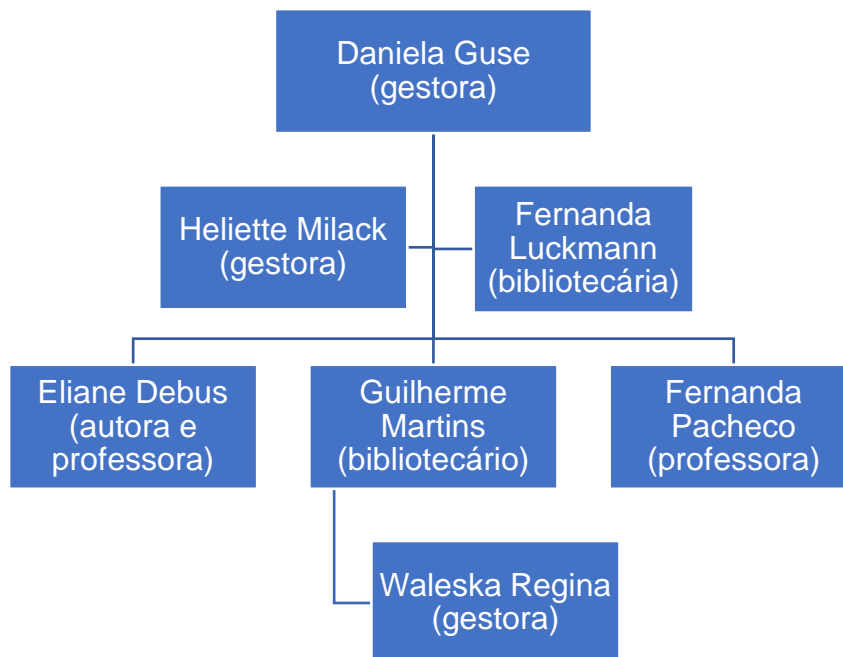
escolar, mas em todo local em que é possível ter uma ação de mediação entre um leitor e um livro, seja no hospital, no parque ou no lar. Por isso, na concepção da autora, são pais, avós, livreiros, professores, bibliotecários, ou seja, tudo aquele que serve de ponte entre um sujeito e um livro.

A partir desses autores, busquei dialogar também com a literatura e as pesquisas científicas desenvolvidas no âmbito da História da Educação em Santa Catarina, por meio de um levantamento bibliográfico que já citei ao longo do trabalho, com o objetivo de que essas lentes contribuam com a interpretação dos dados a serem analisados, tentando perceber o papel dos mediadores de leitura no desenvolvimento do Clube da Leitura.

Sobre os sujeitos de pesquisa, entrevistei 7 mediadores de leitura e, por terem sido realizadas entre dezembro de 2020 e outubro de 2021, as entrevistas foram feitas online pela plataforma Google Meet, captando o áudio para transcrição. Utilizei desse método respeitando a privacidade e um cuidado com os entrevistados devido ao período da pandemia de covid-19, resultando no isolamento social e as demais medidas de controle sanitário expedidos pelos órgãos competentes desde março de 2020.

Todos os contatos foram feitos previamente por intermédio do Debec, no qual a gestora Daniela Guse fazia o primeiro contato por e-mail e, em seguida, me enviava para que eu pudesse dar continuidade aos encaminhamentos. Os sujeitos de pesquisa foram escolhidos devido à análise das fontes citadas nos primeiros capítulos, que incluem *blogs*, *sites* e arquivo do Debec. Tentei entrevistar os mediadores que mais apareciam nos relatos, fazendo um equilíbrio entre autores, bibliotecários e professoras. A partir dessa premissa, acabei desdobrando a pesquisa para duas unidades além do Debec: as EBM Beatriz de Sousa Brito e Luiz Cândido da Luz. Na Figura 7 a seguir, está a tentativa de ilustrar esse método e a divisão dos sujeitos mediadores, representando como foram arquitetados os processos de sociabilidades para a construção deste capítulo.

Figura 7 – Demonstração dos processos de sociabilidades



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Vale ressaltar que esses autores já visitaram mais de uma unidade durante as atividades do Clube da Leitura, contudo procurei entrevistar na unidade quem tivesse mais participações ou maior afinidade com a comunidade escolar. No caso do Debec, observei que o poeta Alcides Buss, além dos encontros com alunos, atuou em formações com bibliotecários e professores nas reuniões sobre o projeto.

O escritor e poeta catarinense Alcides Buss é o convidado desta sexta-feira (28) do “Clube da Leitura: A gente catarinense em foco”, da Secretaria de Educação de Florianópolis, por meio do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias.

O encontro será realizado no Centro de Educação Continuada, a partir das 8 horas. O evento, voltado para profissionais da rede municipal, visa à troca de experiências e à criação do hábito da leitura entre os participantes.

Alcides Buss é professor de Teoria literária na Universidade Federal de Santa Catarina. Na literatura, ingressou em 1970, com o livro “Círculo Quadrado”.

Possui 20 obras publicadas, sendo três títulos indicados para o público infantojuvenil. Pela obra “A poesia do ABC”, recebeu o prêmio Revelação, da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1990.

Na obra, com ilustrações de Márcia Cardeal, o escritor explora as letras do alfabeto contidas em 31 poemas. A história já é considerada um clássico da literatura infantil. Publicado pela editora Cuca Fresca, o livro está na quinta edição.

Em 2009, Alcides lançou o livro “Saber não saber”, composto por 65 poemas curtos que trazem as incertezas e dúvidas presentes na adolescência. O poeta brinca com as palavras e coloca o leitor em emaranhados de decisões rotineiras e complexas da faixa etária (PMF, 2015, online).

4.1 UMA REDE DE LEITURA

Para Chartier (2010), a sociabilidade da leitura proporciona a entrada de novos leitores no universo literário, principalmente com crianças, pois elas podem aprender a socializar por meio da leitura e a lidar com a diferença entre seus semelhantes. A partir da entrevista feita com a professora Heliete Millack⁴⁸, em 2021, a idealizadora do projeto Clube da Leitura obteve o relato de que a ideia seminal para o projeto tinha como o nome “Rede de Leitura”, remetendo-se à RME e fazendo alusão às redes de sociabilidades que o projeto poderia propor, contudo o nome dado foi outro:

O nome que eu iria dar para o projeto não era Clube da Leitura, era na verdade Rede de Leitura, pois nós somos uma rede de ensino e eu queria fazer como símbolo uma rede de pesca. Mas após trabalhar um sábado e um domingo todo para apresentar o projeto na Secretaria de Educação, eu esqueci do nome! Eu tinha acabado de assistir ao filme de Clube de Leitura, de Jane Austen, e acabei colocando no projeto. Não era a ideia original, mas pegou muito bem e acho que as pessoas gostaram (Heliete Millack, 2021).

O filme referenciado pela professora é uma comédia romântica estadunidense com a direção de Robin Swicord⁴⁹, no qual um grupo de pessoas formam um clube de leitura dedicado à obra de Jane Austen com a justificativa de que sua obra literária é ideal para “curar os males do mundo”, reunindo-se todo mês para discussão dos textos, fazendo com que os encontros se tornem locais de socialização, amizade e histórias de vida.

Heliete Millack, já apresentada neste trabalho, morou durante muitos anos em Curitiba, onde foi professora do estado do Paraná. Catarinense, voltou para Florianópolis em 1994. Atuou como professora substituta no Colégio de Aplicação da UFSC entre 2002 e 2004, quando já atuava como projetos de práticas de leitura, envolvendo-se em parceria com a biblioteca escolar. A professora, durante a entrevista, deixou nítido que sempre teve o interesse em atuar em parceria com bibliotecários nas unidades em que trabalhou, pois sempre quis se envolver com

⁴⁸ Heliete Millack também é autora. Optei, portanto, neste trabalho, citar Heliete Millack (2021) quando diz respeito à entrevista, já quando a citação for somente o sobrenome Millack, representa a produção intelectual da entrevistada.

⁴⁹ “Robin Stender Swicord é uma roteirista e cineasta norte-americana. Como reconhecimento, foi nomeada ao Oscar 2009 na categoria de Melhor Roteiro Adaptado por *O curioso caso de Benjamin Button*” (IMDB, 2022, online).

“[...] a parte da linguística, gramática, gêneros textuais e literatura, tudo misturado” (Heliete Millack, 2021).

A memória de uma professora de Português revelada aqui neste capítulo lembra uma reflexão proposta por Bastos (2003): a autora aponta que as vivências de um professor sobre o seu trabalho e a sua trajetória profissional dialogam de forma contextualizada em uma perspectiva histórica na construção do tempo presente e, nesse caso em específico, um tempo que está próximo ao que vivenciamos. Nesse seguimento, a autora pontua que “[...] o prazer em revelar as inúmeras vivências, de contextualizá-las na busca da reflexão e da crítica, de valorizá-las diante da elaboração no tempo presente [...]” (BASTOS, 2003, p. 167).

A professora, inspirada em sua vivência em Curitiba, procurou no Clube da Leitura valorizar uma cultura local, pois presenciou essa prática no estado do Paraná e quis demonstrar, em autores locais, a valorização da “cultura catarinense”. O foco de Millack, no início, era mediar esse encontro, entre leitores e autores, por meio da literatura infantojuvenil catarinense com o envolvimento da comunidade escolar. Millack passou para o concurso na PMF e para o estado de Santa Catarina e, após muitas pesquisas e consultas a profissionais que já atuavam no campo da Educação, optou por assumir na RME pelo plano de carreira e estrutura (Heliete Millack, 2021).

Nesse sentido, Freire (1981) atenta que, para a prática educadora, é necessário haver planejamento para saber avaliar e ter ideia dos objetivos que se quer alcançar com os projetos. Isso significa, segundo o autor, ter conhecimento das condições em que educadores e mediadores irão atuar, assim como os instrumentos e os meios que se colocam disponíveis para saber como executar e avaliar. Assim, “[...] planejar significa prever os prazos, os diferentes momentos da ação que deve estar sempre sendo avaliada podemos planejar em curto prazo, em médio prazo e em longo prazo” (FREIRE, 1981, p. 47). A decisão da professora levou em consideração essas características apontadas por Freire.

A partir dessa entrada na RME, Millack relata um pouco de dificuldade para atuar com práticas de leitura nas unidades escolares e começa, então, a percepção da problemática do envolvimento da comunidade escolar, em especial com a biblioteca escolar:

Uma das primeiras coisas que eu percebi é que eu não conseguia fazer um trabalho vinculado à biblioteca, tive muita dificuldade, pois a primeira bibliotecária com quem eu trabalhei parecia não ter o perfil para escola, tanto que depois ela pediu exoneração para trabalhar em empresa. Tinha dificuldade para fazer projeto e até visitar a biblioteca [...] diante dessa dificuldade, acabei levando meus livros para circularem nas salas. Eu não fazia uma ficha de leitura, mas uma leitura dos estudantes sobre aquilo que eles tinham entendido, a impressão que eles tiveram sobre os livros (Heliete Millack, 2021).

Com esse relato, há vestígios de uma prática de leitura, realizada pela mediação, em que, a partir de uma adversidade, foi preciso uma ação da mediadora para que livros pudessem circular no ambiente escolar. Petit (2009, p. 186), dissertando sobre a paixão e a observação do ponto de vista dos mediadores, explica que as ações destes podem ser levadas em consideração os anos de experiências, as observações, as vivências “[...] de levar em conta os desejos daqueles aos quais se dirigem, de confrontar-se com outros profissionais”.

Não somente a convivência com outros profissionais foram sinais de adversidade na trajetória da professora Heliete Millack: em 2006, ela foi acometida por um problema de saúde que ocasionou o seu afastamento da RME e das atividades de incentivo à leitura. Millack (2015) iniciou sua atuação como assessora pedagógica da SME, em 2008, acompanhando palestras, oficinas e treinamentos, já que, quando voltou a trabalhar, ainda estava em tratamento e pediu para não atuar em sala de aula. Essas formações foram peças cruciais na sua trajetória, pois com essa experiência pôde perceber “[...] os problemas e os entraves enfrentados pelo grupo de professores em formação, acerca do trabalho de mediação da leitura de literatura no espaço escolar” (MILLACK, 2015, p. 13). Essas inquietações também inspiraram a criação do Clube da Leitura após um ano trabalhando na SME:

Naquele e nos três anos seguintes, assumi a tarefa de colocá-lo em prática, embora sem recursos nem equipe próprios, mas com a aprovação da SME que não só autorizou o desenvolvimento dele, mas também viabilizou encontros com escritores e realizou aquisição de livros para compor o acervo do projeto. Assim, passei a executar o planejamento, a organização e a coordenação das atividades que envolviam a realização do Clube da Leitura. Mas como nada se faz nem se constrói sozinho, ao longo daqueles quatro anos, contei com a colaboração de 20 escritores e de 6 consultores, com 76 adesões de educadores que participaram diretamente daquela formação e se articularam com outros 724 nas unidades educativas em que atuavam, além do apoio do Gabinete da Educação e do Setor de Logística da SME (MILLACK, 2015, p. 14).

Foi necessário o início de um trabalho em parceria e interdisciplinar, o que no decorrer desta tese tenho defendido. Com base em Souza (2017), que propõe a formação contínua do mediador de leitura, a defesa para este trabalho em conjunto auxilia na formação do bibliotecário, entendendo o seu papel como mediador de leitura ou, como o autor coloca, de mediador em ações culturais. Para isso, ele defende a criação de clubes de leitura proporciona uma “sociabilidade literária”, na qual é necessário que os bibliotecários observem os usos e as representações da leitura.

Millack (2017) se preocupou em entender a trajetória de leitura literária por parte dos mediadores de leitura do projeto, o que mais tarde se tornou seu objeto de pesquisa durante o Mestrado. Essa questão move discussões no universo da história do livro, no intuito de nos fazer refletir, como pesquisadores ou mediadores, de que maneira atuaremos nos exercícios de práticas de leitura. Darnton (2010) explica que é difícil definir como leitores assimilavam ou assimilam seus livros; como exemplo, poderia fazer uma análise bibliográfica de todos os exemplares disponíveis em uma biblioteca, isso mostra algumas pistas. No entanto, o exercício da leitura é uma prática fluida, com diferentes apropriações para cada leitor.

Nesse sentido, observo a atuação de Millack, um início solitário na SME, onde teve que reunir esforços para colocar o projeto no papel e depois efetivá-lo em prática de leitura. A partir disso, contando com esforços de bibliotecários, professores e autores, formou uma rede de leitura, que tem o profissional bibliotecário agindo como articulador do processo, não somente da mediação da leitura, mas também entre autores e comunidade escolar. Nesse caminho, foram notadas algumas dificuldades por parte do bibliotecário, principalmente na mediação da leitura.

Iniciando o Clube da Leitura, Millack passou a atuar no Debec, organizando as formações e apresentando o novo projeto para as unidades escolares, tendo como primeira justificativa a dificuldade de arquitetar projetos de leitura que contassem com a parceria entre professores e bibliotecários e um desejo de trabalhar com a literatura catarinense:

Eu vim de fora. Embora sendo daqui, catarinense, passei um longo tempo como estrangeira no lugar onde morava e, quando chego aqui, faço

Pedagogia e me dou conta do Grupo Sul⁵⁰. E aquilo tudo, juntando com os livros que lia na infância. Eu queria tanto conversar com os autores para fazer algumas perguntas (Helliete Millack, 2021).

A vontade política, as memórias da infância e a influência do Grupo Sul levaram Millack a criar o Clube de Leitura, assim como seu gosto pelo livro e a trajetória profissional voltada para o livro e para a leitura.

Dialogando com o tópico de políticas públicas discutido nesta tese, o que mais influenciou o surgimento do Clube da Leitura foi uma iniciativa própria de uma pedagoga e professora de Língua Portuguesa que tinha como preferência literária autores de Santa Catarina, especialmente os do Grupo Sul. No entanto, é importante salientar que o conjunto de políticas públicas presentes, na época em que o Clube da Leitura estava sendo criado, teve influência estadual e municipal de uma cultura leitora. Assim, Millack (2015, p. 57) traz, em sua dissertação, a observação de que em paralelo ao PNLL aconteceu

[...] em nível estadual a Assembleia Setorial Estadual da Conferência Nacional de Cultura, em 25 de janeiro de 2010, [e em nível municipal] a Reunião Expandida do Livro, Leitura e Literatura, em 8 de dezembro de 2010, convocada pelo Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis (SC).

Nesse sentido, segundo a autora, o passo mais concreto em nível estadual para construir um Plano Estadual do Livro e Leitura foi concretizado com a criação do Fórum Catarinense do Livro e da Leitura (FCLL), em 27 de maio de 2013.

No âmbito municipal, a Lei nº 7.979, que altera dispositivos da Lei nº 2.639/1987, cria o Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis (CMPCF), com o objetivo de ser órgão deliberativo, consultivo e normativo de assessoria direta do Executivo Municipal para assuntos de planejamento e orientação cultural, tendo atribuições à elaboração, o acompanhamento e a execução do Plano Municipal de Cultura (MILLACK, 2015, p. 57-58).

A partir desse quadro, a SME de Florianópolis, de acordo com a legislação, projeta ações voltadas ao incentivo à leitura nas unidades educativas, ampliando

⁵⁰ Existe uma vasta produção escrita acerca do Grupo Sul disponível nas bibliotecas e em periódicos eletrônicos. Sugiro a *Revista Travessia*, da UFSC, que funciona como histórico institucional, tendo edições de artigos de 1980 a 1999. Nessas edições, é possível obter diversos textos sobre o Grupo Sul, um grupo artístico-literário catarinense da década de 1950 com inspirações estéticas do Modernismo. Seus iniciadores foram: Salim Miguel, Eglê Medeiros, Ody Fraga e Silva, Antonio Paladino e Aníbal Nunes Pires. O Grupo também tinha engajamento com o cinema e as artes plásticas (SABINO, 1985).

essas iniciativas, a partir de 2009, no desenvolvimento de projetos de incentivo à leitura, como o Floripa Letrada⁵¹, que disponibiliza livros gratuitamente aos usuários do transporte coletivo, o projeto Clube da Leitura e, a partir de 2010, a realização da Semana Municipal do Livro Infantil, com programação cultural para o incentivo à leitura, instituída pela Lei nº 8.125/2010 (MILLACK, 2015).

O incentivo de políticas públicas de leitura e o esforço pessoal de alguns mediadores de leitura facilitou a formação dessa rede de leitura que, com a concretização do projeto, tornou-se o *Clube da Leitura: a gente catarinense em foco*. Tarefas desafiadoras para o tempo presente, no qual os espaços públicos – aqui se referindo à escola – ganham novas formas a cada momento, principalmente com o advento da internet (CONCEIÇÃO, 2010). Inspirado em Bourdieu, Conceição (2010, p. 160) discute que esses espaços públicos não são um lugar físico, mas sim uma relação social “[...] capaz de conferir visibilidade ao mundo e os seus personagens; campo de forças pelo qual e no qual os indivíduos se constituem em sujeito e o mundo em significado”.

Desse modo, são as práticas de leitura nesses espaços públicos, nas unidades escolares, que podem possibilitar o movimento das culturas escolares, que são organismos vivos, construídos com o trabalho interdisciplinar, o esforço da comunidade escolar e a formação com que os mediadores de leitura estão dispostos a discutir para colocar em exercício o que é teorizado para a prática pedagógica diária.

No Clube da Leitura, essa prática pedagógica se efetivou na mediação da leitura, da prática de leitura dos livros, o encontro com o leitor e, até mesmo, em alguns casos, como relata Millack, o diálogo com a comunidade escolar sobre o projeto:

Eu confesso que eu fui muito feliz trabalhando no Clube da Leitura, foi uma realização. Foi um trabalho de ir às escolas quase sempre emocionada e até ouvir depoimentos de pais e mães de alunos que uma vez na Osmar Cunha me relatou que ela própria gostaria de ter tido essa oportunidade que

⁵¹ No dia 24 de agosto de 2010, os terminais do Sistema Integrado de Transporte de Florianópolis passaram a fazer parte dos projetos de incentivo à leitura coordenada pela RME (PMF, 2010). Trata-se do *Floripa letrada – A palavra em movimento*, com que se pretende democratizar o acesso a livros e revistas nos terminais de ônibus, como mais uma iniciativa para criar uma cultura leitora, oferecendo aos usuários do transporte coletivo a oportunidade de ler durante o percurso de suas viagens. A ideia é incentivar o hábito da leitura, criar novos leitores e divulgar diversos escritores. O projeto conta com o apoio da Cotisa, empresa operadora dos terminais.

o filho tem, de conhecer o autor do livro que está lendo (Heliete Millack, 2021).

É perceptível que, com as informações registradas no *blog* e no arquivo do Debec, a ação da visita dos autores à escola é uma atividade que estimula a leitura e a curiosidade por parte dos alunos leitores e não leitores. Essa pode ser uma prática inovadora para o incentivo à leitura nas escolares, capaz de colaborar com o desafio que é a formação do leitor nesse ambiente. Conceição (2010) reflete sobre essa problemática como um mal-estar na formação leitora, problematizando os gêneros literários nos acervos escolares, o conteúdo dos livros didáticos e as mídias digitais. O Clube da Leitura, por sua vez, tem como proposta a valorização da literatura catarinense, a oralidade e o uso das mídias digitais como registro das atividades, divulgação e formação dos mediadores de leitura no projeto.

O processo de articulação para as práticas de leitura passa por diversos lugares e mediadores. Isso não seria possível sem o trabalho em parceria, o diálogo entre os pares e, nesse processo, as ideias são colocadas e é necessário o comprometimento de cada mediador para que se alcance o objetivo final de prover a leitura aos educandos. Por isso, o diálogo funciona como ferramenta de comunicação (FREIRE, 2019) e entender a prática de leitura como exercício de cidadania é fundamental para a transformação social (SILVA, 1993); o diálogo, portanto, é um elemento essencial para a prática no Clube da Leitura.

De acordo com Abreu e Dumond (2020), inspiradas na teoria social de Vygotsky (1993), no contexto escolar, os personagens que estão envolvidos na mediação da leitura intrinsecamente se envolvem com o diálogo, pois este possibilita o compartilhamento de discussões durante a construção do conhecimento e no desenvolvimento de um capital intelectual humano. Nessa análise, remetendo aos estudos de Bourdieu (1992), o papel que o Clube da Leitura pode desempenhar para os educandos nesse contexto de unidades escolares públicas da RME é de ter acesso a um capital cultural literário equivalente ou até superior a escolas pertencentes à classe média alta, levando em consideração as diferenças sociais e geográficas no município de Florianópolis e a dificuldade de acessar espaços culturais de história e leitura concentrados no centro da cidade.

Nesse caminho, o debate sobre culturas e a construção do conhecimento e capital cultural passa não só pela transmissão das práticas de leitura para os

educandos, mas também do próprio diálogo necessário no projeto entre os mediadores de leitura. Apesar de alguns entraves percebidos na literatura e nas entrevistas, Heliete Millack (2021), durante sua trajetória como mediadora no projeto, não teve dificuldade diretamente com a construção desse diálogo, mas soube, por outros mediadores, de que esse problema estava presente no Clube da Leitura.

Sei que a tarefa do bibliotecário é árdua, o que dificulta a possibilidade de trabalhar mais com o incentivo à leitura. Eu acredito que às vezes o bibliotecário por sua vez seja um apaixonado por leitura, não tenha a formação que um professor de Língua Portuguesa, por exemplo, tenha para trabalhar com criticidade com a leitura, mas o projeto oferece essa formação a eles. Talvez hoje em dia não seja tanto assim, mas algumas bibliotecárias já me relataram que suas formações foram mais focadas no técnico. Isso é o que eu acho que talvez seja o ponto fundamental para os bibliotecários, talvez eu esteja defasada, mas no tempo em que eu estava no Clube sentia isso. Uma formação muito técnica que exigia isso do bibliotecário no dia a dia, sem esse poder dar conta ou ter um espaço para trabalhar com a prática de leitura na escola, afinal de contas o bibliotecário na escola também é um educador (Heliete Millack, 2021).

O quadro relatado por Millack compreende um universo entre 2009 e 2012, quando algumas mudanças foram feitas nos currículos universitários dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Não é minha intenção, nesta tese, discuti-las, contudo ressalto que as mudanças curriculares estão sempre em movimento, cabe aqui a oportunidade de estudos futuros mapearem essas mudanças e investigarem os currículos nacionais, pois os concursos públicos para RME não são somente para profissionais de Santa Catarina, e sim para todo o território nacional. Essa reflexão é abordada também em sua dissertação, salientando que o fortalecimento de um laço entre professores e bibliotecários é ponto de destaque nas propostas e nos programas de democratização da leitura, como no PNNL (MILLACK, 2015).

Millack (2015) foi orientada, em sua dissertação, pela Prof.^a Eliane Debus que, como observei neste trabalho, fez e faz parte do processo de construção do Clube da Leitura. É importante salientar que, em seu trabalho intelectual, Millack (2015) observa o perfil leitor dos educadores da RME de Florianópolis, na qualidade de leitores literários e de mediadores de leitura na escola. Seu trabalho revela que os educadores participantes refletem o quadro do magistério da SME Florianópolis, no que se refere à formação acadêmica, contudo “[...] possuem uma relação singular com a leitura literária que os impulsiona sobremaneira para se valerem do trabalho

de mediação de leitura literária no seu fazer pedagógico cotidiano” (MILLACK, 2015, p. 6).

A professora acredita nessa vertente que as pessoas leitoras se tornam automaticamente mediadoras e vão buscar estratégias possíveis para formar o gosto pela leitura. Além disso, por meio da qualificação profissional e do gosto pela leitura, existem mais possibilidades para se realizar o trabalho de fomento à leitura. Durante a entrevista, a professora sugere que os bibliotecários participem das reuniões do Plano Municipal da Cultura para uma melhor integração entre mediadores com a participação dos bibliotecários fora do ambiente acadêmico porque, segundo ela, não há a presença desses profissionais nas reuniões. Nesse caminho, analiso, no próximo item, o PMC para observar o trajeto dessa integração.

4.2 PLANO MUNICIPAL DE CULTURA

Como observei neste estudo, o PNLL, em âmbito nacional, é uma política pública de fomento à leitura (BRASIL, 2006). No município de Florianópolis, surgiu a Lei nº 7.979, que altera dispositivos da Lei nº 2.639/1987 e cria o CMPCF, orientando o Poder Executivo municipal para assuntos de cultura e planejamento e o acompanhamento do Plano Municipal de Cultura de Florianópolis (PMCF) (MILLACK, 2015). O PMCF é o documento que orienta políticas de cultura para um período de dez anos, considerando o

[...] desenvolvimento social, na promoção da cidadania, no estímulo ao empreendedorismo cultural, na formação de novos públicos, elevar a autoestima dos cidadãos florianopolitanos e atender, especialmente, àqueles historicamente excluídos e em situação de vulnerabilidade social (PMCF, 2013, p. 5).

Ainda em 2010, os gestores do CMPCF se reuniram com mediadores de leitura para dialogar sobre o início de uma redação que contemplaria o PMCF visando, por meio de editores, bibliotecários, professores, contadores de história, escritores, leitores e livreiros, à criação de um Plano Municipal do Livro, Leitura e Literatura. No mesmo ano, foi criado o Fundo Municipal de Cultura de Florianópolis, com o objetivo de financiar editais de apoio à cultura. Essas diretrizes são debatidas anualmente com a Fundação Cultural Franklin Cascaes (MILLACK, 2015).

Os aspectos e as temáticas culturais que trago nesta tese apresentam reverberações de discussões apresentadas no PMCF, a partir da categoria chamada “Formação da Matriz Cultural Local”, ou seja, a contribuição de uma cultura açoriana na qual é embrenhada com

[...] quatro grandes vertentes formadoras da matriz da cultura local, a saber, a guarani, a vicentista, a luso-açoriana e a africana: resultante de contribuições de origens diversas e de hibridismos múltiplos, e não como herança única de manifestações e tradições de origem luso-açorianas como pretendia certa tendência reducionista, em um passado recente. Por suas características peculiares, com base em influências diversas, na Ilha de Santa Catarina e arredores, foi se constituindo uma formação cultural singular. Não se trata de desmerecer a contribuição dos colonizadores luso-açorianos, afinal eles constituíam a principal população que habitou, durante muito tempo, o litoral catarinense. Contudo, também é verdade que o contingente colonizador se viu obrigado a se adaptar a uma geografia muito diversa da de sua origem, e só o fez, assimilando saberes e fazeres de outras culturas. Isto é, são insustentáveis aqueles discursos que identificam aspectos culturais de tudo o que é nativo, ou local, como sendo açoriano. É uma concepção equivocada, restritiva e excludente da formação sociocultural local (PMCF, 2013, p.19).

O PMCF apresenta uma abordagem histórica que demonstra indícios das populações que habitavam Santa Catarina até os dias atuais. É importante essa demarcação no texto, pois salienta uma discussão presente na cultura escolar sobre diversidades culturais e que reverbera tanto na escrita literária quanto no momento em que o livro chega às mãos dos leitores. Há uma grande quantidade de livros que aborda a cultura catarinense como uma cultura açoriana, mas também observo vestígios de obras trabalhadas no Clube da Leitura que trazem outra perspectiva do que representa a “cultura catarinense”.

A abordagem apresentada como diagnóstico cultural e indicadora de questões que permeiam o universo da cultura pode reverberar nas unidades escolares, pois nelas estão intrínsecas as culturas escolares particulares. No caso das unidades pertencentes à RME, observo, neste estudo, as participantes do Clube da Leitura que, mergulhadas nos textos, nos livros e nas leituras como formuladores, articulam recortes sociais e práticas culturais (CHARTIER, 2002).

Os recortes sociais se aplicam não somente no conteúdo das obras trabalhadas nos clubes de leitura, mas também o impacto desses recortes nos mediadores presentes na RME. Como aponta Millack (2015), grande parte dos educadores envolvida com as práticas no projeto tem renda familiar que gira de dois a dez salários mínimos, o que faz a autora deduzir uma limitação de investimento

em lazer, acesso a espaços culturais, museus, teatros e cinemas, acrescentando a uma cansativa jornada extra de trabalho com seus afazeres domésticos. Os mediadores de leitura, entrevistados por Millack em sua dissertação, apresentam esse perfil; além disso, a autora aponta para características em comum, como empenho ao contexto educacional e gosto pela leitura.

Nesse cenário financeiro, o PMFC (2013, p. 10) aponta para um investimento material para projetos de leitura:

Ampliação do Acervo de Bibliotecas e Programas de Leitura – contemplada com uma emenda parlamentar o convênio firmado entre a PMF e o Ministério da Cultura, irá assegurar o repasse de recursos financeiros, R\$ 100.000,00, para aquisição de acervos bibliográficos atendendo à demanda de novas obras de referência para as bibliotecas da Casa da Memória (Centro), Casarão da Lagoa (Lagoa da Conceição) e Biblioteca Pública Municipal Barreiros Filho (Estreito).

Floripa letuada – Desde o mês de agosto de 2010, as pessoas que circulam pelos terminais de ônibus do Centro (Ticen), do Rio Tavares (Tirio), de Canasvieiras (Tican) e da Trindade (Titri), aproximadamente 185.000 pessoas por dia, têm acesso gratuito a livros e revistas. Eles podem ser lidos na espera do transporte coletivo, dentro do ônibus ou durante o trajeto da viagem. O projeto é uma parceria da Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Transportes, Mobilidade e Terminais, com apoio da operadora dos terminais – Cotisa e objetiva incentivar o hábito da leitura, criar novos leitores e divulgar os mais diversos escritores. São aceitos para doação livros e revistas de diferentes gêneros e assuntos.

Não é a minha intenção, neste trabalho, fiscalizar prováveis investimentos ou não do Estado em políticas públicas de incentivo à leitura, mas somente apontar para a importância de que existem iniciativas prescritas que possibilitem tais investimentos. No momento de escrita desta tese, vivencio um desmonte de políticas públicas em diversos setores nacionais, principalmente no serviço público em Educação, impactando e dificultando o avanço ou até mesmo a manutenção de projetos já em andamento, como a Lei de Universalização das Bibliotecas Escolares, que no momento é barrada pela PEC Emergencial 186, já que esta impede a contratação de novos servidores, impactando novos quadros de bibliotecários em unidades educativas.

Sobre a importância do debate público sobre incentivo à leitura, Heliete Millack propõe, durante a entrevista, a participação de mediadores de leitura; nesse destaque, noto a composição no conselho na gestão 2012-2014, que contava com pessoas vinculadas a instituições, como a Udesc (música, *design* e moda), UFSC (cultura digital), Funcine (audiovisual), FCFFC (teatro, literatura e humanidades,

patrimônio, biblioteca, cultura digital e dança), FCC (artes visuais), COPPIR (cultura popular), IPHAN (patrimônio), SME (literatura e humanidades e arte-educação), definidas a partir da 3ª Conferência Municipal de Cultura (PMCF, 2013).

Pesquisando sobre o termo biblioteca no PMCF, vejo o direcionamento para a salvaguarda de uma memória catarinense e o acesso à informação pelos seus mediadores. Conforme Catani (1998, p. 122), memória é vida, produzida por sujeitos que vivem e sob seu aspecto, em evolução permanente “[...] aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e frequentes reutilizações”. Dessa forma, o plano prevê uma memória aberta à construção do conhecimento aberta à sociedade, no sentido de que os locais de memória são públicos e disponíveis para a troca diária de informações.

O Clube de Leitura, do modo como está estruturado organicamente, não está vinculado à PMF e ela não faz menção ao projeto. Entendo que o plano está articulado para outras frentes, contudo perpassa o debate sobre o incentivo à cultura, pois é um importante passo para o Plano Municipal do Livro e da Leitura (MILLACK, 2015). Apesar de este não ter evoluído nos últimos anos, Heliete Millack alerta para estarmos atentos ao debate e à promoção de uma cultura de incentivo à leitura interdisciplinar que consiga mover mediadores de leitura, comunidade escolar e todos que se interessem pelo objeto livro.

Por último, ao final da entrevista, Heliete Millack (2021) sugeriu alguns nomes para que eu pudesse dar continuidade ao trabalho de tese, como o da professora Daniela Guse, atual gestora do Debec (2018-2022), com quem pude dialogar sobre a atual situação do Clube da Leitura, a parceria com bibliotecários e autores, assim como um pouco do panorama de práticas de leitura durante o período de isolamento social.

4.3 DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES: UMA ORGANIZAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA LEITURA

O Debec, além de ter que gerenciar a Biblioteca Central que atende todas as bibliotecas escolares da RME, é responsável por organizar o Clube da Leitura, a formação com bibliotecários e disponibilizar o acervo para o projeto. Heliete Millack,

idealizadora do projeto Clube da Leitura, dá indícios, em sua dissertação, de como iniciou o projeto e quais foram os passos iniciais para a aprovação dele na SME:

Em 2009, apresentei o projeto *Clube da Leitura: a gente catarinense em foco* para a então secretária adjunta da Educação, professora Sidneya Gaspar de Oliveira, a qual aprovou a proposta e passou a ser incentivadora dele, pois já havia uma intenção da SME no sentido de ampliar as ações voltadas para a promoção da leitura. A aprovação dela foi endossada pelo Secretário Municipal de Educação, professor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz. Assim, naquele ano, iniciei o desenvolvimento do projeto dentro do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (Debec), diretamente ligado à Diretoria de Educação Continuada (Direc) da SME, dentro da proposta de promoção da leitura e de formação permanente dos educadores (MILLACK, 2015, p. 66).

Sua dissertação serve como um documento norteador tanto para este capítulo quanto para as atividades do Clube da Leitura e será utilizada em diálogo com as entrevistas realizadas. Em um primeiro momento, após realizar a investigação nos arquivos do Debec, a primeira pessoa que procurei para iniciar o processo de entrevistas foi a Prof.^a Daniela Guse.

Guse é pedagoga, professora dos Anos Iniciais, lotada na EBM João Gonçalves Pinheiro, no bairro Rio Tavares. Após 20 anos de sala de aula, foi readaptada devido a problemas na coluna, passando a atuar no setor administrativo e de formação de professores da unidade escolar. A partir dessa experiência na formação, decidiu ingressar no Mestrado do PPGE/UFSC, contudo, devido à condição de estar como servidora readaptada, não conseguiu licença de estudos para realizar o Mestrado e tentou ser designada para um local no qual ela pudesse estudar na parte da manhã e trabalhar à tarde e à noite. Assim, conseguiu a transferência e estava atuando na parte administrativa da Biblioteca Central do Debec em 2017, tendo como chefia a Prof.^a Waleska Becker (GUSE, 2020).

Após Becker ingressar no Doutorado em 2018, o Debec necessitou de uma nova chefia, que de preferência fosse de dentro do setor:

No início, fiquei receosa de aceitar, mas depois aceitei o desafio. A minha trajetória de chegar até o Debec foi nesse sentido. Eu precisava procurar um local no qual eu pudesse cumprir minha carga horária no período da noite, procurei um lugar no qual eu pudesse e acabei chegando lá (GUSE, 2020).

A chegada de Guse até o Debec se deu por diversos motivos, mas o que chama a atenção é a questão da formação que, após ser designada no setor,

conseguiu também assumir a chefia, pois a gestora atual também precisou organizar sua rotina para se adaptar à formação.

No estudo sobre autobiografia de professoras, elaborado por Mignot (2003), a autora revela que as pesquisas não se esgotam na rememoração do privado ou da sala de aula, mas que a política e a política da educação são temas recorrentes. Buscando intencionalidades, muitas vezes essas falas acompanham a experiência vivida e são condutoras da história, no caso deste estudo, uma história ainda presente, recente, que ainda está sendo escrita. Nesse sentido, observo também “[...] a imagem de que o exercício profissional exigia sacrifícios, abnegação e dedicação” (MIGNOT, 2003, p. 144) – nesse caso, o processo de readaptação, aprovação no Mestrado e novo setor de trabalho.

O encontro de Guse com o Clube de Leitura se deu somente no momento em que ela iniciou sua jornada no Debec, relatando a falta de trabalho em conjunto entre professores e bibliotecários, o que dificultou esse encontro:

Quando eu cheguei não conhecia o projeto. Inclusive eu conversei com a Waleska, pois eu era professora em sala de aula e o projeto nunca chegou até a mim. O projeto é voltado para os professores, mediado pelos bibliotecários e, no caso da minha unidade, o bibliotecário não tinha levado até a gente, então eu não tinha o conhecimento do projeto, só fui conhecer quando cheguei ao Debec (GUSE, 2020).

Esse dizer revela o quanto devemos nos atentar para que os projetos previstos e prescritos precisam do esforço humano para se desenvolver. Nesse caso em especial, saliento o quanto é necessário o esforço do diálogo entre a comunidade escolar, em especial a parceria entre professores e bibliotecários, que tem a função de estabelecer uma relação de trabalho em prol da prática de leitura. O empréstimo dos livros sendo feitos diretamente pelo Debec fez com que esse encontro se concretizasse.

O projeto Clube da Leitura, segundo relatado, só consegue ter abrangência e alcançar um maior número de unidades escolares se o perfil do bibliotecário for proativo em busca de parcerias para projetos de incentivo à leitura. “Se o bibliotecário for um profissional mais atuante, que tem o perfil de estabelecer parcerias com os professores, ele consegue divulgar mais e promover mais projetos” (GUSE, 2020).

A partir desse relato, é possível notar alguns desafios no papel da mediação de leitura, sendo uma tarefa que exige um esforço dialógico e o engajamento de sociabilidades. Para Chartier (2003), os bibliotecários avaliam que, no seu trabalho de mediar a leitura, o sujeito que sabe ler facilmente aproveitará um manuscrito se este for colocado gratuitamente e à sua disposição textos que correspondam ao seu gosto, contudo a autora indaga: “[...] mas como fazer com aquele que não lê, não porque não deseja ou não gosta de ler, porque não pode ler?” (CHARTIER, 2003, p. 48).

Apoiado nessa pergunta, amplio a linha de raciocínio para pensar que, no universo escolar, não somente é tarefa do bibliotecário buscar essa parceria com o professor para a mediação de leitura, mas também que esse objetivo deve fazer parte de uma cultura escolar instaurada no pensamento da comunidade escolar, que preze por uma educação dialógica, indo além dos professores e educandos, mas também entre bibliotecários e professores, bibliotecários e administrativos, ou seja, uma fonte de diálogo em toda a comunidade escolar, com objetivo da prática e mediação da leitura.

Nessa chave, a partir do momento em que o Debec começou a perceber a dificuldade de divulgar o projeto, a sua divulgação – e, por consequência, o alcance do Clube da Leitura aos profissionais da rede – iniciou-se em 2019 não somente para bibliotecários, mas também para professores:

Além de manter o encontro e formação dos bibliotecários com os autores, nós começamos também a divulgar para os professores de Anos Iniciais e auxiliares de ensino... mostrando para eles o acervo e que ele está disponível para empréstimos conforme a necessidade, tentando divulgar para chegar no nosso objetivo maior que é nos alunos, mas para isso precisamos chegar também aos professores, contando com a ajuda do bibliotecário, que é aquela pessoa que está todo mês no Debec (GUSE, 2020).

A formação mensal para bibliotecários da RME no Debec atende todos os bibliotecários, não somente os que participam do Clube da Leitura. Millack (2015) relata uma importante observação no que diz respeito ao diálogo entre professores e bibliotecários: por meio do acompanhamento de oficinas, palestras e formações permanentes oferecidos pela RME, foi possível perceber algumas dificuldades no diálogo entre os profissionais, destacando-se a falta de entrosamento entre eles e “[...] o fato de estes se queixarem do pouco ou quase inexistente aporte acadêmico

para realizarem tal prática e da falta de tempo que dispunham para se dedicarem à leitura, em especial, a de literatura” (MILLACK, 2015, p. 13).

Essa afirmativa colabora com a ideia que trago no início deste capítulo sobre como a temática sobre práticas de leitura tem pouco respaldo nos cursos de Biblioteconomia se comparado aos outros temas de “maiores” relevâncias, o que vem mudado aos poucos, nos últimos tempos, devido ao avanço de políticas públicas de incentivo à leitura em unidades escolares. Do ponto de vista de um estudante de Doutorado, é necessário um olhar crítico na percepção em que essa profissão está inserida, pois, com o avanço do capitalismo e das crises desse sistema político nos últimos anos no nosso país, os currículos universitários tentam se adequar ao mercado de trabalho para que seus discentes possam sair empregados ou preparados para o futuro incerto que os espera.

Considero, com as fontes analisadas, que o processo de diálogo entre os mediadores de leitura pode ser configurado em uma mediação de leitura dialógica na qual há o esforço por parte deles, que têm como um objeto em comum: “a leitura”, como afirmou Millack na entrevista, e a partir desse objeto, reúnem-se nos momentos de formação para debater aspectos da prática de leitura e sua movimentação nos clubes de leitura.

Para Freire (2019), uma pedagogia dialógica é aquela que propõe o rompimento do silêncio e a construção do saber pelo diálogo. As sociabilidades refletidas pelo Clube da Leitura, seja no momento de formação dos mediadores, seja nas práticas de leitura, ocasionam esse rompimento, fazendo com que o mediador da leitura não atue sozinho reproduzindo um texto sem efeito dialógico, assim como os educandos não somente vão receber as informações literárias nas práticas de leitura, mas também poderão ter seu momento de socialização com a visita dos autores e a construção de trabalhos no momento de pós-leitura.

Como exemplo, cito a visita do autor Carlos Stegemann na EBM Maria Conceição Nunes, onde movimentou o trabalho em parceria com os professores de Português, Arte, História e Ciências e a bibliotecária da unidade educativa. Segundo o relato, o trabalho contou com:

Dois encontros com os alunos da 7ª série da Escola Maria Conceição Nunes – Rio Vermelho levam o escritor Carlos Stegemann com a sua obra "A ponte sumiu!".

Dezenas de redações sobre o livro “A ponte sumiu!”, desenhos, colagens, pinturas, fotomontagens e, sobretudo, muito questionamento sobre a recuperação da ponte Hercílio Luz e seu futuro.

O trabalho, realizado em sala com o livro, teve vários leitores e profissionais de diferentes áreas envolvidas (CLUBE DA LEITURA..., 2015, online).

No entanto, a problemática da formação universitária, tanto para professores quanto para bibliotecários, não é um obstáculo para o desenvolvimento das práticas de leitura, pois por meio do esforço em conjunto dos mediadores de leitura para uma mediação da leitura, tendo como ponto em comum o objeto leitura, as atividades vêm se desenvolvendo ao longo desses anos.

O papel fundamental do Clube da Leitura no desenvolvimento da mediação da leitura são os momentos de formação oferecidos aos profissionais da RME ao longo do desenvolvimento do projeto, fomentando uma cultura escolar que fornece a uma parte dos atores sociais mediadores da leitura um programa com finalidade educativa (CHERVEL, 1990), que consiste na formação literária com o objetivo de fomento à leitura no ambiente escolar, obtendo, por meio dessa finalidade, resultados efetivos e práticas em torno do objeto leitura.

Guse (2020) explicitou o funcionamento dessas formações: consistem em encontros mensais com autores de literatura catarinense, incluindo bibliotecários e professores. Durante um período do decorrer do Clube da Leitura, ocorreu o projeto *Ciranda literária*, no qual, durante o momento de formação, ocorria, por conta dos mediadores, uma atividade de compartilhamento de leitura em que cada um era responsável por socializar um livro que estava lendo ou algum de seu interesse, com o objetivo de promover a leitura literária. O objetivo do projeto *Ciranda literária* era

Criar o projeto *Ciranda literária*, composto por profissionais da educação (professores, auxiliares de sala, pedagogos e bibliotecários das UEs), visando à fruição literária e à ampliação da competência leitora, tendo a seguinte estrutura:

1. Os participantes escolhem as obras que querem ler, dentre as disponíveis no acervo do projeto e nas bibliotecas escolares.
2. Os participantes se reúnem de forma regular e pré-planejada para discutir as leituras que estão realizando.
3. As reuniões devem funcionar como reais conversas entre os educadores leitores, portanto, apresentação de pontos de vista pessoais, questionamentos sobre partes do enredo que permitem várias interpretações, e digressões são práticas bem-vindas.
4. O prazer de ler e compartilhar impressões sobre livros deve dar o tom dos encontros.
5. Os participantes escrevem suas experiências em fichas, tanto para mapear as leituras feitas quanto para inspirar a conversa nas reuniões.

6. Os participantes produzem notas com sugestões de leitura para divulgação em um painel interativo no *blog* do projeto (CIRANDA LITERÁRIA, 2011, online).

A “*Ciranda literária* era como um braço direito do clube da leitura, com atividades mais lúdicas, voltadas para experiências pessoais. Quando assumi a chefia, não dei continuidade ao projeto por entender que não era muito o meu perfil” (GUSE, 2020). Por outro lado, Guse acredita que conseguiu reunir mais esforços para expandir mais as ações do Clube da Leitura, a fim de alcançar mais os professores, pois, na sua visão, o projeto tinha muito apelo aos bibliotecários, circulava mais pelas bibliotecas escolares, mas poucos professores sabiam do que ele se tratava.

Apesar de as iniciativas terem inspiração no PNLL, conforme afirma Millack (2015), os projetos de prática de leitura, como a *Ciranda literária* ou o *Clube da Leitura*, são ações pessoais que precisam do esforço coletivo para funcionar. Essas ações, pertencentes a culturas escolares específicas, funcionam, de acordo com Nóvoa (1998), de maneira particular no cotidiano escolar, pois as escolas não funcionam como fábricas ou empresas com um manual específico para cada funcionalidade: com suas culturas escolares, elas têm formas particulares, e na RME as práticas de leitura existem nas unidades escolares a partir de diversas iniciativas, incluindo o Clube da Leitura. Desse modo, Guse explica que o perfil do Clube da Leitura é maleável e se modifica conforme o perfil da chefia atuante no Debec.

Guse ainda ilustra que o novo perfil do Clube da Leitura é tentar alcançar o máximo de professores possível, nesse caso podendo dialogar com os docentes da EJA que pouco participam do projeto devido às especificidades que tem essa modalidade de ensino. O Debec tem tentando mostrar a esses professores que o Clube da Leitura também dispõe de um acervo que pode ser trabalho com o público de jovens e adultos. No início, as obras mais utilizadas eram focadas na literatura infantojuvenil, mas, com a expansão das atividades e do acervo, hoje em dia o Debec tem acervos disponíveis ao Clube da Leitura com a temática adulta:

A EJA é uma proposta nova para o Clube. Eu, quando assumi a chefia, li os relatórios e percebi que a EJA praticamente não participava. Vi somente um encontro de autores com a EJA, mas pouquíssimos relatos, até porque a EJA não possui um bibliotecário fixo, um bibliotecário da EJA, então à noite as bibliotecas ficam fechadas; se o professor quer usar a biblioteca, ele mesmo tem que tomar a iniciativa para usar a biblioteca, então não possuímos esse bibliotecário para levar o projeto até a EJA (GUSE, 2020).

Observo uma problemática na qual posso inferir algumas interpretações em relação à ausência do bibliotecário escolar no turno da noite para atender os educandos da EJA, potencialmente marginalizados. Não pretendo aqui aprofundar essa discussão, mas chama a minha atenção o fato de que, independentemente do motivo, os educandos da EJA não têm diálogo com um bibliotecário escolar e, se as bibliotecas ficam com suas portas fechadas no período da noite, dificilmente esse aluno se sentirá convidado a adentrar nesse espaço. A cultura escolar é algo que se constrói e, por meio desse relato de Guse, percebo que foi construída uma cultura de que não haveria necessidade de ter um bibliotecário escolar que atendesse a EJA, encontrando, nesse caso, uma dificuldade para a realização mediação da leitura, pois está faltando um ator escolar: o bibliotecário. Essa cultura parece se modificar com a nova perspectiva do Clube da Leitura de alcançar mais professores com o objetivo de promover o projeto. Com essa movimentação, os gestores podem sentir falta de um profissional bibliotecário para colaborar com as práticas da leitura no período noturno.

Freire (1989) observa a prática de leitura como um ato político e do conhecimento, do ponto de vista que o momento de pós-alfabetização do adulto e a tentativa de uma cultura leitora no cotidiano do sujeito implica esforços nas relações do contexto do mediador da leitura, a compreensão da leitura de mundo e a leitura da palavra. O autor explica a necessidade de uma biblioteca popular que atenda à necessidade e à concepção do conceito de leitura proposto por ele por parte dos mediadores da leitura, no contexto do leitor adulto, pós-alfabetizado e que compreende a prática da leitura a partir da perspectiva da leitura de mundo.

Nesse contexto, todas as unidades apresentadas nesta tese que participaram do Clube da Leitura contavam com uma biblioteca escolar e um profissional bibliotecário conduzindo as atividades, contudo, com a ausência dele nas atividades com a EJA, provavelmente, são observadas poucas atividades praticadas com essa modalidade de ensino.

Nessa nova perspectiva do Clube da Leitura em tentar aproximar mais os professores com o projeto, uma diretriz permanece intacta, segundo Guse (2020): a proposta de aproximar o leitor com o autor da obra, característica que é uma das grandes motivações do projeto ao mostrar para os educandos que escritores são pessoas próximas, acessíveis, que já foram crianças e que passaram por um projeto

de construção do perfil leitor e do conhecimento até se tornarem escritores, possibilitando um imaginário de que é possível conhecer um autor, assim como se tornar um.

O movimento da interação educando-autor me remete a compreender os mediadores de leitura de forma composta, movidos por várias identidades e representações (WASCHINEWSKI; RABELO, 2018), no sentido de que o autor, nos momentos da prática de leitura, também passa a exercer um pouco o ofício do professor, assim como o professor, no momento da mediação, atua com características do bibliotecário, o bibliotecário, por sua vez, ao realizar tarefas como práticas de escrita a partir das obras trabalhadas no Clube da Leitura, também atua um pouco como autor e assim segue um movimento fluido de trabalho de mediação da leitura.

Dentro desse processo de mediação, uma das questões que mais movimentaram o processo de análise das fontes foi a perspectiva, a partir da cultura – nesse caso, tanto a categoria de culturas escolares quanto o conceito facilitador para os fenômenos pedagógicos descritos no trabalho – na forma de expressão de um imaginário florianopolitano. Sobre essa última concepção:

A questão da cultura local aparece pela identificação do autor. Ele produz sobre aquilo, uma escolha. Essa questão fica latente, pois os autores produzem sobre isso. Inclusive, alguns procuram editar o livro através de editais da Secretaria de Cultura, por exemplo. Eles escrevem projetos com o foco no edital, que muitas das vezes está encaixada nessa perspectiva do folclore local, voltado para Florianópolis e acabam conseguindo editar o livro por lá e nós do Debec recebemos esses livros. Mas é independente, recebemos livros de ficção também. Temos livros que abordam um mundo mágico de um autor catarinense e trabalhamos com esse livro no Clube da Leitura. A questão não é levar a leitura pelo conteúdo local, e sim pela literatura, pelo prazer de ler (GUSE, 2020).

A diretriz básica do Clube da Leitura, segundo Guse (2020), é promover a aproximação do leitor com o autor. Nesse sentido, não tem o compromisso de trabalhar os diversos tipos de cultura que Florianópolis produz, ou seja, o projeto não tem uma diretriz específica para trabalhar com específicas temáticas, isso se dá no dia a dia, a partir do conteúdo escrito pelos autores. As práticas de leitura que visam atender políticas públicas de leitura que manifestam o interesse pelo trabalho diversificado nas escolas partem de atividades específicas de professores e

bibliotecários ou assessoramento da Diretoria de Educação Fundamental (DEF) sem articulação com o Clube da Leitura especificamente.

Não posso ignorar o fato de que há pouca produção literária a respeito da cultura afro-brasileira ou indígena em Florianópolis; ao longo deste trabalho, venho destacando essa problemática para organizar um debate, não no sentido de buscar respostas para essas ausências, mas sim refletir o porquê delas. A vantagem das classes superiores no domínio da cultura (BOURDIEU; PASSERON, 1992) se reflete na produção cultural majoritariamente branca, causando impacto tanto na elaboração de editais para edição de livros quanto na escrita dessas obras, já que é necessário retratar uma concepção europeia do imaginário florianopolitano.

Essa lógica é apropriada pelas práticas pedagógicas no cerne das culturas escolares particulares de cada unidade educativa, apropriando-se de um “[...] sentido, de acordo com a realidade que nos cerca. Em outras palavras, apropriações são as várias interpretações aplicáveis a determinadas práticas, dependendo do contexto, da história e da época em que estão inseridas” (MENEZES; LUCAS, 2018, p. 15). O Clube da Leitura, por sua vez, por estar inserido nas culturas escolares da RME, (re)produz a lógica dominante pelo setor literária que, como observei, já vem se movimentando no sentido de aquisição de obras com outras temáticas, como é o caso dos livros *Antonieta* e *Idelfonso Juvenal da Silva: um memorialista negro no sul*. Ao ponto que essas novas sensibilidades ganham espaço no debate público, parece natural o movimento de apropriação de setores culturais trabalharem com as temáticas por estarem fazendo parte do mesmo contexto.

Sobre a diretriz específica do Clube da Leitura de aproximar o leitor com o autor, Guse destaca que o encontro com os autores com os educandos é um momento de “deslumbramento”, sociabilidades que possibilitam o encontro com afeto e diálogo, sendo geralmente o que chama mais atenção por parte das pessoas que estão conhecendo o projeto. A professora acredita que a eficácia para esse momento está voltada para o perfil profissional dos mediadores de leitura:

A eficácia está muito voltada para o envolvimento de cada bibliotecário, com o perfil de cada um. Aquele que acredita no projeto, que realmente se empolga com o movimento, que tem o perfil de parceria com os professores, consegue fazer muitos projetos durante o ano. Tem escolas que trabalham 6 livros diferentes durante o ano, outras não trabalham nenhum. Então, eu acho que a eficácia está muito voltada para o bibliotecário. Quando uma chefia assume o Debec, geralmente vem um embate pessoal, pois geralmente é o professor que assume (GUSE, 2020).

Esse embate geralmente ocorre, segundo Guse, pois os chefes que têm assumido o Debec são professores e fica a impressão de que eles não conhecem as necessidades de uma biblioteca. A nova gestora observa que algumas resistências por parte dos bibliotecários se dão por conta de alguns profissionais terem mais perfil para atividades técnicas de catalogação, informatização e organização do acervo. Contudo o debate gira em torno de que os bibliotecários na SME também são educadores e podem participar das práticas pedagógicas em conjunto com os professores, instaurando uma cultura de que os profissionais da informação na escola também o são da Educação.

As discussões no campo da Biblioteconomia concentram esforços da mediação da informação com o foco no leitor, o paradigma bibliotecário voltado para as coleções de livros e a catalogação na atualidade passa a evidenciar, conforme Fonseca (2007, p. 50), o elemento humano, “[...] transferindo o objetivo da biblioteconomia da informação para o usuário, acompanhamos à evolução da teoria literária que se iniciou com ênfase no autor, passando ao texto e chegando recentemente ao leitor”.

Sabendo também que a análise, nesta subseção, é do ponto de vista do professor, entendo que, para além das práticas pedagógicas, os últimos relatórios elaborados pelo CRB-14 (PAULA; OHIRA, 2016; SENA, 2021) apontam para a forte ausência da presença dos profissionais bibliotecários nas unidades escolares no estado de Santa Catarina, e as escolas que contam com a presença desse profissional têm um cenário de um trabalho dificultoso, devido, muitas vezes, à falta de estrutura e ao excesso de trabalho despejado, na maioria dos casos, para apenas um profissional. Portanto, compreendo que a realidade do bibliotecário em unidades escolares é difícil, solitária e necessita de compreensão da comunidade escolar dos esforços que são empregados no dia a dia da profissão e que, às vezes, esse profissional não consegue cumprir todas as expectativas previstas.

A mediação da leitura requer esforços de ambas as partes entre os mediadores da leitura, mas também a compressão da comunidade escolar de como são realizadas as práticas de incentivo à leitura na escola, pois isso ocorre, como já demonstrei, por um trabalho em equipe. Por fim, Guse sugeriu alguns nomes para colaborar com a pesquisa, dessa vez bibliotecária e autores.

Para compreender um pouco mais o papel do bibliotecário no Clube da Leitura e a composição do acervo do projeto que, segundo Petit (2009), em muitos lugares esses acervos se constroem a partir da escuta dos próprios leitores, ou seja, a necessidade da comunidade escolar, entrevistei a bibliotecária Fernanda Luckmann, da EBM Beatriz de Sousa Brito, gestora da Biblioteca Escolar Paulo Freire, que me recepcionou virtualmente para uma entrevista rica de detalhes e informações que espero ilustrar mais para o leitor os aspectos de socialização entre mediadores da leitura no Clube da Leitura.

Além da bibliotecária, entrevistei a professora da mesma unidade, Fernanda Pacheco, que atua com projetos em parceria com a bibliotecária e a biblioteca escolar em projetos diversos de incentivo à leitura, entre eles o Clube da Leitura. O cruzamento das fontes e as entrevistas concedidas por essas duas mediadoras da leitura me possibilitaram o entendimento organizacional e prático do Clube da Leitura nessa escola.

4.4 BIBLIOTECA ESCOLAR PAULO FREIRE: ESPAÇO DE SOCIABILIDADES

Nesta subseção, além da entrevista com as duas mediadoras, utilizei como fontes produções internas para a PMF, cuja autoria foram da bibliotecária Fernanda Luckmann, como a sua dissertação (2017), intitulada *Letramento informacional na educação básica: percepções da direção escolar*, orientada pelo Prof. Dr. Lourival José Martins Filho, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação; o seu relato de experiência para a SME intitulado: *Projetos de leitura e escrita na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito inspirados nos livros do acervo do Clube da Leitura: a gente catarinense em foco*, e o Jornal Escola 2018 com a “Matéria para o jornal da escola Beatriz em parceria com o curso de Letras da UFSC sob a coordenação da professora Isabel e organização dos alunos dos 9 anos”.

Cabral Filho (1998), em sua dissertação, aponta para a inauguração do que na época se constituía o Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito (1963), oriundo de uma “casa-escola”, de maneira que teve como impacto, assim como o bairro Pantanal em que se encontra, a ampliação da UFSC e o início da instalação da Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul) em 1968, gerando uma intensa movimentação econômica para os moradores locais. Conforme o Projeto Político-

Pedagógico (PPP) da escola, a partir de 1986, o Grupo Escolar se tornou Escola Básica, para atender à nova demanda do bairro, oportunizando a continuidade dos estudos no Ensino Fundamental.

Luckman (2021) relata que seu ingresso na EBM Beatriz de Souza Brito aconteceu em 2012: após passar por outras unidades de informação da RME onde é funcionária efetiva desde 1999, teve experiência como coordenadora da Rede de Bibliotecas, atuou no Debec, mas sua preferência no campo da Biblioteconomia é de atuar na biblioteca escolar com práticas de incentivo à leitura e diálogo com os educandos. A unidade educativa conta com a biblioteca escolar Paulo Freire, que atende o Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano), nos períodos matutino e vespertino, contabilizando 20 turmas. A biblioteca conta com a bibliotecária Fernanda Luckman como coordenadora e Roque Vitório Pereira como auxiliar de biblioteca (BIBLIOTECA PAULO FREIRE, 2018).

No *blog* da biblioteca, pude ter acesso a informações como composição do acervo que consta com:

Livros de:

- Literatura infantil e juvenil - Literatura brasileira e estrangeira - Literatura em geral - Livros de imagens - Informativos diversos - Poesia - Contos - Diversas áreas do conhecimento (Educação, Matemática, História, Geografia, Biologia, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Artes, entre outras) - Obras de referência - Dicionário - Atlas - Mapas - Globos - Enciclopédias - Coleções diversas - Revistas - Gibis/Histórias em Quadrinhos - DVDs - CDs (room e musical) (BIBLIOTECA PAULO FREIRE, 2018, online).

Para me situar, que não tive acesso à biblioteca por estarmos em um momento de isolamento social, assim como possibilitar para o leitor que também não conhece sua estrutura, Luckman (2021) me enviou algumas imagens para conhecer o espaço:

Figura 8 – Biblioteca Paulo Freire (1)

Fonte: Acervo pessoal de Luckman (2021).

Fernanda Pacheco Furtado é pedagoga com habilitação nos Anos Iniciais e supervisão escolar. É efetiva há 12 anos na RME como professora de Anos Iniciais e costuma atuar com os 1º, 2º e 3º anos. Teve o primeiro contato com o Clube da Leitura pela autora Marta Martins, em uma visita na EBM Beatriz de Souza Brito, quando, na primeira prática de leitura, organizou, em conjunto com a bibliotecária, uma atividade que envolvesse a família dos educandos, tentando promover um processo de sociabilidade entre a comunidade escolar. Furtado e Luckman atuam na unidade educativa em parceria com as atividades do Clube da Leitura.

Santos e Cunha (2020, p. 177) auxiliam a refletir sobre as sociabilidades a partir das práticas de leitura como fontes de estudos sobre a homogeneização cultural no qual o Clube da Leitura pode contribuir, mergulhados no sentimento e na representação de uma cultura florianopolitana, “[...] por meio das práticas escolares, com os mesmo rituais, heróis e símbolos”. Nesse sentido, a prática de leitura como movimento de práticas de sociabilidades movimenta a categoria de culturas escolares trazendo para o debate cultural para além dos mediadores de leitura: a família e a comunidade escolar.

Nesse movimento, Luckman ressalta o papel dos autores como mediadores que, além dos encontros presenciais, são entusiastas do projeto e gostam de ser chamados para os momentos de sociabilização, contudo a bibliotecária relata a falta de um maior apoio no projeto por parte da SME:

Eu acho que a secretaria não dá tanto valor ao projeto, é uma crítica que eu faço. O acompanhamento com a escola não existe. A gente faz pela nossa própria vontade, fazemos porque gostamos, porque queremos fazer. Não tem parceria, a gente também não faz para isso, mas a gente espera que pelo menos tenha um apoio, principalmente nos dias da visita do autor na unidade, até porque não é um projeto da escola (LUCKMAN, 2021).

Mesmo sendo um projeto que primeiramente teve impulso na SME, nos tempos atuais as atividades são realizadas de forma mais autônomas a partir das unidades educativas. No caso da EBM Beatriz de Souza Brito, as mediadoras da leitura da unidade se apropriaram na concepção de Certeau (2006) do projeto, pois a leitura, como explica Chartier e Hébrad (1988), não é uma prática passiva, e sim é uma ação de fazeres e encaminhamentos, ou seja, é apropriação.

Os momentos de socialização são, segundo Furtado, um dos mais impactantes para a prática de leitura na unidade educativa, razão ocorrida pelo fato de o projeto disponibilizar em seu acervo na biblioteca um livro para cada educando, facilitando o que a professora chama de “sistematização do projeto”, pois possibilita que o leitor leve o livro para casa e envolva a família no ato de ler. Principalmente aqueles que ainda estão em fase de alfabetização, é essencial o contato da família com o Clube da Leitura e o momento da prática leitora em casa.

A leitura é, para Chartier e Hébrad (1988, p. 33), uma atividade tática na qual “[...] o leitor caça em terras alheias, demarcando com os olhos, com o dedo, com o franzir das sobrancelhas, com o sorriso, seus caminhos em busca de sentido”. A tática no Clube da Leitura se encontra, em especial, quando os mediadores de leitura envolvem a comunidade escolar para o projeto, remetendo a uma representação participativa em torno do objeto livro. A socialização é observada desde o momento da prática de leitura na biblioteca escolar até o ato de levar o livro para casa, oportunizando que outros leitores, além dos educandos, tenham acesso à obra.

Algumas circunstâncias representam fatores limitadores para o andamento do projeto, como o fato de muitos livros estarem na biblioteca central (Debec) no centro da cidade, dificultando que muitas escolas de bairros mais distantes tenham acesso. Luckman ressalta que, para além da vontade profissional de os mediadores de leitura trabalharem o projeto na escola, existem alguns empecilhos administrativos que dificultam o trabalho:

Antes a biblioteca central levava os livros nas unidades. Eu tenho carro, consigo conversar com a escola e posso passar uma tarde buscando o acervo no Debec, contudo essa não é a realidade de todos os bibliotecários. Existe profissionais que possuem problemas com o diretor da unidade ou com a distância da escola até o centro. Isso dificulta, pois, muitas vezes, o bibliotecário fica impossibilitado de buscar esses livros. Nós só podemos ficar um mês com esses livros, é difícil às vezes até emprestar nessas circunstâncias. A gente busca e leva. É como se fosse o empréstimo de bibliotecas mesmo (LUCKMAN, 2021).

É importante ressaltar para o leitor que não conhece a geografia de Florianópolis: é uma ilha de grande extensão e, segundo dados do IBGE (2020), o município tem uma população estimada de 508.826 pessoas espalhadas pela cidade. Alguns bairros das regiões mais afastadas do centro têm horários escassos no transporte coletivo, dificultando o acesso à região central e aos bairros

universitários. Essa dificuldade parece refletir na fala de Luckman (2021): não é o caso da bibliotecária, mas sim de outros profissionais que provavelmente moram em regiões mais longe do Debec e, por sua vez, têm dificuldade de ter acesso ao acervo para o Clube da Leitura, já que é a unidade que fica responsável pela logística dos livros.

Nesse processo, às vezes conflituoso pelos motivos citados acima, de se organizar um Clube da Leitura, as falas de Luckman e Furtado caminham na mesma direção: para além das impossibilidades, o fato de existir um projeto de leitura que envolva a RME gera momentos de sociabilidades entre os mediadores, os leitores, a comunidade escolar e os próprios trabalhadores da educação. Remetendo ao estudo de Cunha (2020, p. 16) sobre dedicatórias de livros, o objeto livro promove “[...] Espaços da memória. Registro de amizades. Lembranças. O prazer da partilha. Estratégias de consagração. Tessitura de uma rede de relação”. Para além da parceria estabelecida entre as mediadoras de leitura da unidade escolar analisada, observo o olhar que elas têm para aquelas unidades que não conseguem ter acesso ao projeto, que são indicativos de limitações, contudo seria interessante observar, em um estudo futuro, estratégias de leitura dessas unidades mais afastadas da biblioteca central do Debec.

Furtado (2021) ressalta que, nesses processos de sociabilidades, o contato entre mediadores de leitura e leitores ou autores e educandos é uma das etapas mais dinâmicas do projeto:

E o que eu acho mais fantástico do clube é o aluno conhecer o autor desmistifica a questão de o autor do livro é inalcançável, uma pessoa muito distante, não é. E através desses momentos percebemos que a criança também pode produzir o seu texto, seu livro, tanto que já fizemos alguns projetos de leitura no qual as crianças escreveram textos com base nos livros trabalhados no clube da leitura. Inclusive fizemos parecerias com a Eletrosul para a impressão de alguns projetos. Esse é um momento do Clube da Leitura. É um momento de interação familiar.

Petit (2009) também ressalta a possibilidade do contar histórias e as práticas de leitura a partir de uma perspectiva na família, principalmente na elaboração de um “genograma”, uma representação dos tempos de vida de cada filho, remetendo-me, no caso do Clube da Leitura, um olhar para Florianópolis, para as famílias que já moravam aqui antes de seus filhos nascerem ou o ideário das pessoas que vêm de outros municípios para Florianópolis: “[...] às vezes, instituições educativas, culturais

e os mediadores de livros e histórias ajudam muitos a construir tais relatos” (PETIT, 2009, p. 252). Fica a percepção de que há uma intencionalidade presente tanto no acervo disponibilizado para as práticas quanto para os momentos de leitura em si, pois as construções do imaginário são influenciadas pela cultura que consumimos ou (re)produzimos.

O acervo é formado por temáticas variadas que vislumbram o universo do que se compreendem como culturas florianopolitanas: as obras são voltadas, principalmente, segundo Luckman, para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental. Para o 1º e o 2º ano, a temática do “brincar” e “aprender brincando” são as que mais ganham notoriedade nas práticas de leitura. Muitas vezes, é o primeiro encontro do educando com a biblioteca escolar, uma etapa importante para a formação do leitor. Além do brincar, o foco na higiene, como a bucal, é abordado no Clube da Leitura, como já relatei no início deste trabalho. Santos e Cunha (2020) apontam que a higiene é uma temática já trabalhada nas práticas de leitura há muito tempo: entre as décadas de 1950 e 1970, por exemplo, a *Série de leitura graduada Pedrinho*, de autoria de Lourenço Filho, transmitiu para as escolas públicas brasileiras lições que “[...] reforçavam hábitos morais, cívicos, patrióticos, regras de civilidade, disciplina, higiene, trabalho, levando várias gerações a partilharem textos que construía a ideia da pátria moderna e civilizadora” (SANTOS; CUNHA, 2020, p. 176).

Esse modelo de prática pedagógica não é novidade na História da Educação brasileira: tanto no campo das práticas pedagógicas quanto da pesquisa em educação, Carvalho (1989) traz elementos essenciais para entender o contexto do campo em que a História da Educação brasileira está inserida, fazendo refletir sobre o papel da escola em diferentes contextos históricos. Desde a (re)produção de dispositivos de dominação social até os signos de progresso presentes na escola moderna, é evidente o papel escolar e familiar como instituição civilizadora, higienista e preparadora para o cidadão integrar o mercado de trabalho com o objetivo de alavancar a econômica do país e tornar o Brasil um lugar de progresso.

Nessa perspectiva, de formação de um indivíduo civilizado, os Anos Finais são os que apresentam mais dificuldades para participar das atividades devido ao acervo. O trabalho com esses anos, segundo Luckman, tem sido feito a partir das obras dos próprios professores, pois o acervo presente no Clube da Leitura não tem contemplado as necessidades de leitura, tanto por parte dos professores que

trabalham com essas turmas quanto para os próprios alunos. É uma cultura escolar a ser movimentada, a circulação de jovens e adultos em bibliotecas é um desafio constante, no qual os mediadores de leitura necessitam estar atentos à dinâmica e ao local no qual a biblioteca está instalada. No entanto, Luckman ressalta que, para além do acervo, existe uma dificuldade também em estabelecer diálogos para parcerias com professores dos Anos Finais:

Não adianta largar o projeto com a bibliotecária, o professor tem que se envolver desde a escolha do livro, a leitura do livro, pois ele tem que ler o livro se não o conhece, o que a gente vai fazer, quais os objetivos que vamos traçar, quais atividades iremos desempenhar a partir daquela obra? Oficinas, trabalhos, como vamos nos organizar? Podemos até sair da escola através de projetos.

Furtado confirma essa percepção de Luckman destacando que, com os Anos Iniciais, tem-se mais opções, como a obra já sublinhada *Brincar com a verdade*, cujos poemas foram trabalhados com os alunos do 1º e do 2º ano dos Anos Iniciais, que produziram individual e coletivamente poemas com base em suas brincadeiras e na infância dos pais. Após a atividade, a biblioteca recebeu a visita da autora, que também ministrou uma oficina sobre a escrita para os educandos. A atividade proporciona uma produção literária infantil com base em autores catarinenses, estimulando a prática de leitura, escrita e socializações entre mediadores e leitores.

Nesse movimento de mediação de leitura, Luckman ressalta que o papel do mediador no Clube da Leitura é diverso: vai desde o momento de empréstimo de livros, a promoção de oficinas até a apropriação, no sentido cênico, do ato de contar histórias. Fleck e Pereira (2005, p. 299), na pesquisa sobre os hábitos de leitura com 20 bibliotecários em bibliotecas escolares públicas e privadas de Florianópolis, revelaram que “[...] os bibliotecários escolares realizam uma grande variedade de atividades que consideram incentivar a leitura, mas a principal é a contação/leitura de histórias, desempenhada por 80% deles”. Isso demonstra que é necessário o processo de formação continuada por parte dos mediadores de leitura para poderem lidar com tanto dinamismo em um organismo vivo que representa a biblioteca escolar.

Esse movimento profissional no qual os mediadores de leitura estão inseridos me faz refletir sobre o papel da mediação da leitura ao longo da História da Educação e como esse ato vem sendo modificado ou (re)pensado de acordo os

avanços tecnológicos, contudo é preciso estar atento como pesquisador no campo historiográfico: o desafio está em preencher as lacunas de uma pesquisa historiográfica, no campo da História da Educação, pautadas nas ausências e nos silêncios das fontes.

Pensando nessas lacunas, as entrevistas com Luckman (2021) e Pacheco (2021) são reveladoras para o entendimento das práticas de leitura pelo ponto de vista de duas mediadoras da leitura na escola, compreendendo o funcionamento do Clube da Leitura com essa perspectiva. Luckman (2021), nessa vertente, traz que os aspectos que mais chamam sua atenção no projeto, além da visita do autor do livro nas escolas, característica comum com a maioria das entrevistas:

O que me chama muito atenção é ter o acervo para trabalhar com os alunos, possibilitando muitas atividades para serem desenvolvidas. A possibilidade também de como bibliotecária poder estar contribuindo e dando apoio pedagógico, sendo o braço direito do professor, não somente com o Clube da Leitura, mas também o utilizando por ser um projeto forte que pode durar em torno de três meses todas as etapas. Meu olhar como bibliotecária é o acervo, a vinda do autor e contribuição firmando parceria com professores e a troca de experiências de todas essas práticas.

Como afirma Luckman, não é somente com o Clube da Leitura que a Biblioteca Paulo Freire trabalha como incentivo à leitura, tendo os projetos: *Maleta Planet Leitura*, *Projeto de leitura*, *Sábado cultural*, *O universo dos brinquedos e brincadeiras*, *Oficina de personalização de carnes*, *Culturas e saberes africanos e brasileiros*, entre outros (BLOG BIBLIOTECA PAULO FREIRE, 2018).

A respeito da temática afro-brasileira, como observei ao longo deste trabalho, Luckman relata que todo ano realiza algum projeto de incentivo à temática na biblioteca, contudo, ao longo de sua carreira no Clube da Leitura, nunca se deparou com livros que tratavam sobre o assunto, portanto são utilizadas outras obras presentes no acervo para serem trabalhadas a temática, inclusive na parceria com o estagiários na escola, oriundos da Udesc e da UFSC, dos cursos de História e de Pedagogia, contribuíram para que a literatura afro-brasileira fizesse parte das práticas de leitura na Biblioteca Paulo Freire:

Que eu tenha conhecimento, não existe por enquanto obras no acervo do Clube da Leitura que possamos trabalhar com a temática afro-brasileira, e às vezes eu acho que precisamos também contextualizar os alunos menores, para podermos trabalhar o assunto, mas eu não identifiquei ainda esta obra no Clube. Então, nós, da biblioteca, trabalhamos com a temática

com outras obras que achamos interessante. Alguma obra que dá para associar a gente encaixa no projeto (LUCKMAN, 2021).

Um dos projetos que Luckman se refere é o *Culturas e saberes afro-brasileiros*, no qual educandos africanos da unidade educativa puderam contribuir com o projeto, dialogando sobre suas vivências na África, as semelhanças e as diferenças do seu continente com a América do Sul. O projeto contou também com uma palestra com a diretora de 2018, Nailze Pereira, doutora em História, que abordou o protagonismo de cientistas negros e negras no Brasil (BLOG BIBLIOTECA PAULO FREIRE, 2018).

Esse projeto foi realizado com turmas do 3º ano, sendo resultante de um trabalho em parceria entre a Biblioteca Paulo Freire e os professores parceiros inspirados em estudos de origens africanas, como previsto na Lei nº 10.639/2003. Ocorreram momentos de sociabilidades, como rodas de conversa, debates, oficinas, contação de histórias, além de “[...] textos informativos, vídeos, mapas, imagens, músicas, livros de literatura infantil do gênero conto, contendo contes africanos e afro-brasileiros” (LUCKMAN; SANTOS; FURTADO, 2019, p. 475).

O projeto também contou com a participação da comunidade universitária, segundo Luckman, Santos e Furtado (2019, p. 475), quando graduandos do curso de História da Udesc debateram sobre “[...] questões envolvendo a conscientização acerca da negritude, branquitude, racismo institucional, empoderamento, ações afirmativas, finalizando este momento com a realização da uma oficina Abayomi⁵²”.

A ausência da temática da literatura afro-brasileira no Clube da Leitura vem sendo percebida ao longo do trabalho: indícios apontam que a falta de acervo especializado e as diretrizes nas quais o projeto aponta não dialogam com o tema, no entanto destaca o exaustivo trabalho da Biblioteca Paulo Freire, cujos próprios projetos conseguem criar estratégias para que não faltasse oportunidade para que esse diálogo chegasse aos educandos.

A prática de leitura aparece, nesse cenário, como um “[...] signo de práticas complexas” (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 32), no qual é pesquisada, na história das práticas leitoras, a leitura que invade e habita os espaços textuais. Hoje observo

⁵² “A palavra *abayomi*, do ioruba, significa aquele que traz felicidade e alegria. Quer dizer encontro precioso: *abay* = encontro e *omi* = precioso. Quando você dá uma boneca *abayomi* para alguém, esse gesto significa que você está oferecendo o que tem de melhor para essa pessoa. E quando você ensina o outro a fazer a boneca pela história, surge a relação socioafetiva que atravessa gerações e ocorre o resgate da cultura africana” (PEREIRA, 2019, online).

que os mediadores de leitura também são capazes de criar estratégias entre si e autônomas para que os debates necessários na atualidade, que estão borbulhando na cabeça de jovens educandos, possam circular na prática diária pedagógica, construindo culturas escolares plurais, mesmo que não existam, por parte da direção ou da gestão educativa, táticas necessárias para ampliar o leque literário em torno das bibliotecas escolares.

Essas estratégias, seguindo a concepção de Certeau (2006) reafirmam o que se evidenciou nas entrevistas: depende do perfil do mediador de leitura para que o Clube da Leitura ocorra em sua unidade escolar, assim como os acervos fora do alcance do Clube da Leitura dependem do perfil do mediador de leitura de cada unidade educativa para que possam circular nas práticas de leitura. Na Biblioteca Escolar Paulo Freire, essa prática fica evidente nos relatos observados e nos registros presentes no *site* oficial da unidade educativa (EBM BEATRIZ SOUZA BRITO, 2022).

É primordial o diálogo com outros profissionais, tanto na parte administrativa da unidade educativa quanto com as universidades que estão ao redor, que contam com pesquisadores e profissionais que, muitas vezes, estão inseridos diariamente nesse universo de pesquisa. Para além da parceria, observo que o perfil do profissional responsável pela biblioteca também impacta essas estratégias de leitura, no entanto Luckman afirma que não depende somente do bibliotecário: o incentivo à leitura é papel de todos os educadores que convivem na comunidade escolar, ou seja, os mediadores de leitura no papel dos professores também têm esse compromisso de promover a leitura e o diálogo com bibliotecários, no sentido de transformar esse diálogo em práticas pedagógicas de leitura.

Furtado observa que essa busca por parte do professor é essencial, principalmente quando este é lotado em uma unidade educativa onde, nos primeiros meses, não foi observado como as práticas são realizadas. É aconselhável que os docentes busquem a biblioteca escolar para começar o diálogo e o compromisso com o incentivo à leitura:

Às vezes eu vejo o bibliotecário mostrar as variadas opções de acervo para o incentivo à leitura que a biblioteca escolar oferece, mas o professor não demonstra tanto interesse; dificilmente o projeto dá certo quando há essa problemática. É necessário que os dois perfis estejam alinhados em promover à leitura através do projeto (FURTADO, 2021).

Esse relato serve como baliza para pensar em quanto a mediação de leitura precisa de diálogo, tanto entre os profissionais que são da mesma área como bibliotecários quanto professores, escritores e, enfim, o debate entre si. Isso porque, quando o assunto é debruçado somente por uma determinada área, parece que a responsabilidade do trabalho é fixada em apenas um segmento profissional, como se o incentivo à leitura em unidades escolares fosse somente responsabilidade do bibliotecário escolar, e não de um conjunto de fatores e trabalhos interdisciplinares, de modo a promover uma mudança de cultura escolar capaz de tornar o diálogo como um hábito pedagógico.

Essa necessidade do diálogo está presente ao decorrer desta tese e me chamou a atenção, principalmente quando obtive acesso às fontes no arquivo, no entanto esses “[...] documentos resultam da necessidade de testemunhar o vivido, revelando desempenhos por vezes anônimos ou que, ao logo do tempo caíram no anonimato [...]” (MIGNOT; CUNHA, 2003, p. 9). Nesse sentido, os relatos apresentados por Luckman (2021) e Pacheco (2021) reforçam o imaginário por parte do leitor do papel que os mediadores de leitura desempenham no projeto Clube da Leitura: como pude observar, para além das diretrizes já postas do projeto, é um trabalho que necessita da dedicação e da interdisciplinaridade para que possa ser concretizado no dia a dia da unidade escolar.

Os processos de socialização, como as fontes me revelam, promovem o trabalho em parceria entre os mediadores de leitura da escola e os autores de literatura infantojuvenil catarinense; nesse caminho, tais ações acabaram impactando o entorno da escola e movimentando a cultura do livro para a comunidade escolar. Luckman relata dois casos: o primeiro, já citado, é o trabalho em parceria com a dentista do posto de saúde do Pantanal; o outro é a ação que não foi possível localizar no arquivo: o trabalho em conjunto com o projeto *Estante mágica*.

4.5 PARA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES

Luckman relata que, durante o percurso acadêmico e as discussões em sala de aula, por vezes, surgia o debate sobre o impacto dos projetos ou dos objetos pesquisados para a comunidade inserida e o Clube da Leitura. Por meio da articulação de seus mediadores, conseguiu envolver a comunidade escolar na

prática da leitura por meio da *Estante mágica*, sem que essa ação fosse uma diretriz prioritária do projeto, mas foram notadas as apropriações com que a leitura e o objeto livro fazem e o envolvimento que proporcionam entre atores sociais que estão no entorno – nesse caso, em específico, a Biblioteca Paulo Freire.

E o que é a *Estante mágica*? Segundo consta em seu *site* oficial:

Por meio do nosso projeto, cada estudante de Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 tem a chance de escrever, ilustrar e publicar o próprio livro. Nesse processo criativo, ele desenvolve múltiplas habilidades socioemocionais, como autoconfiança e curiosidade, que o preparam para encarar os desafios do século 21 e transformar a sociedade. Isso ajuda a formação integral do aluno e a qualidade das instituições de ensino! (ESTANTE MÁGICA, 2021, online).

No Clube da Leitura, os educandos, em contato com os mediadores, têm a oportunidade de dialogar sobre a obra e o ato de escrever um livro, o que pode despertar, como observei nas fontes, o interesse do leitor, tanto pela vida do autor quanto pelo processo criativo de escrita literária. Esse interesse pode se concretizar: mais de 880 mil alunos já se tornaram autores da *Estante mágica* (ESTANTE MÁGICA, 2021).

Luckman relata que, no trabalho do Clube da Leitura e da *Estante mágica* na Biblioteca Paulo Freire, leitores e mediadores escreveram cada página em conjunto, transformando-o em um livro digital. Ele também pode ser impresso por um preço específico. Um dos realizados foi de poesias, no qual os profissionais da unidade escolar conseguiram, com recursos próprios, imprimir um exemplar para os educandos do 2º ano, reafirmando o que Luckman revela no início desta seção: os projetos funcionam de forma autônoma, por meio da própria comunidade escolar, sem obter auxílio ou ajuda financeira da SME.

Nesse processo, foi criada uma campanha pela bibliotecária para que cada família adquirisse seu livro físico. O livro digital é gratuito, e o físico custa de R\$ 40,00 a R\$ 60,00. A campanha consistiu no “apadrinhamento” por parte dos professores pelos educandos, cujas famílias não tenham condições financeiras para a compra do livro físico, de acordo com Luckman. Esses movimentos em torno da família e o papel do professor sugere fazer algumas reflexões sobre o papel do Estado: seria o professor o responsável por substituir a ausência do Estado no dia a dia das famílias que mais necessitam de sua presença?

Nóvoa (2019) procura refletir o papel do professor em um cenário de profundas transformações e desigualdades sociais. Não respondi a essa pergunta aqui nesta tese, até porque não é o foco deste trabalho, mas essa reflexão surge durante o momento das práticas de leitura, sendo necessário para nós, como educadores, debatermos sobre o impacto do “[...] processo de metamorfose da escola que está a ocorrer nos dias de hoje” (NÓVOA, 2019, p. 4).

Para se cadastrar na plataforma da *Estante mágica*, Luckman, Santos e Furtado (2019, p. 477) explicam que existe um contrato para firmar parceria “[...] podendo escolher a proposta de conteúdo ou temática que quer adotar disponibilizada na plataforma ou utilizar um tema livre, quando já possui um tema, conteúdo ou projeto que queira desenvolver”. Nesse sentido, essa foi a opção da Biblioteca Paulo Freire para a unidade educativa, pois a escola já tem seus próprios projetos de leitura.

O projeto proporcionou que fosse realizado um evento de lançamento das obras digitalizadas, transformadas em livros:

Nós fizemos dois lançamentos de livro, chamamos através da ideia da *Estante mágica* de “dia dos autógrafos”. Os alunos viram autor efetivamente neste dia. O primeiro lançamento nós fizemos dentro da própria escola, já o segundo nós conseguimos fazer uma parceria com a Eletrosul⁵³, que fica pertinho da gente. A Eletrosul, no ano de 2019, comprou um livro para cada autor. Eles possuem uma ONG e conseguimos contato diretamente com a presidente: eles nos ajudaram com uma campanha e adquiriram diretamente os livros impressos.

Neste evento, foi observado um processo plural de mediação da leitura indo além dos muros escolares e conseguiu envolver grande parte da comunidade escolar no Clube da Leitura. A mediação da leitura passa por outros atores sociais, dessa vez alavancando dois segmentos do empresariado: a *Estante mágica* e a Eletrosul, que fazem parte da comunidade escolar e a última por estar na mesma localidade onde a EBM Beatriz Souza de Brito está localizada.

⁵³ “A Companhia de Geração e Transmissão de Energia Elétrica do Sul do Brasil (CGT Eletrosul) é uma empresa controlada pela Eletrobras e vinculada ao Ministério de Minas e Energia, resultante do processo de reestruturação societária das subsidiárias Eletrosul e CGTEE. Atua nas áreas de geração, transmissão, comercialização de energia, e ainda em telecomunicações. Investe fortemente em pesquisa e desenvolvimento para fomentar o uso de fontes alternativas de energia e diversificar a matriz energética brasileira. Com sede em Florianópolis (SC), a empresa possui empreendimentos nos três estados da Região Sul, além de Mato Grosso do Sul, e participa como acionista de hidrelétricas na região de divisa do Mato Grosso, Pará e em Rondônia” (ELETROBRAS CGT ELETROSUL, 2022, online).

A Eletrosul, nessa ocasião, foi parceira do Clube da Leitura e da *Estante mágica* na aquisição dos livros digitais, no espaço concedido para a realização do lançamento dos livros/autores, na elaboração de *banners* para divulgação do evento e com o coquetel para os convidados, levando o projeto e as sociabilidades de leitura para outro espaço, fora do ambiente escolar, de acordo com Luckman.

Luckman, Santos e Furtado (2019) salientam que os livros impressos foram organizados e disponibilizados para venda na plataforma não havendo, contudo, uma obrigatoriedade para a aquisição deles por parte da *Estante mágica*. Esse cenário me faz refletir sobre o papel do autor e leitor e como o leitor pode se tornar também autor, pois, conforme descreve Chartier e Hébrard (1998, p. 33), para o leitor, o texto é um lugar onde a escrita está fixada, já o escritor é o estrategista que escreve, na própria página, signos e efeitos para sedução do leitor: “O autor é então, necessariamente autoritário, investido da inelutável autoridade do texto fala indefinidamente por ele, na sua ausência, pelo simples fato de que o que foi feito por escrito perdura e se capitaliza”.

Cabe destacar, também, que esse processo começou a ser realizado a partir de 2018, sendo socializado nas redes sociais da escola e da biblioteca, assim como a *Estante mágica*. Sendo assim, não foi possível encontrar vestígios da temática no *blog* oficial do Clube da Leitura, já que ele parou de ser alimentado em 2016, e nos arquivos também não constarem, sendo, portanto, de suma importância a investigação a partir das fontes orais.

O Clube da Leitura proporcionou, em práticas pedagógicas respaldadas em culturas escolares criadas, que os leitores seduzidos pelos elementos dos textos trabalhados tivessem a curiosidade e a vontade de serem os próprios autores. A partir disso, criou-se a disponibilidade para que esse desejo, também criado, se concretizasse. As práticas e culturas têm intencionalidades e intenção de tornar os leitores autores, fomentando a ideia de uma prática leitora presente no ideário de uma cultura leitora.

Para além das visitas dos autores na unidade, outra forma encontrada pela Biblioteca Paulo Freire para ir além dos muros de sua escola foi a própria visita dos mediadores de leitura da Beatriz de Souza Brito aos autores:

Uma hora o autor vem, mas outras vezes a gente também vai aonde o autor trabalha. O Saru sempre foi a nossa escola, nós já trabalhamos com o livro dele por pelo menos uns 6 anos. Mas pensamos uma vez em ir à UFSC, ao

laboratório onde o autor trabalha, para conhecermos o ambiente onde ele está inserido e serve de inspiração para sua obra.

Nesse sentido, a Biblioteca Paulo Freire propôs uma prática pedagógica fora do ambiente escolar em diálogo com o que já era trabalhado no Clube da Leitura, proporcionando aos educandos diferentes formas de aprendizado, incluindo processos de sociabilidades, diálogos em ambientes diferentes do escolar e o fato de poderem experimentar o espaço universitário que, mesmo estando no mesmo bairro da unidade escolar, por vezes é difícil de criar uma concepção de que esse espaço é gratuito e aberto à comunidade.

A partir de uma concepção freiriana do ato de ler, posso considerar as variadas formas de práticas de leitura, a ação, o movimento e o envolvimento dos mediadores da leitura, caracterizando novas perspectivas de culturas escolares, pois, buscando a compreensão do ato de ler, o mundo particular que move o leitor (FREIRE, 1989), assim como o mundo coletivo que move, além da memória, são características significativas para entender o movimento e a trajetória que formam um sujeito leitor particular.

Nessa direção, Furtado endossa que levar a prática de leitura para além dos muros escolares é também envolver a família nesse processo: seja o educando em fase de alfabetização ou não, a importância familiar no ato da leitura demonstra o caráter socializador da leitura. A família, nesse contexto, segundo a professora, é aquela que cria ou convive com o educando:

A gente envolve todos. Sempre tem a questão de levar a leitura para casa para que todos leiam. E nisso nós fazemos um esforço, fazemos uma “cena” para criar um cenário mágico, pois se não fizermos isso é capaz de o livro ficar esquecido na mochila e é justamente isso que não queremos. Criamos um ambiente. As crianças costumam contar para a família que a turma tem frequentado a biblioteca e feito atividades dinâmicas. Geralmente, as famílias já procuram a gente a partir desse diálogo. Também enviamos comunicado via agenda ou até mesmo ligamos para as famílias. Algumas têm participação mais efetiva, mas procuramos valorizar todas (FURTADO, 2021).

Nesse contexto, é evidente que o projeto procura fazer com que o educando não leia sozinho em casa, mas que tenha apoio e possa trocar informações com seus próximos. O impacto da mediação da leitura é para além do momento imediato do ato e que suas reverberações podem ir além do alcance, pois o livro é objeto

concreto, mas ela é abstrata e suas apropriações compõem um conjunto de sensibilidades e socializações inumeráveis.

Vislumbro, nesse cenário, o papel da leitura e o impacto de sua promoção fora do muro da escola, suas reverberações em momentos socializantes e a prática da escrita inspirada nos educandos que me remetem, novamente, a Chartier e Hebrárd (1998, p. 34): “[...] a oposição entre leitura e escrita, entre a apropriação singular dos sentidos construídos na relação com os textos e o sentido dado, não é realidade trans-histórica”. Recorrendo a Certeau, o autor e a autora consideram que o processo histórico da leitura e da escrita muitas vezes passam despercebidos como se houvesse apenas permanências, no entanto são explícitas, sobretudo, as mudanças práticas do modo de como se lê (CHARTIER; HEBRÁRD, 1998). Noto essa perspectiva no Clube da Leitura, que utiliza recursos tecnológicos, tanto para promover a prática de leitura quanto para incentivar os novos leitores a praticar a escrita, como acontece na Biblioteca Paulo Freire, com a *Estante mágica*.

Luckman, Santos e Furtado (2019), em pesquisa realizada em 2018, revelam depoimentos de famílias da EBM Beatriz de Souza Brito sobre o impacto do Clube da Leitura no cotidiano e quanto isso influencia o olhar da comunidade escolar para a valorização da escola pública, movimentando, por parte dos educandos, um maior envolvimento e “acolhimento” para o espaço da biblioteca escolar e seus profissionais, assim como o reconhecimento dos trabalhadores da educação para torná-la um ambiente de formação e aprendizagens.

Por fim, tanto Luckman quanto Furtado relataram que o envolvimento da Biblioteca Paulo Freire com o Clube da Leitura é o que faz a diferença no sentido de movimentação da unidade escolar com o projeto e para os vestígios de uma cultura leitora no âmbito escolar. O cenário pandêmico e de isolamento social dificulta o prosseguimento das atividades, contudo, com o auxílio dos recursos digitais, as mediadoras de leitura tentam continuar a caminhada do incentivo à leitura por meio de contação de histórias e aulas online para os educandos que conseguem ter acesso.

Ambas as entrevistadas, quando entraram na unidade, já se depararam com o nome da biblioteca escolar como “Paulo Freire” e é nítida a reflexão de que uma biblioteca escolar com esse nome, em tempos de crise como estamos vivendo, é, por si só, de resistência. A prática da leitura e o seu fomento movimentam essa categoria, que é inspirada por um dos teóricos mais importantes da História da

Educação brasileira e carrega uma responsabilidade de inclusão e emancipação do educando.

Para tanto, após dialogar com bibliotecárias e professoras a respeito do Clube da Leitura, Luckman (2021) me ajudou a conseguir o contato de uma das escritoras mais citadas nas fontes: a professora e autora Eliane Debus. Com sua passagem em diversas unidades como formadora e autora, pude entrevistá-la e compreender um pouco mais desse universo do projeto a partir do ponto de vista de uma autora.

4.6 O CLUBE DA LEITURA SOB O OLHAR DE UMA AUTORA

Ao analisar o Clube da Leitura por suas fontes escritas e digitais, a partir de 2011, houve a presença constante de uma professora que atua de duas maneiras no projeto: formadora e autora. Eliane Debus já foi apresentada nesta tese e é professora titular da UFSC no departamento de Letras – Língua Portuguesa, além de ser autora de livros como *O medo e seus segredos*, *Tempo de pão-por-Deus* e *Antonieta*. É importante ressaltar, também, que Debus foi orientadora de Mestrado de Helitte Millack, primeira entrevistada neste capítulo, no PPGE/UFSC.

Além de suas pesquisas voltadas para a literatura afro-brasileira e suas produções, Debus debruça seus olhares para a literatura produzida em Santa Catarina, o que forneceu, para este trabalho, um olhar amplo que envolve o Clube da Leitura e o universo literário que o rodeia. São dois projetos de pesquisa que a autora está coordenando atualmente: *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil produzida no Brasil* e *A produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina (escritores, ilustradores, tradutores e seus livros)*.

Um dos resultados de sua pesquisa é a criação do *site* Literatura Infantil & Juvenil⁵⁴, que serve como fonte investigativa nesta tese e reúne a produção literária infantojuvenil em Santa Catarina, fazendo um mapeamento de autores, ilustradores e tradutores. Ele foi construído pelas mãos do grupo de pesquisa formado a partir do segundo projeto de pesquisa acima citado, chamado *Literalise*, cujo foco é a pesquisa “[...] relacionada às práticas de mediação literária em educação básica e superior” (LITERALISE, 2016).

⁵⁴ Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br>.

No primeiro momento, Debus (2021) comenta sua entrada no Clube da Leitura como mediadora:

Eu participo da primeira mesa de debate do Clube da Leitura já no primeiro ano. Não como escritora, pois tenho dois percursos no Clube da Leitura: um como pesquisadora professora da UFSC trabalhando com literatura para infância e literatura de Santa Catarina, reunindo uma pesquisa sobre a produção literária infantojuvenil em SC que está na internet, contendo mais de 1000 resenhas de livros e mais de 300 biografias de escritores, tradutores e ilustradores, projeto que vem desde a dissertação de Mestrado, e outro momento como escritora.

Como já observei nas fontes escritas, a entrada de Debus se inicia nos primeiros anos do Clube da Leitura, contudo é importante esse destaque feito pela autora de que sua entrada é dividida em dois momentos: um como pesquisadora e, conseqüentemente, auxiliando na formação de mediadores da leitura no projeto, e o outro como escritora, participando dos encontros de autores e das mediações nas unidades escolares.

Observo o diálogo entre Bourdieu e Chartier (1996), no qual os autores afirmam que na França a leitura é mais estimulada em espaços escolares, sendo uma das instituições mais capazes de estimular o gosto pela leitura. Com o sistema escolar tomando para si a tarefa da leitura, a formação dos mediadores de leitura é fator relevante para verificar de que maneira esse gosto pela leitura chega até os educandos.

Levando em consideração os elementos que compõem a modernidade e o uso de recursos tecnológicos para as práticas de leitura, Chartier (2002, p. 36) afirma que esses múltiplos elementos têm como consequência as formas de apropriação, incontroladas, incontroláveis:

Primeiramente apropriações materiais: empréstimos ou compras, organização, conservação, apresentação e uso; colocadas no quadro de sociabilidades restritas ao foro privado. Em seguida, apropriação intelectual por meio desses processos de leitura [...].

Nesse sentido, ressalto o intercâmbio realizado pelo Clube da Leitura, de modo a agregar mediadores da leitura, como o caso de Debus, que, além de escritora, é pesquisadora no campo do livro e da literatura, e com seu grupo de pesquisa se mantém atualizada em relação às novas formas de construção e

disseminação do conhecimento pelas novas tecnologias digitais, facilitando a maneira de se concretizar um projeto de leitura que envolve diversos atores sociais.

Debus relata que sempre teve contato com a RME, já atuou como professora, coordenadora de Língua Portuguesa e organizadora de atividades literárias. Após sua entrada na UFSC, pôde se dedicar por meio de um olhar como pesquisadora. Com a idealizadora Heliette Milack, perceberam que a fragilidade do projeto estava no sentido de que se conheciam as obras de literatura infantojuvenil catarinense, mas não seus autores, e achavam que havia poucas produções sobre a temática, mas, após iniciarem pesquisa, perceberam que havia um volume satisfatório de autores e trabalhos sobre a literatura catarinense.

Para que professores e bibliotecários conhecessem mais o acervo que compõe o Clube da Leitura, as mediadoras propuseram cursos de formação em projeto de extensão da UFSC, no qual Debus ficou encarregada e se utilizou dos dois primeiros anos (2009-2010) para a efetivação desse processo:

Em 2010, realizou-se uma formação já prevista. Foram convidadas também para essa formação a Marta Martins e a Yedda Goulart como escritoras. Eu ainda não era escritora, estava como professora e fiz um panorama sobre a literatura infantil, levei o acervo do nosso grupo de pesquisa Literalise. Eu acho que o nosso grupo compõe o maior acervo de literatura infantojuvenil da região. É um acervo significativo.

Há registros da formação relatada por Debus no *blog* oficial do Clube da Leitura (2010, online) no qual, de maneira breve e detalhada, aponta para:

Na 2ª Reunião do Clube da Leitura, o grupo contou com duas importantes participações.

A professora doutora Eliane Debus abriu o encontro com uma brilhante palestra, fazendo uma abordagem panorâmica sobre a história da literatura infantil e juvenil catarinense.

Ao final do dia, a escritora e editora Marta Martins ministrou a interessante oficina "Contar histórias é um exercício de amor"!

Também houve dinâmica com poemas de Marta Martins, Eloí Bocheco e Alcides Buss.

A partir de uma "ciranda de leitura", professores e bibliotecárias fizeram suas escolhas de obras a serem trabalhadas com crianças, adolescentes, jovens e adultos (no caso da Educação de Jovens e Adultos), e conseqüentemente escolheram os autores e as autoras que visitarão suas respectivas unidades educativas.

Ficou decidido que, em função do atraso na licitação dos livros, os encontros com autores só acontecerão no próximo semestre. Apenas dois deles poderão ser realizados até julho deste ano, porque os livros foram recebidos em doação da Casa da Memória.

A partir desse relato, percebo como a prática de leitura estava inserida também na formação dos mediadores – no caso em específico desse exemplo, fragmentos poéticos presentes em uma ciranda de leitura –, em que posso inferir que possibilitou o despertar sensível nos participantes, podendo ter como consequência momentos de trocas e sociabilidades, levando em consideração a função dos mediadores presentes na reunião. É importante ressaltar o destaque à prática de leitura para jovens e adultos que, apesar de se apresentar frágil no decorrer do projeto, existia uma preocupação. O fato de não ser posto em prática pode ser objeto para pesquisas futuras.

Destaco também, no primeiro momento, a importância de se ter um volume robusto do acervo temático citado por Debus, pois, pelo relato do Clube da Leitura, é notável que a falta de livros pode atrasar projetos literários, fazendo com que todo um planejamento anual de práticas de leitura e gestão de bibliotecas escolares seja prejudicado, ou seja, cabem ao bibliotecário e aos gestores responsáveis pelo acervo em unidades de informação estarem atentos ao planejamento da instituição.

Hébrard (2009), no seu estudo sobre as bibliotecas escolares na França, aponta para a evolução da instituição das bibliotecas escolares e a maneira como são disponibilizados seus acervos e ao seu objetivo, que é voltado para cultura escrita dos educandos e o caráter pedagógico que esses espaços apresentam, principalmente em um cenário de expansão informacional e tecnológica no qual estamos vivenciando.

Após sua primeira experiência na formação de mediadores da leitura discutindo aspectos de prática e fomento da leitura, assim como o acervo de literatura infantojuvenil catarinense presente nas bibliotecas escolares da RME, Debus achou necessária a criação de um projeto de extensão universitária para que se pudesse acompanhar mensalmente o andamento do Clube da Leitura. Em 2011, as formações foram com as seguintes temáticas: o que é literatura? A literatura no espaço da biblioteca, a literatura de Santa Catarina e a leitura dos acervos lidos pelos bibliotecários e professores da escola. A partir da leitura e escolha da obra, o grupo da UFSC daria assessoria para trabalhar com a obra:

A nossa pesquisa se constrói no trabalho com a Rede e com o Clube, porque construímos pequenas biografias e pequenas resenhas sobre autores catarinenses e enviamos para que o Clube possa trabalhar com os leitores. Até hoje, 2021, como tutora do PET de Pedagogia, trabalhamos

com um grupo de contação de história em parceria com o Clube. Nossa primeira apresentação foi em uma escola da rede com uma autora que é utilizada no Clube [...] trabalhamos sistematicamente em 2011 e 2012 como formadora, 2013 e 2014 já estou como escritora (DEBUS, 2021).

Esse relato é semelhante com o de Luckman sobre a biblioteca Paulo Freire: a parceria da UFSC com o Clube da Leitura, mas dessa vez como espaço universitário de pesquisa e extensão capaz de fornecer um trabalho de assessoria ao projeto, estudando e construindo resenhas e biografias de autores catarinenses utilizados nas práticas de leitura, facilita o trabalho dos mediadores de leitura, poupa um tempo que eles talvez não tenham tanto disponível, levando-se em consideração os afazeres diários da rotina escolar.

A criação de bibliografias e resenhas de autores catarinenses corrobora um dos objetivos do Clube da Leitura de propagar a literatura produzida em Santa Catarina, em um local diversificado como Florianópolis, que recebe anualmente pessoas de diversos estados brasileiros, tentando, nesse sentido, construir pela literatura um imaginário que faça sentido à cultura vivenciada na cidade e que recorrendo a Freire (1989) um acervo que conte a história do local, desenvolvido por meio dos mediadores de leitura.

Neste trabalho, Debus acompanha o desenvolvimento do Clube da Leitura e, até 2015, percebeu também o surgimento do projeto *Ciranda literária*, mas que, segundo a professora, não tinha o mesmo objetivo de trabalhar a leitura com os educandos e convidar o autor para que pudesse trabalhar a obra em conjunto com a escola. Outro destaque feito por Debus é que o projeto funcionava sob a orientação de Heliette Millack até 2015, no entanto, após a sua dissertação, Millack voltou para a RME em outra função. O projeto continuou, mas sob outras orientações:

Hoje eu vejo de outra forma, em 2019 eu fui em escola em nome do Clube, como escritora, mas com outra perspectiva. O professor e o bibliotecário em seus espaços criam a atividade, organizam com os educandos e o escritor visita a escola. O Debec tem o acervo e em algumas vezes a Rede me levou de carro nas unidades, ou seja, eles promovem essa mediação. Nestes últimos anos, portanto, fui como escritora. Nos primeiros anos, tive uma visão como formadora e agora como escritora (DEBUS, 2021).

Pelo relato da professora, deu para notar as mudanças de andamento no projeto, mesmo sem deixar tão explícito quais foram elas. Como pesquisador, percebi que, após a saída de Heliette Millack do projeto, os relatos pararam de ser

disponibilizados no *blog* oficial do Clube da Leitura, estando ele inclusive desatualizado, o que me fez pensar, antes de adentrar no arquivo e nas entrevistas, que estivesse encerrado as suas atividades, contudo o que mudou foi a metodologia de trabalho.

O fato de Debus ter dois momentos de entrada no Clube da Leitura também é fator de destaque, se levar em consideração os papéis de mediação da leitura apresentado: professora e autora. Como professora, Debus é formadora dos mediadores de leitura, assessorando-os com a temática da literatura infantojuvenil catarinense. No entanto, como escritora, Debus também não deixa de ser professora e, nesse caminho Petit (2009), coloca que tentam tornar as apropriações da cultura escrita no espaço da sala de aula ou em bibliotecas, aproximando-os do universo literário por meio de práticas pedagógicas. Nesse sentido, o fato de ser escritora e professora facilita o processo de incentivo à leitura, apresentando o conteúdo literário ou da prática de leitura de forma pedagógica.

É desafiador escrever sobre um projeto de leitura e me deparar com interessantes trajetórias de vida, as dos mediadores de leitura, entendendo que não é o foco desta tese traçar suas trajetórias, no entanto os detalhes coletados durante as entrevistas me auxiliam a ter uma ideia do perfil do Clube da Leitura, já que ele é conduzido pelos mediadores aqui apresentados. Inspirado em Waschinewski (2021), busquei, por meio desses relatos, compreender trajetórias profissionais e histórias de vida, reunindo informações importantes no cenário da história da leitura catarinense, correlacionando com culturas e cotidianos escolares, entendendo que a compreensão do perfil dos mediadores de leitura é possível reunir vestígios do perfil do Clube da Leitura.

Paim (2005, p. 160) entende que o se fazer ou se tornar professor é um processo decorrente de toda experiência vivida, e não somente em um dado momento específico experimentado no espaço universitário, o que me permite pensar na “[...] incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se”. Recorrendo à obra *A formação da classe operária inglesa*, de Thompson (1989), o autor traz que a classe operária não nasceu pronta, mas se constituiu, tornando-se sujeita como categoria histórica, traçando um paralelo do estudo para compreender o se fazer professor.

Nesse sentido, entendo que o se fazer professor e mediador de leitura também é um processo de construção que exige, como observado nos relatos

acima, compreensão pedagógica, arcabouço e gosto literário, assim como parceria com os demais mediadores de leitura e educadores que permeiam o dia a dia das culturas escolares. Alicerçado nessa premissa, continuo com o relato de Debus, observando sua trajetória de mediadora de leitura como autora, sua relação com o “se fazer professora” e as contribuições para o andamento do Clube da Leitura.

“Quais são suas próximas publicações?”, pergunta um educando à Eliane Debus em uma atividade do Clube da Leitura, realizada em 2018, na EBM João Batista Pereira. A autora responde que pretende escrever um livro sobre a vida de Antonieta de Barros, então o educando responde: “Sim, o túnel!”. A partir desse diálogo, nasce, segundo Debus, o trecho que faltava para finalizar o seu livro, que acabou se tornando o início dele:

Antonieta de Barros é nome de túnel, mas não é túnel.
Antonieta de Barros é nome de rua, mas não é rua.
Antonieta de Barros é nome de escola, mas não é escola.
Antonieta de Barros é história, fez história e tem a sua história, por isso virou nome de túnel, de rua e escola. Quer saber quem é Antonieta de Barros? Chega pertinho que eu te conto.

O início da obra teve como origem o momento de socialização entre a autora e os leitores no Clube da Leitura, revelando a importância do projeto não somente para os educandos, os bibliotecários e os professores, mas também para aqueles que produzem literatura. “A partir do contato com as crianças, eu consegui terminar o meu livro” (DEBUS, 2021). Esse relato evidencia o processo criativo literário que surge a partir da interação autor-leitor, que vem ganhando notoriedade com o advento da internet, dos textos digitais e das plataformas colaborativas, mas que também mantém a sua cultura nos momentos do diálogo humano, sejam eles no Clube da Leitura exemplificado neste trabalho ou até mesmo em outros exercícios e práticas de leitura que envolvam mais pessoas para além do autor.

Na discussão sobre práticas de leitura, Martins (2020), em sua dissertação, apoiada pelos pressupostos de Chartier (2002), compartilha que a leitura é, ao mesmo tempo, apropriação, invenção e concepção, ou seja, uma atividade na qual se instalam ou se promovem práticas criativas. Percebo, nos momentos do Clube da Leitura, que as práticas criativas transbordam o imaginário do leitor e reverberam não somente neles, mas também nos mediadores de leitura que notam, nesse momento, o refúgio do fazer diário mecânico, no qual a literatura se apresenta como

auxílio subjetivo na modernidade que permite explorar nossas sensibilidades, nem que seja em no próprio local de trabalho no contexto escolar, com o livro como suporte.

Para além do papel criativo que a leitura apresenta aqui, neste trabalho, principalmente quando ela é trabalhada em exercícios coletivos, podem ser múltiplos os impactos positivos que uma leitura pode causar de forma subjetiva individualizada. O estudo, por exemplo, de uma figura como Antonieta de Barros, que está presente no cotidiano florianopolitano, seja ela em nome de túnel, nos livros de História ou em uma pintura de 32 metros na Rua Tenente Silveira⁵⁵, pode reverberar, como mostra Petit (2009), em formas de apropriações singulares que, com senso de descoberta, podem se desviar de textos preestabelecidos para o interesse em outros tipos de temáticas como história, artes visuais, política, entre outras temáticas que circulam a obra inicial.

Nesse sentido, observo, nesse relato, o estímulo à literatura catarinense abordando diferentes temáticas e figuras que tive acesso no *blog*, no arquivo ou nos relatos anteriores. O fato de a autora lançar um livro sobre Antonieta de Barros e trabalhá-lo, assim como a vida da professora no Clube da Leitura, evidencia outra abordagem, na qual senti ausência ao decorrer do estudo: a presença afro-brasileira nas práticas de leitura. Como pontuado no relato de Heliete Millack, as obras foram sendo abordadas conforme a produção dos autores locais, com isso a produção de uma autora sobre a temática impacta diretamente os acervos e as abordagens presentes no projeto. Segundo Debus (2021), de 2009 a 2010, o acervo do Clube da Leitura foi sendo formado conforme a biblioteca particular de Heliette Millack.

A partir dessa abordagem:

Dizer que a literatura de Santa Catarina é uma literatura branca é complexo, não podemos afirmar. Mas que a maioria dos escritores são brancos, isso é verdade ou que são não negros. Temos, por exemplo, o Adão do Morro dos Cavalos, que é uma literatura racial. Não é afro-brasileira, é indígena e sempre esteve presente ali. Eu acho que o que faltava era essa divisão, no qual vários autores brancos escrevem sobre a temática indígena. Eles contam a narrativa indígena. Na representação negra, as pesquisas estão iniciando. Vale pensar se é uma literatura com a temática afro-brasileira ou uma literatura com uma escritora negra? (DEBUS, 2021).

⁵⁵ Consiste em um mural em homenagem a Antonieta de Barros, localizado na Rua Tenente Silveira, no centro de Florianópolis, inaugurado em 2019. Ele tem 32 metros de altura e 9 de largura, sendo desenvolvido pelos artistas Thiago Valdi, Tuane Ferreira e Guige. Para mais informações, acessar: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/08/18/mural-em-homenagem-a-antonieta-de-barros-e-inaugurado-no-centro-de-florianopolis.ghtml>.

A questão levantada pela autora é relevante para a reflexão, pois, apesar da ausência sentida como pesquisador sobre a temática afro-brasileira no Clube da Leitura, a temática indígena estava colocada e tinha, pela obra *Pão-por-Deus*, a presença de uma autora negra escrevendo uma história local que não abordava o recorte de raça, mas sim uma cultura popular local. Estudos nessa chave estão sendo realizados por seu grupo de pesquisa, pensando na produção de autoria catarinense. Alguns nomes se destacam nessa vertente no Clube da Leitura, como os de Eliane Debus, Marcelo Adão, Giselle Marques e Solange Adão. A autora também destaca a ideia de cultura catarinense, que “[...] pode não ter literatura catarinense, mas existem homens e mulheres que produzem em Santa Catarina, que moram no local em algum tempo”.

Essa ideia da literatura catarinense para autora vai além do local de onde nasceu o escritor, e sim onde ele fixa suas raízes. A autora também destaca, nesse sentido, a importância das variadas temáticas trabalhadas ao longo do Clube da Leitura, principalmente os autores que deram início ao projeto, como Maria de Lourdes Krieger, Alcides Buss e Yedda Goulart. É importante frisar que o levantamento feito nesta pesquisa, no decorrer da leitura das fontes, foi a ausência de uma temática no Clube da Leitura que abordasse a temática racial.

Compartilho o pensamento de Clemêncio (2017), cuja questão racial permeia o cotidiano, estruturando a sociedade brasileira, historicamente, com pessoas brancas em lugares de prestígio e pessoas negras subalternizadas. Isso reflete nos ambientes de trabalho, entre eles a educação. Com isso, é possível inferir o que Debus ressalta em seu relato, no qual a literatura catarinense, sendo um lugar de destaque de intelectualidade que é ocupado por pessoas brancas; contudo a autora destaca que isso não é uma característica de demérito ou destaque do projeto, não engrandece, tampouco desmerece, mas é apenas reflexo da sociedade do qual todos estamos inseridos.

Nesse caminho, Debus (2021) ressalta em sua fala a nomenclatura do projeto *Clube da Leitura: a gente catarinense em foco*:

Se for o escritor em foco, às vezes ele não é só catarinense. A Marta Martins, por exemplo, não é catarinense, mas está sempre no Clube. Agora se o a gente catarinense é uma representação nem sempre os livros são

assim. Quando é “uma laranja bailarina”, eu não sei de onde é essa laranja, pode ser de qualquer lugar, por isso é muito complexo afirmar essas coisas.

A autora refere-se à obra *A laranja bailarina*, de Roseli Schutel⁵⁶, e problematiza de que, apesar de ser uma literatura de Santa Catarina, não é um livro que necessariamente abordará os costumes catarinenses: trata-se de uma narrativa sobre o personagem Marcos, que observa uma árvore dando os primeiros frutos e, quando ele resolve colhê-los, se depara com uma laranja falante que lhe conta o desejo de ser bailarina (DEBUS, 2013).

O modo de funcionamento do projeto foi mudando ao longo do tempo, principalmente com a participação de novos autores e que é complexo, por isso afirmo que todos são catarinenses, que são catarinenses em foco, ou que é uma cultura catarinense permeada nos livros, quando, de maneira prática, o que se observou com as fontes é o aspecto mais importante do Clube da Leitura: o fomento à leitura, seja ele de qual temática for e de que autor está presente. Não deixa de ser uma escolha, mas posso inferir que é a opção mais viável aos olhos dos mediadores de leitura de promover a leitura no âmbito escolar, levando em conta as questões logísticas, econômicas, de direitos autorais, entre outras que circulam o universo do livro.

Conforme explica Certeau (2006), portanto, há a diferença entre o prescrito e a prática. Em um primeiro momento que o leitor, pesquisador ou interessado se depara com o nome do projeto, conclui-se que são práticas de leitura voltadas exclusivamente para a literatura catarinense. De certo modo é, e de maneira geral se procura manter esse norte; contudo, após adentrar nas fontes, percebo que as apropriações do projeto ao ambiente onde está inserido são variadas, levando em consideração as características que já levantei nesta seção, destacando o perfil dos autores em Santa Catarina, o lugar onde estão inseridas as escolas participantes do projeto e o material (acervo) que se encontra disponível para trabalho dos mediadores, explicitando que, apesar de ser um projeto inicialmente da SME, ele é realizado da maneira que mais se adapta à realidade das culturas escolares presentes e os mediadores de leitura disponíveis para a sua concretização.

Ainda no debate sobre cultura, a autora ressalta:

⁵⁶ Nasceu em São José. É pedagoga, formada pela Udesc, e especialista em Alfabetização pela UFSC. Desde 1987, é professora de Educação Infantil da RME.

Essa questão catarinense ou se no clube trabalhamos ou não com essa cultura são variadas, até porque cultura catarinense pode ser o “pão-por-Deus”, mas não é só açoriano. Não podemos dizer que a cultura catarinense é única. É uma mania que tem dizer que o português estava em Florianópolis, o italiano em Criciúma, o alemão do Vale do Itajaí e de Joinville, e se esquece de que o negro já estava aqui presente. Então, o livro da Solange Adão aborda a questão do negro (DEBUS, 2021).

Ela acrescenta que, em determinados anos, o Clube tem uma ausência em alguma escola, sendo normal as unidades onde os profissionais tenham participado de formação no Debec realizarem práticas de leitura nas salas de informática com mediadores de leitura, e a abordagem sobre cultura afro-brasileira é trabalhada nesses espaços não pelo Clube, mas sim em outras atividades de leitura, porque essas temáticas específicas não estão amarradas ao projeto.

Ao longo da entrevista, vi a necessidade de uma discussão ampla entre os mediadores de leitura sobre uma política de fomento à leitura, que deve ser acompanhada de uma política de ampliação de locais de leitura e acesso ao livro, sejam bibliotecas públicas, escolares, universitárias, cafés, sebos ou livrarias. Pensar nos espaços físicos para o envolvimento da prática de leitura e a compreensão crítica da relação entre leitura e alfabetização demanda o entendimento crítico da biblioteca (FREIRE, 1989).

As bibliotecas comunitárias, nesse sentido, têm, paralelamente às bibliotecas escolares, uma importância significativa no período histórico analisado, no sentido de fomento à leitura e de formação do ser crítico. Fernandez, Machado e Rosa (2018) evidenciam as bibliotecas comunitárias em três pontos: enraizamento, sustentabilidade e incidência política, com articulações locais que fortalecem parcerias em âmbitos que, às vezes, extrapolam a própria comunidade. Trazendo à discussão o cenário das bibliotecas escolares, vejo a semelhança com uma biblioteca, a partir do momento que esta também supera os muros da escola e a cultura escolar perpassa pela comunidade escolar por meio de iniciativas de fomento à leitura. Não inicio uma discussão sobre o conceito de bibliotecas comunitárias, mas somente mostrar, nesse exposto, o poder que as políticas públicas de incentivo à leitura podem ter em diferentes instâncias.

Partindo da perspectiva de Freire (2019), que propõe a dialogicidade como concepção para a prática da liberdade entre educando e educadores, é possível observar, a partir desta tese, que a prática de leitura em bibliotecas escolares é um fator significativo para o incentivo à leitura e, conseqüentemente, à formação de

leitores e leitoras. Iniciativas políticas como essas do Clubes da Leitura podem auxiliar e ampliar tal atividade por serem dinâmicas e contarem com práticas de socializações entre leitores, professores e bibliotecários.

Nesse processo, no viés da formação, a autora chama a atenção para o projeto *Ciranda literária*, que focava, de uma maneira mais lúdica, a formação dos mediadores da leitura sem muito enfoque no educando, mas sim na qualificação daqueles que têm por objetivo mediar a informação e a literatura para os leitores (DEBUS, 2021). Nessa formação e nos projetos de iniciativa pública, como a SME, é relevante o processo de ensino-aprendizagem e de incentivo à leitura, principalmente por se tratar de uma atividade coletiva que necessita do esforço de todos os atores sociais.

Sobre a relação de esforços profissionais para o funcionamento do projeto, o olhar da autora aponta para a responsabilidade tanto do bibliotecário quanto dos professores, principalmente por estes participarem das formações:

O que eu percebi, ao longo do tempo e o que eu acho que também, é um acerto do Clube da Leitura é que a responsabilidade é do bibliotecário, mas também do professor, principalmente quando tem a formação, porque um motiva o outro, fui percebendo isso. Até porque é um trabalho integrado, nós temos bibliotecas no Norte da ilha, que tem bibliotecário e consegue acionar os professores e fazer um trabalho maravilhoso, já outras escolas apresentam muita troca de bibliotecários, em alguns casos, o profissional da sala informatizada que acaba fazendo essa ponte [...] (DEBUS, 2021).

Esse olhar de autora de livros também reflete o pensamento dos entrevistados até aqui: o Clube da Leitura é um trabalho interdisciplinar e integrado que conta com a participação de cada autor envolvido no projeto. Nesse sentido, ressalto a importância das condições de trabalho para os mediadores de leitura, principalmente para aqueles que atuam nas escolas. O professor deve ter respaldo, formação e confiança da direção para atuar com o incentivo à leitura, assim como o bibliotecário; além dessas características, precisa ter um espaço condizente com as expectativas do projeto e um acervo que contemple as diretrizes apontadas por ele.

Nesse contexto, noto o exemplo que a autora fornece de escolas que trocam constantemente de bibliotecários, levando em consideração as condições de trabalho (salário, materiais e estrutura) e a distância das escolas da moradia desses profissionais: se, por um lado, há o crescimento do “leitor tático”, como explica Chartier e Hérbrard (1991), que está sempre em evolução, acompanhado da

“progressiva industrialização da produção cultural”, por outro lado é necessário, como mediadores de leitura e pesquisadores em Educação, se atentar para as condições materiais que devem ser observadas para um projeto de leitura, pois a estrutura material, seja ela no setor público ou privado, deve acompanhar as demandas da evolução tecnológica para que não fique obsoleta ou que não falte projeto para determinadas escolares que se encontram mais afastadas da área central – nesse caso, em específico, o Debec.

É importante frisar que, conforme os dados encontrados até agora, todas as escolas analisadas têm estrutura suficiente para dar conta do projeto, atentando, de maneira possível, os mediadores de leitura e leitores. Chamou-me a atenção apenas o caso de unidades educativas mais afastadas da região central que demandam muita rotatividade de mediadores de leitura, influenciando diretamente o andamento do projeto e, conseqüentemente, esse ruído reverbera na formação dos futuros leitores.

4.7 UM PROJETO DE INTEGRAÇÃO

Chamou-me a atenção, como observei na seção anterior, o fato de a autora considerar o Clube da Leitura como um projeto de integração, pois, até então, o olhar de pesquisador apontava para um projeto que promovia sociabilidades, ações de leitura e interdisciplinaridade. Mas a integração fornece uma conotação diferente e fui me atentar a isso somente na análise dos dados, e não durante a entrevista. Contudo, após esse registro, Debus (2021) continuou relatando suas observações, o que me forneceu pistas para esse indicativo de integração:

[...] no projeto um puxa o outro, fazem pontes. Lá na EBM Adotiva tem bibliotecária com perfil que puxa os outros ou ela mesma faz as atividades. Ela tenta puxar os professores, mas, se eles não quiserem, ela mesma faz. Teve uma época em que a gente passava de carro por ali e tinha uma faixa bem grande escrita – A Biblioteca é da Comunidade – querendo dizer que a comunidade podia entrar na biblioteca. Em outras épocas, eles também faziam café literário mensal na escola. Então, vai depender do perfil, eu mesma já participei de formações que mesmo os bibliotecários com o perfil mais técnico se envolviam com o Clube.

Sei da complexidade do ser humano e a vontade política de cada um reflete no dia a dia do trabalho, conseqüentemente nos afazeres escolares, tratando-se de professores. Paim (2005, p. 377) observa que são “[...] sujeitos únicos, singulares

em suas experiências de vida”. Isso pode afetar ou não os trabalhos do projeto, pois, segundo a autora, o momento de formação auxilia aqueles profissionais que, mesmo apresentando um perfil mais técnico, voltado mais para a parte administrativa do afazer bibliotecário, este por meio da formação, interagem com mediadores da leitura e adquirem ferramentas necessárias para o desenvolvimento do projeto em suas unidades educativas.

Como observei no decorrer do trabalho, o projeto de iniciativa de Millack e incentivado pela SME é proposto nas unidades educativas, mas aquelas que, por quaisquer motivos não desejarem realizar, simplesmente não o fazem, remetendo-me a Certeau (2006), pois nem tudo que está prescrito ou programado é realizado, por isso a noção de culturas escolares proposta por Frago (2002) se faz presente neste trabalho como uma lente auxiliando a entender a complexidade das diferentes culturas escolares presentes na RME.

A vontade dos mediadores de leitura e os relatos de Debus (2021) revelam, nesse contexto, um papel inspirador que a leitura representa como arte para diferentes sujeitos, não sendo uma ferramenta “salvadora da educação”, mas sim um instrumento que depende de um trabalho de integração entre mediadores de leitura para cumprir o seu papel social, que vem tem sido discutido atualmente nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, podendo enxergar, nesse projeto, resquícios de um trabalho com esse perfil.

Castro (2007), Cysne (1993), Lindemann, Spudeit e Corrêa (2016) e Silveira (2007) discutem o conceito de biblioteconomia social e, a partir de um estado da arte sobre a temática, inferem que significa “[...] preceito na interação entre bibliotecas e sociedade, tornando-se assim uma unidade de nível cognitivo em que se reconhece que só podem existir bibliotecas onde há sociedade” (LINDEMANN; SPUDEIT; CORRÊA, 2016, p. 172). Nesse sentido, concebo a perspectiva de que a biblioteca é objeto de estudo em diversos campos do conhecimento pelo seu caráter interdisciplinar, principalmente no campo das Ciências Sociais Aplicadas e Humanidades.

O Clube da Leitura, nesse contexto, apresenta um trabalho interdisciplinar, pois lida com a biblioteca escolar, os mediadores de leitura compostos por diversos atores sociais presentes nas unidades escolares e a leitura em si, como discuti no início desta tese, circulando por conceitos diversos que estão presentes em variados campos do conhecimento, como Educação, História e Psicologia Cognitiva.

Percebo a integração em diversas vertentes no objeto estudado, inferindo, por isso, pelo objeto que é o trabalho. O livro e a leitura perpassam por essas características interdisciplinares. Os usos e desusos do livro, seus processos de apropriações (CHARTIER, 2002) dos mais variados possíveis reverberam nas suas múltiplas possibilidades de usos, assim como a leitura, mais subjetiva, com possibilidades de socialização, interação, sociabilidades e possíveis criações de afeto.

A integração pela leitura, as sociabilidades partilhadas e as socializações realizadas demonstram percursos do livro, leitores e mediadores. São caminhos trilhados que incluem formações, culturas e histórias de vida; nesse sentido, surgiu o interesse em tentar pensar nos modos de fazer e se pensar o Clube da Leitura, a partir de Certeau (1995), nas relações do ato de ler e os aspectos culturais envolvidos na prática de leitura. Desse modo, inferi, por meio de relatos de um bibliotecário e uma gestora, como eram pensadas as práticas de leitura no Clube da Leitura e os modos de ser um mediador da leitura em um projeto que movimenta a literatura catarinense em rede.

4.8 MODOS DE FAZER

Revelou-se, neste trabalho, a formação de uma comunidade de leitores com as práticas de leitura realizadas em espaço público: a biblioteca escolar de unidades escolares (OLIVEIRA, 2018). Desse modo, essa comunidade de leitores mostra práticas de leitura oriundas de publicações de autores catarinenses, mediadas por atores escolares que se conectam pela leitura.

Nesse sentido, Silveira (2014, p. 20) aponta, em sua tese, que as bibliotecas públicas são lugares “[...] de leitura, educação, memória, sociabilidade e enraizamento [...]”. As bibliotecas escolares também apontam e se conectam com as bibliotecas públicas de sua comunidade, assim posso concluir que o Clube da Leitura movimenta uma cena literária catarinense, o que pode impactar o incentivo ao consumo ou a aquisição de livro dos referentes autores, reverberando em um mercado livreiro. Esse lugar de sociabilidade em que a biblioteca escolar se encontra tem uma razão, um motivo para esse modo de fazer, pois as intenções reveladas no ato de ler revelam aspectos culturais de um determinado lugar (CERTEAU, 2002).

As práticas reveladoras de um modo de leitura se mostram conectas em rede, não somente na Rede de Bibliotecas Escolares da PMF, mas na rede que é formada pelos mediadores de leitura, nos processos de sociabilidades criados por autores, bibliotecários e professores, assim como os trabalhos e outras questões que surgem a partir da iniciativa. O Clube da Leitura reverbera na formação de grupos de leitura e mediadores nos quais posso considerar conectados em teias de sociabilidades.

Nessa rede, após a sugestão de Luckman e Guse, surgiu a oportunidade de entrevistar o bibliotecário Guilherme Martins em 2021, atuante na biblioteca da EBM João Gonçalves Pinheiro⁵⁷. Em sua trajetória, Martins afirma que existem muitas bibliotecárias na Rede que têm mais experiência com o Clube da Leitura do que ele, mas que pode contribuir com o trabalho devido à experiência como mediador. Nesse quesito, encontrei um dos pontos principais que movimentam a categoria de cultura escolar nesta tese: a mediação da leitura como artefato pedagógico e de incentivo à leitura literária por intermédio do Clube da Leitura.

Senti a necessidade, nesta etapa da tese, em trazer para o diálogo o bibliotecário Martins com a professora Waleska Regina Becker Coelho de Franceschi⁵⁸ para compor o entendimento do trabalho em parceria entre professor e bibliotecário.

O diálogo com Waleska se faz necessário, nesta etapa, pelo entendimento que a professora atua como gestora do Debec desde 2013, ficando apenas dois anos afastada por motivos particulares. A gestora entende os mediadores de leitura como parte integrante do projeto, unindo a gestão do acervo, incentivo à leitura e estímulo à arte, entendendo também que, como gestora, atua como mediadora da leitura em parceria com os professores e bibliotecários no projeto.

Martins atua como mediador no Clube da Leitura e propõe, no seu fazer como pesquisador, práticas de leitura que abordem assuntos que pautam o cotidiano da sociedade, como a temática de gênero e sexualidade. Em sua dissertação, ele propõe que o “[...] o bibliotecário pode: fazer a hora do conto com títulos que abordem a temática; auxiliar na pesquisa relacionada à temática para a elaboração de trabalhos” (MARTINS, 2018, p. 101).

⁵⁷ Graduado pela UFSC e mestre em Gestão da Informação pela Udesc, é bibliotecário da RMF desde 2012.

⁵⁸ Chefe de departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias da PMF e doutoranda em Educação. Sua formação é do campo das Artes, com graduação em Educação Artística e mestrado em Teatro.

a) Realizar a hora do conto com títulos que abordem a temática para as crianças; b) Desenvolver exposição de livros que abordem a temática quando for o dia da família na escola, pois assim, integraria alunos, professores e pais; c) Organizar com a comunidade escolar uma semana temática incluindo depoimentos de alunos, professores e pais, com palestras, exposições de filmes e documentários nos quais seja possível dialogar sobre a temática; d) Propor um clube de leitura que contemple títulos que abordem a temática de sexualidade e gênero, possibilitando discutir questões relacionadas; e) Expor textos produzidos (em parceria com professores) pelos alunos no qual possam discutir assuntos relacionados à temática (MARTINS; MENEZES; TREVISOL NETO, 2016, p. 954).

A partir desse relato, vejo uma tentativa de engrenar um movimento de mudança ou de novas propostas a ser trabalhado no Clube da Leitura. Uma perspectiva diferente, do ponto de vista da formação desse bibliotecário em questão, abre oportunidades para que se avance no debate sobre gênero e sexualidade alicerçado na literatura infantojuvenil e suas práticas. Não somente na questão dessas temáticas, posso tomar como exemplo a aquisição do livro *Antonieta*, de Debus, que possibilita a abordagem da temática racial não apenas em datas previstas no calendário escolar, mas também o planejamento dentro do escopo do projeto Clube da Leitura durante o ano letivo.

Martins, mesmo sendo aluno oriundo da RME, não conhecia seu funcionamento e, após ser aprovado em concurso público, pôde observar a atuação dos bibliotecários em Rede e o impacto positivo dessa característica nos afazeres diários da profissão, conseqüentemente, nos projetos de leitura:

Fiquei feliz de saber que existia uma rede de bibliotecas, que existiam bibliotecários, que existia formação continuada para estes profissionais, o que é muito importante [...] então, uma vez por mês, nós temos esses momentos que fortalece o grupo, trazendo uma maior articulação, que percebemos como resultado disso o próprio Clube da Leitura. Cheguei muito inexperiente, com 22 anos, e já me falaram que bibliotecário escolar deveria contar histórias. Eu não sabia contar histórias, não sou contador de história, mas fui imprimindo um jeito de mediação de leitura (MARTINS, 2021).

O trabalho em rede e as redes de sociabilidades que se formam, nesse caso, pela literatura, demonstram resultados não somente nos alunos que circulam por essa rede, mas também nos profissionais da Educação que estão ali inseridos. Para alguns, pode ser o início de uma carreira com muitas incertezas e estereótipos criados no imaginário social, mas que, por uma rede de sociabilidades, é possível criar um diálogo no quais ambos são fortalecidos, podendo reverberar em projetos

de leitura, como é o caso do Clube de Leitura, que é debatido e construído a cada momento de formação.

Nessa rede de sociabilidades noto, na fala de Waleska (2021), como pode ser aprofundado o debate sobre a falta do Clube de Leitura em um organograma na PMF:

Na época que conheci o projeto, na gestão do professor Rodolfo, ele tinha as duas pastas (Fundação de Cultura e Secretaria de Educação), então nós tínhamos um diálogo artístico e literário muito bom. A Casa da Memória também foi muito importante nesse processo na parceria com os escritores catarinenses. Esse projeto tinha muita proximidade com o gabinete, mas a professora Heliete era do Ensino Fundamental. Ele acontecia como um projeto em que a gente tinha medo de não ter continuidade caso ele não estivesse vinculado no nosso organograma. Em 2013, quando volto para a Secretaria de Educação, o professor Rodolfo pede para eu assumir o Debec, pois dialogava com os meus projetos de cultura e porque os projetos estavam vinculados à literatura, e a professora Heliete estava saindo para fazer seu Mestrado. Naquele momento, eu tinha três funções: o Debec, o assessoramento de artes (dança, teatro, artes visuais e música) e os projetos de literatura.

Em sua fala, o bibliotecário discorre sobre como esses momentos de formação influenciaram sua trajetória profissional até o momento (9 anos de RME) e que as experiências e os medos podem ser superados no fortalecimento entre profissionais, que possibilitam novas discussões e estratégias para o seu afazer diário, no cuidado com o aluno, a comunidade escolar e a mediação de leitura.

Sendo assim, na visão de Martins (2021), o bibliotecário inserido na RME tem o livro como instrumento de trabalho, que deve ser trabalhado nos múltiplos sentidos, “não somente no sentido da pedagogia, mas trazer o aluno para o mundo da literatura e formar leitores”, tentando atuar de maneira interdisciplinar nos projetos possíveis dentro do universo em que se está inserido.

O primeiro contato de Guilherme Martins com o Clube de Leitura:

Foi na própria escola, com a professora de Português que todo ano participava do Clube, desde o começo com a Heliete, quando os encontros de formação eram noturnos e contavam também com a presença dos auxiliares de biblioteca. Ela no começo falou para mim: “esse ano vamos fazer um projeto legal com o Clube”, mas eu não sabia como era, até ter as primeiras formações. A Waleska trouxe uma reformulação para o Clube que contava então com a presença dos bibliotecários. Então, a gente tinha um dia de formação técnica voltada para o trabalho técnico dos bibliotecários e depois a gente tinha outro dia. A gente tinha de manhã o Clube e de tarde o Ciranda, mas o Ciranda era mais a questão da fruição, a leitura por prazer dos profissionais, e o Clube de Leitura mais voltado para os estudantes. O

legal do Clube é o encontro com o autor, então a gente conhecia o autor, a obra e isso instigava a gente a trabalhar a obra.

Essa fala demonstra o quanto o diálogo entre profissionais mediadores de leitura é importante para o desenvolvimento de um projeto de leitura. A partir do contato com uma professora, Martins pôde se interessar pelo Clube de Leitura e, após uma reformulação no projeto, que passou a incluir outras categorias de mediadores de leitura, os bibliotecários passaram a integrar a sua formação continuada, fazendo parte integrante do planejamento.

Waleska (2021) contextualiza o início da sua trajetória no Debec, dialogando com o que foi explicitado por Martins:

Preocupada com um projeto que tivesse continuidade, a gente conseguiu trazer para o Departamento de Bibliotecas os projetos, conseguimos documentar, organizar, o Clube da Leitura, a Semana Municipal... Eles fazem parte das ações literárias do Debec, pois pensando em tudo aquilo que a gente elabora ou desenvolve enquanto ação educativa vinculada à Secretaria de Educação pertence à Rede. Isso em 2013. Mas conseguimos organizar a documentação em 2015, registrado. A partir disso ampliamos. Como no primeiro momento ele estava muito vinculado à professora Heliete, por ela ter formação em Língua Portuguesa, ele estava muito mais voltado aos professores. Os bibliotecários que participavam eram porque eram parceiros dos professores. O grupo era menor, não estava na formação continuada, era complementar, um convite. Então, quando eu venho para o Departamento, a gente inclui os bibliotecários na formação.

É visível uma mudança de perspectiva no projeto, que tem relações tanto de poder quanto de pessoas. Waleska apresenta interesse no projeto e, com olhar de outras áreas do conhecimento, possibilita a ampliação do leque de participação de profissionais no Clube da Leitura, que, inspirado em uma política pública como o PNLL, acaba por reverberar o que é previsto em suas diretrizes: o trabalho interdisciplinar.

A lei federal, como suporte de reverberação em culturas estaduais e municipais, caracteriza esse projeto de Estado no fomento à leitura e ao livro com investimento também nos profissionais mediadores, que terão a responsabilidade de movimentar os costumes culturais na sociedade, tendo como suportes locais propícios às atividades, focando neste trabalho em bibliotecas escolares, lugar adequado para movimentar as culturas escolares (FRAGO, 2002) por meio de suas práticas leitoras. A leitura como prática social, dentro do ambiente escolar, pode movimentar uma cultura, criando sociabilidades e sensações que estimulem o

conhecimento, as sensibilidades e a imaginação de toda uma comunidade escolar por meio de ações que poderão interagir com as próprias, por intermédio de mediadores bem qualificados, como propõe o PNLL, em suas diretrizes (BRASIL, 2006).

Esse processo de organização e de sistematização do projeto não impede que os profissionais produzam seu próprio modo de fazer a mediação de leitura. Martins (2021) expõe um pouco como se dá esse trâmite de sociabilidades:

O projeto se dava de maneira mais fluida, porque geralmente a gente já trabalha com quem a gente gosta, com quem a gente se dá melhor dentro da escola. A gente não consegue trabalhar com a escola toda, é impossível, a gente não dá conta, então trabalha com quem tem mais alinhamento, mais conexão. Isso vem desde o atendimento da biblioteca. A professora de Português da minha unidade valoriza muito a literatura, ela gosta de ter a leitura sempre presente, não é conteudista. Além do conteúdo, a literatura está sempre presente em suas aulas, ela até fala: “não tem como ensinar Língua Portuguesa sem a Literatura presente”, mas não que a Literatura sirva como escudo, texto não é pretexto, mas sim um auxílio. Eu geralmente então fico com a parte mais operacional, pegar os livros, contato com o autor, contato com o Debec, carta com o autor.

Para além da paixão visível na fala de Guilherme e dos demais entrevistados até o momento, atento-me para a intencionalidade para a qual cada mediador atua em seu projeto. Simmel (2006) mostra que as sociabilidades se privam dos conflitos por meio de relações formais; nesse sentido, quanto mais perfeita for a sociabilidade, mais perto do sentido de realidade ela se aproxima. Sei também das intencionalidades contidas em uma entrevista, por esse sentido também decidi cruzar duas falas de mediadores nessa subseção final.

Para o processo de sociabilidade e o trabalho em parceria entre professor e bibliotecário, Martins (2021) aponta que:

É necessário ter o perfil, pois tem bibliotecários que não participam do Clube de Leitura, não é obrigatório, mas, quando o Clube vem para a formação dos bibliotecários, ele perde um pouquinho, porque é no mesmo dia dos professores de Língua Portuguesa, mas não é no mesmo dia dos pedagogos, por exemplo. Então, a escola desse bibliotecário que decide não participar, pois existem perfis de bibliotecários que são assim, que preferem os aspectos técnicos e de organização, o que na minha opinião não deveria ser assim, não deveria ser uma regra, principalmente em uma biblioteca escolar. Nós temos que estar preparados para a organização, para trabalhar no *software* Pergamum, mas isso não deve ser o nosso trabalho principal. Se pensarmos no nosso principal público-alvo, que são as crianças, então já temos que pensar em uma catalogação mais simples e em explorar a literatura para o local onde a escola está inserida, no caso em Florianópolis, Santa Catarina. Então, tu valorizas a cultura local, em

entender a realidade, porém existem colegas que realmente não gostam e alguns não têm a mesma parceria. Por não ter o mesmo perfil de trabalho, esses não estão em contato com os professores, o movimento da biblioteca é apenas aquele de devolução e empréstimo, não é um movimento tão vivo, ela não fica de portas abertas geralmente sempre... Porque dá trabalho, não é simples, cansa, às vezes as crianças não vão embarcar, pois elas têm o direito de não gostar do livro. Os autores, por sua vez, são ótimos, mas não somos perfeitos. Acredito que não precise ter o perfil para trabalhar no Clube de Leitura, mas ele tem o formato complexo. O projeto está promovendo literatura. Na biblioteca, temos literaturas de todos os tipos, faz parte do nosso dia a dia promover a literatura catarinense ou o livro do Lázaro Ramos.

Nessa teia de sociabilidades que percebi desde o início da pesquisa, ainda na análise do *blog* e do arquivo, entendia essa dinâmica como algo que se dava ou que se colocava de forma natural no processo de trabalho como mediadores, educadores e profissionais da escola que, por afinidade, trabalhavam em conjunto em prol da leitura. Para além da afinidade profissional e o prazer em trabalhar com incentivo à leitura, as fontes orais revelam uma intencionalidade conceitual por trás desse trabalho em parceria. Essa fala vem por meio do relato de Waleska (2021):

Então, não somente o professor de Português. E não somente o bibliotecário como mediador desse acesso. Mas, na verdade, como tem uma tríade ali, né? Para esse desenvolvimento do projeto do Clube da Leitura pensando na questão pedagógica, a gente pensa muito na mesma proposta, daí eu vou trazer pras artes que a gente tem da proposta triangular da Ana Mae, tem essa questão mesmo da fruição da leitura e da contextualização. Então começa, na verdade, assim, produção. São três. Então, a leitura, a fruição, esse deleite, né? E essa produção nesse tripé consegue articulação, inclusive, com outros profissionais pensando mesmo em uma atividade interdisciplinar. Então, o Clube deu essa ampliada e aí sempre lembrando que a gente tinha as duas formações: o *Clube da Leitura* e o *Ciranda literária*. Então, esse sempre com o olhar depois dos profissionais eles traziam o que eles desenvolveram, não precisava ser exatamente em uma ordem.

A fala de Waleska se refere à proposta da professora Ana Mae Barbosa⁵⁹, que não conhecia até o momento da entrevista, mas, após uma pesquisa, pude averiguar que se trata de uma teórica, aluna de Paulo Freire e tem como proposta do campo da Arte uma perspectiva educativa que consiste na contextualização histórica, o fazer artístico e a apreciação artística. Essa abordagem, segundo

⁵⁹ Ana Mae é pioneira no campo da Arte Educação. Foi professora titular da Universidade de São Paulo (USP), atuando no campo da Educação, no Doutorado em Ensino e Aprendizagem de Arte, que ajudou a construir na Escola de Comunicação e Artes. Lecionou também nas turmas de Mestrado e Doutorado em Design, Arte e Tecnologia na Universidade Anhembi Morumbi (MATUOKA, 2018).

Azevedo (2014), é um entendimento que articula a leitura, com a contextualização e o fazer artístico em uma espécie de tripé conceitual.

Nesse caminho, posso inferir que o processo de socialização entre mediadores de leitura tem uma construção ou um caminho metodológico a partir do campo das Artes, com influência epistêmica de uma gestora que circula nesse lugar e que, por ocupar um cargo de confiança política, consegue articular seus conhecimentos teóricos com a sua prática como gestora, prática esta que, permeando no campo da Literatura, oportunizou a utilização da proposta triangular da Prof.^a Ana Mae Barbosa.

Nesse processo historiográfico, descubro pistas que só foram possíveis pelas fontes orais. O não pertencimento do Clube de Leitura em um organograma ou uma organização da RMEF revela uma dificuldade de se organizar, em documentos, a metodologia do projeto, estando “organizado” na mente de uma gestora. A escrita histórica, neste processo da tese, é “[...] controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais do que isso, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado [...]” (CERTEAU, 2006, p. 94).

Nesse trajeto de envolvimento dos profissionais nas práticas de leitura com a proposta interdisciplinar do projeto, tanto bibliotecários quanto professores se tornam mediadores por meio das formações e da vivência no projeto de leitura. Dificilmente um profissional chegará pronto a uma unidade escolar como mediador de leitura. Por mais que tenha formação em Biblioteconomia, Pedagogia ou Letras, as fontes revelam que não é um diploma que automaticamente torna o profissional mediador de leitura. No Clube de Leitura, isso se dá pela prática, segundo Martins (2021):

Porque às vezes é um bibliotecário que, apesar de trabalhar com um livro, com informação, não gosta de leitura. Não necessariamente é um leitor. A gente sabe disso, né? E a gente sabe que nem todo bibliotecário gosta. Então, eu fico pensando com a tua fala esse projeto possibilite também para o adulto, para o profissional o gosto pela leitura. Porque, por exemplo, eu conheci muitos autores nesses 9 anos de rede, nesses 9 anos de Clube. Tivemos autores que nunca trabalharam com as crianças, mas foi maravilhoso, tem um que é o do detetive e Florianópolis, algo assim. Ele é maravilhoso, mas ele é contra os policiais, ele é literatura para trabalhar com 9º, a gente não tem Ensino Médio. Então, com a EJA, por exemplo, se tivesse uma biblioteca na EJA, dava de trabalhar, seria perfeito. Ele era um jornalista ou detetive policial assim, é muito legal, é muito legal, tem uns que tu conhece a obra e tu fica muito feliz. Mas se tu não encontra o professor certo, parceiro ou aquela turma... Às vezes tem o 5º ano que é maravilhoso, às vezes tem o 7º ano. Quando a gente trabalhou naufragados, tínhamos um 8º ano que era muito legal. Era uma turma parceira, sabe o que é tu

fazer uma trilha com 20 alunos e, na hora de comer, senta todo mundo em uma roda grande assim, tipo, não tem aí, três aqui, dois aqui, três lados.

Esse relato revela um importante debate que, no revelar das fontes, se mostram presentes: seja nas fontes escritas, seja nas orais, a questão da ausência da biblioteca para a EJA é um fator a ser debatido. Considero que os campos da Educação e da Biblioteconomia podem aprofundar as discussões em torno desse apagamento da biblioteca como espaço pedagógico, cultural e de acesso à informação para os alunos da EJA. Em uma mesma fala, Martins expressa a alegria de fazer uma trilha com alunos do Ensino Fundamental: percebi, em um curto espaço de tempo, a discrepância que uma parte dos alunos nem acesso à biblioteca tem, e a outra, além do acesso, pode ir além e explorar outros sentidos e significados que a escola pode oferecer com momentos de socialização, em meio à natureza, aproveitando o espaço geográfico oferecido em Florianópolis.

Nessa formação de significados que representam a formação de mediadores de leitura no Clube de Leitura, Waleska (2021) aborda as questões de culturas na seguinte perspectiva:

Literatura catarinense eu classifico como se o clube de leitura trabalhasse a cultura catarinense através da literatura. E, na verdade, o que temos são diversas culturas. Quando a gente pega, por exemplo, o livro da Eliane Debus do pão-por-Deus e a forma como ela traz sua abordagem literária, a gente pensa na questão açoriana. Eu, por exemplo, sou daqui. Como é que foi esse pão-por-Deus na minha infância? Como é que funcionava? Então, assim a gente traz essa questão das culturas: se a gente traz um autor que é alemão ou do Vale e que tenha uma influência da cultura alemã, vem com outros, porque traz na sua linguagem a questão, às vezes, até da culinária. Então, a gente pensa nas culturas, sim, quando a gente traz; por isso que tem a questão da contextualização. Tem esse conhecimento sobre esse autor e essa literatura que ele escreve. Então, a gente tem essa preocupação das com as culturas. E até só um parênteses aqui... Quando eu te falei da proposta triangular, ela, na verdade, adapta pro Brasil uma proposta, que é internacional e aí isso é bem firmado na questão do ensino das Artes, tá? E realmente eu trago para a questão da literatura.

As fontes orais até aqui também demonstram que o entendimento de culturas, abordado no Clube de Leitura, é um entendimento de cultura europeia no qual a região Sul é vista ao redor do Brasil, invisibilizando, assim, outros tipos de culturas existentes em Florianópolis. O que posso questionar, a partir desses dados: qual é o papel do Clube da Leitura na discussão sobre diversidade cultural em Florianópolis? As fontes revelam que o projeto representa a cultura florianopolitana por meio da

literatura, contudo constato que representa um tipo de cultura, e não todas aquelas que em Florianópolis vivem e produzem.

O próprio nome *Clube de Leitura: a gente catarinense em foco* me faz pensar que essa “gente catarinense” é trabalhada nos livros mediados no projeto e que o trabalho do mediador de leitura, nesse sentido, pode fundamentar uma discussão sobre que tipos de cultura se quer perpassa nas práticas de leitura ou questiona se o tipo de cultura dominante na sociedade e reproduzido na literatura representa socialmente os leitores. Essas são escolhas. Talvez não seja objetivo do projeto esses questionamentos, contudo as fontes revelam um tipo de cultura representado, e as fontes orais salientam que o projeto se preocupa em discutir culturas.

Para além de um debate sobre culturas que já foi percebido no decorrer desta tese, o direcionamento do Clube da Leitura ou o que ele representa dentro de uma cultura florianopolitana, chamo a atenção, também, para o aspecto organizacional do projeto, que Martins (2021) destaca tanto o aspecto da prática de leitura quanto os encontros com os autores:

[...] nenhum projeto é perfeito, nenhum projeto é redondinho, então, ao longo desses 9 anos que eu já trabalho com o Clube, ele teve alguns problemas, por exemplo: teve um ano que ele começou muito tarde e ele começar muito tarde é muito complicado por conta da logística que temos que fazer com o empréstimo dos livros. Por exemplo, temos que ter o livro disponível. Então, às vezes, tem alguns autores que são queridinhos. Então, todo mundo quer o livro. E antes era assim: tu pegava o livro, peguei 30 livros da casa de rancho. E eu ficava o tempo que eu queria, então, e se eu não devolvesse, ia ficando na minha unidade. E muitos bibliotecários tipo assim, eu, pelo menos, o meu perfil era eu ia lá buscar e depois eu levava. Alguns, antigamente, tinham malotes da prefeitura que dava dinheiro, que era um carro que passava depois tinha o carro, mas isso demorava muito. Teve um ano que eu quis trabalhar com livro e eu não consegui, porque o livro ficou lá no Norte da ilha. Ficou, ficou, ficou e ficou, e daí não adianta eu começar a trabalhar em outubro, professor já tá finalizando, tem que dar conta de fim de semestre e daí tu não consegue, daí vai ter gincana do dia da criança, vai ter mostra cultural... Floripa é grande, né? Floripa é grande, a escola tem um calendário assim, entrega de avaliação... Tem toda uma organização. Então, o Clube precisa de muito tempo. Então, teve anos que ele começou muito tarde. Começou no segundo semestre. Então, a gente não conseguiu.

Na visão do bibliotecário, é necessária uma organização para dar conta de um projeto em nível municipal que precisa da circulação de um acervo específico para leitura dos participantes e posteriormente um encontro com autor e ainda salienta que:

Esse é um projeto que tem que funcionar o ano todo. Começar lá em março e terminar ali em novembro, porque ele não pode ir até dezembro também, porque tem que dar tempo de as pessoas devolverem. Os livros foram colocados no Pergamum. Hoje em dia, a gente pega os 60 dias. Se necessário, se não tiver reserva, a gente renova por mais tempo. Nós pegamos esse volume pensando nos leitores, nos alunos, porque a ideia do clube é essa. Tem livro, por exemplo, que tem 20, 30, 40, 50 exemplares. Tem outros que tem 12, 15, 20. Trabalhar em dupla dá para trabalhar, mas a ideia é todo mundo ler. Mas alguns livros têm poucos, então a gente sabe que nos Anos Iniciais é melhor que a gente leia, por exemplo, a gente pode ler e apresentar obra, sabe? Não há necessidade deles, mas o legal mesmo do Clube, na minha concepção, é cada um ter o livro, poder levar para casa ou poder a gente ir lá na biblioteca. A gente começava assim, lê na biblioteca ou tu ia ler no pátio. Outro dia, eles levam para casa, outro dia ler na sala de aula. Para eles entenderem que todo lugar é lugar de ler pra eles. Não entenderem que existe hora para ler, que existe lugar pra ler, sabe? (MARTINS, 2021).

Esse relato revela que, na tentativa de perpetuar uma cultura de leitura na qual o leitor possa estar em companhia com o livro em qualquer lugar, como ressalta o mediador Martins, é preciso organização, de preferência em longo prazo e que, se possível, o projeto fixe um calendário durante o ano para ter continuidade e, com essa constância, tentar formar uma comunidade de leitores e mediadores de leitura.

Nesse caminho, Waleska (2021) também confirma a importância de uma organização em nível amplo para a continuidade do projeto e mais do que isso: a organização de uma parceria entre os campos da Educação e da Cultura, pois, na visão da gestora, a Educação pode se estabelecer pela área que conduz os aspectos pedagógicos da prática de leitura, e a Cultura se encarrega dos processos de mediação, principalmente na clave entre escola e autores.

Na perspectiva de construção intelectual dos mediadores, reforço o que pude ir percebendo ao longo da pesquisa: os mediadores de leitura no projeto Clube de Leitura se tornam mediadores perante a prática diária, no afazer pedagógico que estar envolto de culturas escolares em prol do incentivo à leitura. Nesse sentido, tanto bibliotecários quanto professores aprendem com a prática e as formações a serem mediadores de leitura, não existindo fórmula mágica ou receita pronta, mas sim práticas de leitura e afinamento metodológico.

Fim do capítulo, apresento a seguir as considerações do estudo, pautadas na pergunta de pesquisa e nos objetivos, mas não sem trazer reflexões e possibilidades para estudos futuros desse tema em diferentes campos do conhecimento, mas julgo particularmente importante nos da Biblioteconomia e da Educação.

CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES A PARTIR DO ESTUDO

Construo o fechamento da escrita desta minha pesquisa e, conseqüentemente, estas considerações finais têm como inspiração o título *Papéis avulsos*, de Machado de Assis (2011): coloquei no papel tópicos avulsos que permearam durante os quatro anos de estudo sobre o objeto Clube de Leitura, as interfaces obtidas pela leitura das fontes, os objetivos alcançados, as limitações e o cenário pandêmico que circulou não somente durante a escrita desta tese, mas também sobre o trabalho dos profissionais da Educação da RME de Florianópolis.

Após organizar as ideias avulsas, considero que pesquisar o Clube de Leitura em pleno funcionamento foi e sempre será desafiador, pois, como é um projeto que não está integrado em um organograma oficial nas pastas de Cultura ou Educação da prefeitura, a organização é limitada e é articulada pela própria vontade política dos mediadores de leitura. Parece que esse é um projeto que funciona a partir do olhar dos profissionais da Educação que mais se identificam com a iniciativa e acreditam no seu potencial. Isso dificulta o trabalho do pesquisador, pois são escassas, tanto as fontes quanto as referências bibliográficas para darem suporte ao estudo, portanto, foi necessário tentar o acesso ao máximo de fontes possíveis para que fosse possível construir um texto que tentasse corresponder a questão norteadora deste estudo.

A pergunta norteadora desta pesquisa, como anunciada na Introdução, foi: qual é o percurso histórico e sociopolítico do clube da leitura da RME de Florianópolis? As fontes mostraram que ele foi um percurso histórico composto por vontades, quer de caráter individual, quer coletivo, apontando para uma cultura de leitura e da instituição biblioteca na RME de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Pautado nos dados documentais e na recolha de falas por meio de entrevistas, elas revelaram um impacto das políticas públicas no projeto, a partir das quais pude inferir que essas políticas, como o PNLL (BRASIL, 2006), subsidiaram a legitimação do Clube de Leitura e vêm promovendo uma cultura e práticas de leitura no ambiente escolar da RME.

Nesse sentido, no primeiro capítulo, percebi que o percurso histórico do Clube de Leitura se constitui a partir de estratégias de fomento à leitura. As políticas públicas de leitura, nesse caso, legitimam uma vontade política de se criar um projeto na RME no qual se pudessem movimentar práticas de leitura no âmbito

escolar. Estratégias de leitura são observadas neste estudo por meio da percepção de Certeau (1995, p. 46), no qual estratégia “[...] postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”.

Por outro lado, observei que as práticas de leitura adotadas pelos integrantes do Clube de Leitura têm um caráter de táticas (CERTEAU, 2006), ao se configurarem no contexto da RME como um projeto autônomo e orgânico. Sem pertencer a um organograma oficial ou a um conjunto de estratégias sob o ponto de vista da RME, o projeto de leitura se consolida, nesses quase 13 anos de funcionamento, movimentando diferentes culturas escolares (FRAGO, 2002) presentes nas unidades que se articulam para receber o projeto. Consegui abordar as temáticas que mais se destacaram durante o Clube de Leitura, revelando culturas escolares e leitoras ocupadas com o entendimento de formação de uma cultura florianopolitana, sendo que os temas abordados foram: histórias e culturas sobre Santa Catarina, e poemas de autores catarinenses.

Os mediadores de leitura entre as estratégias e práticas de leitura representam um conjunto de atores sociais que concretiza e conduz o projeto Clube de Leitura na RME a partir de suas formações interdisciplinares, que se consolidam nas formações pedagógicas mensais oferecidas pelo Debec para professores e bibliotecários que optam por participar do projeto. Nessa perspectiva, compreendo que a construção intelectual dos mediadores se reforçou ao longo do projeto Clube de Leitura, tornando-se mediadores perante a prática diária, no afazer pedagógico que estar envolto de culturas escolares em prol do incentivo à leitura. Nesse sentido, tanto bibliotecários quanto professores aprendem com a prática e as formações a serem mediadores de leitura, não existindo fórmula mágica ou receita pronta, mas sim práticas de leitura e afinamento metodológico.

Por mais que seja complexo responder se o projeto consegue ou não desempenhar um ou vários papéis na formação de leitores da RMEF, as fontes demonstram que o Clube de Leitura tenta, por meio da literatura, fomentar no imaginário de seus participantes uma representação da cultura catarinense pautada no conteúdo literário lido em seus encontros. A partir desse movimento, os mediadores de leitura se apropriam dos livros e formam com os alunos uma comunidade de leitores, o que é definido por Chartier (1999, p. 216) como

“comunidades interpretativas, cujos membros compartilharam os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação”.

Reflexões

Ao término do estudo, visualizei algumas fragilidades no projeto divididas em duas vertentes: acervo e gestão.

Na perspectiva do acervo, observei uma composição de livros que não dialoga com a pluralidade cultural presentes em Florianópolis, uma vez que o projeto se propõe a representar a cultura florianopolitana. Já na vertente da gestão, evidencio a urgência de o Clube de Leitura se consolidar como um projeto integrante do organograma da Rede, pois posso considerar que, uma vez parte da estrutura administrativa, a categoria leitura e escrita se torna visível e visibilizada nas ações da RME a partir do Debec – desse modo, atende mais escolas e possibilita a formação de mais mediadores de leitura, facilitando, também, o processo de curadoria do acervo para o projeto.

As representações imbricadas no âmbito do acervo no Clube de Leitura sofreram mudanças ao longo dos anos, assim como as culturas escolares, que são impactadas por gestores, professores, bibliotecários, comunidade escolar e tudo o que a circula. O projeto também é impactado, pois o campo da literatura não é neutro e, conforme a condução de seus mediadores, é possível observar as nuances decorrentes de cada motivo.

A revelação de um funcionamento informal do Clube de Leitura, do lugar de fazer pesquisa, dificulta o processo da pesquisa científica em si que, por mais que na História da Educação não estamos em busca de certezas, a escassez de fontes por algumas vezes dificultou o processo de escrita. Mas inspirado em Golberg (2019) e nas pistas que ela trouxe em “Escrevendo com alma”, de que é necessária organização e perder o medo de colocar as ideias no papel, “[...] escrever muitas vezes é urrar”, diz a autora, foi possível, escrever esta tese por meio dos vestígios encontrados nas fontes documentais e orais.

Nesse processo de descobertas, pude estudar um projeto que nasceu de uma vontade ou iniciativa pessoal, inspirado em uma política pública, que se desdobra em culturas escolares, que também se baseiam em perfis profissionais e de identidade com o campo da Literatura, ou seja, o Clube de Leitura é um projeto

movido pela vontade política mediadores de leitura, principalmente por não estar inserido em nenhum organograma da RME, sendo sustentado pelo gosto pela leitura.

Considero urgente que este projeto auxilie no planejamento da RME a tornar as bibliotecas escolares mais inclusivas ao público do EJA, tendo em vista que esse público é excluído do acervo, das estantes e dos projetos que envolvem a biblioteca nas unidades escolares, devido ao seu horário de funcionamento, que não abrange o período noturno (quando esses alunos estão inseridos).

As fontes orais, tanto no projeto quanto neste processo de pesquisa, elemento fundamental para construção desta tese, demonstra que não existe uma receita pronta para o processo, mas as particularidades com que cada fonte é construída e interpretada tornam possível construir um caminho lógico de escrita, ciente de que cada fonte tem uma narrativa de interesses, seja ele profissional ou pessoal. As fontes documentais, produzidas pelos servidores municipais, revelaram um caminho de um projeto que funciona por vontade política, desde o processo de gestão até a sua execução. As fontes orais também demonstram lugares em que cada mediador se vê ou percebe inserido no projeto, contando a sua história ou tomando de referência a história de um colega que trabalha em parceria no Clube. Esse caminho gerou uma série de inquietações: assim, se ao mesmo tempo em que movimentei teoricamente um projeto em plena funcionalidade, elaborei um percurso narrativo dos mediadores de leitura atuantes no projeto. Percebo a responsabilidade que esta tese pode abrir espaços de reflexões e ações para a continuidade do Clube de Leitura da RME de Florianópolis por meio das questões levantadas.

Nesse sentido, volto a reafirmar que é desafiador pesquisar um projeto em andamento em toda a sua totalidade, contudo considero que esta tese conseguiu iniciar e organizar um debate que tem como questão norteadora o papel que o Clube de Leitura desempenha na formação de leitores na RME. Considero que são diversos papéis, é difícil de mapear em uma pesquisa acadêmica, porém o que as fontes me revelam de mais latente é como o projeto tenta, por meio da literatura, movimentar um entendimento de cultura açoriana no imaginário dos seus leitores. Apesar do breve tempo de funcionamento do projeto (2009-2022) até agora, percebo que essa perspectiva foi mudando ao longo do tempo e que os últimos encontros apontam para uma discussão mais ampla sobre cultura ou, como as fontes orais me mostraram, culturas, tentando desconstruir o que era amplamente discutido no início

do projeto, reflexo do constante processo formativo que passam os mediadores de leitura.

É difícil, também, de apontar se há uma intencionalidade no início do projeto em inclinar as leituras para um tipo de cultura vigente, pois, como não há um processo organizacional oficial, fica o registro do que encontrei nas fontes. Por outro lado, as fontes orais demonstraram que as novas discussões em torno de culturas no Clube de Leitura têm uma intencionalidade de discutir e ampliar o imaginário acerca de culturas catarinenses, expandido o debate por meio do conceito de cultura pela literatura.

Nesse emaranhado de desdobramentos, percebo o desafio da mediação de leitura. Trabalhar com prática de leitura é desafiador, ainda mais pelo que se propõe o Clube de Leitura, a partir de uma atuação interdisciplinar.

Nessa direção, o que move o Clube é o desafio: ainda que esteja evidente a não organização estrutural do Clube de Leitura no organograma da PMF, as práticas se movem pela vontade e pelos relatos dos mediadores, pela paixão. Programados para acordar, ler, produzir e dormir, nossa leitura é concentrada nos aspectos que movem a sociedade do consumo e as demandas inerentes do nosso dia a dia. Talvez a paixão pela leitura, o olhar afetuoso e o perfil mediador dos profissionais sejam elementos que colaboram para a condução das práticas de leitura e os processos de sociabilidades no projeto. Talvez a leitura de mundo desses profissionais ajude a entender melhor o papel da leitura na sociedade e o impacto dela nos alunos.

Os mediadores de leitura são essenciais para os clubes de leitura: posso vislumbrar essa evidência no objeto pesquisado nesta tese, assim como no Clube de Leitura, que pesquisei anteriormente na dissertação, que compreendeu a década de 1940. A diferença é que, naquela época, os mediadores de leitura estavam sujeitos a um organograma administrativo do Estado, já o Clube da Leitura analisado em tela aponta para um o processo ao contrário: como já assinalei anteriormente, ele funciona de modo informal, e o papel dos mediadores de leitura é criar condições para que as práticas de leitura e os momentos de sociabilidades sejam efetivados, vivenciados no e por meio do projeto. Nesse cenário, afirmo que a RME de Florianópolis apresenta uma cultura de leitura, revelada por meio desses profissionais mediadores, que de maneira orgânica atuam em um projeto de leitura

sem obrigatoriedade, acreditando na potência que a literatura tem no fazer pedagógico da escola, na cultura acessada por meio da leitura e da oralidade.

Retomado meu percurso de pesquisa a partir de minha dissertação, cujo tema centra a leitura a partir do Clube de Leitura prescrito no movimento da escola novista, na década de 1940, é possível pensar que, apesar da distância temporal, os dois clubes de leitura operam de modo a representar uma cultura vigente do seu tempo. Assim, enquanto na década de 1940 o projeto se preocupava em tentar perpetuar uma cultura voltada para os valores nacionalistas e o orgulho de ser brasileiro, imbricado ao momento político em que o país atravessava, na atualidade o Clube da Leitura está mais voltado para representar uma ideia de cultura local, indo ao encontro, nesse caso, com os ideários açorianos presentes no acervo escolhido para as práticas de leitura.

Independentemente dos tempos, esses clubes de leitura mostram que acreditam na potencialidade da leitura para a vida, tanto dos mediadores quanto dos alunos, de todos que participam do processo de sociabilidades do projeto. A Prof.^a Luciana Ostetto ensina que uma educação infantil artística voltada para uma possível prática de liberdade para as crianças oportuniza que elas sejam criadoras ou as próprias autoras de sua jornada artística. Em um paralelo a esse argumento, posso assumir que as práticas de leitura vividas pelos alunos em um clube de leitura oportunizam que eles sejam livres no seu pensar e provavelmente se tornarão adultos livres, a leitura é liberdade. O poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, diz que a criança já nasce com liberdade. O poeta (livre) e a criança, por sua vez, têm um imaginário sensível de mundo: o poeta, com uma estética instigada na própria práxis de seu caminhar poético, e a criança observa o mundo baseada na sua leitura de mundo (FREIRE, 1989), que, por sua vez, é livre de amarras, regramentos e preconceitos.

A defesa de uma educação estética pode ser um caminho de ampliação de repertório e expressão, segundo Ostetto (2012). Os modos de ser, pensar, sentir e agir são construções criadas a partir do cotidiano, como mostra o historiador Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano* (2002); a criança por sua vez, envolvida nessa engrenagem cotidiana, pode perder um sentido estético, devido a uma educação mecanizada ou bancária (FREIRE, 2009) e, por receber diariamente um arsenal de conteúdo cultural vazio de imaginação, matando, passo a passo, o poeta livre que nasce dentro de todos nós. Talvez a inocência que atribuímos às

crianças seja a poesia contida dentro daquele ser que transborda em seus gestos, deixando-nos confusos, pois tamanhos são os atravessamentos do dia a dia.

As práticas de leitura, nesse sentido, são inerentes aos modos de ser e agir nas culturas escolares. Não cabem aos mediadores de leitura frear esse movimento e/ou limitar o repertório estético e leitor dos alunos. O estímulo à arte livre e à estética poética pode auxiliar na formação de um adulto com maior repertório cultural e com sensibilidades infantis (ou livres), ou seja, por um futuro com adultos sensivelmente livres, com a mesma coragem estética e poética que as crianças possuem. A arte livre é aquela na qual as crianças e os adultos podem se expressar.

A leitura, por sua vez, traz a possibilidade do exercício de entendimento de liberdade por meio da imaginação. Acredito que o incentivo à leitura, trabalho realizado pelo Clube de Leitura, projeto pesquisado nesta tese, auxilie tanto os alunos quanto os mediadores de leitura a participar desse processo. Percebo um movimento contínuo no qual os atores sociais participantes do projeto podem, com frequência, aproveitar os momentos de socialização do Clube para ativar o imaginário.

Estudos a propor

Ensaio um encerramento da escrita desta pesquisa com algumas questões que surgiram por meio da análise das fontes encontradas aqui. Pesquisas futuras podem explorar mais a fundo as práticas de leitura, levando em consideração o contexto sociocultural das escolas que executam o projeto Clube de Leitura. Outra perspectiva seria aprofundar o entendimento de qual tipo de cultura ou culturas estão imbricadas nas práticas de leitura no projeto: isso pode ser observado por meio tanto dos mediadores de leitura quanto do acervo trabalhado nos encontros.

As fontes demonstram que o entendimento de culturas abordado no Clube de Leitura vem da cultura europeia que a região Sul é vista ao redor do Brasil, invisibilizando, assim, outros tipos de culturas existentes em Florianópolis. Um estudo futuro pode tentar compreender qual é o papel do Clube da Leitura na discussão sobre a diversidade cultural em Florianópolis.

Por fim, é importante dizer que não consegui problematizar a efetivação e as discontinuidades de políticas públicas educacionais, locais e nacionais, mas acredito que isso possa ser também um desdobramento interessante para um futuro

estudo, que necessite de tempo e fontes acessíveis para tal problematização. São muitas as possibilidades de pesquisa no campo da leitura tendo o Clube de Leitura como objeto: trajetória dos mediadores, conteúdo dos encontros, política de seleção de acervo são algumas dessas possíveis temáticas de estudo. O campo da História Cultural oferece ferramentas para pesquisas nessas perspectivas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. **Assembleia sedia lançamento do livro infantil O mundo de Oyá**. 2019. Disponível em: https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/assembleia-legislativa-sedia-lancamento-do-livro-infantil-o-mundo-de-oya. Acesso em: 20 maio 2019.

AGORA o português é com a gente! 2010. Disponível em: <http://agentevareia.blogspot.com/2010>. Acesso em: 9 jul. 2022.

AGUIAR, V. Um balanço das políticas do governo Lula para a educação superior: continuidade e ruptura. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 24, n. 57, p. 113-126, mar. 2016.

AGUM, R.; RISCADO, P.; MENEZES, M. Políticas públicas: conceitos e análise em revisão. **Revista Agenda Política**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 12-42, dez. 2015.

ALBERTI, V. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. *In*: SILVA, T. E. (org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008. p. 67-85.

ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, C.; VEJO-SAINZ, R. Mejora de la competencia literaria con un club de lectura escolar. **Biblios**, Pittsburgh, ano 8, n. 68, p. 110-122, jul./set. 2017.

AMORIM, S. R. **A abordagem da cidadania cultural na formulação do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

AREND, S. M. F.; LAZAROTTO, A. F. História da educação e jornais: em busca de uma infância plural. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 3, p. 214-230, set./dez. 2020.

AUGSBURGER, L. G.; PREVE, A. M. H. Amizade, pedagogia e neoliberalismo: a veridicção neoliberal e suas ressonâncias em uma amizade pedagogizada. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1002-1017, set./dez. 2020.

AVENTURAS na Ilha da Magia. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal Belli Studio. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RLXi5nkyCU&feature=emb_title. Acesso em: 26 mar. 2020.

BASTOS, M. H. C. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. *In*: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167-183. [Coleção Cultura, Memória e Currículo, v. 3].

- BEDIN, J. **A atuação do bibliotecário escolar na formação de estudantes pesquisadores no ensino médio**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da leitura para leitores ouvintes. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2014.
- BORTOLIN, S.; SANTOS, Z. P. Clube de leitura na biblioteca escolar: manual de instruções. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 3, n. 1-2, p. 147-172, jan./dez. 2014.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. *In*: CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.
- BOURDIEU, P.; NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 jul. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [2009]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 9 jul. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília: Presidência da República, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRASIL. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. Brasília: MinC; MEC, 2006.
- BUSS, A. **Janela para o mar**. Florianópolis: Caminho de Dentro, 2012.
- CABRAL FILHO, P. **A constituição da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito: 1935-1992**. 1998. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- CABRAL FILHO, P. **O ensino público primário em Florianópolis**: da Constituição Federal de 1946 à Lei de Diretrizes e Bases de 1961: o surgimento de uma rede municipal de educação. 2004. 356 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2004.

CAPISTRANO, T. Q. S. **Memórias e histórias do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias de Florianópolis: 1988 a 2018**. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CARDOSO, F. C. **O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra**. Curitiba: Crv, 2015.

CARVALHO, M. F. **Representações de práticas de leituras literárias: histórias e memórias na biblioteca da escola em Dourados, MS**. 2013. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013.

CARVALHO, M. M. C. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTELLANOS, S. L. V. A leitura e a prática pedagógica no cenário político e educacional do Maranhão na Primeira República. *In*: CASTRO, C. A. **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luís: UFMA, 2010. p. 119-155.

CASTRO, C. A.; BORGES, A. L. D.; CASTELLANOS, S. L. V. A imprensa maranhense de educação e ensino: os discursos sobre o livro e a leitura (1902-1932). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 56, p. 1-26, abr./jun. 2020.

CASTRO, N. Q. Aproximación a la epistemología de la bibliotecología como estudio regional Del conocimiento. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 30, n. 2, p. 71-87, jul./dez. 2007.

CATANI, D. B. A memória como questão no campo da produção educacional: um reflexo. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 119-129, jul./dez. 1998.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, A. M. Os modelos contraditórios da leitura entre formação e consumo: da alfabetização à cultura de massa. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 13, p. 35-49, jan./jun. 2003.

CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, p. 29-44, jul./dez. 1998.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UnB, 1999.

- CHARTIER, R. **Formas e sentido, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 2003.
- CHARTIER, R. **História cultural**: entres práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: Unesp, 2004.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- CIRANDA LITERÁRIA. 2011. Disponível em: <http://cirandaliteraria-pmf.blogspot.com>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- CLEMÊNCIO, M. A. **Narrativas de vida, escolarização e profissionalização de professoras afrodescendentes no magistério (Santa Catarina, anos 50 a 70 do século XX)**. 2017. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CLEMÊNCIO, M. A.; SILVA, G. V. L. O papel do concurso público na democratização do ingresso de mulheres afrodescendentes no magistério público em Santa Catarina na segunda metade do século XX. **Poesis**, Tubarão, v. 10, p. 444-463, jun./dez. 2016.
- CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **2ª reunião do Clube da Leitura**. 2 jun. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/06/na-2-reuniao-do-clube-da-leitura-o.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **A amável escritora Yedda de Castro Goulart**. 14 dez. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.ablogspot.com/2009/12/amavel-escritora-yedda-de-castro.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **A autora de “Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina” vista a EDM Costa da Lagoa**. 7 nov. 2011. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2011/11/autora-de-brincadeiras-infantis-na-ilha.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **A conversa de Alcides Buss com crianças do 1º ano**. 7 dez. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2009/12/conversa-de-alcides-buss-com-criancas.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **A homenagem à escritora Eloí Elisabete Bocheco**. 2 dez. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2009/12/homenagem-escritora-eloi-elisabete.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **A homenagem ao escritor Nilson Mello**. 15 dez. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2009/12/homenagem-ao-escritor-nilson-mello.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **A ilustre presença do poeta Alcides Buss na EBM Osmar Cunha**. 9 nov. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/11/iustre-presenca-do-poeta-alcides-buss.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Adão Kará Antunes fala sobre cultura indígena na EBM Osmar Cunha**. 12 nov. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/11/adao-karai-antunes-fala-sobre-cultura.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Carlos Stegemann, jornalista e escritor, visita os alunos da Rede Municipal de Ensino**. 15 jul. 2015. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2015>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Clube da Leitura: versão 2010**. 7 maio 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/05/clube-da-leitura-versao-2010.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Clube da Leitura na Escola Beatriz de Souza Brito**. 8 dez. 2016. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2016/12/clube-da-leitura-na-escola-beatriz-de.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Clube da Leitura receberá escritoras catarinenses**. 8 out. 2013. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2013>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Creche também é local de literatura!** 5 dez. 2016. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2016/12/dia-28-de-novembro-as-professoras.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Dança circular com Marta Martins na EDM Praia do Forte**. 23 nov. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/11/marta-martins-na-ebm-praia-do-forte.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Dona Maria Celeste Neves, um exemplo de vida e arte ao alcance dos alunos de escola do município**. 16 nov. 2011. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2011/11/dona-maria-celeste-neves-um-exemplo-de.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Eliane Debus na EDM Osvaldo Galupo**. 15 out. 2010. Disponível em:

<http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/10/escritora-eliane-debus-fez-uma-visita.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Eloí Bocheco no Clube da Leitura em Florianópolis**. 23 nov. 2016. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2016/11/o-mes-de-outubro-foi-rico-para-os.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Eloí Bocheco vai à EBM Osvaldo Machado**. 8 out. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/10/eloi-bocheco-vai-ebm-osvaldo-machado.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Eloí Bocheco visita a EBM Batista Pereira**. 30 set. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/09/eloi-bochecho-visita-ebm-batista.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Encaminhamentos do grupo no 2º encontro do “clube”**. 25 set. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2009/09/encaminhamentos-do-grupo-no-2-encontro.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Encontro com Peninha**. 26 nov. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2009/11/encontro-com-peninha.html>. Acesso em: 5 maio 2020.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Escola Básica Intendente Aricomedes da Silva**. 15 jul. 2015. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2015>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz: teatro de sombras encanta na Luiz Cândido**. 16 jul. 2015. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2015>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Início**. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Juliana Dalla vai à EJA**. 8 jul. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/07/escritora-de-livros-infanto-juvenis-e.html>. Acesso em: 5 maio 2020.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Luana von Linsingen**. 23 nov. 2016. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2016/12/luana-von-linsingen-na-ebm-brigadeiro.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Luana von Linsingen é entrevistada na EBM Osmar Cunha**. 9 nov. 2011. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2016/11/luana-von-linsingen.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Luana von Linsingen na EBM Brigadeiro Eduardo Gomes**. 8 dez. 2016. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2016/12/luana-von-linsingen-na-ebm-brigadeiro.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Marta Martins na EBM Anísio Teixeira**. 13 ago. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010/08/marta-martins-na-ebm-anisio-teixeira.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **O Clube da Leitura: a gente catarinense em foco recebe a escritora Yedda Goulart**. 19 ago. 2014. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2014>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **O que é o Clube da Leitura: a gente catarinense em foco**. 11 set. 2009. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2009/09/o-que-e-o-clube-da-leitura-gente.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Sabedoria, sensibilidade e poesia A flor da pele: Alcides Buss para estudantes da EJA**. 1º nov. 2012. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2012/11/sabedoria-sensibilidade-e-poesia-flor.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Um encontro para ficar registrado**. 31 out. 2012. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2012/10/da-visita-do-poeta-alcides-buss-ao.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CLUBE da leitura: a gente catarinense em foco. **Yedda Goulart é entrevistada na EBIAS**. 3 nov. 2010. Disponível em: <http://leituracatarinense.blogspot.com/2010>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CONCEIÇÃO, F. G. Impressos e cultura escolar: a formação dos leitores e a composição de espaços públicos. In: CASTRO, C. A. (org.). **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luís: UFMA, 2010. p. 157-175.

CORRÊA, E. C. D.; SOUZA, M. R. Parceria entre bibliotecário e educador: uma importante estratégia para o futuro da biblioteca escolar. **Infociência**, São Luís, v. 4, p. 68-87, 2004.

CRUZ, V. **Abordagem cognitiva da leitura**. Lisboa; Porto: Lidel, 2007.

CUNHA, M. T. S. Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: a *Série de leitura graduada Pedrinho*, de Lourenço Filho (1950-1970). **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 12-32, ago./dez. 2011.

CUNHA, M. T. S. Eu te dedico: história, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). **História da Educação**, Porto Alegre, v. 24, p. 1-24, 2020.

CUNHA, M. F. V. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 41-46, 1º sem. 2003.

CUNHA, M. T. S. (org.). **Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60/século XX)**. Florianópolis: Udesc, 2009.

CUNHA, M. T. S.; FERNANDES, M. N. Manuais escolares e civilidades: Série de Leitura Graduada Pedrinho (décadas de 50 a 70 do século XX). **Cultura escolar e história das práticas pedagógicas**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 127-138, jan./jun. 2008.

CURRÍCULO LATTES. **Heliete Schütz Millack**. 2018. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9501702890467891>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CURRÍCULO LATTES. **Telma Anita Piacentini**. 2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9974188247647925>. Acesso em: 20 maio 2020.

CYSNE, F. P. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: UFC, 1993.

DALLABRIDA, N. O público e o privado no Ensino Secundário em Santa Catarina (1945-1961). **Revista de Educação Pública (UFMT)**, v. 20, p. 145-159, 2011.

DAMAZIO, R. M. A. **Entre cultura histórica e historiografia: a construção da história local como saber escolar nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2017. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Udesc, Florianópolis, 2017.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEBUS, E. A laranja bailarina. **Literatura infantil & juvenil produzida em Santa Catarina**, 2013. Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/obras/a-laranja-bailarina>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DEBUS, E. **Antonieta**. Tubarão: Copiart, 2020.

DENIS RADÜNZ. **Publicações e trajetória**. 2022. Disponível em: <https://www.dennisradunz.com/publicacoes-e-trajetoria-dennis>. Acesso em: 9 jul. 2022.

DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES E COMUNITÁRIAS. 2019. Disponível em: <https://debecpmfsc.webnode.com>. Acesso em: 20 mar. 2019.

ECO, U. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 13. ed. Milão: Presença, 1997.

EGGERT-STEINDEL, G. A biblioteca da escola no ensino primário catarinense em meados do século XX: um espaço de sociabilidades. *In*: SILVA, V. L. G.; PETRY, M. G. (org.). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – século XIX e XX)**. Florianópolis: Insular, 2012.

EGGERT-STEINDEL, G. Possíveis indícios da biblioteca escolar na rede pública do estado de Santa Catarina: estudo de um acervo bibliográfico museológico. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 143-153, jan./jul. 2006.

EGGERT-STEINDEL, G. *et al.* (org.). **Uma memória volátil fixada pela fotografia: a biblioteca pública de Santa Catarina (1980-2011)**. Florianópolis: Insular, 2015.

ELETROBRAS CGT ELETROSUL. **Quem somos**. 2022. Disponível em: <https://www.cgteletrosul.com.br/a-empresa/quem-somos>. Acesso em: 9 jul. 2022.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELLIS, A. W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO. **Histórico da escola**. 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/prof.pmf.sc.gov.br/escolabeatrizdesouzabrito/hist%C3%B3rico-da-escola>. Acesso em: 9 jul. 2022.

ESCOLANO, A. B. **A escola como cultura: experiência, memória, arqueologia**. Campinas: Alínea, 2017.

ESCOLANO, A. B. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. *In*: FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 20-55.

ESCOLANO, A. B. El manual escolar y la cultura profesional de los docentes. **Tendencias Pedagógicas**, Madrid, n. 14, p. 169-180, 2009.

ESCOLANO, A. B. Más allá del espasmo del presente: la escuela como memoria. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 15, n. 33, p. 10-30, jan./abr. 2011.

ESPEIORIN, V. M.; RAMOS, F. B. O texto poético em diálogo com o universo infantil. *In*: DEBUS, E.; BAZZO, J. L. S.; BORTOLOTTI, N. (org.). **Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética**. Campina Grande: UFCG, 2018.

ESTANTE MÁGICA. 2021. Disponível em: <https://estantemagica.com.br>. Acesso em: 24 abr. 2021.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDES, M. N. **Saberes em foco: diálogos de M. B. Lourenço Filho na Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970)**. 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis: 2011.

FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2018.

FERRARI, C. P.; CARMINATI, C. J. Patrimônio escolar e representações sociais: o centenário do Grupo Escolar Conselheiro Mafra em Joinville (SC). **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 6, n. 2, p. 88-99, set. 2017.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, M. M. *et al.* (org.). **Livro, leitura e bibliotecas em tempos sombrios**. São Luís: UFMA, 2017.

FIGUEIRA MATEUS, A. M. C. **A promoção da leitura no 3º ciclo: um projeto dinamizado pela biblioteca escolar**. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares) – Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa, 2009.

FLECK, F. O.; PEREIRA, M. C. O bibliotecário escolar de Florianópolis e sua relação com a leitura. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 286-302, jul./dez. 2007.

FONSECA, E. N. **Introdução à biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FONTÃO, L. **Nos passos de Antonieta: escrever uma vida**. 2010. 483 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, A. V. El espacio y el tempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação**, Rio de Janeiro, ano V, n. 7, p. 100-101, 2000.

FRAGO, A. V. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades y cambios**. Madrid: Morata, 2002.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRUTUOSO, A. S. A. **O sistema apostilado na rede municipal de ensino de Florianópolis: “caminho” para medidas privatistas e desvalorização da educação**. 2014. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- GOMES, A. S. C. **Álbuns de pesquisa**: práticas de escrita como expressão da escolarização da infância (1930-1950). 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- GREENBLATT, S. Resonance and Wonder. **Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences**, New York, v 43, n. 4, p. 11-34, jan. 1990.
- GUILLEN, I. C. M. Entre bordados, costuras e tambores: a oralidade nos maracatus-nação em Recife/PE. *In*: BAUER, L.; BORGES, V. T. (org.). **História oral e patrimônio**: potencialidades e transformações. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 113-135.
- GUIMARÃES, P. O mundo de Oya dá visibilidade ao universo das crianças negras. 2017. **Catarinas**, 2017. Disponível em: <https://catarinas.info/o-mundo-de-oya-da-visibilidade-ao-universo-das-criancas-negras>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- HEIDEMANN, F.; SALM, J. **Políticas públicas e desenvolvimento**: bases epistemológicas e modelos de análise. Brasília: UnB, 2009.
- HOOKS, B. Educação democrática. *In*: CÁSSIO, F. (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 199-207.
- IBDB. **Robin Swicord**. 2022. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0842523>. Acesso em: 9 jul. 2022.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- KAUTZMANN, C. **Bibliotecário escolar**: uma análise das competências dos bibliotecários dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia das regiões nordeste e sul do Brasil. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
- LEANDRO, K. S. **Programa Educação Integral**: escolarização ou custódia? 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2016.
- LINDEMANN, C.; SPUDEIT, D.; CORRÊA, E. C. D. Por uma biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 22, p. 707-723, ago./nov. 2016.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Adão Antunes**. 2012j. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/antunes-adao>. Acesso em: 22 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Alcides Buss**. 2012e. Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/buss-alcides>. Acesso em: 5 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Carlos Stegemann**. Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/stegemann-carlos>. Acesso em: 5 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Eliane Santana Dias Debus**. 2012f. Fonte: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/debus-eliane-santana-dias>. Acesso em: 17 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Eloá Elisabet Bocheco**. 2012a. Disponível em: Fonte: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/bocheco-eloi-elisabet>. Acesso em: 3 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Giovana (Terezinha da Silva) Rutkoski**. 2013a. Disponível em: Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/rutkoski-giovana-terezinha-da-silva>. Acesso em: 6 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Juliana Dalla**. 2012g. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/dalla-juliana>. Acesso em: 17 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Luana von Linsingen**. 2012l. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/linsingen-luana-von>. Acesso em: 17 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Marcoliva Marcoliva**. 2013c. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/marcoliva-marcoliva>. Acesso em: 17 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Maria de Lourdes Krieger**. 2012d. Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/krieger-maria-de-lourdes>. Acesso em: 5 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Marta Martins**. 2012h. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/martins-marta>. Acesso em: 21 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Maurício Eduardo Graipel**. 2012i. Disponível em:

<https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/graipele-mauricio-eduardo>. Acesso em: 22 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Nilson Mello**. 2012b. Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/mello-nilson>. Acesso em: 3 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Vera Lucia Melim Borges**. 2013b. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/borges-vera-lucia-melim>. Acesso em: 3 maio 2020.

LITERATURA infantil & juvenil produzida em Santa Catarina. **Yedda Goulart**. 2012c. Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/autores/goulart-yedda>. Acesso em: 4 maio 2020.

LUIGI, R.; SENHORAS, E. M. O novo coronavírus e a importância das organizações internacionais. **Nexo Jornal**, São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-novo-coronav%C3%ADrus-e-a-import%C3%A2ncia-das-organiza%C3%A7%C3%B5es-internacionais>. Acesso em: 9 ago. 2020.

MACHADO, A. **A implantação de bibliotecas escolares na rede de ensino de Santa Catarina (30/40)**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

MAGALHÃES, J. O livro escolar como memória da educação. *In*: MOGARRO, M. J. (org.). **Educação e patrimônio cultural**: escolas, objetos e práticas. Lisboa: Colibri; Biblioteca Nacional de Portugal, 2016. p. 135-140.

MARSULO, T. G. **O profissional da informação na elaboração de políticas públicas**: uma análise do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

MARTINS, F. F. **Vestígios das práticas de leitura dos apenados da Penitenciária da Pedra Grande em Florianópolis**. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MARTINS, F. F.; SILVA NETO, J. A.; SILVA, N. C. Pesquisa em educação em tempos de covid 19: desafios na Universidade do Estado de Santa Catarina. *In*: PESSOA, J. O. S. **Educação e o ensino contemporâneo**: práticas, discussões e relatos de experiências. Ponta Grossa: Aya, 2022. p. 202-211.

MARTINS, G. **Gênero e sexualidade**: discursos e representações na percepção de bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARTINS, G.; MENEZES, E. M.; TREVISOL NETO, O. Bibliotecário escolar: socializando a temática do gênero e sexualidade. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 944-959, ago./nov. 2016.

MATTO, H. (org.). **História oral e comunidade**: reparações e culturas negras. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MATUOKA, I. Ana Mae Barbosa e a educação por meio da arte. **Centro de Referências em Educação Integral**, 2018. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte>. Acesso em: 9 jul. 2022.

McGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MIGNOT, A. C. V. Em busca do tempo vivido: autobiografias de professora. *In*: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003a. p. 135-147. [Coleção Cultura, Memória e Currículo, v. 3].

MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. Entre papéis: a invenção cotidiana da escola. *In*: MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. (org.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003b. p. 135-147. [Coleção Cultura, Memória e Currículo, v. 3].

MILLACK, H. S. **Perfil leitor de educadores no contexto da formação permanente da secretaria municipal de educação de Florianópolis**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MILTON, J. **O clube do livro e as traduções**. Bauru: EDUSC, 2002.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Plano Municipal de Cultura de Florianópolis**. 2014. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MOGARRO, M. J. Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão. **História da Educação**, Pelotas, n. 17, p. 7-31, jan./jun. 2005.

MORAIS, J. **Alfabetizar para a democracia**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MORAIS, J. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri: Manole, 2013.

MURAL em homenagem a Antonieta de Barros é inaugurado no centro de Florianópolis. **G1 SC**, 18 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/08/18/mural-em-homenagem-a-antonieta-de-barros-e-inaugurado-no-centro-de-florianopolis.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2022.

NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

NÓVOA, A. Os professores e sua formação num tempo de metamorfose das escolas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019.

OLIVEIRA, R. T. M. Práticas de leitura e escritas e rede: modos de ser e estar no mundo. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 94-116, set./dez. 2018.

OTTO, F. **As associações auxiliares da escola e a forma de transmissão das dimensões valorativa e moral da sociedade catarinense: o caso das Ligas da Bondade (1935-1950)**. 2012. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PAIM, E. A. **Memórias e experiências do fazer-se professor(a) de História**. 2005. 538 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PAIM, E. A.; PINHEIRO, P. M.; PAULA, J. B. Educação, relações etnicorraciais e decolonização na práxis de professores/as. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 437-452, abr./jun. 2019.

PAULA, V. C.; OHIRA, M. L. B. **Diagnóstico das bibliotecas escolares de nove municípios de Santa Catarina: dados preliminares**. Florianópolis: CRB-14, 2016.

PENSAR A EDUCAÇÃO EM PAUTA. **Quem é Antonieta de Barros?** Um convite à leitura. 2021. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/quem-e-antonieta-de-barros-um-convite-a-leitura>. Acesso em: 9 jul. 2022.

PENSAVENTO, S. J. **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

PEREIRA, M. S. C. Você sabe o que é abayomi? **Colégio Educacional For Kids**, 2019. Disponível em: <https://colegioforkids.com.br/voce-sabe-o-que-e-abayomi>. Acesso em: 9 jul. 2022.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PINHEIRO, L. V. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

PINTO, J. M. R. O financiamento da educação no governo Lula. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Brasília, v. 2, n. 25, p. 323-340, maio/ago. 2009.

PINTO, L. P. Bibliotecas escolares: práticas alternativas. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 99-101, 2017.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias**. 2019. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=debec>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Floripa letrada**: a palavra em movimento. 2010. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=notpagina-i=2293>. Acesso em: 6 abr. 2020.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes**. 2020. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=casa+da+memoria&menu=4&submenuid=322>. Acesso em: 17 maio 2020.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Portal Educacional**. 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/sme.pmf.sc.gov.br/portaleducacional/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em: 9 jul. 2022.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Relatório do Clube de Leitura**. Florianópolis: PMF, 2009.

RABELO, G. Memórias, objetos e arquitetura: um pouco da cultura escolar, de uma escola pública catarinense. In: SANTOS, A. V.; VECHIA, A. (org.). **Cultura escolar e história das práticas pedagógicas**. Curitiba: UTP, 2008. p. 91-107.

REIS, M. F. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2018.

REVEL, J. **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar**: literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ROCA, G. D. **Biblioteca escolar hoje**: recurso estratégico para a escola. Porto Alegre: Penso, 2012.

ROJAS, C. E. P. Banasis. **Literatura infantil & juvenil produzida em Santa Catarina**, 2012. Disponível em: <https://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/obras/banasis>. Acesso em: 1º abr. 2020.

SABINO, L. L. O Grupo Sul na literatura catarinense. **Revista Travessia**, Florianópolis, n. 10, p. 15-41, jan. 1985.

SALA, F. **Políticas públicas do livro, leitura e biblioteca escolar no Brasil**: das iniciativas federais à implementação municipal. 2018. 266 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018.

SALES, F. **“A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar”**: contribuições da música como fonte de informação para a prática pedagógica nas bibliotecas escolares. 202 f. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SALES, F. **A participação do bibliotecário no despertar do senso crítico do aluno**: uma investigação na rede municipal de ensino de Florianópolis. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 2.991, de 9 de maio de 1944**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1944.

SANTA CATARINA. Secretaria da Justiça, Educação e Saúde. Departamento de Educação. **Decreto-Lei nº 3.735, de 17 de dezembro de 1946**. Aprova o regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1946.

SANTOS, A. V.; VECHIA, A. **Cultura escolar e história das práticas pedagógicas**. Curitiba: UTP, 2008.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23-72.

SANTOS, L. P. B.; CUNHA, M. T. S. De regras e sentimentos: discursos civilizatórios na Série de leitura Pedrinho e na revista Pais & Filhos. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 38, p. 159-180, jan./mar. 2020.

SANTOS, M. L. **Intensificação do trabalho docente**: contradições da política de economizar professores. 2013. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, T. R. **A biblioteca escolar como espaço de formação do leitor (também) de ciências da natureza**: referentes e práticas para promoção da leitura. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2017.

SENA, P. M. B. **Retrato das bibliotecas da Rede de Ensino Estadual de Santa Catarina**: relatório técnico. Florianópolis: CRB-14, 2021.

SILVA, F. C. G.; PIZARRO, D. C.; SALDANHA, G. S. As temáticas africana e afro-brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília, 2017. p. 1-21.

SILVA, J. L. C. Lei de universalização das bibliotecas escolares (12.244/10): concepções, aplicações e proposição de política pública. **Informação em Cultura**, Mossoró, v. 1, n. 1, p. 60-93, jan./jun. 2019.

SILVA, V. L. G. **Por detrás das palavras... investigando aspectos e valores da identidade social e profissional de professores da 1ª à 4ª série**. 1993. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SILVA, V. L. G.; AMANTE, L. D. G. C. D. Objectos da escola? Quando novos personagens entram em Cena. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Tempe, v. 23, n. 52, p. 1-20, maio 2015.

SILVA NETO, J. A. **Clube da leitura**: ações para formação de leitores. 2012. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão da Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SILVA NETO, J. A. **Práticas de leitura**: culturas escolares dos grupos Padre Anchieta e Olívio Amorim (1946-1956). 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVEIRA, F. J. N. **Biblioteca como lugar de práticas culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVEIRA, F. J. N. **Biblioteca pública, identidade e enraizamento**: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa. 257 f. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUSA, G. R. **Da indústria à escola**: relações da fábrica Móveis Cimo com o mercado escolar (1912-1954). 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, J. Perspectiva histórica de concepção da Lei 12.244/10: aspectos compreendidos entre a implantação, impactos socioeconômicos e seu cumprimento. **Biblos**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 99-129, jun./dez. 2017.

SOUZA, R. F. A história do ensino secundário no Brasil investigada na perspectiva da cultura escolar. *In*: CASTRO, C. A. **Leitura, impressos e cultura escolar**. São Luís: UFMA, 2010. p. 39-66.

SOUZA, R. F. História da cultura material escolar: um balanço inicial. *In*: BENCOSTTA, M. L. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

SOUZA, W. E. R. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 673-695, set./dez. 2018.

SUCENA, A.; CASTRO, S. L. **Aprender a ler e avaliar a leitura**. Coimbra: Almedina, 2010.

THOMPSON, P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. São Paulo: Unesco, 2004. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2020.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas públicas**. São Paulo: Unesco, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

UNGLAUB, T. R. R.; EGGERT-STEINDEL, G.; SOUZA, S. C. M. Guarda e preservação da memória de uma cultura escolar. **Ágora**, Florianópolis, v. 28, n. 57, p. 408-417, jan./jul. 2018.

VIANA, F. L.; BORGES, M. Promover a fluência em leitura: um estudo com alunos do 2º ano de escolaridade. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 62, p. 33-51, out./dez. 2016.

VIDAL, D. G. Cultura e práticas escolares: a escola como objeto de pesquisa. *In*: VIDAL, D. G. **Culturas escolares**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 21-69.

VIDAL, D. G. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). 2004. 430f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WASCHINEWSKI, S. C. **Jessy Cherem (1929-2014)**: percursos da professora catarinense e seu arquivo em três tempos. 2021. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

WASCHINEWSKI, S. C.; RABELO, G. Biblioteca de orientação da Professora Primária do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAE (1956-1964). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 286-314, jan./abr. 2018.



ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA O COMITÊ DE ÉTICA EM ANDAMENTO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE GESTÃO ESCOLAR
GERÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
Rua Ferreira Lima, 82 – Centro
CEP 88014-420 – Florianópolis – SC
Telefones: (48) 32120922 – (48) 32120923

Florianópolis, 13 de abril de 2020.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (Gerência de Formação Continuada), tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **“TRAJETÓRIAS NO INCENTIVO E PROMOÇÃO DA LEITURA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM FLORIANÓPOLIS: entre bibliotecas escolares, livros e reverberações (2006-2020)”**, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nível de Doutorado, no período de 2020. O (a) pesquisador (a) **José Augusto da Silva Neto** está sob orientação do (a) Prof^a Dra Gisela Eggert Steindel. Cumprirei os termos das Resoluções CNS nº 466/2012, nº 510/2016 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.


Luciane Volken – Gerente
Gerência de Formação Continuada
Matrícula 29196-0


APÊNDICE A – ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Bibliotecários(as) que participaram do Clube de Leitura

Entrevista nº

Nome:

.....

Data de nascimento:/...../.....

Local de nascimento:

Estado civil:

Nome do pai:

.....

Nome da mãe:

.....

Endereço residencial: Telefone: E-mail:

.....

Local da entrevista:

.....

Questões

- 1) Você poderia comentar sobre a sua trajetória profissional?
- 2) Qual é a sua trajetória profissional junto a instituição (PMF) e onde teve seu primeiro contato com o Clube de Leitura?
- 3) Você poderia delinear um perfil do Clube de Leitura?
- 4) Dentro dessa trajetória, qual foi sua função no Clube de Leitura?
- 5) Há quanto tempo você conhece o Clube de Leitura?
- 6) Você exerce alguma função na mediação da leitura?
- 7) O que mais chama sua atenção no projeto?
- 8) Você conhece o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)?
- 9) Você considera que o projeto segue as diretrizes do PNLL?
- 10) Como você avalia a eficácia do projeto?
- 11) Como você avalia a eficácia do projeto no incentivo à leitura?
- 12) Você se recorda de como ocorrem às atividades?

Professores que participaram do Clube de Leitura

- 1) Você poderia comentar sobre a sua trajetória profissional?
- 2) De que maneira você teve contato com o Clube de Leitura?
- 3) Você poderia delinear um perfil do projeto?
- 4) Como você percebe a relação entre os participantes dos momentos de leitura?
- 5) Quais são as suas impressões sobre o projeto?
- 6) Lembra-se de quais foram as principais discussões e temas pensados para as atividades de leitura?
- 7) Nos momentos das atividades, existe alguma que os alunos gostam mais?
- 8) Existe a utilização de tecnologias da informação e comunicação no fomento à leitura?
- 9) Recorda-se de algum material didático específico nas atividades?
- 10) Quais foram os autores mais lidos no projeto?
- 11) Você conhece o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)?
- 12) Você consegue observar o processo de apropriação da leitura dos alunos?

Gestores participantes do Clube de Leitura

- 1) Você poderia comentar sobre a sua trajetória profissional?
- 2) Como você avalia o projeto Clube de Leitura?
- 3) Existe um diálogo consistente entre os mediadores de leitura (bibliotecários, professores e autores)?
- 4) Você já conhecia o projeto antes?
- 5) Qual é o seu gênero literário?
- 6) É possível perceber qual gênero literário chama mais atenção dos alunos?
- 7) O que é leitura para você?
- 8) Qual é a importância do livro e da biblioteca na formação dos alunos?
- 9) Qual é o papel do autor nesse contexto?
- 10) Você conhece o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)?
- 11) Quais foram os autores mais lidos no projeto?
- 12) Você consegue observar o processo de apropriação da leitura dos alunos?

APÊNDICE B – ESCOLAS QUE RECEBERAM O CLUBE DA LEITURA

EBM Adotiva Liberato Valentim
EBM Albertina Madalena Dias
EBM Antônio Paschoal Apóstolo
EBM Batista Pereira
EBM Beatriz de Souza Brito
EBM Brigadeiro Eduardo Gomes
EBM Dilma Lúcia dos Santos
EBM Donícia Maria da Costa
EBM Henrique Veras
EBM Intendente Aricomedes da Silva
EBM José Amaro Cordeiro
EBM José do Valle Pereira
EBM Luiz Cândido da Luz
EBM Mâncio Costa
EBM Maria Conceição Nunes
EBM Maria Tomázia Coelho
EBM Osmar Cunha
EBM Osvaldo Machado
EBM Padre João Alfredo Rohr
EBM Professor Anísio Teixeira
EBM Professora Herondina Medeiros Zeferino
EBM Virgílio dos Reis Várzea
ED Costa da Lagoa
ED João Francisco Garcez
ED Marcolino José de Lima
ED Osvaldo Galupo
ED Praia do Forte
EDM Costa de Dentro
EJA Centro